

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

LUCAS BUENO

**A última corrida eleitoral de Jânio Quadros:
a visão do jornal *O Estado de S. Paulo* e da revista *Veja*
sobre a eleição de 1985**

Versão original

São Paulo

2023

LUCAS BUENO

A última corrida eleitoral de Jânio Quadros:
a visão do jornal *O Estado de S. Paulo* e da revista *Veja*
sobre a eleição de 1985

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida de Aquino

Versão original

São Paulo

2023

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

BB928? Bueno, Lucas
 A última corrida eleitoral de Jânio Quadros: a
visão do jornal O Estado de S. Paulo e da revista
Veja sobre a eleição de 1985 / Lucas Bueno;
orientadora Maria Aparecida de Aquino - São Paulo,
2023.
 238 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de História. Área de
concentração: História Social.

1. História do Brasil. 2. Jornalismo impresso. 3.
Eleições diretas. I. Aquino, Maria Aparecida de,
orient. II. Título.

BUENO, Lucas. A última corrida eleitoral de Jânio Quadros: a visão do jornal *O Estado de S. Paulo* e da revista *Veja* sobre a eleição de 1985. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida de Aquino (orientadora)
Universidade de São Paulo
Julgamento Assinatura

Prof.^a Dr.^a Sara Albieri
Universidade de São Paulo
Julgamento Assinatura

Prof. Dr. Rogério Lopes Pinheiro de Carvalho
Universidade de Sorocaba
Julgamento Assinatura

Prof. Dr. Walter Cruz Swensson Junior
Universidade de Sorocaba
Julgamento Assinatura

Dedico este trabalho para
minha esposa, meus pais, minha irmã
e amigos. Não existem palavras que
expressem minha gratidão a vocês.

Dedico a todas as pessoas que
bravamente resistiram aos governos
militares, dos generais ou do capitão.

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, à minha namorada, noiva e esposa, Érica, que precisou me aguentar nos meus melhores e piores dias. Aos meus pais, Osmar e Cristina e à minha irmã, Laís. Sou grato pela ternura, compreensão, amor e apoio incondicional. Se há algo de bom em mim, é porque tento me espelhar em vocês. Aos meus avós que não estão mais entre nós: Leda; Alvise; Benedito e Geni. Esta dissertação também é de vocês.

Expresso minha imensa gratidão à minha orientadora, Maria Aparecida de Aquino, por aceitar este projeto e por me guiar nos momentos de maiores incertezas. As melhores partes deste texto vêm das suas reflexões.

Também agradeço aos meus professores Rogério de Carvalho, Walter Swensson e Leticia Nunes de Moraes, por todo apoio dado durante minha graduação e após a graduação. Agradeço a professora Ana Maria Camargo por suas falas e apontamentos enriquecedores. Estendo meus agradecimentos a professora Sara Albieri por ter aceitado fazer parte da minha banca e nos agraciar com seu enorme conhecimento.

Aos meus queridos amigos, que ajudaram a me tornar quem sou hoje, expresso meu mais profundo agradecimento. Cito-os nominalmente, ciente de que posso cometer o erro de esquecer alguém, mas sei que irão me perdoar pela indelicadeza: Schelp, Renan, Fernanda, Lucas, Rafael, William, Ivan, Daniel, Suelen, José Luiz, Henrique, Matheus, Guilherme, Lucas, Tadeu, André, Allan, Igor, Eduardo e a todos os moradores da República “6Bola” Sorocaba.

Agradeço aos cientistas e pesquisadores que desenvolveram a vacina contra o vírus SARS-CoV-2, salvando inúmeras vidas e permitindo a realização desta e de outras pesquisas. Igualmente expresso minha gratidão a todos que denunciaram as atrocidades cometidas por políticos que se consideravam mitos. O moralismo e o autoritarismo transcendem as décadas neste país, sempre resultando em finais funestos.

Por fim, agradeço às pessoas que produzem *podcasts* que me acompanharam em minhas viagens a São Paulo e me auxiliaram na minha higiene mental durante as inúmeras sessões de escrita deste trabalho. Recomendo-os fortemente: *Xadrez Verbal*, *Medo e Delírio em Brasília*, *Caquitas* e *Foro de Teresina*.

“Gostaria que os senhores testemunhassem que estou desinfetando esta poltrona porque nádegas indevidas a usaram [...] porque o senhor Henrique Cardoso nunca teria o direito de sentar-se cá e o fez, de forma abusiva. Por isso desinfeto a poltrona.” – Jânio Quadros durante sua posse como prefeito de São Paulo em 1986.

“O 'ovo da serpente' simboliza a propagação do ódio, do preconceito e do medo, utilizados como ferramentas políticas [...] a imprensa carrega o fardo de chocá-lo ou expô-lo” – Umberto Eco

Resumo

Esta dissertação de mestrado tem o objetivo de analisar e catalogar os textos jornalísticos, imagens, tabelas e missivas da revista *Veja* e do jornal *O Estado de São Paulo* veiculadas no ano de 1985 referentes a Jânio Quadros e à eleição para prefeito na cidade de São Paulo, focando na imagem de Jânio projetada pelos periódicos para seus leitores. Foi utilizada uma abordagem qualitativa e quantitativa para mensurar como os periódicos retrataram o candidato, com uma leitura das reportagens e sua classificação em categorias de acordo com seu conteúdo. A pesquisa revelou que ambas as publicações buscaram cobrir as eleições e construir uma imagem de Jânio Quadros enquanto candidato. *Veja* apresentou uma posição bastante antagônica a Quadros enquanto *O Estado de S. Paulo* adotou uma abordagem mais favorável. Além disso, a análise das reportagens revelou a influência de acontecimentos externos às eleições nas representações construídas pelos periódicos. O poder simbólico da mídia pôde ser visto nas estratégias jornalísticas distintas que visavam influenciar os leitores e projetar uma imagem de Jânio Quadros no imaginário popular.

Palavras-chave: imprensa; Jânio Quadros; eleição de 1985 em São Paulo; Nova História Política.

Abstract

This thesis aims to analyze and catalog journalistic texts, images, charts, and letters from *Veja* magazine and *O Estado de São Paulo* newspaper published in 1985 regarding Jânio Quadros and the mayoral election in the city of São Paulo by focusing on the image projected of Jânio to their readers. A qualitative and quantitative approach was used to measure how the periodicals portrayed the candidate. Reading the articles and classifying them according to their content into categories, the research revealed that both publications sought to cover the elections and build an image of Jânio Quadros as a candidate. *Veja* presented a highly antagonistic position towards Quadros, while *O Estado de São Paulo* adopted a more favorable approach. Furthermore, the analysis of the articles revealed the influence of external events in the representations constructed by the periodicals. The symbolic power of the media had been perceived in the distinct strategies of the periodicals that aimed to influence their readers and to project an image of Jânio Quadros in the popular imagination.

Keywords: press. Jânio Quadros. 1985 election in São Paulo. New Political History.

Lista de Figuras

	Título	Paginação
Figura 1	Fotografia “Qual é o rumo?” de Erno Schneider, 1961	15
Figura 2	Exemplo de matéria categorizada como “Matéria de posicionamento formal” em OESP	46
Figura 3	Exemplo de matéria categorizada como “Matéria de campanha” em OESP	48
Figura 4	Exemplo de matéria categorizada como “Matérias de apoio e pré-campanha” em OESP	49
Figura 5	Exemplo de matéria categorizada como “Matérias de pesquisa eleitoral” em OESP	51
Figura 6	Exemplo de matéria categorizada como “Cartas dos leitores” em OESP	52
Figura 7	Exemplo de matéria categorizada como “Matérias circunstanciais” em OESP	52
Figura 8	Exemplo de matéria categorizada como “Matérias de posicionamento formal” pró-Jânio em OESP	56
Figura 9	Exemplo de matéria categorizada como “Matérias de posicionamento formal” contra Jânio em OESP	57
Figura 10	Exemplo de matéria categorizada como “Matéria de apoio ou pré-campanha” pró-Jânio em OESP	59
Figura 11	Exemplo de matéria categorizada como “Matéria de apoio ou pré-campanha” contra Jânio em OESP	60
Figura 12	Exemplo de matéria categorizada como “Matéria de campanha” contra Jânio em OESP	62
Figura 13	Matéria expondo que algumas cartas pró-Jânio poderiam ter sido enviadas pelos comitês janistas e exemplos de cartas categorizadas como “Cartas dos leitores” em OESP	65
Figura 14	Exemplo de matéria categorizada como “Matérias episódicas” cujo foco eram outros atores políticos em OESP	66
Figura 15	Exemplo de matéria categorizada como “Matérias episódicas” considerada pró-Jânio em OESP	66
Figura 16	Exemplo de matéria categorizada como “Matéria de campanha” pró-Jânio	67
Figura 17	Exemplo de matéria categorizada como “Matéria circunstancial” com foco em outros atores em Veja	72
Figura 18	Exemplo de matéria categorizada como “Matéria circunstancial” contra Jânio em Veja	73
Figura 19	Exemplo de matéria categorizada como “Matérias de posicionamento formal” contra Jânio em Veja	75
Figura 20	Exemplo de matéria categorizada como “Matérias de posicionamento formal” contra Jânio em Veja	76
Figura 21	Carta de leitor pró-Jânio questionando o posicionamento de Veja	78
Figura 22	Exemplo de Carta de leitores pró-Jânio e contrária a Jânio em Veja	79
Figura 23	Exemplo de Carta de leitores contrárias a Jânio em Veja	80
Figura 24	Exemplo de reportagem da categoria “corrida de cavalos” em Veja	81
Figura 25	Exemplo de matéria categorizada como “Matérias de apoio e de pré-campanha” pró-Jânio em Veja	83

Figura 26	Reportagem “O aprendiz aprendeu”, um exemplo de campanha favorável a Fernando Henrique Cardoso e classificada como “Matérias de apoio e de pré-campanha” contrária a Jânio em <i>Veja</i>	85
Figura 27	Reportagem “Táxi para as urnas”, um exemplo de “Matérias de apoio e de pré-campanha” favorável a Jânio em <i>Veja</i>	87
Figura 28	Análise do impacto da proibição da reeleição em São Paulo por <i>Veja</i>	118
Figura 29	Edição de OESP em que metade da página da seção de política é dedicada ao PMDB	120
Figura 30	Matéria em que OESP defende jornalista da <i>Folha de São Paulo</i>	122
Figura 31	Trecho da edição 854 da revista <i>Veja</i> , página 23	126
Figura 32	Índice de popularidade de Franco Montoro, arrecadação de ICM no estado de São Paulo e percentual da participação das áreas de saúde, educação, assistência social, segurança, justiça e transportes no orçamento de São Paulo	133

Lista de Tabelas

	Título	Paginação
Tabela 1	Quantidade de menções ao nome de Jânio Quadros e o total de textos jornalísticos em OESP e Veja.	37
Tabela 2	Categorias das matérias do jornal O Estado de S. Paulo e da revista Veja referentes a Jânio Quadros.	41
Tabela 3	Categorização do jornal OESP de “conteúdos” referentes a Jânio Quadros.	45
Tabela 4	Categorização da revista Veja de “conteúdos” referentes a Jânio Quadros.	70
Tabela 5	Deputados federais eleitos nos anos de 1970 e 1978	104
Tabela 6	Senadores eleitos por votos populares nos anos de 1970 e 1978	104
Tabela 7	Senadores, deputados e governadores eleitos em 1982	105
Tabela 8	Terminologia de textos jornalísticos utilizadas na pesquisa	113
Tabela 9	Resultado das eleições para prefeito da cidade de São Paulo em 1985	139
Tabela 10	Níveis de conhecimento do eleitorado sobre a associação entre candidato e partido, por intenção de voto (em %).	142

Lista de abreviações e siglas

AI	Ato Institucional
AI-2	Ato Institucional número 2
AI-5	Ato Institucional número 5
Arena	Aliança Renovadora Nacional
Estadão	O Estado de S. Paulo
EUA	Estados Unidos da América
FMI	Fundo Monetário Internacional
ICM	Imposto sobre circulação de mercadorias
ICMS	Imposto sobre circulação de mercadorias e serviços
JQ	Jânio Quadros
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MPJQ	Movimento Popular Jânio Quadros
OESP	O Estado de S. Paulo
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PC do B	Partido Comunista do Brasil
PDC	Partido Democrata Cristão
PDS	Partido Democrático Social
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PFL	Partido da Frente Liberal
PSD	Partido Social Democrático
PMDB	Partido da Movimento Democrático Brasileiro
PRP	Partido Republicano Paulista
PSP	Partido Social Progressista
PT	Partido do Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PTN	Partido Trabalhista Nacional
SCIESP	Sindicato dos corretores de imóveis do estado de São Paulo
Secovi	Sindicato das empresas de compra, venda, locação e administração de imóveis residenciais e comerciais
SNI	Serviço Nacional de Informações
SPD	Partido Social-Democrata da Alemanha
TRE	Tribunal Regional Eleitoral
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UDN	União Democrática Nacional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: QUAL O RUMO?	13
1.1. As fontes da pesquisa: <i>Veja</i> e <i>O Estado de S. Paulo</i>	16
1.2.1 A revista <i>Veja</i>	19
1.2.2 O jornal <i>O Estado de S. Paulo</i>	24
1.2 História política.....	28
1.3 Uma questão de terminologia	33
2 O PERCURSO DA PESQUISA: CATEGORIAS DE ANÁLISE	37
2.1 Análise dos “conteúdos” de <i>O Estado de S. Paulo</i>	44
2.2 Análise dos “conteúdos” de <i>Veja</i>	69
3 A IMAGEM DE JÂNIO APÓS SUA RENÚNCIA	89
3.1 Imprensa e censura.....	97
3.2 Jânio Quadros e o cenário político da década de 1980	100
4 AS ELEIÇÕES DE 1985 EM SÃO PAULO	103
4.1 Partidos em 1980	103
4.2 O processo eleitoral sob os olhos de <i>Veja</i> e de <i>O Estado de S. Paulo</i>	110
4.3 Um balanço de 1985	124
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	158
Apêndices	167
APÊNDICE 1 – <i>O Estado de S. Paulo</i> : matérias de posicionamento formal	167
APÊNDICE 2 – <i>O Estado de S. Paulo</i> : matérias de apoio e de pré- campanha	171
APÊNDICE 3 – <i>O Estado de S. Paulo</i> : matérias de campanha.....	201
APÊNDICE 4 – <i>O Estado de S. Paulo</i> : matérias de pesquisa eleitoral .	213
APÊNDICE 5 – <i>O Estado de S. Paulo</i> : cartas dos leitores	217

APÊNDICE 6 – <i>O Estado de S. Paulo</i> : matérias circunstanciais.....	221
APÊNDICE 7 – <i>Veja</i> : matérias de posicionamento formal.....	230
APÊNDICE 8 – <i>Veja</i> : matérias de apoio e de pré-campanha.....	231
APÊNDICE 9 – <i>Veja</i> : matérias de campanha.....	232
APÊNDICE 10 – <i>Veja</i> : matérias de pesquisa eleitoral.....	233
APÊNDICE 11 – <i>Veja</i> : cartas dos leitores	234
APÊNDICE 12 – <i>Veja</i> : matérias circunstanciais	235

1 INTRODUÇÃO: QUAL O RUMO?

Alguns políticos deixam uma forte marca no imaginário popular, seus feitos são exaltados ou execrados constantemente na esfera do debate público. Seus apoiadores costumam vê-los como pessoas que se antecipam aos problemas e possuidores das qualidades de um grande líder. Já os adversários destas figuras, costumam considerá-los seres perversos, incompetentes, corruptos, que entregam o país à interesses estrangeiros.

Há políticos assim no Brasil e em outros países, os exemplos de tais figuras são exaustivos, mas podemos listar alguns como Getúlio Vargas, João Goulart, Adhemar de Barros, Winston Churchill, Margareth Thatcher, Juan Domingo Perón, Abraham Lincoln, Nelson Mandela, Mustafa Atatürk, Ahmed Bem Bella, Charles de Gaulle, entre outros.

Podemos considerar que Jânio Quadros também faz parte desta lista, mesmo que seu nome não seja tão lembrado como um dia já fora.

Dono de uma oratória excelente e de um raciocínio rápido, Jânio da Silva Quadros ficou conhecido por suas polêmicas. Renunciou ao cargo de presidente da República com apenas sete meses de mandato, não antes de adotar diversas medidas controversas, como a proibição das corridas de cavalo em dias de semana¹, a proibição de desfiles de maiôs em concursos de beleza² e a tentativa de instituir uma roupa oficial para os funcionários públicos, que ficou popularmente conhecida como “pijânio³”.

Além disso, proibiu a rinha de galo⁴, a venda de lança-perfumes⁵ e fez forte campanha antidrogas. Junto de todas estas ações, também condecorou o cosmonauta soviético Yuri Gagarin e o revolucionário socialista Ernesto Guevara com a mais alta condecoração possível, a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, causando uma forte desavença em sua base política e na relação com os Estados Unidos da América (EUA), que, em plena Guerra Fria, temiam uma aproximação dos países latinos com a União Soviética (URSS).

¹ Decreto 50.578/61.

² Decreto 51.182/61.

³ QUELER, Jefferson J. A roupa nova do presidente: a politização da imagem pública de Jânio Quadros (1947-1961). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 19, p. 45-69, 2011.

⁴ Decreto 50.620/61.

⁵ Decreto 51.211/61.

Adorava bravatas e frases de efeito, ia aos comícios com roupas simples e sujas de caspa, nos intervalos comia pão com mortadela e governava mandando bilhetes diretos, muitas vezes grosseiros, para seus subordinados. Teatral, pendurou um par de chuteiras na porta de seu gabinete, simbolizando sua aposentadoria, após rumores de que disputaria outras eleições após 1985. Não hesitava em rotular os partidos políticos de corruptos e de ofender seus adversários, chegando a chamar Fernando Henrique Cardoso de maconheiro⁶ e Carlos Lacerda de Asmodeus⁷.

Sua carreira é considerada meteórica: ele conseguiu ascender da posição de vereador na cidade de São Paulo (1947) para a de presidente do Brasil (1961) em apenas 13 anos, passando pelos cargos de deputado estadual, deputado federal e governador de São Paulo neste período.

Defensor de uma “moralidade” pública, disse em sua posse como presidente: “tão graves como a situação econômica e financeira me afigura a crise moral, administrativa e político-social em que mergulhamos”⁸. Com este objetivo, tomou diversas medidas que visavam acabar com o que considerava ser as razões para a chamada de crise moral do país.

O fato de haver mais destaque para sua pauta moral do que sua política econômica não quer dizer que Jânio não tenha adotado medidas nessa área. Quando governador, ficou conhecido por ter controlado a dívida pública do estado de São Paulo. Como presidente, se aproximou do Fundo Monetário Internacional (FMI) e tomou diversas medidas impopulares de austeridade, como um grande corte de gastos públicos, uma nova política cambial e a restrição da expansão monetária. Enviou para o Congresso Nacional uma lei antitrustes que tentava regulamentar a formação de monopólios, bem como diminuir práticas abusivas de formação de preços⁹. Jânio buscava estar sempre no noticiário, e as polêmicas eram uma ótima forma de atingir este objetivo.

Com seus jingles, frases de efeito e postura destoante dos políticos da época, Jânio Quadros marcou uma geração de brasileiros: tanto os que acreditaram em seu discurso e que assistiram, abismados, sua renúncia, quanto dos que viam no político

⁶ CARDOSO, F. H. **A arte da política: a história que vivi**. Editora José Olympio, 2015.

⁷ Personagem bíblico do Livro de Tobias, descrito como um demônio. Vídeo disponível em https://www.youtube.com/watch?v=X0K_d-YJloE. Acesso em setembro de 2023.

⁸ CARONE, E. **A Quarta República (1945-1964)**. São Paulo: Difel, 1980, p. 154-156.

⁹ LOUREIRO, F. P. Relativizando o Leviatã: empresários e política econômica no governo Jânio Quadros. **Estudos Econômicos (São Paulo)**, v. 40, p. 561-585, 2010.

um conservador autoritário e perigoso, cujas bravatas disfarçavam uma falta de habilidade política que poderia ser perigosa para a democracia brasileira.

Sua renúncia do cargo de Presidente da República é considerada por muitos como um dos catalisadores do golpe civil-militar de 1964.

Mesmo frustrando seus eleitores e sendo acusado de colaborar com o Regime Militar, Jânio continuou presente na vida pública do país.

Jânio Quadros é popularmente retratado de forma caricatural, tanto por seu temperamento quanto por suas frases emblemáticas. Nos livros didáticos, geralmente há destaque para “a imprevisível e particularista personalidade de Jânio Quadros que, apesar de carismático, não era confiável”¹⁰. Sua curta permanência no cargo presidencial, apenas sete meses entre sua posse e a sua renúncia, fora bastante conturbada.

Figura 1 – “Qual é o rumo?” fotografia de Erno Schneider, 1961



Fonte: *Jornal do Brasil*, edição nº 86, 14 de abril de 1962.¹¹

Aparentemente, sua imagem de político habilidoso, rígido com o erário público e fiscalmente responsável começou a ser substituída pela imagem de um político incapaz de resolver disputas e perdido em suas decisões. A famosa fotografia de Erno

¹⁰ PEREIRA, M; PEREIRA, A. Entre loucos e fracos: Jânio Quadros e João Goulart em livros didáticos de história (1973-2006). **Cadernos de História**, Uberlândia, v. 15, n. 1, p. 47-66, set. 2006/set. 2007, p. 58.

¹¹ Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=27791

Schneider immortalizou essa percepção (figura 1). A fotografia foi tirada em 21 de abril de 1961, em Uruguaiana, durante um encontro entre o presidente brasileiro e seu homólogo argentino, Arturo Frondizi, e entrou no imaginário popular, consagrando a imagem de um Jânio Quadros confuso e desnordeado.

Com seu rosto virado para a esquerda, enquanto seu pé esquerdo está virado para a direita, temos um significado atribuído de confusão para o ex-presidente, uma metáfora visual sobre não saber qual rumo tomar. A realidade é que Erno não teve essa intenção no momento da fotografia: “O Jânio foi andando... tô do lado dele, sempre, de olho [...] De repente deu uma confusão, estourou um... Um barulho deu uma.... Todo mundo olhou para trás. Ele virou e eu clack, plá, só deu aquela, só fiz uma. Só fiz aquela. Ganhou Prêmio Esso”¹².

O último cargo político de Jânio Quadros foi o de prefeito da cidade de São Paulo, no período entre 1986 e 1989. Sua campanha para a prefeitura foi marcada pelos elementos que acompanharam toda sua vida pública: a vassoura contra a corrupção, o moralismo, o apelo à família e à nação, as bravatas, os “teatros” em que substituiu a imagem de pessoa simples que come pão com mortadela e tem caspas no ombro pela fantasia de samurai, as confusões com a imprensa e o atrito com seus adversários, em especial Fernando Henrique Cardoso.

Esta pesquisa buscou entender como dois importantes veículos de comunicação, a revista *Veja* e o jornal *O Estado de S. Paulo* (OESP) trataram a última eleição de Jânio Quadros e como buscaram repassar ao seu público a imagem deste político.

1.1. AS FONTES DA PESQUISA: *VEJA* E *O ESTADO DE S. PAULO*

Jânio Quadros já era muito bem conhecido do público nas eleições de 1985. Três anos antes havia disputado, e perdido as eleições para governador de São Paulo, mas mesmo após vinte e cinco anos de sua última vitória eleitoral, Jânio era considerado por muitos um candidato competitivo.

¹² SCHNEIDER, E. apud MAUAD, A. M. Os tempos da narrativa: fontes orais e visuais na produção dos sentidos da história. In: **Seminário memória, ciência e arte: razão e sensibilidade na produção do conhecimento**, 19 out. 2007, Campinas. Trabalho Apresentado. Campinas: Unicamp, 2007, p. 4.

A imprensa lhe assegurou uma certa relevância em suas páginas políticas, já imaginando, no começo do ano de 1985 a possibilidade de ele concorrer para prefeito de São Paulo, mesmo que ele, em público, negasse o fato.

Retratamos a situação política do país e do estado de São Paulo nos anos anteriores à eleição de 1985 e no próprio ano do pleito, para entender as nuances daquela eleição, além de seus resultados, causas e consequências imediatas. Nessa perspectiva, mostramos como dois veículos de imprensa, a revista *Veja* e o jornal *O Estado de S. Paulo*, encararam aqueles acontecimentos no que diz respeito ao político Jânio Quadros.

Os jornais e revistas da época foram constantemente acusados de favorecer um ou outro candidato, em uma acusação de que a mídia estaria, em última instância, atentando contra a recém-reinstaurada democracia. Acreditava-se que, ao dar mais ou menos visibilidade para os candidatos, a mídia poderia ditar os rumos das eleições.

A pesquisa de periódicos é muitas vezes tratada como algo complicado devido à subjetividade das matérias. Pode-se colocar alguns contrapontos a essa visão. Em primeiro lugar, não existe nenhuma fonte neutra e, em segundo lugar, é possível dizer que a subjetividade é algo positivo nos periódicos, pois possibilita que o historiador perceba com mais facilidade o contexto e subtexto no qual o jornal está inserido.¹³ Nesse sentido, tem-se na imprensa uma poderosa ferramenta de análise.

Essas fontes, quando devidamente estudadas, revelam aspectos importantes da história política, econômica e cultural de grupos de pessoas em um determinado tempo-espço. Assim sendo, imaginar que a mídia é neutra, e não externaliza o posicionamento de seus donos, é um pensamento ingênuo e já superado, tanto no jornalismo, quanto na historiografia, conforme visto ao longo deste trabalho.

Complementarmente, vale ressaltar que há subjetividade em qualquer fonte, desde livros consagrados dentro de suas especialidades, artigos científicos, obras literárias e até mesmo em contagens de estoque. Dessa forma, a subjetividade de jornais e revistas não impede nenhum tipo de pesquisa mais do que outras fontes, considerando que o pesquisador saiba notá-las, evidenciá-las e trabalhar com a impossibilidade de neutralidade das fontes.

¹³ CRUZ, H. de F.; PEIXOTO, M. do R. da C. Na oficina do historiador: conversar sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, 2007.

Jornais e revistas representam uma importante fonte de informação, principalmente para as pessoas de média renda, detentoras de recursos econômicos e um certo grau de instrução que possibilite o consumo desses periódicos. Entendendo que as fontes escritas de jornais, revistas, folhetins e outros documentos jornalísticos podem trazer um resultado condizente, objetivo e com sustentação na realidade, optou-se por seguir com a análise de mídias impressas.

Nesta pesquisa, não foi objetivado provar a não neutralidade dos periódicos, mas verificar se, de fato, houve um grande favorecimento ou desfavorecimento de Jânio Quadros pela mídia estudada.

Escolheu-se dois periódicos como fonte e *corpus documental* da pesquisa: a revista *Veja*, semanal, com grande distribuição no país, detentora de uma abrangência nacional, e o jornal *OESP*, um jornal diário, de grande repercussão e conhecido por suas posições consideradas conservadoras.¹⁴ A escolha de dois periódicos da chamada “grande mídia” foi intencional, uma vez que se procurava entender a cobertura da campanha e a transmissão do fato-notícia para a maior quantidade de pessoas, o que excluiu periódicos de menor circulação ou focados em nichos.

Para obter os dados analisados, foram acessados os bancos de dados virtuais dos respectivos periódicos e utilizada a ferramenta de busca para encontrar as citações referentes a Jânio Quadros. Posteriormente, também foram lidas as páginas da seção de política para encontrar possíveis menções não indexadas pela busca automática. Tendo como data limítrofe o ano de 1985, as edições analisadas foram de 01/01/1985 até 15/11/1985.

A escolha destes periódicos se deu devido as diferenças que possuem em termos de linhas editoriais, ao alcance que eles possuem, a relevância destes periódicos na mídia brasileira e a grande quantidade de textos jornalísticos veiculados, que permitiu construir uma base de dados considerável para a pesquisa.

Ambos os periódicos estão disponíveis em bases de dados abertas, digitalizadas, que podem ser acessadas em seus endereços eletrônicos¹⁵.

¹⁴ CAPELATO, M. H.; PRADO, M. L. C. **O bravo matutino**: imprensa e ideologia no jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

¹⁵ Os endereços eletrônicos dos arquivos de *OESP* e *Veja* são, respectivamente: <https://www.estadao.com.br/acervo/> e <https://veja.abril.com.br/acervo/#/archive/>. Faz-se necessário dizer que a partir do ano de 2022, o acervo da revista *Veja* não está mais disponível na plataforma de forma online, e que até o momento da conclusão desta pesquisa o endereço eletrônico <https://veja.abril.com.br/acervo/#/archive/> está em manutenção.

Antes de adentrarmos na análise dos textos é necessário falar brevemente do histórico dos periódicos, sua relevância enquanto órgãos de imprensa e de como eles se posicionam historicamente frente aos acontecimentos a fim de historicizá-los.

1.2.1 A revista *Veja*

A revista *Veja* foi fundada, em 1968, pelo jornalista Roberto Civita, filho do fundador do grupo Abril, Victor Civita. A revista se dedicou a diversos temas, inclusive à política e, rapidamente, se tornou uma revista de circulação nacional com bastante capilaridade no Brasil inteiro, graças a um “bem estruturado e fundamental esquema de distribuição montado para que não houvesse um só rincão do país que fosse privado de receber o novo modelo de informação jornalística”¹⁶. Assim, a revista se tornou bastante conhecida pelo público, tanto à época quanto atualmente.

Concebida para ser uma concorrente da revista *Manchete*, *Veja* também dava bastante ênfase às imagens. A escolha do nome da revista reforçava essa posição, destacada nas primeiras edições pela chamada de capa: “Veja e leia”.¹⁷

Alexandre Rossato Augusti,¹⁸ ao fazer uma retrospectiva da história da revista, conta que ela sofreu censura durante o Regime Militar (1964-1985) quando, no dia 13 de dezembro de 1968, o AI-5¹⁹ foi promulgado:

um coronel se apresentou a Roberto Civita para censurar *Veja*. A capa da próxima edição da revista traria uma foto de Costa e Silva sozinho no Congresso. Civita apresentou a foto e disse que nada seria escrito na capa temendo o veto. Horas depois da distribuição, a revista foi apreendida nas bancas.²⁰

O autor continua enumerando os problemas que a revista sofreu ao longo das décadas de 1960 e 1970. Com uma diagramação confusa, matérias longas que geravam uma confusão de identidade própria, os leitores a consideravam uma revista

¹⁶ VILLALTA, D. O surgimento da revista *Veja* no contexto da modernização brasileira. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais**: [...] Salvador, 2002, p. 11.

¹⁷ VILLALTA, D. O surgimento da revista *Veja* no contexto da modernização brasileira. In: XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. **Anais**: [...] Salvador, 2002, p. 11.

¹⁸ AUGUSTI, A. R. **Jornalismo e comportamento**: os valores presentes no discurso da revista *Veja*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015, p. 71-96.

¹⁹ O Ato Institucional número 5 (AI-5), promulgado em 13/12/1968 foi emitido pelo general Artur da Costa e Silva, e autorizou o fechamento do Congresso Nacional, a censura, a suspensão de *habeas corpus*, a destituição de funcionários públicos, entre outros atos autoritários. É considerado o ato institucional mais repressor da época.

²⁰ AUGUSTI, A. R. **Jornalismo e comportamento**: os valores presentes no discurso da revista *Veja*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015, p. 73.

Manchete piorada. A tiragem nas primeiras edições foi de 700 mil exemplares, devido à realização de uma campanha publicitária para o lançamento que custou cerca de um milhão de dólares. O número de exemplares por edição rapidamente caiu para 70 mil, fazendo com que o diretor da revista, Mino Carta, a reestruturasse.

Foi com a cobertura da doença do General Costa e Silva, mandatário do Brasil entre 1967 e 1969, que a revista começou a ganhar mais relevância e o corpo diretor decidiu que a “equipe deveria descobrir notícias que os jornais não tinham e apresentar os fatos melhor que eles, já que deveria investigar os bastidores, dando sentido aos acontecimentos”.²¹

Isso revela uma parte muito importante do *modus operandi* da revista: além de se nortear por temas políticos, coloca-se como intérprete dos seus significados. Pode-se dizer que a revista passou a adotar uma postura de significadora da realidade perante seus leitores, não apenas noticiando o fato, mas atribuindo-lhe um sentido.

Mesmo com a melhoria das vendas advindas de sua reestruturação, a revista não dava lucro. A tiragem inicial projetada, de 700 mil exemplares, foi reduzida para 500 mil já na segunda edição, 300 mil na quarta, 150 mil na quinta edição até chegar a apenas 22 mil edições.²² A revista só passou a dar lucro em 1974, pouco antes da demissão de Mino Carta. Após nova reestruturação, “em 1978, a revista passou a utilizar cor em todas as suas imagens, e o número de exemplares conquistou uma média de 250 mil por semana, com 200 mil fazendo parte do *mailing* de assinantes.”²³

Durante o período estudado neste trabalho, o diretor de *Veja* era José Roberto Guzzo. A revista, “em sua parte política, é marcada por uma cobertura que reflete as lutas no interior do regime entre os que entendiam que era preciso ceder para não perder tudo e entre os que defendiam a manutenção da linha dura”.²⁴ Na década de 1980, sua tiragem média foi de 400 mil exemplares por semana, com 340 mil assinaturas.²⁵

²¹ AUGUSTI, A. R. **Jornalismo e comportamento**: os valores presentes no discurso da revista *Veja*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015, p. 75.

²² HERNANDES, N. A revista *Veja* e o discurso do emprego na globalização: uma análise semiótica. Salvador: EDUFBA; Maceió: EDUFAL, 2004.

²³ AUGUSTI, A. R. op. cit., p. 77.

²⁴ HERNANDES, op. cit., p. 34.

²⁵ VILLALTA, D. O surgimento da revista *Veja* no contexto da modernização brasileira. In: XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. **Anais**: [...] Salvador, 2002, p. 11, p. 13.

Do ponto de vista da elaboração do conteúdo da revista, Nilton Hernandez²⁶ demonstra que as fotografias utilizadas são, em sua maioria, posadas. Nelas, o fotógrafo age como um retratista, pensando na expressão do fotografado, no fundo e na iluminação com antecedência. As capas possuem uma identidade característica da revista, com título, linha explicativa e imagem (desenho, foto, ilustração ou uma mescla de recursos). Quando há mais de uma manchete de capa, há um destaque triangular na lateral esquerda, como uma dobra de página. Há ainda uma tarjeta na parte superior, geralmente com fundo escuro, em que manchetes secundárias são alocadas. Nesse espaço de capa, *Veja* procura reforçar sua identidade como uma fonte competente para informação e interpretação dos eventos, justificando essa posição com seu status.

Suas reportagens têm uma pretensão explicativa e definidora dos acontecimentos, recorrendo muitas vezes ao discurso de autoridade, mas com poucas citações diretas, buscando uma suposta enunciação baseada na reflexão e no conhecimento:

e, para isso, recorre frequentemente ao “conhecimento legitimado”, por meio de vozes consideradas autorizadas (professores, especialistas em áreas específicas, universidades, institutos de pesquisa etc.) e dados comprobatórios (índices, porcentagens, gráficos, quantidades, datas). Explicar, adiantamos, é próprio de quem julga deter um saber.²⁷

Veja não as ouve [às fontes] e, quando o faz, resume os ditos a poucas frases, encaixadas no enquadre pré-construído da revista. O enunciador de *Veja* não conta “simples” fatos, como fariam os jornais diários, nem se preocupa somente com o furo do acontecimento, tarefa da tevê. Ele constrói discurso de mapeamento, de tendência de enriquecimento, de comportamento eficaz.²⁸

José Luiz Aidar Prado e Augustini levantam uma dúvida bastante pertinente sobre o tipo de jornalismo realizado por *Veja*: o teor do periódico seria mais informativo ou performativo? “Considerando performatividade como a ação na linguagem, como algo que considera o ato de linguagem como um fazer”²⁹, a revista buscava informar

²⁶ HERNANDES, N. **A revista *Veja* e o discurso do emprego na globalização**: uma análise semiótica. Salvador: EDUFBA; Maceió: EDUFAL, 2004, p. 89.

²⁷ NASCIMENTO, P. C. **Jornalismo em revistas no Brasil**: um estudo das construções discursivas em *Veja* e *Manchete*. São Paulo: Annablume, 2002, p. 174.

²⁸ PRADO, José Luiz Aidar. O perfil dos vencedores em *Veja*. **Revista Fronteiras**: estudos midiáticos – Unisinos. São Leopoldo, v. 5, n. 2, 2003, p. 91.

²⁹ AUGUSTI, A. R. **Jornalismo e comportamento**: os valores presentes no discurso da revista *Veja*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015, p. 82.

sobre acontecimentos ou tentava agir como um indutor de comportamento, uma espécie de “manual” de como encarar os acontecimentos cobertos por ela. Buscaria construir um discurso do que é certo, de quem está certo e quem é o “vitorioso”. Ambos os autores concordam que a revista realiza um jornalismo performativo, com caráter normatizador, construindo uma narrativa em que se apresenta como um elo entre os leitores e os detentores de conhecimentos aos quais os leitores não teriam acesso, demonstrando um pretensão poder de alcance e influência maior do que a média de seus assinantes e leitores.

Como dito anteriormente, *Veja* costuma buscar análises de autoridades no assunto tratado. Entretanto, não transcreve as falas dos entrevistados literalmente, mas, sim, as interpreta e as entrega “prontas” para o seu público. Para isso, a revista faz uso “constante e forte utilização de adjetivos, figuras de linguagem e outros elementos que mostram, a todo momento, a opinião do jornalista”.³⁰ Essa atitude é um modo de agir recomendado pelo próprio Roberto Civita. Segundo o fundador, o objetivo da revista para com o leitor é “informá-lo corretamente, contar-lhe a verdade e opinar”,³¹ mostrando que a intenção da revista é, de fato, colocar seu ponto de vista dentro das reportagens, considerando benéfica a opinião do jornalista e se afastando de uma pretensa neutralidade. Adota, oficialmente, portanto, sobre os eventos que cobre, um viés próprio.

Complementarmente, há na revista, e em diversos outros periódicos, o costume de encerrar as matérias ou reportagens com a opinião do jornalista, ou de quem edita as matérias. Desse modo, o último parágrafo encerra um juízo de valor ou um julgamento, conforme demonstraram Gomez e Holzbach³² e Augusti³³, reforçando a percepção de que a revista entende a sua interpretação dos acontecimentos como a melhor (talvez, para eles, a única) interpretação possível, uma verdade incontestável.

A lógica adotada pela revista é de que possui ótimos jornalistas, os quais tiveram acesso a especialistas no assunto abordado e, por isso, teriam embasamento para entender e interpretar os acontecimentos. Dotados desse conhecimento, os

³⁰ GOMES, I. M; HOLZBACH, A. D. **O discurso sobre saúde na revista *Veja***. In: Anais do II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Salvador, 2004, p. 9.

³¹ CIVITA *apud* HERNANDES, N. **A revista *Veja* e o discurso do emprego na globalização: uma análise semiótica**. Salvador: EDUFBA; Maceió: EDUFAL, 2004, p.124.

³² GOMES, I. M; HOLZBACH, A. D. **O discurso sobre saúde na revista *Veja***. In: **Anais do II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Salvador, 2004

³³ AUGUSTI, A. R. *op. cit.*

jornalistas, com base em seus valores pessoais e sabendo qual o objetivo determinado pelos mandatários da revista, podem opinar e colocar sua percepção nas reportagens, formando um ponto de vista a ser oferecido aos leitores.

Espera-se que suas opiniões sejam acatadas pelos leitores que irão incorporá-la e reproduzi-la, aumentando o reconhecimento da revista como “indutora de opinião”. Valendo-se desse status, *Veja* entraria no imaginário dos leitores como uma figura de autoridade, fazendo-a emitir mais opiniões em suas reportagens e recomeçar o ciclo de auto fortalecimento de sua imagem ao assumir “um tom didático que a reporta para o lugar onde julga estar: aquele em que detém um saber maior que o do leitor”.³⁴

Hernandes³⁵ aponta que, mesmo colocando sua opinião abertamente, os jornalistas de *Veja* utilizam a estratégia de proteger-se da responsabilidade atribuída à sua opinião, suprimindo termos em primeira pessoa e utilizando, preferencialmente, a terceira pessoa do singular ou sujeitos indeterminados. Nos casos em que o enunciador deseja citar a própria revista, raramente utiliza o pronome “nós”, mas sim “a *Veja*”, referindo-se a si mesmo como “ela”, para que o conteúdo “se esvaziasse de toda e qualquer subjetividade e se apresentasse apenas como papel social”.³⁶

A revista se coloca, dessa forma, em uma posição diferente da do leitor. Instituído-se como fonte autossuficiente, atua como se estivesse em uma posição privilegiada: a detentora do saber frente ao que não sabe. É, portanto, uma relação de poder desigual.

Finalmente, a revista *Veja*:

preenche no Brasil uma necessidade importante de leitura, devido à sua longevidade e alcance nacional, especialmente entre as classes médias, que não compram jornais diários. Ao contrário dos jornais, possuem um universo grande e próprio de leitores, distinto do universo dos protagonistas das notícias, e mantém com esse público um forte laço de lealdade. Nas funções de determinação da agenda e produção de consenso atuam como usinas de uma ideologia atribuída às classes médias, inclusive no reforço de seus preconceitos.³⁷

³⁴ AUGUSTI, A. R. **Jornalismo e comportamento**: os valores presentes no discurso da revista *Veja*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015, p. 84.

³⁵ HERNANDES, N. **A revista *Veja* e o discurso do emprego na globalização**: uma análise semiótica. Salvador: Edufba; Maceió: Edufal, 2004, p. 93.

³⁶ FIORIN *apud* HERNANDES, op. cit., p.93.

³⁷ KUCINSKI, B. **A síndrome da antena parabólica**: ética no jornalismo brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998, p. 33.

Com base nessa perspectiva é que as matérias, colunas, editoriais, cartas e reportagens da revista *Veja* frente a Jânio Quadros e às eleições paulistanas de 1985 foram avaliadas, nesta pesquisa.

1.2.2 O jornal *O Estado de S. Paulo*

O outro periódico estudado, *O Estado de S. Paulo*, também é um jornal bastante conhecido e tradicional no país. Sua fundação data de 4 de janeiro de 1875, quando se chamava *A Província de São Paulo*, e é o jornal mais antigo da cidade de São Paulo ainda em circulação.³⁸ Com a Proclamação da República, em 1889, e a mudança de status das províncias para estados, em 1890, o jornal mudou seu nome para a atual denominação.

Em 1902, Júlio de Mesquita se tornou o proprietário único do periódico. Mesquita era redator do jornal desde 1885 e genro de um dos fundadores do diário. Após a aquisição do jornal, Júlio de Mesquita liderou uma ala de forte oposição ao governo federal durante o período da Primeira República (1889-1930): “a publicação se colocou ao lado dos contestadores do viciado sistema eleitoral conhecido pejorativamente como ‘bico de pena’, caracterizado pelo voto aberto e manipulação fraudulenta”.³⁹

Essa posição pode parecer conflitante com as ideias originais defendidas pelos fundadores do jornal, “um grupo de paulistas liberais, republicanos originários da cafeicultura” que se atribuíam a tarefa de líderes da elite intelectual do estado de São Paulo. Uma vez que a elite cafeicultora se encontrava no poder, era de se esperar maior apoio do jornal ao governo federal, em especial àqueles do Partido Republicano Paulista (PRP). No entanto, o jornal não apresentava esse comportamento, pelo contrário, intercalava períodos de intensas críticas com ocasionais e tímidos apoios. Essa postura se deve ao fato de que os responsáveis pelo jornal eram “conservadores, ideologicamente liberais tanto do ponto de vista do ideário econômico quanto das

³⁸ PONTES, J. A. V. **Histórico**. Disponível em: www.estadao.com.br. Acesso em: 10 jun. 2022.

³⁹ MOREIRA, F. B. **Os valores-notícia no jornalismo impresso**: análise das “características substantivas” das notícias nos jornais *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo*, e *O Globo*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006, p. 78-79.

crenças políticas”⁴⁰ e que “apesar do seu autoproclamado liberalismo, apresentava uma postura conservadora e elitista”.⁴¹

Capelato e Prado⁴² dizem que “a atuação política do jornal se orientava por um projeto idealizado para o Brasil e para São Paulo, cujas bases se prendiam ao corpo de ideias que compõe a doutrina liberal e à experiência prática de outros países”⁴³, ou seja, o jornal valorizava uma visão bastante restrita de democracia, considerando a constituição dos Estados Unidos da América (EUA) como o modelo ideal a ser copiado no Brasil.⁴⁴ Defendiam a autonomia dos estados, contrariamente à corrente centralizadora que surgia no país, e aplicavam uma “teoria evolucionista”⁴⁵ para justificar uma posição de liderança de São Paulo frente aos outros estados.

Segundo Júlio de Mesquita Filho, em editorial de 1925, uma das causas do atraso econômico e social brasileiro era a Constituição de 1891 ter dado prerrogativas iguais para todos os estados do Brasil, equiparando São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul a estados como Amazonas e Ceará. Para ele, os primeiros estados citados já haviam adquirido um elevado grau de maturação política e econômica, devendo estes e, em especial, São Paulo, serem responsáveis por liderar o país rumo à modernização e autonomia política.

Nesse contexto se concentram as maiores críticas do jornal aos governantes de São Paulo, uma vez que o jornal considerava que esses políticos não estavam cumprindo seu papel de catalisadores da mudança política e que “enquanto não se libertasse do domínio das ‘oligarquias’, não poderia assumir a posição de ‘guia’ e ‘modelo’ para liderar o movimento renovador em âmbito nacional”.⁴⁶

Dessa forma, o jornal encarou a “Revolução” de 1930 como uma oportunidade de mudança política, uma possibilidade de alterar o *status quo* político, considerado prejudicial, por um novo modelo proposto segundo sua visão de mundo. Para o jornal,

⁴⁰ AZEVEDO, F. A. Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. **Opinião Pública**, v. 12, n. 1, p. 88-113, 2006, p. 103.

⁴¹ CAPELATO *apud* RIBEIRO, J. C. **Sempre alerta**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.116-117.

⁴² CAPELATO, M. H.; PRADO, M. L. C. **O bravo matutino**: imprensa e ideologia: o jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

⁴³ *Ibidem.*, p. 23.

⁴⁴ Neste momento pode-se fundamentar que a base do pensamento político do jornal é o modelo de democracia liberal baseado na teoria política de John Locke (1632-1704), conforme expõe Maria Aparecida de Aquino em **Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978)**: o exercício cotidiano da dominação e da resistência – *O Estado de S. Paulo e Movimento*. Bauru: Edusc, 1999, p. 12-22.

⁴⁵ CAPELATO, M. H.; PRADO, M. L. C. *op. cit.*, p. 26.

⁴⁶ CAPELATO, M. H.; PRADO, M. L. C. **O bravo matutino**: imprensa e ideologia: o jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980, p. 32.

a mudança social não deveria ser tratada pelos revoltosos, uma vez que os “males que sofremos são políticos e não sociais”.⁴⁷ Não admitiam nenhuma reforma fora da sua visão de liberal ou que fosse considerada por demais “socialista”: “façam-se reformas [...] mas nada se faça que abale a solidez das instituições familiares ou que torne incerto e vacilante o direito de propriedade”.⁴⁸ Assim, em um primeiro momento, o periódico apoiou a Aliança Liberal, se entusiasmou com a candidatura de Getúlio Vargas e saudou o golpe de 1930.⁴⁹

Compondo a complexa visão de mundo de *OESP*, há contradições claras ao liberalismo pregado por eles próprios em diversos momentos. Um dos princípios básicos de igualdade entre as pessoas é negado por falas racistas e elitistas. Júlio de Mesquita chega a considerar que “a incorporação do negro à sociedade brasileira redundou em atraso para a evolução do país, devido à alteração provocada no caráter nacional [...] quando uma massa impura e formidável”⁵⁰ de escravizados foram libertos após a Lei Áurea, de 1888.

Diversas vezes o jornal defendeu a censura e a violência contra órgãos de imprensa socialistas, anarco-sindicalistas ou comunistas, demonstrando que:

O *OESP* entende a livre expressão do pensamento como um princípio *relativo*, que, manipulado em função de imperativos conjecturais, assume o valor *absoluto*, somente quando o jornal se situa na oposição, ou quando a livre manifestação desse princípio não ultrapassa os limites rigidamente demarcados do seu universo.⁵¹ (grifos originais)

Contribui ainda para a contraditória visão do jornal, a diferença que o *OESP* faz das classes sociais e dos valores das pessoas de cada classe, apresentando reiteradamente posições elitistas e higienistas. A estratificação social é considerada natural e benéfica, “situando na base os operários urbanos e trabalhadores rurais e no topo as ‘elites intelectuais’”⁵² das quais o jornal diz fazer parte. No entanto, mesmo dentro dessa elite intelectual, o jornal se coloca como diferenciado, já que “na perspectiva do ‘*OESP*’ um dos fatores determinantes do caos político do país residia

⁴⁷ *OESP*, ed. 18.577, de 20/06/1930, p. 2.

⁴⁸ *OESP*, ed. 18.932, de 09/08/1931, p. 3.

⁴⁹ MOREIRA, F. B. **Os valores-notícia no jornalismo impresso**: análise das “características substantivas” das notícias nos jornais *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e *O Globo*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006, p.79.

⁵⁰ CAPELATO, M. H.; PRADO, M. L. C. op. cit., p. 117.

⁵¹ CAPELATO, M. H.; PRADO, M. L. C. **O bravo matutino**: imprensa e ideologia no jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980, p. 100.

⁵² *Ibidem*, p. 109.

precisamente na ausência de uma *elite intelectual*, capaz de compreender os problemas de sua época e de dar a eles soluções adequadas”⁵³ (grifos originais). Soluções que seriam apresentadas pelo jornal e frequentemente ignoradas pelo poder público.

Como parte da “elite intelectual”, o periódico se atribuía o papel de “guia do desenvolvimento”, sempre invocando e dizendo representar a “opinião pública”⁵⁴. O jornal repetidamente se colocava como intérprete da vontade popular, sabendo reconhecer, entender e representar o sentimento coletivo. Dessa forma, o tom das publicações políticas era de autoridade, sem margem para contestações, já que representava o desejo popular e a “Verdade” indiscutível. O consenso social era visto como algo que “prepara-se, manipula-se, seduz-se, atrai-se, cria-se”; acreditavam ainda que “o instrumento mais aperfeiçoado para formá-la é a imprensa”.⁵⁵

Com o passar dos anos, o jornal se reestruturou algumas vezes. Uma delas aconteceu após 1952, quando Cláudio Abramo assumiu a direção de redação do jornal. Em conjunto com os netos de Júlio de Mesquita, o periódico buscou ser mais objetivo nas notícias, retirando uma boa parte dos juízos de valor e opiniões ostensivas, criando uma seção política dentro das edições.⁵⁶

Em 1964, o jornal apoiou o golpe civil-militar que retirou João Goulart da Presidência da República. Entretanto, o apoio ao golpe não significou que o jornal estaria livre da censura imposta pelo regime. Em um primeiro momento “que vai de dezembro de 1968 a agosto/setembro de 1972, ocorreram telefonemas e bilhetinhos, entre os órgãos responsáveis pela censura à imprensa e a redação do jornal que, como os demais, permaneceu atuando no campo da autocensura”.⁵⁷A partir de 1972, o jornal sofreu com a censura prévia, devido a intenção de publicar uma matéria sobre

⁵³ Ibidem, p. 121.

⁵⁴O termo “opinião pública” apresenta diversas conceituações e é objeto de análise constantemente. O termo foi utilizado nesta pesquisa com o significado de “todo fenômeno que, tendo origem em um processo de discussão coletiva e que se refira a um tema de relevância pública (ainda que não diga respeito à toda a sociedade), esteja sendo expresso publicamente, seja por sujeitos individuais em situações diversas, seja em manifestações coletivas” (FIGUEIREDO; CERVELLINI, 1995).

⁵⁵ CAPELATO, M. H.; PRADO, M. L. C. **O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal *O Estado de S. Paulo***. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980, p. 95.

⁵⁶ MOREIRA, F. B. **Os valores-notícia no jornalismo impresso: Análise das ‘características substantivas’ das notícias nos jornais *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e *O Globo***. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006, p. 80.

⁵⁷ AQUINO, M. A. **Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência – *O Estado de S. Paulo* e *Movimento***. Bauru: Edusc, 1999, p.22.

a sucessão presidencial, assunto que havia sido proibido pelo governo.⁵⁸ É neste contexto que o jornal começa a publicar poemas e receitas no lugar aonde ficariam as matérias censuradas, pois lhe era proibido deixar espaços em branco no jornal.

Após o fim da censura e a redemocratização do país, em 1988, o jornalista Augusto Nunes assumiu o cargo de diretor de redação com o objetivo de “que a opinião do jornal ficasse confinada na página 3 e que o noticiário traduzisse a verdade dos fatos”.⁵⁹ Evidentemente o objetivo de Nunes era irreal pela impossibilidade de neutralidade, mas demonstrava uma tentativa, pelo menos em discurso, de suavizar a forte opinião política sempre presente no jornal.

O período estudado nesta pesquisa, que tem como um de seus objetivos verificar o quanto a opinião do jornal se fez presente na corrida eleitoral de 1985, na capital paulista, é anterior à entrada de Augusto Nunes. A bibliografia mostra que o jornal apresenta como principais características o “conservadorismo, o elitismo e a postura de classe dominante”⁶⁰, a “ideia de fazer a cabeça do leitor”⁶¹, além da ambiguidade de ser conservador e se dizer liberal. Atentamo-nos a essas características ao desenvolver a análise das notícias, reportagens, editoriais e colunas do jornal para este trabalho.⁶²

1.2 HISTÓRIA POLÍTICA

Entender a dinâmica política anterior às eleições de 1985 foi importante para não inferirmos o erro de isolar do contexto nacional os acontecimentos a ela relacionados, transformando-as em um fim em si mesmas, e não como parte de um todo, como a história política era frequentemente acusada de fazer. Este trabalho não procurou se debruçar sobre a eleição em si ou sobre o governo de Jânio Quadros frente à Prefeitura, mas seguiu os pressupostos da nova história política.

O estudo da história política foi duramente estigmatizado ao longo do século XX, principalmente pelos integrantes da primeira geração da Escola dos Annales e

⁵⁸ Ibidem., p. 24-25.

⁵⁹ RIBEIRO, J. C. **Sempre alerta**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 77.

⁶⁰ CAPELATO, M. H.; PRADO, M. L. C. **O bravo matutino**: imprensa e ideologia no jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980, p. 129.

⁶¹ RIBEIRO, op. cit., p. 91.

⁶² O acervo do jornal encontra-se digitalizado e está disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/>.

pelos estruturalistas.⁶³ Jacques Julliard⁶⁴ faz uma longa lista das acusações que recaíram sobre a história política, muitas vezes chamada de “elitista, [...] biográfica, ignora a sociedade global e as massas que a compõem, [...], seu objetivo é particular, [...] ignora a análise, [...] é idealista, [...] ideológica, [...] parcial, [...] ingênua”, entre outras.

O autor afirma que, de certa forma, tais críticas foram corretas na época em que a História se baseava nos preceitos do que foi chamado, erroneamente, de história positivista, ou seja, uma História com abordagem estritamente cientificista, teleológica, cujas fontes só eram consideradas válidas se fossem consideradas como documentação oficial. Era uma História que almejava e se via como neutra, buscava verdades universais absolutas e irrefutáveis. Essa visão se mostrou bastante equivocada e limitada, transformando o estudo da história política em um estudo de reis, presidentes, política externa, guerra e diplomacia.

Essa visão da História sofreu as primeiras grandes críticas na década de 1920, com a *Revista dos Annales*, quando Lucien Febvre e Marc Bloch iniciaram um movimento chamado por eles de Nova História. Saía de cena o “estudo dos Estados através de suas guerras e relações diplomáticas, sendo substituída pelo estudo dos processos relativos à figura e à ação humana.”⁶⁵

O segundo grande movimento que teceu críticas à história política foi o da historiografia marxista. “O econômico surgia como o elemento determinante e definidor das relações de produção, chave fundamental para a análise e compreensão”.⁶⁶ Para essa vertente, a compreensão dos acontecimentos históricos estava muito mais atrelada ao contexto econômico e estrutural do que a historiografia vigente propunha e, por causa disso, novos métodos de análise eram necessários para se compreender as relações históricas, deixando a história política obsoleta.

Por fim, na década de 1970, a história política foi novamente atacada, em especial pelos historiadores inspirados no pensamento de Michael Foucault, como

⁶³ FÉLIX, L. O. A história política hoje: novas abordagens. **Revista Catarinense de História**, n. 5, 1998, p. 49-66.

⁶⁴ JULLIARD, J. A Política. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. (org.). **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 180-181.

⁶⁵ GOUVÊA, M. A história política no campo da história cultural. **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 3, n. 1, 2007, p. 26.

⁶⁶ Idem, ibidem.

Paul Veyne⁶⁷ e Roger Chartier.⁶⁸ Para eles, o grande mérito de Foucault é que “ele não é dualista, não pretende opor a realidade à aparência”,⁶⁹ de forma que o método proposto busca o “reconhecimento e justaposição de diferenças na busca da manifestação do poder que permeia todas as relações sociais”.⁷⁰

A história política se reinventou utilizando as justas críticas para lapidar sua área de atuação, suas interpretações e para conseguir dar respostas satisfatórias às situações analisadas. O próprio pensamento foucaultiano abriu espaço para uma nova abordagem política ao expor a “anatomia do poder”, em que não se estuda mais o Estado como órgão central do poder. Tira-se do Estado a ideia de uma (quase) onipotência para criar e coordenar as relações de poder da sociedade, passando a entender o “poder” como algo disperso dentro da sociedade, o que Foucault chama de “micropoderes”.⁷¹

Os micropoderes são as “partes constitutivas dessa mesma sociedade”.⁷² É através do processo de interligação entre os diversos focos de poder que o Poder Constituído se propaga entre o tecido social. Segundo o autor, dessa forma, elimina-se a visão dicotômica entre o Estado opressor, dotado de poderes inigualáveis, e a população oprimida, que busca formas de resistência ante às forças estatais. A normalização das instituições se consolida ou se dissipa de acordo com a penetração dos micropoderes dentro da malha social, de forma que o poder quase onipotente que era atribuído ao Estado é esvaziado, transformando-o em uma agência de poder, como diversas outras, abrindo espaço para que outros atores sociais emergjam como focos de poder, entre eles, a imprensa.

As críticas sobre a história política não eram direcionadas ao estudo da política pela história, mas, sim, ao modo como se faziam as pesquisas. Maria de Fátima Silva Gouvêa⁷³ demonstra que, ao longo dos anos, diversas obras abordaram a política de forma diferente da tradicional à época, duramente criticada. Obras como *A cultura do*

⁶⁷ VEYNE, Paul. Foucault revoluciona a história. In: **Como se escreve a história**. 2. ed. Brasília, UnB, 1992. p. 149-181.

⁶⁸ CHARTIER, Roger. O passado composto: relações entre filosofia e história. In: _____. **A História Cultural entre práticas e representações sociais**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

⁶⁹ VEYNE, op. cit., p. 181.

⁷⁰ O'BRIEN, P. Michael Foucault's History of Culture. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo, Martins Fontes, 1992, p. 37-38.

⁷¹ FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2007.

⁷² GOUVÊA, M. A história política no campo da história cultural. **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 3, n. 1, 2007, p. 28.

⁷³ GOUVÊA, M. A história política no campo da história cultural. **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 3, n. 1, 2007, p. 31.

Renascimento na Itália, de Jacob Buckhardt,⁷⁴ de 1860, já tratavam os acontecimentos políticos sem ênfase nas personalidades públicas ou na diplomacia, mas com uma abordagem voltada aos aspectos culturais.

A autora continua exemplificando estudos que se diferenciaram da historiografia política tradicional. Entre os quais: *Os reis taumaturgos* (1924), de Marc Bloch,⁷⁵ como um marco da época, um exemplo de uma história que é cultural, política e social; *Os dois corpos do Rei*, de Ernest H. Kantorowicz,⁷⁶ publicado originalmente em 1957; e *A sociedade de corte*, de Norbert Elias,⁷⁷ com primeira publicação em 1969, completam a lista da autora. São trabalhos que demonstram a possibilidade de fazer uma historiografia diferente da que vinha sendo feita, um encontro entre as tendências da época com a história política, “como uma espécie de ‘ancestral’ daquilo que hoje se define como a Nova História Política”.⁷⁸

O que se entende por história política, hoje, portanto, diz respeito a estudos que abandonaram os princípios da historiografia tradicional e se esforçam em trabalhar com interdisciplinaridade, analisando dados de longa duração, não se limitando a um acontecimento isolado, mas explorando os desdobramentos econômicos, cotidianos e da vida social.⁷⁹

A mudança da antiga abordagem para a nova encontra-se na relação com as fontes, a narrativa dos acontecimentos, a observância da longa duração e a abordagem do objeto de estudo. A preocupação fundamental continua sendo o Estado, mas visto como cultura política, como elementos relacionados ao Estado. “A cultura política é uma chave. Ela introduz a diversidade, o social, ritos, símbolos, lá onde se acredita que reina o partido, a instituição, o imutável. [...] Seu estudo é mais que enriquecedor, é indispensável.”⁸⁰ Pensa-se em partidos políticos, eleições, pensamento político. Valoriza-se a agência das pessoas e a pluralidade das instituições no campo político, levando em consideração a longa duração destes fenômenos.

⁷⁴ BURCKHARDT, J. **A cultura do Renascimento na Itália**. Brasília: Editora UnB, 1991.

⁷⁵ BLOCH, M. **Os reis taumaturgos**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

⁷⁶ KANTOROVICZ, E. H. **Os dois corpos do rei**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁷⁷ ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**. Lisboa: Estampa, 1995.

⁷⁸ GOUVÊA, op. cit., p. 31.

⁷⁹ RÉMOND, R. Por que uma história política? **Estudos históricos**, v. 7, n. 13, p. 7-20, 1994.

⁸⁰ BERSTEIN, S. A cultura política. In: Rioux, Jean-Pierre; & Sirinelli, Jean-François. (org.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1988, p. 67.

Além de responder às críticas internas da historiografia, importantes mudanças sociais possibilitaram o ressurgimento e a reestruturação da história política. As constantes crises econômicas colocaram a economia liberal em pauta, já que a intervenção do Estado na economia se fez cada vez mais presente, mostrando que a relação entre política e economia não tinha um sentido único como era defendido até então. “O alargamento da competência do Estado foi assim acompanhado pela extensão do domínio da ação política. As fronteiras que delimitavam o campo político ampliaram-se [...] abrindo espaço para o surgimento de novos objetos de estudo”.⁸¹

A renovação do método de pesquisa se deu também pela interdisciplinaridade, com a integração de diversas disciplinas ao estudo histórico, como a sociologia, as ciências sociais, a antropologia, a linguística e a psicanálise. Essa junção de áreas do conhecimento possibilitou a utilização de novos conceitos, novas problemáticas e novos métodos de investigação. São exemplos dessa primeira etapa de renovação da história política, na França, autores como René Rémond, Jean-Pierre Rioux, Philippe Levillain, Antoine Prost, Michel Winock e Serge Berstein.⁸² “É importante mencionar que esses historiadores são externos ao movimento dos Annales, que tradicionalmente foi pouco receptivo à história política”.⁸³

A nova história política não tenta rivalizar com a história cultural ou econômica em torno de qual abordagem tem a melhor explicação ou análise dos eventos, mas utiliza-se dos diversos conhecimentos dessas áreas a fim de amplificar as possibilidades de estudo. Ampliou-se o campo de pesquisa, trabalhando na transposição do particular para o geral, com a história política se instalando

entre a política no sentido mais clássico do termo – eleições, partidos e associações, ideias políticas, elites e biografias – e, o político em termos de cultura política, ou seja, o imaginário, as representações, a memória coletiva, os mitos e as mitologias políticas.⁸⁴

Em sua nova abordagem, a história política estabelece uma relação dialética entre o político e o social, entendendo que todo evento se torna político pelos efeitos na sociedade. Desse modo, não se estuda mais a política como um fim em si, mas

⁸¹ FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova "velha história": o retorno da história política. **Estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 265-271, 1992, p. 267.

⁸² Ibidem.

⁸³ MOTTA, R. P. S. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: MOTTA, Rodrigo P. S. (org.). **Culturas políticas na história: novos estudos**. Belo Horizonte: Argvmentvm, p. 13-37, 2009, p. 19.

⁸⁴ MOTTA, M. S. O relato biográfico como fonte para a história. **Vidya**, Santa Maria (RS), n. 34, p.101-122, jul./dez. 2000, p. 108.

compreende-se agora que o foco deve ser o pensamento político e as organizações politicamente organizadas.⁸⁵

Com essas mudanças, Rémond defende que a história política já está apta a ser reabilitada e reinserida como uma abordagem válida.⁸⁶ Ao conseguir integrar os mais diversos atores no jogo político abordando a participação na vida política e cobrindo os processos eleitorais, deixa de ser elitista, militarista e individualista. Ademais, a incorporação da formação política e da normalização de atitudes de poder refletem o interesse da nova história política em entender a longa duração, deixando de lado o foco na rápida sucessão de datas e eventos, típicos do estudo da curta duração, se debruçando no estudo da cultura política, com suas continuidades e rupturas. Por fim, o autor ainda expõe que a história política conta com grandes massas documentais, que podem ser quantificadas e qualificadas, aumentando a credibilidade de suas conclusões e afastando-a de uma história biográfica irrealista e propagandística, como em seus primórdios.

A história política se encontra renovada desde a década de 1990, como um campo de estudo fértil, dinâmico e revigorado. Ao se refazer ante às críticas e às mudanças sociais, a história política entende que o político “é o lugar onde se articula o social e sua representação, a matriz simbólica na qual a experiência coletiva se enraíza e se reflete”⁸⁷ e, por conta disso, com seus novos métodos e novas abordagens, conseguiu se reerguer e atualmente se coloca como uma linha de pesquisa válida e viável.

1.3 UMA QUESTÃO DE TERMINOLOGIA

A respeito do termo “ditadura militar”, é importante conceituar a escolha da terminologia devido aos vários debates existentes sobre o assunto. Ao longo deste trabalho os termos “ditadura militar” e “regime militar” serão usados como sinônimos de “Estado autoritário”, já que são os termos mais utilizados, de forma geral, mesmo havendo diferenças conceituais entre eles. Para Maria Aparecida de Aquino, o termo “Estado autoritário” é o termo mais indicado, pois “amplia a concepção e melhor se adapta ao uso extrapolado da autoridade durante os governos posteriores ao golpe

⁸⁵ JULLIARD, J. A política. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (org.). **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976

⁸⁶ RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003

⁸⁷ ROSANVALLON, P. Por uma História Conceitual do Político. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 30, 1995, p. 12.

de 1964”.⁸⁸ De acordo com a historiadora, “Estado autoritário” é uma definição mais acertada para a realidade brasileira pós-golpe de 1964 do que, por exemplo, o termo “regime burocrático-autoritário”, defendido por Guillermo O’Donnell, que o conceitua da seguinte forma:

esse termo estranho (é usado) porque facilita o emprego do termo “autoritário” como um genus que inclui outros tipos de sistemas políticos não democráticos sul-americanos associados com níveis baixos de modernização. O termo “burocrático” sugere os traços cruciais específicos dos sistemas autoritários de alta modernização: o crescimento do poder organizacional de muitos setores sociais, as tentativas governamentais de controle pelo “encapsulamento”, os padrões de carreira e as bases de poder da maioria dos portadores de papéis tecnocráticos, e o papel-chave desempenhado pelas grandes burocracias (públicas e privadas).⁸⁹

Fernando Henrique Cardoso concorda com O’Donnell e defende que, durante o período de 1964 até 1985, “a militarização do poder jogou um papel menor do que se imaginava [...] [pois os militares] mandam, sim; controlam o Estado; mas não definem neste mandar e neste controlar as políticas centrais do governo”.⁹⁰ Essa visão nos parece difícil de ser sustentada se considerarmos que, após 1964, houve novos arranjos políticos nas características centrais do poder, com o surgimento e a consolidação de um governo presidido exclusivamente por membros das Forças Armadas e “seus órgãos de assessoria militar, os ministérios das três armas, os comandos dos exércitos [...] que, no aspecto político, marcam-se por uma acentuada ‘desigualdade estrutural’ em relação aos outros ramos e aparelhos do Estado”,⁹¹ marcando a prevalência de uma estrutura militar ante outra, puramente burocrática.

Também não se optou por utilizar em nenhum momento o termo “ditadura fascista” ou “regime fascista” para designar o período no Brasil pós-1964, pois não há elementos suficientes que o caracterizem como tal. Além disso, segundo Nico Poulantzas, o papel do Exército se distingue em uma ditadura militar e em uma ditadura fascista enquanto

aparelho dominante [...] [já que] as contradições internas desses regimes se manifestaram por excelência dentro do aparelho militar (que, precisamente,

⁸⁸ AQUINO, M. A. **Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978):** o exercício cotidiano da dominação e da resistência – *O Estado de S. Paulo e Movimento*. Bauru: Edusc, 1999, p. 211.

⁸⁹ O’DONNELL, G. **Modernization and bureaucratic authoritarianism:** studies in South American politics. Berkeley, Institute of International Studies – University of California, 1973, p. 95.

⁹⁰ CARDOSO, F. H. A democracia na América Latina. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 10, p. 45-56, 1984, p. 48.

⁹¹ MARTINS FILHO, J. R. Estado e regime no pós-64: autoritarismo burocrático ou ditadura militar? **Revista de sociologia e política**, [S. l.], n. 2, p. 7-23, jun. 1994, p. 13.

detém, além do mais, o poder das armas) e não no partido e na burocracia, aparelhos dominantes dos regimes fascistas, o que contribui para tornar as contradições internas muito mais temíveis neles do que as contradições nos regimes fascistas.⁹²

João Roberto Martins Filho adota como base o pensamento de Poulantzas, e defende o termo “ditadura militar” para o regime brasileiro porque a terminologia expressa a predominância da burocracia militar frente à de outras instituições. Considera ainda a divisão entre militares e civis já que, com os militares, houve o “surgimento de uma ideologia militar fortemente calcada na repulsa à política civil, que passou a ser vista como equivalente à ‘demagogia populista’ e associada à instabilidade social e aos riscos de ruptura da ordem”.⁹³ São fatores, segundo o autor, presentes nos governos brasileiros entre 1964 e 1985, que caracterizam uma ditadura militar: prevalência de militares em cargos de comando, desprezo pelos denominados “civis”, predominância militar da burocracia e “incapacidade de articulação” em busca de um consenso em momentos de crise.

Contra esse argumento, Aquino defende que a ditadura, na acepção romana, era um “momento de excepcionalidade ante uma crise em que se torna inviável a continuidade da vigência das instituições, [...] observa-se que o apelo ditatorial, embora confira poderes excepcionais ao governante, é provisório”.⁹⁴ Por mais que alguns grupos envolvidos no golpe de 1964 desejassem a ruptura provisória e um retorno à normalidade após 1965, sabe-se que, na realidade, os detentores do poder continuaram o regime de exceção sem um prazo para finalizá-lo, criando um aparato de repressão e se amparando em Atos Institucionais (AI)⁹⁵, em especial o AI-5, que aumentavam cada vez mais o poder do Executivo.⁹⁶

Ressaltando a ausência de traços democráticos no período, Aquino argumenta que “durante todo o tempo foram utilizados mecanismos para impedir a participação

⁹² POULANTZAS, N. **A crise das ditaduras**: Espanha; Portugal; Grécia. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 82.

⁹³ MARTINS FILHO, J. R. Estado e regime no pós-64: autoritarismo burocrático ou ditadura militar?, **Revista de sociologia e política**, [S. l.], n. 2, p. 7-23, jun. 1994, p. 18.

⁹⁴ AQUINO, M. A. **Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978)**: o exercício cotidiano da dominação e da resistência – *O Estado de S. Paulo e Movimento*. Bauru: Edusc, 1999, p. 209-210.

⁹⁵ Os Atos Institucionais foram uma forma de legislação durante o período do Estado Autoritário brasileiro, entre 1964 e 1985. Foram promulgados 17 Atos Institucionais durante o período, estes Atos tinham força de lei e não eram passíveis de revisão pelo Judiciário.

e a representação dos cidadãos no nível institucional”.⁹⁷ Tendo em consideração esses pontos, a autora entende que o termo “ditadura” não se aplica, por excelência do termo, à realidade vivida no período, justificando sua preferência por “Estado autoritário”, sem inculcar no erro de relativizar ou diminuir a violência do governo no período.

Nesses termos, optou-se, neste trabalho, em utilizar os termos “Estado autoritário” ou “regime militar” para demonstrar que o sistema governamental brasileiro tinha como base política o uso da coerção, intimidação e violência para impor suas vontades, sem possuir amparo e apoio popular suficientes para agir de outra forma. A terminologia adotada foi escolhida por “acreditar-se que amplia a concepção e melhor se adapta ao uso extrapolado da autoridade, durante os governos posteriores ao golpe de 1964”.⁹⁸

⁹⁷ AQUINO, AQUINO, M. A. **Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978)**: o exercício cotidiano da dominação e da resistência – *O Estado de S. Paulo e Movimento*. Bauru: Edusc, 1999, p. 209.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 211.

2 O PERCURSO DA PESQUISA: CATEGORIAS DE ANÁLISE

Para localizarmos todas as vezes que Jânio Quadros foi mencionado nos periódicos utilizamos a ferramenta de busca próprias da base de dados digitalizada, o que agilizou a fase de separação e relevância do *corpus documental*, garantindo mais tempo para a análise dos resultados de pesquisa.

Desta forma, utilizamos o acervo digital de *Veja*⁹⁹ e de *OESP*¹⁰⁰, e procuramos as palavras “Jânio Quadros”, Jânio Quadros, “Janio Quadros”, Janio Quadros, Jânio e Janio, buscando cobrir todos os termos que poderiam levar aos resultados almejados. Ainda assim, para garantir maior precisão, as seções de política dos periódicos foram lidas na íntegra buscando alguma menção não capturada pelos mecanismos de busca dos acervos.

Localizamos o total de 963 ocorrências que mencionaram Jânio Quadros em *OESP* em 1985. Delimitando-se a linha temporal desta parte da pesquisa, que se refere às eleições para a Prefeitura de São Paulo no ano de 1985, fixou-se como limite inicial o dia 1º/01/1985, e como data final o dia 16/11/1985, data da divulgação do vencedor das eleições. Com essa delimitação temporal diminuiu-se a quantidade de menções a Jânio para 772 em *OESP*. Enquanto, em *Veja*, iniciamos as buscas em 16/01/1985, data da primeira edição do ano e finalizamos em 13/11/1985, data da última edição da revista antes do pleito. Com esse recorte, foram encontradas 498 menções.

Após a identificação das menções a Jânio, foram lidos todos os textos jornalísticos em que elas apareceram. Estes textos foram então categorizados e servem de *corpus documental* desta pesquisa.

Tabela 1 - Quantidade de menções ao nome de Jânio Quadros e o total de textos jornalísticos em OESP e Veja.

Periódico	Menções a Jânio Quadros	Total de matérias lidas
Veja	498	65
O Estado de S. Paulo	772	369

⁹⁹ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/acervo/>. Acesso em novembro de 2021.

¹⁰⁰ Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em novembro de 2021.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os textos jornalísticos e o conteúdo imagético nos interessam pois Jânio e sua equipe tentavam passar uma imagem de si para o público, mas a imagem pretendida por Jânio não era, necessariamente, a imagem que a população geral recebia, uma vez que a mídia também lhe impunha uma imagem. Esta projeção poderia ser positiva ou negativa de acordo com os interesses do periódico, e se distanciar ou aproximar da imagem desejada pelo político. A transmissão da mensagem, seus códigos e signos, não é exata, não sendo possível supor que a imagem projetada fosse similar à imagem recebida, processada e mantida no ideário pessoal.¹⁰¹

Devido à grande quantidade de menções e de redundância entre elas, julgamos necessário organizá-las e agrupá-las. Para isso, criou-se uma tipologia com o objetivo de reunir as menções em um padrão que facilitasse a análise de seus conteúdos, respeitando as diferenças estruturais entre *OESP* e *Veja* e, assim, evitar inflar a base de dados em decorrência de anáforas.

Assim sendo, as formas em que as citações a Jânio foram agrupadas, variaram de acordo com sua origem, *OESP* ou *Veja*. As citações de *OESP* foram organizadas de acordo com as páginas em que Jânio Quadros era citado, de forma que várias citações na mesma página foram metodologicamente contabilizadas apenas uma vez, enquanto as de *Veja* são referentes às reportagens em que apareciam, ou seja, se havia duas reportagens na mesma página que citavam Jânio, contabilizou-se duas vezes, mas se uma reportagem mais longa, de quatro páginas citou Jânio 8 vezes, contabilizou-se apenas uma vez. A única exceção a essa regra foi para a seção de “cartas dos leitores” que foram contabilizadas por edição pela impossibilidade de aplicar a regra geral, dado que não há reportagens nesta seção.

Essa decisão se deve à natureza dos periódicos, já que *OESP* é um jornal diário, de matérias curtas, cuja finalidade é relatar um evento o mais rápido possível; enquanto *Veja* possui uma periodicidade semanal, com matérias mais longas e se propõe a relatar eventos de forma menos apressada.

Um exemplo prático da aplicação dessa metodologia acontece na edição n. 33.854 de *O Estado de S. Paulo*, de 13/07/1985. Na terceira página, há a repetição

¹⁰¹ Este entendimento baseia-se na Teoria da Recepção. Um de seus principais postulados diz que todo texto é interpretado e imbuído de significado a partir das experiências individuais e culturais do receptor, jamais sendo aceito de forma passiva e acrítica. Destaco os autores Stuart Hall e John Dixon Hunt, entre outros, que trabalham o tema profundamente.

do nome de Jânio Quadros três vezes na matéria “Sem Setúbal, PFL fica descaracterizado”. Como se tratam de três repetições ao ex-presidente na mesma página, metodologicamente, para esta pesquisa, a página foi contabilizada apenas uma vez sob a denominação “conteúdo”.

Na mesma edição do jornal, na página cinco, houve 16 repetições das palavras-chaves “Jânio Quadros”, “Jânio” ou “Quadros”, divididas em quatro matérias diferentes. Utilizando os mesmos critérios, a página foi contabilizada apenas uma vez, portanto, apenas como um “conteúdo”. No dia 13/07/1985, não há outras menções a Jânio Quadros, de forma que na edição n. 33.854 de *OESP*, de 13/07/1985, foram contabilizados dois “conteúdos”, um para a página três e outro para a página cinco. A fim de facilitar o entendimento, todas as menções a Jânio Quadros, agrupadas em páginas ou matérias, foram denominadas de “conteúdo”. O nome “conteúdo” foi escolhido por melhor representar nosso esforço em analisar o conteúdo das matérias em que Jânio era citado, a fim de possibilitar uma tipologia que atendesse nossos interesses. Por aparecer fora de seu lugar-comum, toda vez que usamos a palavra “conteúdo” entre aspas, refere-se a tipologia criada.

Considerou-se que, ao fazer de outra maneira, contabilizando de forma individual a ocorrência das palavras “Jânio Quadros”, Jânio Quadros, “Janio Quadros”, Janio Quadros, Jânio e Janio, chegaríamos em resultados de difícil análise, com um risco potencial bastante elevado de gerar imprecisão na amostra, com excesso de informação desnecessária, resultando na perda da credibilidade nos dados.

Após a leitura, organização e contabilização de cada “conteúdo”, foi possível ter uma visão geral do posicionamento dos periódicos. Entendeu-se, entretanto, que tal tratativa seria por demais superficial e subjetiva, sendo passível de justas críticas por sua abrangência e dificuldade de análise por outros pesquisadores.

A fim de mitigar eventuais críticas e aprofundar o estudo, cada um dos “conteúdos” foi organizado, em um primeiro momento, em ordem cronológica, para depois ser alocado em categorias, uma vez que seria muito difícil comparar uma notícia sobre um evento da campanha eleitoral com uma carta ou uma pesquisa de intenção de voto.

As categorias foram definidas tendo como referência a natureza do texto jornalístico, baseando-se na ideia de categorização proposta pela teoria do enquadramento midiático.

Robert Entman¹⁰² chama de “enquadramentos midiáticos”, as formas em que as notícias são concebidas, formuladas e repassadas para os receptores.

Framing essentially involves selection and salience. To frame is to select some aspects of a perceived reality and make them more salient in a communicating text, in such a way as to promote a particular problem definition, causal interpretation, moral evaluation, and/or treatment recommendation for the item described [grifos do autor].¹⁰³

Olhar os enquadramentos é categorizar as notícias entendendo os “recursos que organizam o discurso através de práticas específicas (seleção, ênfase, exclusão, etc.) e que acabam por construir uma determinada interpretação dos fatos”,¹⁰⁴ já que

Media frames are persistent patterns of cognition, interpretation, and presentation, of selection, emphasis, and exclusion, by which symbol-handlers routinely organize discourse, whether verbal or visual.¹⁰⁵

Koenig explica que “em um nível muito simplista, enquadramentos estruturam quais partes da realidade se tornam notícia”.¹⁰⁶ O autor continua ao explicar que os enquadramentos são formas de análise e classificação de conteúdos midiáticos.

Com isso em mente, procedemos à categorização dos “conteúdos” de *OESP* e de *Veja*. Para tanto, foi necessário buscar modelos-base que fornecessem subsídios para a elaboração de categorias próprias a esta pesquisa que não fossem muito vagas, a ponto de ser possível agrupar quaisquer notícias, mas também não tão específicas, a ponto de ser necessário criar uma quantidade exorbitante de categorias.

Assim, a categorização elaborada por Mauro Pereira Porto¹⁰⁷ foi utilizada como material base para a elaboração das nossas categorias. Buscamos, com base em seu

¹⁰² ENTMAN, R. Framing: toward a clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, v. 43, n. 4, 1993.

¹⁰³ ENTMAN, R. Framing: toward a clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, v. 43, n. 4, 1993, p. 294. “O enquadramento envolve essencialmente seleção e saliência. Enquadrar significa selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação causal, um aval ação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito” [tradução própria].

¹⁰⁴ PORTO, M. P. **Enquadramentos da mídia e política**. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS. Caxambu. **Anais**. Caxambu: Anpocs. 2002.

¹⁰⁵ GITLIN, T. **The Whole World is Watching**. Berkeley: University of California Press, 1980, p. 7. “Enquadramentos da mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira”, em tradução própria.

¹⁰⁶ KOENIG, T. **On frame and framing**: contra semitism as free speech, a case study. In: Encontro anual do IAMCR, 2004.

¹⁰⁷ PORTO, M. P. A mídia brasileira e a eleição presidencial de 2000 nos EUA: a cobertura do jornal *Folha de S. Paulo*. **Cadernos do CEAM**, ano 2, n. 6, p. 11-32, 2001.

modelo, criar categorias próprias, considerando o contexto das eleições paulistas de 1985 e pensando em modelos possíveis de serem tratados não apenas de forma quantitativa, como também qualitativa. Levamos em consideração dois fatores bases para chegar nas nossas categorias:

- a) datas limítrofes, como o início oficial da campanha eleitoral;
- b) natureza do texto jornalístico, uma vez que seria muito difícil comparar um editorial com uma notícia sobre um evento da campanha.

Elaboramos, dessa forma, seis categorias, divididas em:

- 1) *Matérias de posicionamento formal*, categoria que abrange as colunas e editoriais do jornal;
- 2) *Matérias de apoio e de pré-campanha*, reúne todas as matérias referentes a apoios, discursos e ações relativos a Jânio Quadros antes da oficialização de sua candidatura, bem como algumas adesões tardias;
- 3) *Matérias de campanha*, relacionadas às promessas de campanha, debates entre os candidatos e o dia a dia da campanha;
- 4) *Matérias de pesquisa eleitoral*, sobre as pesquisas de intenção de votos;
- 5) *Cartas dos leitores*, refere-se às interações dos leitores enviadas por cartas e publicadas no jornal;
- 6) *Matérias circunstanciais*, categoria em que se encontram os “conteúdos” mais descritivos dos acontecimentos ou que não se encaixariam em outras categorias. Podem ser matérias que não exigem conhecimento de eventos anteriores a elas por serem autoexplicativas ou que citam Jânio Quadros, sem que ele esteja no centro da notícia, como, por exemplo, matérias de decisões do Tribunal Regional Eleitoral (TRE) ou afirmações de quem irá compor as chapas dos candidatos.

Após analisar e categorizar os “conteúdos”, chegamos na seguinte tabela de dados:

Tabela 2 – Categorias das matérias do jornal O Estado de S. Paulo e da revista Veja referentes a Jânio Quadros.

Categoria	Quantidade de “conteúdos” OESP	% OESP	Quantidade de “conteúdos” Veja	% VEJA
Matérias de posicionamento formal	30	9,6%	11	16,2%

Matérias de apoio e de pré-campanha	98	31,2%	8	11,8%
Matérias de campanha	88	28%	5	7,4%
Matérias de pesquisa eleitoral	25	8%	6	8,8%
Cartas dos leitores	32	10,2%	7	10,3%
Matérias circunstanciais	41	13%	31	45,6%
TOTAL	314	100%	68	100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Buscou-se observar, na construção das notícias-matérias de *OESP* e de *Veja*, formas de classificar todos os “conteúdos” em relação ao seu teor, como sendo positivos para Jânio, contrários a Jânio e com foco em outros elementos ou predominantemente descritivas. O critério de subdivisão foi definido com base em sua formulação, estruturação, forma, evidências, omissões das notícias e principalmente a base semântica, buscando palavras-chave e construções textuais que apontassem a qual categoria os “conteúdos” pertenceriam.

A escolha por palavras-chave e pela construção textual se deu pelo papel desempenhado pela mídia na sociedade. Sobre o assunto, Pierre Bourdieu¹⁰⁸ trata essa relação como uma forma de poder simbólico e de violência simbólica, pois seu objetivo é a fixação de um *habitus*, validado via discurso. Bourdieu descreve a violência simbólica como

uma violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.¹⁰⁹

Importante ressaltar que o autor não exclui outras manifestações reais de poder e de violência, como situações em que pessoas são “[...] espancadas, violentadas, exploradas”, mas busca entender, “na teoria, a objetividade da experiência subjetiva das relações de dominação”.¹¹⁰ O poder simbólico também é explicado pelo sociólogo como o

¹⁰⁸ BOURDIEU, P. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 14-15.

¹⁰⁹ BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 7- 8.

¹¹⁰ BOURDIEU, P. op. cit., p. 43.

poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, desse modo, a ação sobre o mundo, portanto, poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica) graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos “sistemas simbólicos” em forma de uma “illocutionary force” mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras.¹¹¹

Entendendo que Bourdieu defende que as relações de comunicação são sempre relações de poder que dependem do poder material ou simbólico acumulados pelos emissores do discurso, pode-se deduzir que os periódicos de grande circulação, e, portanto, dotados de maior poder material e simbólico, como é o caso do jornal *O Estado de S. Paulo* e da revista *Veja*, contribuem de forma significativa para a transmissão de percepção da realidade segundo seus próprios interesses, já que os discursos veiculados pelos periódicos não visam simplesmente serem compreendidos pelos receptores. São, predominantemente, sistemas de signos que aludem à riqueza, moral e autoridade, destinados a serem acreditados, validados e obedecidos socialmente. Vale pontuar que a construção da matéria jornalística não está unicamente ligada ao jornalista que a escreve, mas, também, e principalmente, ao grupo que controla aquela mídia e escolhe os profissionais mais alinhados com seu modo de perceber a realidade e os direcionam para escrever segundo certa forma de percepção da realidade.

Esta percepção da realidade do jornalista é fundamental, uma vez que a matéria-prima de uma notícia é uma determinada situação-problema ou a proposta de uma solução para um problema, e ao se deparar com alguma situação que pode virar notícia, o jornalista precisa selecionar o que deve ser noticiado e o que deve ser omitido e, dentro do que deve ser noticiado, o que deve ter maior ou menor ênfase, criando uma interpretação, um julgamento moral e/ou uma solução para o fato noticiado.¹¹² Tem-se então um “ângulo” do problema retratado, tornando-o mais ou menos destacado dentro do periódico.

¹¹¹ Ibidem, p. 14-15.

¹¹² ENTMAN, R. Framing: toward a clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, v. 43, n. 4, 1993, p. 52.

Ao deixar uma situação-problema ou uma resolução mais evidenciada, busca-se torná-la mais próxima da realidade do receptor. Esse esforço tenta condicionar a atitude dos leitores em relação ao ocorrido, com o potencial de interferir nos processos de mudança social¹¹³ ou de permanências, já que constantemente a “mídia contribui para privilegiar determinadas interpretações hegemônicas da realidade”.¹¹⁴ Ao analisar como a notícia é produzida, buscamos perceber, através de sua linha editorial, quais são seus interesses e como os defende. Dessa forma, pode-se entender o processo político como uma disputa em que a interpretação prevalece no desenvolvimento e na resolução de controvérsias políticas.

Esta pesquisa não procurou matérias que explicitassem uma situação-problema tradicional, mas abordou a candidatura de Jânio Quadros, em sua totalidade, encarando a candidatura como um tema “guarda-chuva” de situações-problema ou de eventos noticiosos. Assim sendo, as matérias não foram analisadas sob a ótica de uma pesquisa apenas sobre as eleições, mas observamos o desempenho de um candidato específico nas eleições.

Com a junção da categorização quantitativa dos “conteúdos” e da leitura analítica-qualitativa das matérias, dividindo-as em favoráveis ou contrárias a Jânio Quadros, foi possível construir uma sólida base de dados que, de maneira bastante clara e aberta, possibilitou identificar tendências dos periódicos, suas especificidades e temporalidades.

2.1 ANÁLISE DOS “CONTEÚDOS” DE *O ESTADO DE S. PAULO*

Começando a análise por *OESP*, entre o período referente 01/01/1985 e 16/11/1985 (data da divulgação do vencedor das eleições), o *OESP* publicou cerca de 293 “conteúdos” sobre Jânio Quadros, uma média de 0,91 por dia. Por “conteúdos”, nesta categoria, deve-se entender editoriais, colunas, matérias, pesquisas de opinião e cartas de leitores em que constam o nome de Jânio e que estão em páginas diferentes, conforme explicitado anteriormente. A lista de “conteúdos”, bem como as datas, páginas e uma breve descrição das matérias se encontram nos apêndices.

¹¹³ GUTEMBERG, A.; LEAL, Z. S. O jogo político na arena midiática: uma análise do enquadramento noticioso na cobertura das manifestações de março de 2015. *Revista Temática*, v. 11, n. 5, p. 103-115, 2015.

¹¹⁴ PORTO, M. P. Enquadramentos de mídia e notícia. *In*: Rubim, Antônio Albino (org.). **Comunicação e política**: conceitos e abordagens. Salvador: EDUFBA, 2004, p. 94.

Ressalta-se que vinte e um “conteúdos” se enquadraram em duas ou mais categorias, chegando ao número total de 314.

Tabela 3 – Categorização do jornal OESP de “conteúdos” referentes a Jânio Quadros.

Categoria	Quantidade de “conteúdos”	“Conteúdos” pró-Jânio	“Conteúdos” contra Jânio	“Conteúdo” com outros focos
Matérias de posicionamento formal ¹¹⁵	30	13	15	2
Matérias de apoio e de pré-campanha ¹¹⁶	98	46	15	37
Matérias de campanha ¹¹⁷	88	53	29	6
Matérias de pesquisa eleitoral ¹¹⁸	25	-	-	-
Cartas dos leitores ¹¹⁹	32 (112 cartas)	21 (69 cartas)	11 (43 cartas)	-
Matérias circunstanciais ¹²⁰	41	11	7	23
TOTAL	314	144	77	68

Fonte: Elaborado pelo autor.

*O somatório contabiliza “conteúdos” repetidos em mais de uma categoria, e a categoria “Matérias de pesquisa eleitoral” não compõe valor positivo/negativo/focado em terceiros. Dessa forma, a soma de cada parte não corresponde ao total.

Para melhor ilustrar esta tabela e justificar algumas categorizações, daremos exemplos de cada uma delas a seguir, bem como reforçaremos os critérios adotados.

Nos aprofundando na análise das matérias, procuramos analisar se o teor das matérias poderia ser classificado como positivo ou negativo para Jânio. Após a leitura das matérias, houve condições para afirmar que seria possível realizar tal análise. Utilizando os mesmos “conteúdos” da análise anterior, foi possível formular

¹¹⁵ Para maiores detalhes, consultar o apêndice 1.

¹¹⁶ Para maiores detalhes, consultar o apêndice 2.

¹¹⁷ Para maiores detalhes, consultar o apêndice 3.

¹¹⁸ Para maiores detalhes, consultar o apêndice 4.

¹¹⁹ Para maiores detalhes, consultar o apêndice 5.

¹²⁰ Para maiores detalhes, consultar o apêndice 6.

uma nova tabela para catalogar os “conteúdos” pró-Jânio, contra Jânio, ou focados em outros atores políticos ou meramente descritivas de situações que tangenciaram Jânio Quadros.

Cada “conteúdo” foi classificado com base na leitura de suas manchetes, subtítulos e corpo dos textos, levando em consideração os demais elementos constituintes da notícia como fotos, legendas, charges e infográficos. Em alguns casos, os anúncios publicitários também foram analisados quando condizentes com o tema da pesquisa.

Tendo como base o texto de cada matéria e respeitando a categorização anterior, os “conteúdos” foram analisados seguindo critérios específicos para cada categoria. De forma geral, os critérios foram a presença de palavras que possuem teor positivo ou negativo, de apoio ou de crítica, ou de tendência de vitória ou derrota.¹²¹

A edição n. 33.893, de 28/08/1985, página 3, em editorial não assinado com o título de “Caricata truculência” merecesse algumas notas acerca de sua classificação:

Figura 2 – Exemplo de matéria categorizada como “Matéria de posicionamento formal” em OESP

Caricata truculência

Talvez seja exagero associar a ridícula truculência do grupo denominado “Juventude Janista”, a serviço da campanha eleitoral do ex-presidente à Prefeitura de São Paulo, com aqueles esquadrões paramilitares, de triste memória para a Humanidade, como o era a “Juventude Hitlerista”. Não recuamos tanto no passado, certamente, embora episódios como o ocorrido domingo último no Bixiga não deixem de trazer um certo clima de mofada, rançosa fantasmagoria: tratava-se de uma simples festa satírica, uma brincadeira — das que costuma fazer o “Bloco dos Esfarapados”, da região — em “comemoração” do 24º aniversário da renúncia do ex-presidente Jânio Quadros. No coreto, apresentava-se um casal de atores — *Brasília Quadros*, “uma mulher abandonada e estragada”, com seu filho *Forças Ocultas*, “um palhaço de 24 anos, que nasceu de sete meses”; repentistas improvisavam sobre o tema, ironizando os pontos hilariantes e negativos herdados do ex-presidente. Isso bastou para que um grupo de janistas, estrate-

gicamente espalhados na praça (já preparados para o ataque, pois), desencadeasse uma série de atos violentos, tais como invadir o coreto, quebrar a armação do bolo “comemorativo”, rasgar faixas, chutar e até “saquear” objetos de venda e troca (pois referido local, praça Dom Orione, é também o de uma domingueira Feira de Trocas).

Tal reação truculenta a uma simples manifestação de bom humor — aliás, tradicional entre os moradores daquele bairro paulistano — foi visivelmente comandada pelo deputado federal Gastone Righi, notório “braço direito” do sr. Quadros, além de ter sido inteiramente aprovada pelo próprio ex-presidente e candidato à prefeitura, o qual anunciou: “Estamos autorizados ao uso da violência”. Ora, autorizados por quem? Justificou o ex-presidente: “Os comunistas promoveram a reunião que foi dissolvida, sim”. Mesmo não havendo indício algum de que aquela brincadeira popular — que não era “reunião” — tivesse sido “organizada” por “comunistas”, é

o caso de indagar: que autoridade tem o sr. Jânio Quadros e/ou seus partidários, da “Juventude” ou nem tanto, de “dissolver” reuniões de quem quer que seja, recorrendo à violência?

Não é de estranhar apenas o fato de odiar ser “gozado” aquele que escarneceu da Nação inteira, com sua estapafúrdia renúncia há 24 anos. O problema é que o agora candidato à Prefeitura de São Paulo, talvez em razão de um igualmente estapafúrdio *marketing* político (que parece ter por objetivo colocar o candidato nas páginas dos jornais de qualquer jeito, gerando “fatos políticos” até a partir de sapatos trocados), tem feito seguidas ameaças de reações violentas, a ser praticadas por seus partidários — da “Juventude” ou nem tanto. Ora, bem sabemos que, pessoalmente, o sr. Jânio Quadros sempre quis estar bem longe de situações que lhe pudessem acarretar algum risco. Aquela qualidade de grande destemor físico — que tinha, por exemplo, Carlos Lacerda — não parece ser o forte do ex-presidente renunciante. Suas

constantes — e retumbantes — “advertências”, em termos de ocorrer situações de conflito nas ruas, nos quais possa “correr sangue” etc., nada mais são do que um estímulo a uns tantos desajustados, um sinal verde para a pancadaria, coisa que não se admite nem mesmo em atrasados municípios do interior do Mato Grosso.

Está muito enganado o sr. Jânio Quadros — e/ou seus conselheiros e partidários — se julga que ganhará mais votos paulistanos com recursos primitivos dessa espécie, com esse tipo de truculência que parece, acima de tudo, encenada, caricata, destinada a provocar “fatos” ou “notícias” políticas — a fim de dar “mais espaço” ao candidato nos jornais. Haverá até quem se divirta com tais encenações — o que não significa que, nas urnas, venha a aprová-las.

Que os moedores do Bixiga continuem fazendo tranquilamente suas festas satíricas, suas tradicionais brincadeiras, suas “gozações” — sem medo de extemporâneas e ridículas intimidações.

Fonte: *O Estado de S. Paulo*, edição n. 33.893, de 28/08/1985, p. 3.

¹²¹ ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012, p. 36-45.

A reportagem comenta uma briga no bairro paulistano do Bixiga envolvendo, de um lado, foliões que “comemoravam” o 24º aniversário da renúncia de Jânio Quadros e, de outro, apoiadores de Jânio, em especial um grupo chamado Juventude Janista, comandada pelo deputado federal Gastone Rhigi. A confusão se deu quando os janistas tentaram acabar com as encenações de forma violenta. O editorial é bastante crítico à postura dos janistas e do próprio Jânio, de acordo com quem seus apoiadores estariam “autorizados ao uso da violência”, pois “os comunistas promoveram a reunião, que foi dissolvida”. O jornal indaga quem os autorizou ao uso da violência e afirma que Jânio nunca soube lidar com o contraditório, chamando, por fim, de “ridículas intimidações” os atos janistas.

Ao ler a matéria, é possível perceber que foi produzida visando expor a opinião da direção do jornal sobre um evento já conhecido. Repleta de subjetividade e opiniões, foi publicada no caderno chamado “Notas e informações” que na página 3 do jornal é reservada para editoriais e notas explicativas, o que facilitou nossa classificação. Dentro das categorias propostas, esse editorial se encontra dentro de “Matérias de posicionamento formal”, pois, claramente, há a intenção de mostrar como o editorialista se sente a respeito da confusão no Bixiga.

Pode-se imaginar que alguém perguntaria o porquê desse editorial não se encontrar na categoria de “Matérias circunstanciais” ou “Matérias de campanha”, já que a briga aconteceu durante o período de campanha eleitoral. A primeira categoria não se enquadra nesse caso, pois é reservada para eventos isolados ou majoritariamente descritivos que não necessitam de conhecimento prévio sobre a questão retratada. É fácil notar que o jornalista presumiu que o leitor já possui um conhecimento prévio dos fatos, uma vez que não se preocupou em explicar em detalhes do que aconteceu, nem mesmo a data do ocorrido é mencionada, o que demonstra o entendimento de que o receptor já possuiria essas informações. Também não se enquadra em “Matérias de campanha”, pois os fatos descritos no corpo do texto não se referem a compromissos políticos ou promessas de campanha, e sim à opinião sobre um evento em que alguns apoiadores de Jânio estavam envolvidos.

Um exemplo de “Matérias de campanha” que demonstra bem a diferença com “Matérias de posicionamento formal” foi encontrado na edição n. 33.873, de 04/08/1985, página 9, em que o jornalista Paulo de Tarso escreve sobre os discursos de Jânio Quadros:

Figura 3 - Exemplo de matéria categorizada como “Matéria de campanha” em OESP

O discurso continua igual

Depois de 24 anos da sua renúncia e duas derrotas ao governo do Estado, Jânio Quadros e o janismo tentam, mais uma vez, ressuscitar o velho populismo, agora na disputa pela Prefeitura da Capital. O sanduíche de mortadela e as roupas surradas que desfilava em seus comícios para vereador, deputado, prefeito e governador já não existem mais. Foram trocados pelo “Santana” do ano e motorista particular.

A moldura mudou. Mas o discurso continua o mesmo. E é assim que poderá derrotar seus concorrentes e chegar de novo à Prefeitura de São Paulo, possivelmente auxiliado, nessa corrida, pelo amadorismo de seus adversários, como já observou alguém do próprio PMDB, que não se conforma com o fato de Fernando Henrique Cardoso “ainda não ter desido do seu pedestal”.

Jânio Quadros garante que já tem mais de 60% dos votos. Bravatas do antigo populismo à parte, talvez não esteja muito longe da verdade e, se as eleições fossem hoje, é bem possível que vencesse; mas o quadro pode mudar até 15 de novembro. Mesmo porque o PMDB insiste em dizer que seu candidato “ainda nem iniciou sua campanha”.

Enquanto isso, Jânio, que já está percorrendo os bairros desde o começo do ano e dizendo o que o povo quer ouvir, vai reunindo um número cada vez maior de adeptos a cada “visita” que faz à cada canto da cidade. Os candidatos do PDT, do PT e do PMDB continuam preferindo achar que “isso não passa de curiosidade, pelo folclore que ele representa”.

O tempo passou, a agilidade física não é a mesma, mas seu discurso continua contundente. E acha que, se vencer, não será necessariamente um retorno do antigo populismo. “Acho que será consequência dos dois governos: mau governo estadual, mau governo municipal — diz ele. — Um governo estadual que, num momento de crise, compra um helicóptero e um ônibus de luxo; um governo municipal que aumenta as tarifas dos transportes de 500 para mil cruzeiros. 900 cruzeiros? Conversa, porque o cobrador nunca tem troco, de maneira que são os mil cruzeiros mesmo. E essa enxurrada de nomeações feitas na antevéspera da proibição? Você pensa que isso não escandaliza o povo? O povo é mais politizado do que se imagina. O povo está fervendo de raiva.” Promete moralidade no serviço público e segurança para a população.

Quanto ao populismo, diz que o vocábulo só tem conotação desairosa “para quem não conhece o vernáculo: populista é aquele que governa ao longo dos anseios e das reivindicações populares, com o ouvido no chão, como os índios, distinguindo esses anseios, essas reivindicações e incorporando-os ao seu pensamento, às suas diretrizes, isso é ser populista”.

“O avesso do populista é ser aristocrático, que se nega a entender o povo, não compreende a linguagem do povo” — acrescenta. E arremata com uma farpa para seu mais próximo concorrente, que ele teima em afirmar, que ficará em terceiro lugar: “A linguagem do povo, positivamente não é a do sociólogo, não é a do erudito, não é a daquele que deita a sua inteligência de forma esmagadora, se não humilhante, sobre a classe média, ou sobre o proletariado. Você precisa de lingua-

gem apropriada para conversar com os diversos segmentos da população”.

Assume, em seguida, de certa forma, a sua própria demagogia: “O que é demagogo? Demagogo não é aquele que interpreta o pensamento do povo? Deu-se também uma interpretação suspeita ao demagogo. Mas a verdadeira conotação para demagogo é o político que interpreta os anseios do povo, a vontade do povo”. E sentencia: “Todo governo que não seja populista está fadado a desaparecer. Não pode haver outro governo, a menos que ele seja aristocrático”.

E é o próprio candidato do PTB que confessa que seu discurso é o mesmo das campanhas anteriores, “porque as necessidades são as mesmas”, explicando que a cidade cresceu, “mas cresceu também a multiplicidade dos seus reclamos, das suas exigências”. Por isso, “a tônica da campanha” continua a mesma e “é uma só: a do atendimento a essas necessidades, porque já provei saber fazer quando prefeito e quando governador. Fui o melhor prefeito desta cidade, fui o melhor governador deste Estado. E acontece que a cidade cresceu e não foi atendida no seu crescimento”.

Ao lado do discurso, a mesma teatralidade e a mesma contradição. É o mesmo Jânio, eleito, em 1953, numa coligação do Partido Democrata Cristão e Partido Socialista Brasileiro, então duas pequenas agremiações, derrotando os sete partidos mais fortes da época — PSP, PSD, UDN, PRP, PR, PRT e o PTB, que agora o apóia e que hoje condena o registro dos partidos de esquerda.

Paulo de Tarso

Fonte: *O Estado de S. Paulo*, edição n. 33.873, de 04/08/1985, p. 9.

Nessa matéria, o primeiro impulso foi classificá-la como uma “Matéria de opinião”, já que o jornalista colocou bastante subjetividade no texto. Entretanto, ao analisar o texto mais atentamente, podemos observar que seu principal foco não é uma crítica ao “discurso populista”¹²². Apesar de haver tal crítica, não há um evento específico que justifique a crítica; é um texto muito mais voltado a descrever o estilo de discurso que está sendo adotado. Existem bastantes citações dos candidatos, em especial, de Jânio, mas não são usadas como um contraponto ao texto ou uma confirmação da opinião do jornalista, mas sim como uma forma de detalhar o que está sendo descrito. Ao contrário do exemplo anterior, nesse texto, há uma alternância de “tom” que, ora parece contrário ao “discurso populista”, ora parece a favor do que está

¹²² O conceito de populismo utilizado pelo jornalista Paulo de Tarso parece estar relacionado ao aspecto de propor soluções simples para questões apresentadas com objetivo de agradar uma parcela significativa da população, mesmo que a solução apresentada não seja a melhor disponível. Para saber mais sobre o populismo o livro “O Populismo e Sua História: Debate e crítica” (2001) organizado por Jorge Ferreira é uma leitura recomendada.

sendo dito na campanha. Por tentar retratar mais o que estava acontecendo na campanha do que convencer o leitor de um ponto de vista, a matéria se encontra nos “conteúdos” classificados como “Matérias de campanha”.

Os dois exemplos expostos foram escolhidos para demonstrar a dificuldade de categorizar matérias jornalísticas. Ao definir um critério objetivo de classificação, sem uma leitura analítica do conteúdo das matérias jornalísticas, poderíamos incorrer em representações equivocadas, ou até mesmo na invalidação de categorias. Por exemplo, se o critério escolhido para classificar as matérias em “Matérias de posicionamento formal” fosse “haver subjetividade”, seria possível colocar todos os textos dentro dessa categoria, pois sempre há um grau de subjetividade em qualquer texto. Pensando em como os textos foram elaborados e quais seus propósitos, ficou mais compreensível e viável realizar a categorização a que nos propomos aqui.

“Matérias de apoio e pré-campanha” focam na disputa de apoio dos candidatos e dos partidos para formar uma coalização eleitoral forte. A matéria “não negociarei apoio”, do dia 28/05/1985, edição n. 33.814, página 5, é um bom exemplo desse caso:

Figura 4 – Exemplo de matéria categorizada como “Matérias de apoio e pré-campanha” em OESP

Setúbal: “Não negociei apoio”

AGÊNCIA ESTADO

O ministro das Relações Exteriores, Olavo Setúbal, negou ontem no Rio que tenha mantido encontro com o ex-presidente Jânio Quadros para negociar apoio à sua candidatura a prefeito de São Paulo. Ele disse que não há nada que obrigue ou que impeça uma aliança do Partido da Frente Liberal com o candidato Jânio Quadros ou com o candidato a ser apresentado pelo PMDB.

“Não tive nenhum encontro com nenhum político de São Paulo a respeito da eleição para prefeito. Eu entendo que esse problema político deva ser resolvido pela comissão provisória da Frente Liberal em São Paulo, presidida pelo deputado Herbert Levy, cujo secretário-executivo é o ex-governador José Maria Marin e da qual fazem parte os políticos mais representativos do Estado, filiados à Frente”, afirmou o ministro.

Setúbal disse que apoiará o candidato que a comissão provisória do PFL escolher, mas não quis fazer uma avaliação nem da candidatura do ex-presidente Jânio Quadros nem de outros candidatos.

Enquanto isso, o PTB de São Paulo continua alimentando a esperança de uma coligação com o Partido da Frente Liberal (ainda que sem ceder-lhe, necessariamente, a vice-prefeitura), para derrotar o candidato do PMDB à sucessão do prefeito Mário Covas. Ontem, o líder do PTB na Câmara, deputado Gastone Righi, conversou rapidamente sobre o assunto, no voo entre São Paulo e Brasília, com o ex-deputado Cláudio Lembo, do PFL, chefe de gabinete do Ministério da Educação, e que vem sendo sondado para a vice-prefeitura.

Há duas semanas Jânio Quadros telefonou ao professor Cláudio Lembo, convidando-o para uma conversa em sua residência no Guarujá. Lembo invocou a hierarquia partidária para não aceitar o convite, alegando que precisava consultar o ministro da Educação, Marco Maciel, um dos líderes do PFL. Segundo Righi, Jânio então disse que iria à casa de Lembo, o que ainda não fez.

Fonte: *O Estado de S. Paulo*, edição n. 33.814, 28/05/1985, p. 5

Nessa figura, pode-se ver a disputa pelo apoio do PFL e de Olavo Setúbal. A classificação, nesse caso, é mais fácil que os anteriores, uma vez que o teor do texto é claramente sobre apoio político para as eleições.

As “Matérias de pesquisa eleitoral” e “Cartas dos leitores” são de fácil classificação, já que possuem estruturas fixas (estatísticas para mostrar as intenções de votos, na primeira, e formato epistolar, na segunda). Além disso, geralmente estão localizadas em partes do jornal em que não há muito espaço para dúvidas sobre sua natureza e intenção. “Cartas dos leitores” se diferenciam da “Matérias de posicionamento formal”, que expressam a opinião das pessoas de “dentro” do jornal, seus diretores, colunistas, jornalistas e editorialistas, enquanto as “Cartas dos leitores”

exprimem as opiniões de quem recebe externamente as informações produzidas pelo jornal.

Figura 5 – Exemplo de matéria categorizada como “Matérias de pesquisa eleitoral” em OESP

Jânio sai na frente,

Jânio Quadros largou na frente na primeira grande pesquisa do Instituto Gallup para esta fase final da campanha à Prefeitura de São Paulo. O ex-presidente (PTB-PFL) teve 32% de preferências, contra 29% de Fernando Henrique Cardoso (PMDB), o segundo colocado. Mas o levantamento também mostra que muita coisa pode mudar até novembro: 13% dos entrevistados disseram que ainda não escolheram nenhum candidato. Adêmair de Barros Filho (PDT) apareceu em terceiro lugar, com 10%. Vieram a seguir Eduardo Matarazzo Suplicy (PT), que obteve 5% das indicações, e Rogério Ferreira (PSB), apoiado por 3%. Os outros oito concorrentes, somados, não passaram de 3%.

O levantamento em São Paulo foi feito entre os dias 23 e 25 de agosto e faz parte da pesquisa eleitoral realizada pelo Gallup com exclusividade para O Estado, Jornal da Tarde, TV Globo, O Globo e revista Veja nas dez maiores capitais brasileiras. No caso paulista, foram entrevistados



me, os pesquisadores apresentaram um cartão circular, no qual estavam incluídos todos os 13 representantes oficiais dos partidos. Ai Jânio levou vantagem, merecendo a indicação de 14%, contra 11% de seu adversário mais próximo, o peemedebista. O índice final resultou da soma desses dois percentuais, e o ex-presidente saiu na frente, com 32%.

Analisando os dados oferecidos pelo instituto, Adélia Maria Franceschini, chefe do Departamento de Pesquisa de Mercado da OESP Planejamento, observa que essa distinção entre o voto definido e o voto provável, é importante. Principalmente para os candidatos. "Os eleitores que ainda não manifestam convicção na escolha, e só se decidiram ao ver impresso no cartão o nome dos concorrentes, são aqueles que podem mudar de opinião até novembro", explica Adélia. "A posição final deles, portanto, vai depender do comportamento dos candidatos nos comícios, debates e outras iniciativas da campanha."

No total, 43% dos eleitores ouvindo, dos não têm dúvidas sobre o nome que vão colocar na urna. Isso também significa que os outros 57%, mais da metade, ainda podem ser trabalhados. Adélia ressalta que essa

tia por algum partido. O PMDB lidera a lista, com 27% de preferências— índice quase idêntico ao obtido por seu candidato. Jânio, ao contrário, não recebe nenhum reforço do PIB, que só mereceu 6% das indicações e ficou em terceiro. Com Suplicy ocorreu o inverso. O PT (9%) confirmou ter mais prestígio que ele e chegou em segundo na briga das siglas.

6 para quem gosta de comparações e de verificar a tendência do eleitorado, o Gallup recorreu aos números guardados em seu arquivo desde maio. Jânio é o candidato mais conhecido na cidade (66%), começou a campanha com o dobro (33%) de aceitação do que os adversários diretos e tem sido o personagem com posição mais estável na história da eleição. Ele manteve o patamar (32%) em junho, recuou um pouco no início de agosto (29%) e recuperou o fôlego no final do mês (32%).

Fernando Henrique, entretanto, foi quem mais avançou proporcionalmente nesses três meses de caça ao voto. Em maio, quando ainda não manifestava a intenção de disputar a Prefeitura, o senador foi lembrado por 16% dos entrevistados, empatando com Adêmair. Livrou alguns pontos em junho (20%) e ganhou força no

Fonte: O Estado de S. Paulo, Edição n. 33.897 de 01/09/1985, p. 14.

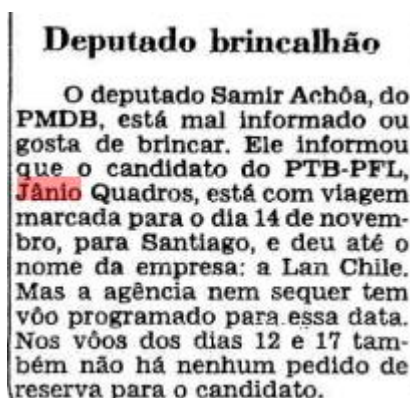
Figura 6 – Exemplo de matéria categorizada como “Cartas dos leitores” em OESP



Fonte: *O Estado de S. Paulo*, Edição n. 33.846 de 04/07/1985, p. 2.

Por fim, a categoria “Matérias circunstanciais” se destina às matérias que não se enquadram nas outras categorias, as quais podem ser lidas de forma mais independente, pois se explicam no decorrer do texto, não exigem grandes conhecimentos prévios do assunto ou não tiveram grandes consequências. Não noticiam um evento de campanha, nem de apoio a uma candidatura, não apresentam dados de intenção de votos e nem opiniões claras. Podem representar falas de terceiros sobre Jânio Quadros que não tiveram outras repercussões além da própria notícia, eventos relacionados a decisões da justiça eleitoral, entre outras. Para ilustrar a categoria podemos recorrer à edição n. 33.937, de 18/10/1985, página 5, sob a manchete “Deputado brincalhão”:

Figura 7 – Exemplo de matéria categorizada como “Matérias circunstanciais” em OESP



Fonte: *O Estado de S. Paulo*, edição n. 33.937, de 18/10/1985, p. 5.

Nesse curto texto, o deputado Samir Achôa informou que Jânio iria fazer uma viagem que, na verdade, não aconteceria. É um episódio isolado, sem desdobramentos relevantes ou causas conhecidas. O jornal não apresentou em nenhum momento uma resposta de Jânio sobre essa fala, nem o fato foi evidenciado como importante na campanha. Como Jânio é citado, a notícia precisou constar em nosso banco de dados, pois é um “conteúdo” considerado na pesquisa embora não caiba em outras categorias. Se houvesse outras falas com o mesmo teor em outras matérias, poderíamos classificá-la como “Matéria de campanha”, mas não há. Logo, não se pode dizer que é uma ferramenta de campanha, e sim um episódio circunstancial da campanha, o que justifica sua classificação.

Os números de “conteúdos” de *OESP* nos revelam informações interessantes, a começar pela quantidade de “conteúdos” do tipo “Pesquisas eleitorais”. Visando a preservação da análise e a não poluição da conclusão, descartamos a primeira pesquisa de opinião, do ano de 1985, publicada em 30/03/1985¹²³ e que fora encomendada pelo próprio Palácio dos Bandeirantes, pois ela criava um cenário hipotético, bastante plausível à época, mas que não se concretizou e não se relaciona com o tema desta pesquisa.

Considerando, portanto, que a primeira pesquisa eleitoral a respeito da sucessão de Mário Covas como prefeito de São Paulo aconteceu em 28/06/1985¹²⁴ e fora realizada pelo IBOPE, temos que Jânio estaria com 7,5 pontos percentuais à frente de Fernando Henrique Cardoso (29,8% contra 22,3%, respectivamente). Já a última pesquisa veiculada foi realizada em 27/10/1985, pelo Instituto Gallup, e mostrava Fernando Henrique Cardoso à frente de Jânio, porém, ambos tecnicamente empatados dentro da margem de erro.¹²⁵ Vale ressaltar que a legislação, à época, proibia a divulgação de pesquisas nos últimos quinze dias antes da data da votação. Podemos ver que, no período de quatro meses, foram publicadas 24 pesquisas de opinião, uma média de uma pesquisa por semana. Podemos auferir, a partir da média, que o jornal possuiu uma certa regularidade ao divulgar o resultado das pesquisas, não deixando de publicá-las quando Jânio Quadros descia nas intenções de voto.

Mas, talvez o ponto de maior destaque seja a categoria “Matérias de apoio e de pré-campanha” aparecer com a maior quantidade de “conteúdos”. Esses

¹²³ *OESP*, edição n. 33.765, de 30/03/1985, p. 2.

¹²⁴ *OESP*, edição n. 33.841, de 28/06/1985, p. 5.

¹²⁵ *OESP*, edição n. 33.945, de 27/10/1985, p. 1 e 4.

“conteúdos” demonstram quão complexas foram as articulações envolvendo a oficialização da candidatura de Jânio. O candidato vinha de duas derrotas eleitorais para o cargo de governador, e a candidatura de um ex-presidente da República para uma Prefeitura foi vista de formas diferentes: como uma fraqueza ou como uma chance de se reerguer e retornar ao cenário nacional. A hipótese do renascimento de Jânio mexia com o complicado tabuleiro político brasileiro. Sua vitória na Prefeitura poderia levá-lo à disputa pelo governo do estado, onde inevitavelmente enfrentaria o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e o Partido dos Trabalhadores (PT), como também poderia enfrentar o recém-criado Partido da Frente Liberal (PFL), um aliado naquele momento, mas que demorou para oficializar seu apoio a Jânio Quadros, candidato pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

O mais provável era que Jânio desejasse alçar voos mais altos, já que mais de uma vez verbalizou sua vontade de concorrer à Presidência da República e, também, foi considerando um importante contrapeso contra Leonel Brizola em uma hipotética disputa nacional. Dessa forma, os atores políticos que desejavam findar a predominância política exercida pelo PMDB, naquele momento, se perguntavam até que ponto valeria a pena fortalecer Jânio para que enfraquecesse o PMDB em seu principal reduto eleitoral, sem que, no entanto, fossem fagocitados pelas pretensões políticas do ex-presidente.

O elevado número de “conteúdos” referentes aos apoios e aos atos de pré-campanha demonstra que, para o jornal, os detalhes da consolidação da chapa de Jânio importavam tanto quanto o resultado das eleições em si. Percebendo o apoio que o jornal demonstrava ao PFL e, em especial, a Olavo Setúbal, podemos dizer que o elevado número de “conteúdos”, nessa categoria, demonstra que existiam interesses do jornal no desenrolar da situação de Jânio enquanto pré-candidato, intimamente ligados com as ações futuras do PFL.

O número de “conteúdos” das “Matérias de posicionamento formal” também reflete que o jornal não se furtou em opinar sobre os acontecimentos da eleição. Pressupondo que existe uma relação desigual de forças entre mídia e indivíduo receptor da mensagem¹²⁶, é tentador imaginar um determinismo manipulativo da mídia, no qual ela “força” sua posição enquanto os receptores ficam passivos,

¹²⁶ Com base no poder simbólico tratado anteriormente.

aguardando que seja dito como devem pensar e agir. Essa suposição é completamente errônea, e hoje já se entende que a comunicação não é uma via de mão única.

Entender o significado dos números referentes às “Matérias de posicionamento formal” é bastante interessante, pois, além de ser uma forma explícita de defesa de um ponto de vista, os “conteúdos” dessa categoria geralmente seguem uma fórmula: uma situação-problema é apresentada e a ela é atribuída uma causa e, normalmente, uma solução. O elevado número de “conteúdos” está relacionado ao engajamento do jornal em relação à candidatura de Jânio Quadros, demonstrando que o jornal estava, de fato, envolvido nas eleições da capital paulista.

Para classificar as matérias “pró-Jânio”, “contra Jânio” ou com focos em terceiros também buscou-se criar uma regra geral, com base nos elementos semânticos e imagéticos. Os casos mais complexos estão detalhados ao longo deste trabalho.

Por exemplo, a matéria de *OESP* do dia 08/09/1985, intitulada “Maluf invade o palanque e ainda desafia Montoro”¹²⁷ diz que o deputado Paulo Maluf, do Partido Democrático Social (PDS) desafiou Franco Montoro a sair junto de Fernando Henrique Cardoso para pedir votos, dizendo que o governador não faria isso, pois seria vaiado. O deputado também disse que, após a decisão do PDS de não lançar candidato para o pleito, Jânio subiu nas intenções de voto de 27% para 32%, mesmo assim, ainda não tinha decidido se votaria no ex-presidente ou não. Essa matéria foi classificada como uma “*Matéria de campanha*” pró-Jânio, por conta do apoio discreto de Maluf a Jânio. Ao apresentar números referentes à pesquisa eleitoral, poder-se-ia pensar em classificá-la como “*corrida de cavalos*”, entretanto, entendemos que a parte central da notícia é o apoio de Maluf e não as estatísticas apresentadas.

O teor do texto é muito similar ao de alguém que está em campanha, uma vez que enfraquece o principal rival de Jânio Quadros e, ao mesmo tempo, valoriza Jânio enquanto candidato ao colocá-lo como provável vencedor da disputa. Na matéria, vê-se que o jornal evidenciou os aspectos negativos de Montoro, associando-o a Fernando Henrique Cardoso, ocultou aspectos negativos de Jânio e ainda deu espaço para o interlocutor mostrar o peso de seu apoio, ainda que não oficial. Dessa forma, interpretamos esse “conteúdo” como favorável a Jânio.

¹²⁷ *OESP*, edição n. 33.903, de 08/09/1985, p. 15.

Tal trabalho de interpretação foi realizado em todos os “conteúdos” do período pesquisado. Além das observações gerais que permitiram a classificação dos “conteúdos” com base em elementos textuais e contextuais, algumas características específicas de cada categoria também foram levadas em consideração.

A categoria “Matérias de posicionamento formal” foi a que permitiu, de forma relativamente mais fácil, verificar o posicionamento do jornal. Enquanto os editoriais eram geralmente favoráveis a Jânio, as colunas eram majoritariamente contrárias ao ex-presidente. O jornalista Mauro Chaves¹²⁸ se mostrou um dos principais críticos de Jânio em suas colunas, usando tons bastante incisivos. Em 20/09/1985, o jornal inaugurou uma seção chamada “Palanque”, dedicada exclusivamente às eleições da cidade de São Paulo, com textos curtos de alguns colunistas.

Figura 8 – Exemplo de matéria categorizada como “Matérias de posicionamento formal” pró-Jânio em OESP



Fonte: *O Estado de S. Paulo*, edição n. 33.936, de 17/10/1985, p. 7.

Essa pequena coluna retratada acima, sem assinatura, dentro da seção “Palanque”, presente na edição n. 33.936, de 17/10/1985, na página 7, traz um bom exemplo de como procedemos com a análise durante a pesquisa. Jânio foi retratado como um profissional da política, não no sentido weberiano¹²⁹ do termo, mas como alguém muito experiente e que já entende as “regras do jogo”. Em contraposição, o

¹²⁸ Mauro Roberto Fernandes Chaves (26/04/1941–10/02/2011) foi um jornalista, escritor, bacharel em direito e colaborador do jornal *O Estado de S. Paulo*, onde trabalhou como articulador, colunista e editorialista, de 1981 até 2011.

¹²⁹ WEBER, M. **Ciência e política**: duas vocações. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2011. Nessa obra, o economista e sociólogo alemão faz uma separação do homem que vive “para” a política – aquele que transforma a vida pública em sua “finalidade de vida” (p. 79) e, para isso, precisa ser uma pessoa rica, economicamente disponível para não precisar se preocupar com obrigações fora da política – do homem que vive “da” política, ou seja, que depende do salário como político para “atingir esse objetivo essencial: garantir o futuro” (p. 84), este seria o político profissional.

candidato Fernando Henrique Cardoso foi apresentado como um “amador”, alguém que não é experiente. A imagem reforça essa ideia: enquanto Fernando Henrique Cardoso joga dinheiro fora, Jânio está mostrando total domínio das notas de dinheiro. Pensando em um contexto de eleições, existe um favorecimento evidente da imagem de Jânio perante Fernando Henrique Cardoso, afinal quem votaria em um candidato “amador” e que desperdiça dinheiro? Por isso, tal “conteúdo” foi considerado como uma “Matéria de Opinião”, do tipo favorável a Jânio.

Em contrapartida, o jornal do dia 20/10/1985, em sua segunda página, traz uma coluna do jornalista Fernando Pereira.

Figura 9 – Exemplo de matéria categorizada como “Matérias de posicionamento formal” contra Jânio em OESP

da. Viva o general Pelé. Quanto ao paranóico Jânio Quadros, não há dúvida de que ele não andaria nas alturas em que ainda anda, se os nossos homens públicos (a começar pelos do governo e do PFL, que agora lhe dão a mão) não fossem tão faltos de lucidez e de espírito público, tão cegos pelas suas próprias ambições e espertezas pequeninas. Sem um pouco de altura moral e de simples decência, não se pode fazer da política uma atividade digna, merecedora do respeito do povo. Jânio está hoje em campo para provar que o Brasil é um país de Delfins e Golberys e que a política é uma atividade irremediavelmente aética, dominada pela demagogia e pela falta de escrúpulos. Será mesmo?

Fonte: OESP, edição n. 33.939, de 20/10/1985, p. 2.

O texto, extremamente crítico a Jânio, diz que o candidato planejava invadir às Guianas Inglesas, atual República das Guianas, e ao Paraguai, se continuasse como presidente. Fernando Pereira termina sua coluna de forma bastante crítica.

Ao olharmos para a caracterização de Jânio feita pelo jornalista, destacamos termos como “paranoico”, sem “altura moral” e sem “decência”, “aético” e “falta de escrúpulos”. Há clara intenção de afetar a imagem de Jânio negativamente com o uso

de palavras depreciativas e insinuações sobre sua falta de caráter e de sanidade. Ao ler o texto, é possível classificá-lo como “Matéria de opinião” do tipo contra Jânio.

Seguindo a classificação dessa forma, obtivemos um total de 30 “conteúdos” do tipo “Matérias de posicionamento formal”, das quais 13 foram considerados pró-Jânio (43,3%), 15 contra Jânio (50%) e 2 apenas citavam o candidato (6,7%), mas tinham foco em outros atores políticos.

Esses números trazem reflexões importantes acerca de percepções sobre o jornal *O Estado de S. Paulo*. Considerado um jornal conservador em suas posições políticas, como demonstram Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado: “o conservadorismo, o elitismo, e a postura dominante são a tônica das propostas do jornal”,¹³⁰ esperava-se que a posição do jornal sobre Jânio fosse bastante homogênea. Entretanto, apesar de deixar claro seu apoio a Jânio nos editoriais, o diário abria bastante espaço para seus críticos nas colunas, tentando transparecer uma ideia de imparcialidade ou de, pelo menos, uma abertura ao contraditório. Se olharmos para as matérias individualmente e parássemos a pesquisa nesse ponto, poder-se-ia concluir que o jornal possuía opiniões equilibradas a respeito de Jânio, não o favorecendo, nem o prejudicando. Contudo, tomar como verdadeira tal conclusão, tendo como base apenas a análise de uma categoria seria temerário e potencialmente equivocado. Dessa forma, analisamos as demais categorias a fim de criar um quadro bastante amplo e capaz de subsidiar uma análise mais completa.

Considerou-se que nos casos em que uma matéria começasse em tom crítico a Jânio, mas, em sua estrutura predominasse um espaço de resposta, esta seria considerada como pró-Jânio.

Outro critério de classificação foi o de declaração de apoio. Quando a matéria especulava, afirmava ou informava sobre um apoio, era classificada como de “conteúdo” pró-Jânio se o apoio fosse dirigido a ele; ou contra Jânio se o apoio fosse dirigido aos outros candidatos. Esse critério também foi utilizado para as críticas aos apoios recebidos.

Olhemos para alguns exemplos que ilustram a forma como realizamos a classificação nessa categoria antes de seguirmos adiante com o número de matérias que apoiam ou desapoiam Jânio. A edição n. 33.834, de 20/06/1985, em matéria

¹³⁰ CAPELATO, M. H.; PRADO, M. L. C. **O bravo matutino**: imprensa e ideologia no jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980, p. 129.

intitulada “Ameaça peemedebista”, na página 7, traz um pequeno texto de uma fala de Roberto Cardoso Alves, então secretário-geral do PMDB:

Figura 10 – Exemplo de matéria categorizada como “Matéria de apoio ou pré-campanha” pró-Jânio em OESP

Ameaça peemedebista
 O secretário-geral do PMDB, deputado Roberto Cardoso Alves (SP) disse ontem em Brasília que não exclui a possibilidade de se transferir para outra legenda, pois acha que não tem no plano estadual o mesmo espaço político de que desfruta a nível nacional. Com isso, o deputado admitiu que, se continuar sem ser prestigiado pelo governador Franco Montoro e seu secretariado, poderá apoiar oficialmente a candidatura de Jânio Quadros para a Prefeitura de São Paulo

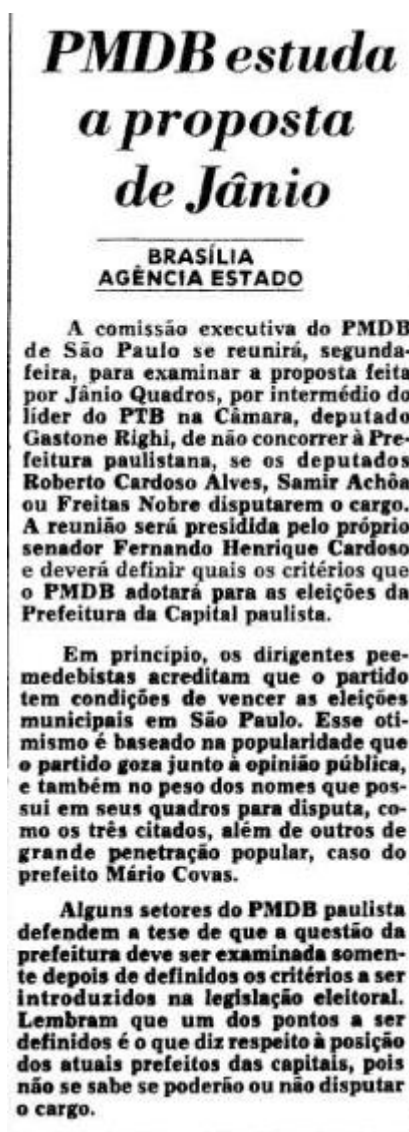
Fonte: OESP, edição n. 33.834, de 20/06/1985, p. 7.

A matéria traz o nome de Jânio apenas marginalmente, com o foco na fala de Roberto Cardoso Alves que se sentia desprestigiado dentro de seu partido. Não é o intuito deste trabalho verificar se ele de fato foi preterido em alguma decisão, ou como estavam organizadas as tendências políticas dentro do PMDB, nem como se dava o jogo de poder dentro do partido, mas nos interessa a ameaça em abandonar o partido e a fala sobre apoiar Jânio.

A eleição em São Paulo era bastante sensível ao PMDB e a Jânio. Por isso, uma possível mudança de lado do secretário geral do PMDB teria grandes consequências no pleito e favoreceria Jânio, tanto com informações internas que ele poderia levar para o principal concorrente, quanto com apoio explícito. Por essas razões, o “conteúdo” foi considerado como “Matéria de apoio ou pré-campanha” positiva para Jânio.

Um exemplo dos casos raros em que o apoio foi analisado com base em falas de quem seria o vencedor do pleito é a matéria “PMDB estuda a proposta de Jânio”, da edição n. 33.759, de 23/03/1985, na página 2.

Figura 11 – Exemplo de matéria categorizada como “Matéria de apoio ou pré-campanha” contra Jânio em OESP



Fonte: *O Estado de S. Paulo*, edição n. 33.759, 23/03/1985, p. 2.

O trecho faz parte de um “conteúdo” categorizado como “Matérias de apoio ou pré-campanha”, uma vez que se trata de movimentações políticas anteriores ao lançamento oficial das candidaturas, e revela a vocalização de apoio de Jânio a determinados políticos do PMDB. Mesmo que se tratasse de uma manobra visando dividir o PMDB e que Jânio não tivesse cogitado, de fato, desistir de sua candidatura, há uma declaração de apoio, o que permite enquadrar a matéria dentro dos parâmetros da categoria “Matérias de apoio ou pré-campanha”.

Mais difícil do que categorizar, foi definir essa matéria como pró-Jânio, contrária a Jânio ou com um foco em outro candidato. A última opção foi descartada, uma vez que Jânio Quadros foi relevante o suficiente para que, após uma declaração sua, a cúpula do PMDB se reunisse, o que situa o ex-presidente no epicentro do acontecimento. Ao descrever que uma fala de Jânio foi suficiente para mobilizar a o alto escalão do PMDB paulista, podemos categorizar esta matéria como pró Jânio, já que existiria uma demonstração da força de Jânio enquanto personagem atuante nos rumos da política? Essa saída nos pareceu artificial, uma escolha que exigiria um grande esforço argumentativo para transformar a possibilidade de saída do pleito em algo positivo para sua imagem. Pelo contrário, entendemos que, ao desistir de concorrer, a imagem dele ficaria com mais uma marca negativa. Além disso, no trecho:

Em princípio, os dirigentes peemedebistas acreditam que o partido tem condições de vencer as eleições municipais em São Paulo. Esse otimismo é baseado na popularidade que o partido goza junto à opinião pública, e também no peso dos nomes que possui em seus quadros para a disputa, como os três citados, além de outros de grande penetração popular, caso do prefeito Mário Covas.

A matéria demonstra que o principal partido adversário de Jânio Quadros nas eleições fora retratado como uma agremiação com muitos bons políticos que poderiam vencer a disputa, independentemente de uma pessoa específica estar ou não na chapa. Essa força atribuída ao PMDB, na matéria, nos convenceu de que, bastante sutilmente, o jornalista colocou o PMDB em um patamar um pouco superior aos demais partidos e, portanto, superior a Jânio. Sendo um dos casos mais difíceis encontrados, esse conteúdo foi classificado como uma menção com aspectos negativos a Jânio, após bastante consideração dos pontos acima levantados.

Utilizando esses critérios, chegamos a 46 “conteúdos” pró-Jânio (46,9%), 15 contra (15,3%) e 37 em que Jânio aparecia como uma figura secundária na matéria (37,8%). Os números revelam que o jornal se organizou para dar um aspecto positivo à sua possível candidatura. A renúncia do cargo de presidente era sempre lembrada, mas também comumente acompanhada de explicações do próprio Jânio, que se defendia alegando que o gesto fora um movimento honrado, pois preferira renunciar a se dobrar aos desejos espúrios de seus adversários.

A hesitação de Fernando Henrique Cardoso em aceitar que seria candidato ao cargo de prefeito foi lembrada várias vezes, antes e durante da campanha, impulsionando os “conteúdos” considerados positivos a Jânio.

Outro fator de destaque foi a indefinição do vice da chapa de Jânio Quadros. O cargo foi especulado entre os mais diversos políticos do cenário paulista, incluindo desde peemedebistas como Freitas Nobre, Roberto Cardoso Alves, Samir Achôa e Dorival Abreu, até seu adversário no pleito, Adhemar de Barros Filho, ou o ministro Claudio Lembo, como uma forma de selar a aliança do PTB com o PFL. Estranhamente, o vice escolhido foi Artur Alves Pinto (do próprio PTB), muito pouco especulado pelo jornal.

Entre as “Matérias de campanha”, foram classificadas 53 como positivas (60,2%), 29 como negativas (33,0%) e 6 com foco em outros atores, mais descritivas ou com trocas de acusações entre os candidatos (6,8%). As menções negativas giraram, predominantemente, ao redor de três momentos da campanha. Em menor escala, ao incidente da briga entre a juventude janista e as pessoas que atearam fogo em um boneco de Jânio, no bairro do Bixiga, episódio em que a violência foi justificada e incentivada pelo candidato.

O segundo momento de críticas do jornal, que configuram a maioria dos “conteúdos” negativos nessa categoria, foram as constantes rugas entre Quadros e os jornalistas que cobriam sua campanha. As constantes ausências de Jânio nos debates eram sempre pontuadas pelo jornal, bem como sua guerra verborrágica contra repórteres que fizessem perguntas ou insinuações que não o agradassem.

Por fim, a acusação de uma possível tentativa de estupro realizado por Jânio, em 1968, contra uma camareira de um hotel em que estava hospedado também rendeu “conteúdos” negativos para Jânio, mas em pouca quantidade. O exemplo abaixo foi a primeira matéria de *OESP* sobre o caso.

Figura 12 – Exemplo de matéria categorizada como “Matéria de campanha” contra Jânio em OESP

Tentativa de estupro, a acusação contra Jânio

O deputado José Yunes (PMDB-SP) acusou ontem o ex-presidente Jânio Quadros de ter tentado estupro a camareira Terezinha Moura Soares no dia 5 de setembro de 1968, quando estava confinado no Hotel Santa Mônica, em Corumbá. Segundo o deputado, a denúncia da camareira nunca foi investigada porque o inquérito policial desapareceu, mas alguém lhe mandou uma cópia do processo há um mês. Yunes investigou o caso, encontrou Terezinha Moura Soares e ontem garantiu que ela confirmou a denúncia de 58.

"É esse o homem que prega a moralidade, a segurança, que diz que é religioso e defensor dos bons costumes, o grande farsante do PTB que pretende ser prefeito de São Paulo", comentou Yunes, acrescentando que só não divulgou a denúncia antes por cautela, para se certificar de sua veracidade. Segundo ela, dona Terezinha Moura Soares, que na época tinha 28 anos, foi encontrada no Mato Grosso, mas agora está hospedada nas proximidades da Capital. Ela confirmou a acusação e lavrou uma escritura de declaração no 19º Tabelionato de Notas de São Paulo antontem, ratificando todos os termos da queixa apresentada em 1968 ao posto do Departamento de Polícia Federal.

O deputado pretendia ainda ouvir todos os envolvidos na queixa contra o ex-presidente, das testemunhas aos oficiais e delegados, esperando divulgar o documento só na próxima semana. Como a informação chegou aos assessores de Jânio, e o deputado Gastone Righi fez a sua defesa antes mesmo da acusação, Yunes decidiu antecipá-lo, lembrando que "a vítima já confirmou tudo". Segundo ele, a camareira não retirou a queixa, como afirmou o deputado janista, mas não pensava mais no caso, porque, "como ela própria diz, rico nunca é preso neste país".

Conforme Yunes, o comandante militar da área de Corumbá, na ocasião o general Lima Mendes, determinou a destruição do inquérito policial contra o ex-presidente, depois de um acordo de Jânio com o regime militar. O deputado lembrou que o desaparecimento de um inquérito é tão grave quanto a destruição de provas ocorrida no caso Baumgarten e no assassinato do jornalista Mário

e declarou: que a declarante trabalha no Santa Monica Hotel, dá a data e a função de "quartel", que, se encontrando em seu serviço, hoje, fora determinado pelo senhor Jânio de tal que trabalha na - Fortaria daquela hotel, para que a declarante fizesse a limpeza do - Apartamento de N°606, cujo Apartamento se encontra hospedado o cidadão Jânio da Silva Quadros, que, recebendo a incumbência, aproximadamente em três horas, mais ou menos, fora até ao apartamento do senhor Jânio Quadros, que, entrando para o referido apartamento, com a intenção de cumprimentar a limpeza, se encontrou dentro do mesmo apartamento, o seu cônjuge, senhor Jânio da Silva Quadros, fora por esse interrompido, e - qual dizia à declarante se ela não queria receber um presente semanal na importância de R\$100,00 (cem cruzeiros novos) que, a declarante perguntava ao senhor Jânio Quadros porque aquele presente, mas o mesmo não respondeu, somente prometendo o presente, e a declarante, então, sempre que o mesmo prometia o presente, perguntava ao mesmo o porque daquele presente, mas o mesmo não respondeu, que a declarante continuava na limpeza do apartamento e o senhor Jânio Quadros continuava dentro do mesmo, que, em cada momento, se encontrando a declarante com o litão em que colorava o lixo, não mais, fora inesperadamente agarrada pelo senhor Jânio da Silva Quadros, e qual - fingia a declarante, beijando-a e com ela pretendendo manter relações sexuais, que, sendo o senhor Jânio Quadros, forte de físico, a declarante não conseguiu se libertar do mesmo, e, para escapar, se libertou, que o senhor Jânio Quadros somente a soltou quando os papéis da escriturinha começaram a voar e o mesmo talvez com o barulho supondo que fosse alguém que estivesse tentando entrar no apartamento, largara-a, que, quando o senhor Jânio Quadros agarrara a declarante, a mesma se encontrava saindo de dentro do banheiro do apartamento se encontrava no quarto de mesmo, que a porta da frente do apartamento se encontrava fechada, e como o senhor Jânio Quadros soltara a declarante, a mesma correu a sair de dentro do apartamento, que, ao sair de dentro do apartamento do senhor Jânio Quadros, ao chegar na frente, ou melhor, em frente à porta do mesmo, a declarante encontrara ao o agente policial Manoel Correia Ribeiro.

Nas declarações na delegacia, Terezinha diz que Jânio beijou-a

Eugênio. Ele pretende, portanto, pedir ao Ministério da Justiça a apuração das responsabilidades e o restabelecimento total do inquérito. Yunes adiantou ainda que a pena (de dois a oito anos de reclusão por atentado violento ao pudor ou por posse mediante fraude) não pode ser considerada prescrita, justamente porque o inquérito desapareceu.

A DENÚNCIA

Conforme os documentos distribuídos ontem pelo deputado José Yunes, durante uma entrevista coletiva em seu escritório político, na rua Curitiba, Terezinha Moura Soares teria "sofrido nas primeiras horas da tarde de hoje (5 de setembro de 1968), no interior do apartamento 606 do Hotel Santa Mônica, uma tentativa de posse sexual mediante violência de parte do cidadão ali hospedado, de nome Jânio da Silva Quadros". Esse trecho faz parte do inquérito policial desaparecido e que agora chegou às mãos de Yunes, contando detalhes da tentativa de estupro.

Os documentos afirmam que, enquanto fazia limpeza no apartamen-

to onde estava hospedado o ex-presidente, Terezinha foi abordada por Jânio, que lhe perguntou se "ela não queria receber um presente semanal na importância de cem cruzeiros (novos)". A camareira teria perguntado o motivo do presente, mas Jânio não respondeu. "Inesperadamente — conta o documento — foi agarrada pelo senhor Jânio da Silva Quadros, o qual forçava a declarante, beijando-a e com ela pretendendo manter relações sexuais".

Ainda de acordo com o documento, o estupro só não se teria consumado porque "Jânio a soltou quando os papéis da escriturinha começaram a voar", supondo que fosse alguém entrando no apartamento. A camareira teria aproveitado esse momento para sair correndo. Ela apresentou a denúncia à Polícia Federal, que a encaminhou à Delegacia Regional de Polícia de Corumbá; Terezinha acabou sendo demitida do hotel, segundo Yunes, sem nenhuma indenização trabalhista, "por ter causado escândalo ao levar o caso para a polícia e ter acusado um hóspede importante".

Fonte: O Estado de S. Paulo, n.33.944 de 26/10/1985, p. 7

Devido ao teor da denúncia feita por José Yunes e à forma em que o jornal publicou o texto, em uma manchete com bastante evidência, o "conteúdo" se encaixa facilmente na categoria contra Jânio, mesmo o jornal não tendo se aprofundando no tema posteriormente.

Os “conteúdos” positivos realçam o discurso e a imagem que Jânio gostaria de projetar sobre si mesmo, muitas vezes, apresentado como um defensor da eficiência do funcionalismo público, da moral, Além de valorizar suas promessas de campanha, em especial a criação da Guarda Civil Municipal. Críticas a Fernando Henrique Cardoso e ao governo de Franco Montoro também aparecem com certo destaque, o que foi considerado um apoio tácito do jornal ao candidato Jânio Quadros.

A seção de cartas do jornal também foi analisada e classificada. A categoria “Cartas dos leitores” foi dividida em apenas dois grupos, pró-Jânio ou contra Jânio, de acordo com seu teor, uma vez que as cartas sem menções ao candidato ficaram propositalmente de fora do banco de dados. Cada carta foi contabilizada uma vez e somada às demais dentro da categoria, de forma a chegar em, não apenas um resultado que indicaria se houve maioria positiva ou não, mas de forma a ser possível verificar quantitativamente o espaço destinado a cartas favoráveis ou desfavoráveis a Jânio Quadros.

Com a aproximação da data das eleições, o jornal abriu mais espaço para as cartas, e é possível ver o crescente número de missivas enviadas ao jornal que foram publicadas. De um total de 112 cartas, 69 eram favoráveis a Jânio (61,6%) e 43, contrárias (38,4%).

Essa métrica é extremamente relevante para entender o “ângulo” do jornal, pois, sabendo que os jornais recebiam muitas cartas, a escolha de quais cartas seriam publicadas recaía sobre o corpo editorial, buscando imprimir seu ponto de vista aos leitores.

Na edição de 22/10/1985,¹³¹ a equipe de *OESP* denunciou que os jornais de São Paulo estavam recebendo muitas cartas favoráveis a Jânio datilografadas na mesma máquina e postadas nas mesmas agências de correio. A matéria diz que, às vezes, o nome do remetente era alterado, outras vezes, a assinatura ou o endereço, mas tudo levava a crer que os comitês janistas escreviam cartas de apoio e as enviavam para diversos órgãos de comunicação. Mesmo com essa informação, o jornal continuou publicando as cartas normalmente e, das quatorze edições subsequentes a essa matéria, dez apresentaram mais cartas favoráveis do que críticas a Jânio. O jornal, mesmo sabendo que os comitês janistas estavam produzindo cartas de apoio em massa, e consciente da importância da opinião de

¹³¹ *OESP*, edição n. 33.940, de 22/10/1985, p. 6.

outros na decisão do voto dos indecisos, não deu importância e não alterou em nada seu *modus operandi* de publicação das cartas, evidenciando a posição editorial do jornal.

Figura 13 – Matéria expondo que algumas cartas pró-Jânio poderiam ter sido enviadas pelos comitês janistas e exemplos de cartas categorizadas como “Cartas dos leitores” em OESP



Greve do correio já

Sabe-se lá se Jânio vem aí. O certo é que, antes dele, uma avalanche de cartas elogiando o ex-presidente está assolando os jornais, sugerindo uma central de produção trabalhando a todo vapor. As cartas chegam aos borbótes, escritas com a mesma máquina de escrever e postadas na mesma agência de correio. Sempre elogiando Jânio. Só que, quando a assinatura varia, o endereço é o mesmo. Ou, então, varia o endereço mas não o remetente. Assim não dá. Tem peemedebista até torcendo, desde já, pela greve dos correios.

Crise de insegurança

Sr.: Nesse pleito serão castigados os maus governantes, omissos cúmplices da desordem, plenos de descortes e que deram constantes demonstrações de inércia e pusilanidade que originaram essa crise de insegurança pública. **José Avila da Rocha - Capital**

Fome de canibais

Sr.: Jânio está de volta, conquistando o eleitorado e cortando o caminho desses primitivos da política nacional que floresceram à sanha da ditadura, e que apenas raciocinam função de sua insaciável fome de canibais. **Pedro Tariá - Ribeirão Preto**

A viúva imoral

Sr.: Se o senador Cardoso e S.A. estão tão certos da vitória no dia 15, conforme ele afirma, sob o respaldo da tal viúva Porcina e outros bichos que emporcalham nossos lares com tanta imoralidade, por que então a aliança com o PT, covil de comunistas frustrados, para enterrar Jânio Quadros? **Ricieri Caldini - Capital**

Sucessor de Jânio

Sr.: Num dos últimos programas gratuitos da televisão, apareceu o sr. Carvalho Pinto fazendo elogios ao seu amigo Jânio Quadros e recomendando-o ao eleitorado (...). Nenhum governador trouxe tanto descalabro ao Estado como este cidadão (...). Sucessor de Jânio, desapropriou a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, estatizou-a e incorporou-a à Fepasa. Mas o pior é que não pagou a conta, deixando-a para Franco Montoro. **Nelson Fernandes da Silva - Capita.**

Fonte: OESP, edição n. 33.940 de 22/10/1985, p. 6 e edição n. 33.951 de 03/11/1985, p. 7, respectivamente.

As “Matérias circunstanciais”, por sua natureza descritiva, compuseram a categoria que mais apresentou dificuldades em termos de classificação pró-Jânio ou contra Jânio. Por mais que procurássemos elementos de escrita que denotassem apoio ou crítica, a maioria dos “conteúdos” foi classificada como possuindo foco em terceiros ou descrição de situações. Assim, do total de 41 “conteúdos”, 23 (56,1%) estão nessa classificação. Notícias como a decisão do TSE de que não seria possível a reeleição no pleito,¹³² por mais que impactasse positivamente a candidatura de Jânio, já que excluía Mario Covas da disputa, o candidato do PMDB com potencialmente maiores chances de vitória, não foi considerada pró-Jânio, pois, da forma como estava elaborada, a notícia não parece tender a nenhum lado.

¹³² OESP, edição n. 33.821, de 05/06/1985, p. 5.

Figura 14 – Exemplo de matéria categorizada como “Matérias episódicas” cujo foco eram outros atores políticos em OESP

TSE decide: prefeitos de Capitais são inelegíveis

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Os atuais prefeitos não poderão candidatar-se nas eleições de 15 de novembro às prefeituras das capitais, estâncias hidrominerais e municípios que pertenciam às áreas de segurança nacional. A decisão foi dada ontem por unanimidade pelo Tribunal Superior Eleitoral ao responder consulta formulada pelo líder do governo no Congresso, senador Fernando Henrique Cardoso, sobre se a desincompatibilização

dos prefeitos não obedece ao mesmo critério para governador: cinco meses antes do pleito, ou seja, 15 de junho próximo.

Numa resposta curta, o TSE limitou-se a informar que a consulta foi respondida negativamente, sendo mantida a resolução nº 12.128/85. Essa resolução, baixada recentemente pelo TSE, ao responder consulta do deputado Norton Macedo (PFL-PR), afirma que são inelegíveis para o pleito de 15 de novembro de 1985, nos respectivos municípios, os prefeitos nomeados e que se

encontravam investidos no cargo até a data da promulgação da Emenda Constitucional nº 25, de 15 de maio de 1985, ou quem venha a suceder ou substituir até a data das eleições, ou seja, nos seis meses anteriores ao pleito. Em recente parecer, o procurador-geral da República, José Paulo Sepúlveda Pertence, que também exerce as funções de procurador-geral eleitoral, admitiu resposta positiva à consulta do senador Fernando Henrique, caso o TSE se dispusesse a rever a resolução nº 12.128.

Fonte: OESP, edição n. 33.821 de 05/06/1985, p. 5.

O número de “conteúdos” positivos ao candidato Jânio Quadros, nessa categoria, foi de onze, representando 26,8%, contra sete negativos, que representam 17,1%. Vemos críticas em relação às pichações que aconteciam na cidade de São Paulo, prática de que Jânio era considerado um dos maiores incentivadores, e também críticas ao padrão de vida do candidato petebista que, segundo seus opositores (e o jornalista Mauro Chaves), não era coerente com seus rendimentos. Positivamente, há menções diversas, referentes a uma variedade de temas, como, por exemplo, sobre um jantar na comunidade libanesa¹³³ e críticas a Montoro.¹³⁴ Até mesmo discursos de Jânio que incitam a violência¹³⁵ e a intolerância¹³⁶ foram reproduzidos no jornal com poucos contrapontos ou ressalvas, demonstrando um apoio, no mínimo tácito, a esses posicionamentos.

Figura 15 – Exemplo de matéria categorizada como “Matérias episódicas” considerada pró-Jânio em OESP

¹³³ OESP, edição n. 33.959, de 13/11/1985, p. 8.

¹³⁴ OESP, edição n. 33.948, de 31/10/1985, p. 7.

¹³⁵ OESP, edição n. 33.958, de 12/11/1985, p. 7.

¹³⁶ OESP, edição n. 33.956, de 09/11/1985, p. 4.

Ovo “safado” quase atinge o alvo: Jânio

Jânio Quadros, o candidato da coligação PTB-PFL, variou pouco o cardápio de críticas e emoções que ofereceu neste domingo aos eleitores que foram aplaudi-lo no final de campanha. Aliás, o roteiro de Jânio começou o dia muito bem, na Vila Sabrina, mas perdeu o ritmo nos demais lugares visitados. A agitação maior ficou por conta de um cidadão desconhecido do jardim Cambuçu, na zona Norte, que atirou dois ovos em direção ao candidato, no momento em que ele vociferava: “Chega de canalhas, medrosos e covardes”.

Um dos ovos atingiu a caixa de som do conjunto “Jordanis”, que animou a apresentação de Jânio em troca de mil pestes, no valor de um milhão e cem mil cruzeiros. O outro projétil foi estalar em “Rambo, um dos guarda-costas do candidato, que colocou seu corpo em frente de dona Elói.

Os seguranças de Jânio vasculharam a multidão — não mais que cem pessoas — à procura do autor. Mas não tiveram sucesso. Quanto ao candidato, ele limitou-se a resmun-

gar: “Seria preciso pegar um safado desses e dar uma surra”.

No domingo, o humor do ex-presidente não estava positivamente dos melhores. Com exceção de Vila Sabrina, onde o esperavam cerca de 500 eleitores, nos demais lugares as concentrações não chegaram a atingir cem pessoas. No Jardim Joamar, onde o comerciante Bento Boaventura de Souza recebeu o candidato em sua casa, Jânio, decepcionado com tão pouca gente presente, não conteve a indignação.

Ali, como nos demais lugares, o candidato criticou os artistas que apóiam seu adversário do PMDB, dizendo que “eles estão sendo regularmente pagos com o dinheiro do povo”, e atacou violentamente o candidato peemedebista — “ordinário, canalha, capacho servil do governador” —, o governador Franco Montoro e o prefeito Mário Covas. Manteve as afirmações de seus discursos anteriores e a promessa de não permitir que “a foice e o martelo sejam colocados na bandeira brasileira”.

Fonte: OESP, edição n. 33.958, de 12/11/1985, p. 7.

A matéria acima retratada demonstra como o jornal não recrimina as falas violentas de Jânio. Ao falar que “seria preciso pegar um safado desses e dar uma surra”, Jânio poderia incentivar seus eleitores a linchar a pessoa que lhe arremessou ovos. Como o autor dos arremessos não foi identificado, o pior foi evitado. Entretanto, pode-se imaginar que, caso tivesse sido localizado, quem conseguiria parar os apoiadores de Jânio se seguissem a sugestão do candidato?

A categoria “Matérias de pesquisa eleitoral” não foi categorizada em pró-Jânio ou contra Jânio porque os conteúdos eram essencialmente descritivos. Por informar as intenções de votos em dados momentos, seria incoerente considerar que, ao noticiar as pesquisas eleitorais, o jornal favoreceria o candidato que estava liderando as preferências dos eleitores. Isso porque, como apresentado acima, o jornal publicava, em média, uma pesquisa por semana.

Figura 16 – Exemplo de matéria categorizada como “Matéria de campanha” pró-Jânio em OESP

Nem Maluf teria feito melhor

VOTA MAS FELO

Foi dentro nos tempos de Maluf, cujo mau estado Monteiro havia jurado que usaria para a sua administração. Mas aconteceu. A pretensa de desaguar o governador dos eleitores que vem recebendo do ex-presidente Jânio Quadros certa campanha eleitoral, comissões de profissões e políticos do Instituto Ipiranga contra do assalto e assaltos do Palácio dos Bandeirantes, arregaçadas pelo vice-governador Celso Gurgel. A administração acabou sendo um clássico exemplo do uso da máquina administrativa para a promoção do candidato do PMDB à Prefeitura de São Paulo, senador Fernando Henrique Cardoso. A TV-Cultura ilustrou a transmissão e o episódio durante quase uma hora, ao vivo. Monteiro foi lançado candidato a presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, arregaçado como foi no final da vida, quando o GAP promoveu uma festa de Natal para Maluf. Na época, era o PMDB quem denunciava o governador pelo uso da máquina administrativa.

O materialista continuou na página seguinte.



OS PREFEITOS ESTÃO COM MONTORO



Apesar das falhas que o criticavam, foi como Maluf gostava: carros oficiais, muitos profissões e muita agitação

Ninguém disfarçou, a festa foi política

Ninguém quis disfarçar. A festa organizada por Maluf e patrocinada pelo governador Celso Gurgel para comemorar o aniversário de 70 anos do governador Jânio Quadros, em São Paulo, foi uma festa política. Ao mesmo tempo em que era aniversário do interior. Celso Gurgel, na noite, declarou que não pretendia mais o governo. Maluf, por sua vez, afirmou que não pretendia mais o governo. A festa foi organizada pelo governador Celso Gurgel e pelo senador Fernando Henrique Cardoso. O governador Celso Gurgel afirmou que não pretendia mais o governo. O senador Fernando Henrique Cardoso afirmou que não pretendia mais o governo.

Quando se diz "O governador pagou um preço alto por isso, que preside, por não ter mais nada a oferecer", não se deve esquecer que Maluf também pagou um preço alto por isso. Maluf também pagou um preço alto por isso. Maluf também pagou um preço alto por isso.

Este filme já passou no palácio



Cardoso, o organizador

As autoridades do Palácio dos Bandeirantes aderiram entusiasmadas ao governador Celso Gurgel para promover uma festa de Natal para Maluf e um aniversário de 70 anos do governador Celso Gurgel. A festa foi organizada pelo governador Celso Gurgel e pelo senador Fernando Henrique Cardoso. O governador Celso Gurgel afirmou que não pretendia mais o governo. O senador Fernando Henrique Cardoso afirmou que não pretendia mais o governo.

Este filme já passou no palácio. Este filme já passou no palácio. Este filme já passou no palácio. Este filme já passou no palácio. Este filme já passou no palácio.

Montoro "desconhece" de quem partiu a idéia

Depois de ter sido homenageado por profissões e líderes políticos na noite passada que celebra seu aniversário de 70 anos, o governador Celso Gurgel afirmou que não pretendia mais o governo. O senador Fernando Henrique Cardoso afirmou que não pretendia mais o governo.

Como pretendem sempre ocupando as instalações de sua casa nos dias de semana, Montoro disse que não pretendia mais o governo. O senador Fernando Henrique Cardoso afirmou que não pretendia mais o governo.



Cardoso faz campanha, mas tenta negar isso

De volta de Paris, o governador Celso Gurgel afirmou que não pretendia mais o governo. O senador Fernando Henrique Cardoso afirmou que não pretendia mais o governo.



Cardoso, acompanhando

Carros oficiais ocupam o pátio e as calçadas

Montoro viajou ao Palácio dos Bandeirantes para comemorar seu aniversário de 70 anos. A festa foi organizada pelo governador Celso Gurgel e pelo senador Fernando Henrique Cardoso. O governador Celso Gurgel afirmou que não pretendia mais o governo. O senador Fernando Henrique Cardoso afirmou que não pretendia mais o governo.

Montoro viajou ao Palácio dos Bandeirantes para comemorar seu aniversário de 70 anos. A festa foi organizada pelo governador Celso Gurgel e pelo senador Fernando Henrique Cardoso. O governador Celso Gurgel afirmou que não pretendia mais o governo. O senador Fernando Henrique Cardoso afirmou que não pretendia mais o governo.

Montoro viajou ao Palácio dos Bandeirantes para comemorar seu aniversário de 70 anos. A festa foi organizada pelo governador Celso Gurgel e pelo senador Fernando Henrique Cardoso. O governador Celso Gurgel afirmou que não pretendia mais o governo. O senador Fernando Henrique Cardoso afirmou que não pretendia mais o governo.

Fonte: OESP, edição n. 33.938, de 19/10/1985, p. 5.

A página 5 da edição n. 33.938, de 19/10/1985, é um sólido exemplo de como a metodologia proposta foi aplicada. O nome de Jânio Quadros aparece seis vezes,

em cinco das seis matérias da página que versam sobre o mesmo eixo central: a utilização do aparato público para fazer campanha eleitoral. Por isso, conforme descrito anteriormente, todas essas menções foram classificadas como um “conteúdo” apenas. Como todas as matérias apresentam fatos que aconteceram na campanha eleitoral, o “conteúdo” foi categorizado como “Matérias de campanha”. As matérias descrevem como o PMDB estava usando carros oficiais, prédios públicos e cerimônias públicas para enaltecer integrantes do PMDB, como o governador André Franco Montoro, seu vice, Orestes Quércia, e o candidato do partido nas eleições na capital, Fernando Henrique Cardoso.

Novamente, não é o escopo da pesquisa verificar se as acusações feitas pelo jornal eram verdadeiras, mas, sim, como que as matérias contribuíram para construir uma determinada imagem de Jânio Quadros. Ao dedicar uma página inteira para denunciar práticas supostamente ilícitas realizadas pelo PMDB e pelo principal concorrente, o jornal acaba por favorecer Jânio. Diversas ilações são feitas no texto, no sentido de que o PMDB não soube usar a verba pública e repete erros do passado: “Foi como nos tempos de Maluf, cujo exemplo Montoro havia jurado que nunca mais aconteceria [...]. A pretexto de desagrar o governador dos ataques que vem recebendo do ex-presidente Jânio Quadros [...] a cerimônia acabou sendo um clássico exemplo do uso da máquina administrativa para a promoção do candidato do PMDB.”

Nesse trecho inicial da matéria “Nem Maluf teria feito melhor”, o jornal afirma que, para se defender dos ataques de Jânio, que criticava justamente o mau uso do dinheiro público por parte do PMDB, o partido governante promoveu, às custas do erário público, uma festa de campanha política. Ao fazer essa contraposição entre Jânio, que acusa, e o PMDB, que faz justamente o que está sendo acusado, o jornal fortalece o discurso de Jânio, favorecendo-o aos olhos do leitor. Considerada como um “conteúdo” em nosso banco de dados, a página foi classificada como pró-Jânio, pois, mesmo sem tecer comentários positivos diretamente ao candidato, reforçou sua retórica e desmoralizou seu principal concorrente na eleição.

2.2 ANÁLISE DOS “CONTEÚDOS” DE *VEJA*

Os “conteúdos” de *Veja* também foram analisados quantitativamente, somando o número de “conteúdos” nas mesmas categorias utilizadas para o OESP e qualitativamente, com a leitura e divisão destes conteúdos em pró Jânio, contra Jânio

ou com foco em terceiros. As cartas foram subdivididas em quantidades de cartas para permitir uma análise mais aprofundada.

Chegou-se na seguinte distribuição:

Tabela 4– Categorização da revista *Veja* de “conteúdos” referentes a Jânio Quadros.

Categoria	Quantidade de “conteúdos”	“Conteúdos” pró-Jânio	“Conteúdos” contra Jânio	“Conteúdo” com outros focos
Matérias de posicionamento formal ¹³⁷	11	1	10	0
Matérias de apoio e de pré-campanha ¹³⁸	8	5	2	1
Matérias de campanha ¹³⁹	5	2	3	0
Matérias de pesquisa eleitoral ¹⁴⁰	6	-	-	-
Cartas dos leitores ¹⁴¹	7 “conteúdos” (10 cartas)	2 “conteúdos” (3 cartas)	5 “conteúdos” (7 cartas)	-
Matérias circunstanciais ¹⁴²	31	0	9	22
TOTAL*	68	10	29	23

Fonte: Elaborado pelo autor.

* O somatório contabiliza “conteúdos” repetidos em mais de uma categoria, e a categoria “Matérias de pesquisa eleitoral” não compõe valor positivo/negativo/focado em terceiros. Dessa forma a soma de cada parte não corresponde ao total.

A análise dos números de “conteúdos” da revista *Veja* também nos leva à algumas hipóteses que podem ser exploradas com a leitura das reportagens. É possível propor uma comparação entre os dois veículos e verificar o posicionamento da revista *Veja* e se há diferenças significativas na sua cobertura da eleição quando comparada ao *OESP*.

Os “conteúdos” de *Veja* foram selecionados tendo como recorte temporal o período de 16/01/1985 (primeira edição da revista no ano) e 13/11/1985 (última edição antes do resultado das eleições). O nome de Jânio Quadros apareceu em 87 páginas

¹³⁷ Para maiores detalhes, consultar o apêndice 7.

¹³⁸ Para maiores detalhes, consultar o apêndice 8.

¹³⁹ Para maiores detalhes, consultar o apêndice 9.

¹⁴⁰ Para maiores detalhes, consultar o apêndice 10.

¹⁴¹ Para maiores detalhes, consultar o apêndice 11.

¹⁴² Para maiores detalhes, consultar o apêndice 12.

da revista, em um total de 65 matérias. Cada uma dessas matérias foi considerada um “conteúdo”. As cartas, seguindo o que foi feito na análise de *OESP*, foram subdivididas em quantidades de cartas. Três “conteúdos” foram classificados em mais de uma categoria. Todos esses “conteúdos” podem ser verificados nos apêndices de número 7 a 12.

Os resultados das categorias foram obtidos utilizando critérios similares ao de *OESP*, com apenas uma diferença. Conforme descrito anteriormente, “conteúdos” que constavam na mesma matéria, porém, em páginas diferentes, foram consideradas apenas uma vez, tendo em vista que a natureza da revista semanal é diferente da de um jornal diário. Caso contrário, a classificação com critério em páginas diferentes na revista levaria a vários “conteúdos” iguais. Se fizéssemos do mesmo jeito, ficaríamos sujeitos a dados incorretos, baseados na quantidade de páginas da matéria, o que alteraria o resultado, criando discrepâncias significativas.

Os problemas de se seguir a mesma metodologia do jornal seriam: e se uma matéria de três páginas apresentasse duas páginas predominantemente favoráveis a Jânio e uma contrária? Seria necessário criar uma duplicidade de “conteúdos”, dois favoráveis e um contrário. E se, no mesmo exemplo, a matéria apresentasse apenas uma página que pudesse ser caracterizada como contra Jânio e as restantes fossem majoritariamente descritivas factuais? Considera-se um “conteúdo” e as duas restantes não constarão na base de dados? Se concebida dessa forma, a classificação possuiria mais exceções do que a regra, inviabilizando qualquer análise. Optamos por concatenar as matérias em um “conteúdo” apenas, independentemente do número de páginas, viabilizando o entendimento e análise dos resultados.

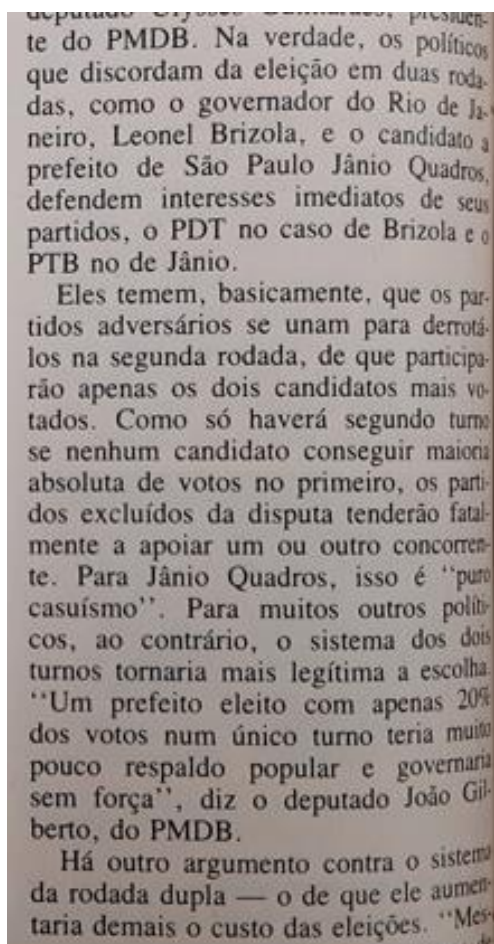
Um exemplo de como nossa métrica seria afetada pode ser dado com a matéria “O aprendiz aprendeu”, da edição n. 878, de 03/07/1985 que possui quatro páginas extremamente elogiosas a Fernando Henrique Cardoso. Jânio é mencionado em uma pequena parte do texto, sempre de forma negativa. Se seguissemos com o mesmo critério utilizado no jornal, seriam contabilizados quatro “conteúdos” contrários a Jânio, distorcendo nossos resultados. Optou-se, portanto, por concatenar as matérias em um “conteúdo” apenas, viabilizando o entendimento e análise dos resultados.

Os números revelam, primeiramente, como a revista abordou as eleições em São Paulo. De forma esperada, *Veja* não se preocupava em cobrir o dia a dia das eleições, mas, sim, buscava compilar os fatos que julgava mais relevantes ou

negligenciar o que não lhe era de interesse para criar sua visão dos acontecimentos. Dessa forma, a categoria “Matérias circunstanciais” é predominante na revista, representando 45,6% do total de “conteúdos”. Isso pode ser entendido de forma que, em vez de focar em cobrir a campanha, *Veja* buscava explicar os eventos de campanha e conectá-las com outros atores, tornando-as autoexplicativas. Pensando que a revista possuía alcance nacional, tal estratégia faz sentido para que os leitores de outras regiões também se sentissem interessados pela matéria.

Um exemplo dessa estratégia foi a matéria “Eleições em dois turnos”, da edição n. 875¹⁴³:

Figura 17 – Exemplo de matéria categorizada como “Matéria circunstancial” com foco em outros atores em *Veja*



Fonte: *Veja*, edição n. 875, de 12/06/1985, p. 32.

A matéria tem o claro objetivo de defender que as eleições fossem disputadas no formato de dois turnos, com os dois primeiros colocados no primeiro turno

¹⁴³ *Veja*, edição n. 875 de 12/06/1985, p. 32.

disputando o segundo turno, desde que nenhum candidato tivesse mais que 50% dos votos válidos mais um no primeiro turno, o que resultaria em vitória no primeiro turno. O PMDB era favorável a esse modelo e o defendia, em especial, nas capitais em que eram esperadas eleições acirradas, como no caso de São Paulo. A matéria trouxe falas de Jânio Quadros contra essa possibilidade. Dizia que as alianças formadas num eventual segundo turno seriam casuísticas, em busca apenas cargos no futuro governo.

As reportagens de *Veja* foram consideradas em sua maioria como circunstanciais pois raramente falam apenas de acontecimentos da campanha ou noticiam apoio de um determinado partido para um candidato. Este tipo de cobertura não era o foco da revista, que preferia deixar esta tarefa para os periódicos diários.

A revista, por ser semanal, podia elaborar as notícias em reportagens, explicando acontecimentos e interligando-os aos mais diversos eventos.

Para nos aprofundarmos nas práticas de *Veja*, trazemos novamente a edição nº 887 de 04/09/1985, em reportagem nomeada “A vez das capitais”:

Figura 18 – Exemplo de matéria categorizada como “Matéria circunstancial” contra Jânio em *Veja*

Cada candidato terá de valer-se dos trunfos que ostenta para livrar alguma vantagem. Fernando Henrique tem o suporte do partido mais simpático aos paulistanos — 27% dos entrevistados revelaram sua preferência pelo PMDB, contra apenas 6% que se inclinaram pelo PTB. Em contrapartida, o ex-presidente é o mais conhecido entre os candidatos, e tal notoriedade geralmente dá a seu portador a condição de líder de uma largada eleitoral. O desgaste sofrido pelo governador Franco Montoro o transforma em mau companheiro de palanques para o senador Fernando Henrique Cardoso. Da mesma forma, Jânio Quadros pode perder pontos ao ganhar o apoio do deputado Paulo Maluf e do ex-ministro Delfim Netto.

Concluída a 25 de agosto, a coleta de dados promovida pelos pesquisadores não pôde avaliar as conseqüências dos estragos patrocinados na Praça Don Orioni, no velho bairro do Bixiga, por janistas irritados com uma teatralização humorística do episódio da renúncia de seu chefe à Presidência da República, em 1961. A brincadeira foi organizada pelo Museu do Bixiga, presidido por Armando Puglisi, que se filiara ao PMDB no mês anterior. Habituaos a caricaturar políticos em suas festas, mesmo nos tempos em que tais lances de humor pareceram riscados dos usos e costumes do país, os moradores do Bixiga foram surpreendidos pela entrada em cena de uma feroz patrulha janista.

ATAQUE AO PALANQUE — A tropa de choque a serviço do candidato do PTB, com cerca de cinquenta integrantes,



Fernando Henrique: contra-ataque

chegou à praça no começo da tarde, quando a brincadeira já fora iniciada. Comandados pelo deputado federal Gastone Righi e por dirigentes da Juventude Janista, os patrulheiros se distribuíram pelas imediações do palanque, onde um morador do bairro, caricaturado de Jânio, simulava um discurso com explicações sobre o ato da renúncia. Subitamente, os janistas atacaram o palanque, arrancaram faixas com dizeres ironizando o ex-presidente, derrubaram um suporte com doze bolos, saquearam alguns quiosques da feira de troca de mercadorias que funciona na praça aos domingos e deixaram o local.

“Isso acabou reforçando o objetivo da sátira, que era o de alertar a população contra um homem em que votei há 25 anos”, reagiu Puglisi. “Os incidentes lembram os métodos das brigadas fascistas”, comparou Adhemar de Barros Filho. “Esse estilo de exaltação e de radicalismo termina sempre em perseguição às minorias”, afirmou Fernando Henrique Cardoso. Para Jânio Quadros, tudo não passou de “uma reação inevitável de jovens, jovens que disseram basta a essa presença de comunistas em nossa vida pública”. Segundo o ex-presidente, havia a mão dos comunistas por trás da brincadeira montada pelo Museu do Bixiga. “Os foliões do bairro não têm foice nem martelo”, ponderou o senador Fernando Henrique. “Eles só têm humor, mas a direita não gosta disso.”

Na quarta-feira, Jânio Quadros fez o elogio da violência como eventual instrumento político, na tentativa de justificar incidentes que fizeram lembrar os tensos primeiros meses de 1964. “Se a ação for violenta, a reação é violenta, pois não há polícia”, argumentou Jânio. “E a violência não precisa ser física: a palavra pode ser mais violenta”, sustenta o ex-presidente da República, que se considerou vítima de uma agressão verbal praticada pelos humoristas do Bixiga. “Se me chamam de filho daquilo, eu reajo com uma bofetada”, exemplifica o candidato, ameaçando mobilizar os jovens janistas sempre que se julgar ultrajado. As próximas rodadas da pesquisa dirão se os eleitores aprovam ou não os métodos apregoados pelo ex-presidente.

Fonte: *Veja*, edição n. 887, de 04/09/1985, p. 25.

Nesta reportagem, a revista busca trazer um breve panorama das eleições nas capitais de cada estado. Quando fala de São Paulo, a revista cita que o apoio de Franco Montoro pode custar votos a Fernando Henrique Cardoso, mas equilibra dizendo que os apoios de Maluf e Delfim Neto também podem custar votos a Jânio. A reportagem também cita o incidente da briga no bairro do Bixiga entre janistas e foliões contrários a Jânio, de forma bastante breve, não trata a querela como um evento de campanha estimulada por falas de Jânio. A revista prefere adotar um discurso de que o acontecimento foi um evento à parte dos acontecimentos do pleito, algo como uma curiosidade.

Em nosso entendimento esta contenda não foi um evento isolado, muito pelo contrário, foi estimulado por Jânio em suas diversas falas de como ele representava a “moralidade” e que todos que estavam contra ele buscavam apenas ganhos pessoais em detrimento do bem público. Frequentemente, Jânio chamava seus adversários de inimigos públicos, acusando-os de possuírem interesses ilícitos e conclamava seus apoiadores a tomarem alguma atitude, fosse violenta ou não: “se me chamam de filho daquilo, eu reajo com uma bofetada”, disse o candidato, validando a violência de seus apoiadores.

A revista *Veja* não noticiou o acontecimento desta forma, colocando apenas que a Juventude Janista, liderada por Gastone Righi, entrara em confronto com pessoas que “celebravam” o aniversário de renúncia de Jânio à presidência. Apenas nos últimos parágrafos vê-se uma ligeira ênfase aos aspectos violentos dos apoiadores janistas, e uma leve condenação da ação ao colocar falas de adversários políticos repreendendo a ação, em contraste com o restante do texto. Ao não se colocar frontalmente contra o episódio de violência, a matéria deixa a mensagem de que a validação da ação caberia aos eleitores.

Há nesta reportagem uma rara crítica direta ao Regime Militar, associando-o à violência. Paradoxalmente, *Veja* não cita o Regime Militar, mas apenas a data de seu início, deixando espaço para interpretações de que apenas o começo do regime fora violento, atitude ambígua que segue o padrão da revista sobre o tema.

Pode-se pensar, portanto, que a revista buscou induzir o leitor a uma dada opinião ao longo do texto e, no final, tentou fazer com que o leitor imaginasse que a ideia partiu dele mesmo. Fora das conjecturas, textualmente, temos, no último parágrafo, apenas fracas críticas à violência e à fala de Jânio Quadros de que seus

apoiadores não fizeram nada de errado e incentivando-os a realizar mais atos de violência sem nenhum contra-argumento ou crítica aberta por parte da revista.

Após esta análise, concluímos que, apesar do evento estar ligado a campanha eleitoral, a revista não a tratou desta forma, e metodologicamente classificamos seu “conteúdo” como *matéria circunstancial*.

A postura de *Veja* nesta matéria diverge das reportagens da revista que são, em sua maioria, contrárias a Jânio. Essa afirmação é sustentada também pela falta de “Matérias circunstanciais” positivas ao candidato e ex-presidente.

A complexidade da análise de favorecimento político no meio jornalístico, demonstrada acima, valida a escolha da metodologia desta pesquisa. Se considerássemos apenas a quantidade de matérias contra ou a favor de Jânio, perderíamos as nuances presentes em reportagens específicas, o que nos induziria ao erro de chegar a conclusões simplistas e binárias, da forma de “apoia” o candidato ou “é contrária” a ele. Da mesma forma, se utilizássemos amostras de reportagens sem os aspectos gerais, representadas pela quantidade de “conteúdos”, poderíamos ser levados a resultados enviesados, que refletiriam momentos específicos da campanha eleitoral, e não a campanha como algo dinâmico.

Tal como o *OESP*, o grande número relativo de textos jornalístico classificados como *matéria de posicionamento formal* demonstra como a revista se posicionou em forma de editoriais e colunas de opinião sobre o pleito paulistano, demonstrando o interesse que o grupo mandatário da revista possuía nas eleições e como desejava influenciar seu leitor.

Prosseguindo com a análise, as “Matérias de posicionamento formal”, em *Veja*, foram estudadas seguindo o mesmo padrão utilizado em *OESP*.

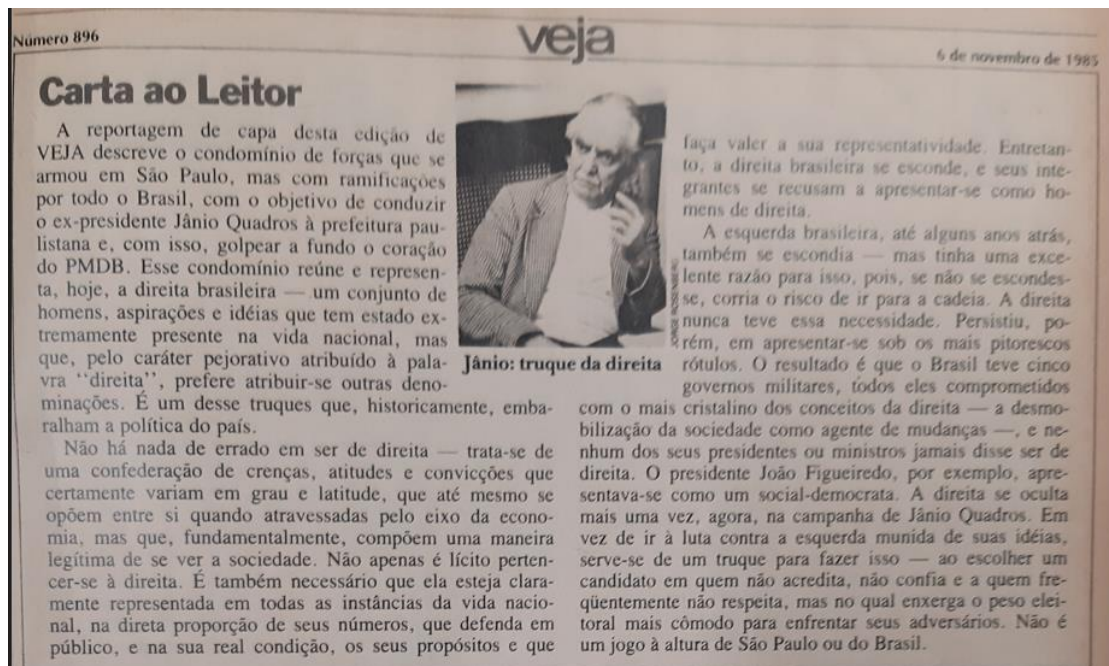
Novamente, há uma grande discrepância entre o número de “conteúdos” pró-Jânio e contrários a Jânio, deixando em evidência a opinião dos tomadores de decisão da revista. A seguir, dois exemplos de matérias categorizadas como “Matérias de posicionamento formal” contra Jânio (figuras 19 e 20)

Figura 19 – Exemplo de matéria categorizada como “Matérias de posicionamento formal” contra Jânio em *Veja*

Pelo apuro com que trabalha as palavras e as frases, reescrevendo cada página três vezes, e pelo empenho que demonstra em transformar casos populares em relatos literários, o autor de *Brejal* merece ser considerado um escritor de verdade, independentemente de ser o atual ocupante do Palácio do Planalto. Ele não é um aventureiro das letras como o ex-presidente Jânio Quadros, que lançou um pífio e pedante livro de contos há dois anos. Ocorre que Sarney é um escritor de recursos modestos. Ele deseja

Fonte: *Veja*, edição n. 872, de 22/05/1985, p. 112.

Figura 20 – Exemplo de matéria categorizada como “Matérias de posicionamento formal” contra Jânio em *Veja*



Fonte: *Veja*, edição n. 896, de 06/11/1985, p. 35.

A primeira imagem (figura 19) representou uma dificuldade em termos de classificação, se deveria ser incluída na categoria “matéria de posicionamento formal” ou “matéria circunstancial”. Decidimos pela primeira opção, pois, apesar de Jânio

aparecer tangencialmente, o que poderia ser caracterizado como circunstancial, temos uma crítica ao ex-presidente dentro de um texto de opinião. Mesmo não sendo um editorial ou uma coluna política, o espaço de críticas literárias também reflete os valores do periódico, uma vez que o profissional contratado deve estar alinhado com os valores do grupo Abril e sua crítica deve ter passado por redatores e editores que a validaram e autorizaram sua publicação.

A segunda imagem foi selecionada por representar um dos editoriais mais duros contra a “direita” e Jânio Quadros analisados nesta pesquisa. O editorial faz parte da edição 896, em que Jânio foi capa da revista e se dedicou, em suas matérias principais, a apresentar o que a revista entendia como o espectro político da direita e como políticos dessa direita usam a figura de Jânio Quadros para suas aspirações. O trecho “em vez de ir à luta contra a esquerda munida de suas ideias, serve-se de um truque para fazer isso – ao escolher um candidato em que não acredita, não confia e a quem frequentemente não respeita” aparece como uma tentativa de separar Jânio Quadros da direita, colocando-os apartados, sem, no entanto, explicar o que os distinguiria.

A revista tenta, ao colocar Jânio fora da direita, esvaziar ambos (Jânio e a direita) de significado. A aversão a Jânio fica clara nessa edição da revista, mas frequentemente o semanário se alinha aos valores associados à direita¹⁴⁴ e ao conservadorismo. Dessa forma, a solução encontrada por *Veja* para essa contradição foi retirar Jânio do que considerava ser a “verdadeira direita”, sem jogá-lo para nenhum lado do espectro político.

A revista fez uma análise ignorando o apoio que Jânio recebeu, oficialmente e extraoficialmente, de políticos ligados à direita como Paulo Maluf e Delfim Netto, e apresentou-o como alguém isolado, que é apenas usado, o que consideramos errôneo. Jânio demonstrou, ao longo da campanha, que não era um iniciante em disputas eleitorais e, se poderia estar sendo “usado”, também se aproveitava da estrutura e do apoio recebido para se promover e buscar seu renascimento político, voltando a ser figura relevante no cenário nacional após longa ausência em cargos políticos.

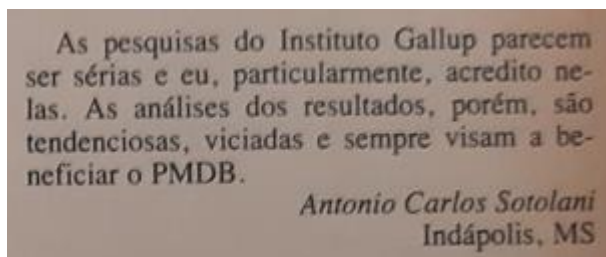
¹⁴⁴ Vale lembrar que “escala esquerda/direita [...] além de terem variado imensamente ao longo do tempo, os conteúdos das definições de esquerda e de direita também variam conforme a história e o contexto cultural de cada país” (MADEIRA; TAROUÇO, 2011, p.172).

Desde colunas extremamente desfavoráveis ao ex-presidente, passando por resenha de livro, com críticas a Jânio, chegando até a comentários dentro de crônicas de comédia, a revista não se furtou em atribuir ao ex-presidente adjetivos negativos, relembrando sua renúncia e as consequências que seu gesto proporcionou ao país.

A categoria “Cartas dos leitores” pode ser comparada a um termômetro da posição “oficial” da revista, uma forma de ver como seus donos, editores e colunistas gostariam de ser percebidos pelo público. Público este, que demonstra constantemente, que não é uma massa acrítica, mas que questiona as informações recebidas e as processa segundo sua visão de mundo.

Para verificarmos a afirmação acima, analisemos uma carta de um leitor da revista *Veja*:

Figura 21 – Carta de leitor pró-Jânio questionando o posicionamento de *Veja*



Fonte: *Revista Veja*, edição n. 896, 06/11/1985, página 11.

Este leitor diz confiar nas pesquisas eleitorais realizadas pelo Instituto Gallup, mas critica o quão tendenciosas são as análises desta pesquisa por parte de *Veja*. Não sabemos se o missivista esperava encontrar uma análise totalmente isenta de subjetividade, o que é impossível, se esperava um posicionamento favorável a Jânio Quadros, ou se esperava que o apoio da revista a Fernando Henrique Cardoso fosse mais discreto.

De qualquer forma, fica evidente que o leitor Antonio Carlos não recebe as informações acriticamente. Ele lê a revista e interpreta o texto de acordo com suas possibilidades, conhecimentos, experiências e visão de mundo, sendo capaz de separar o que ele considera confiável (as pesquisas) do que ele considera demasiadamente parcial (as análises).

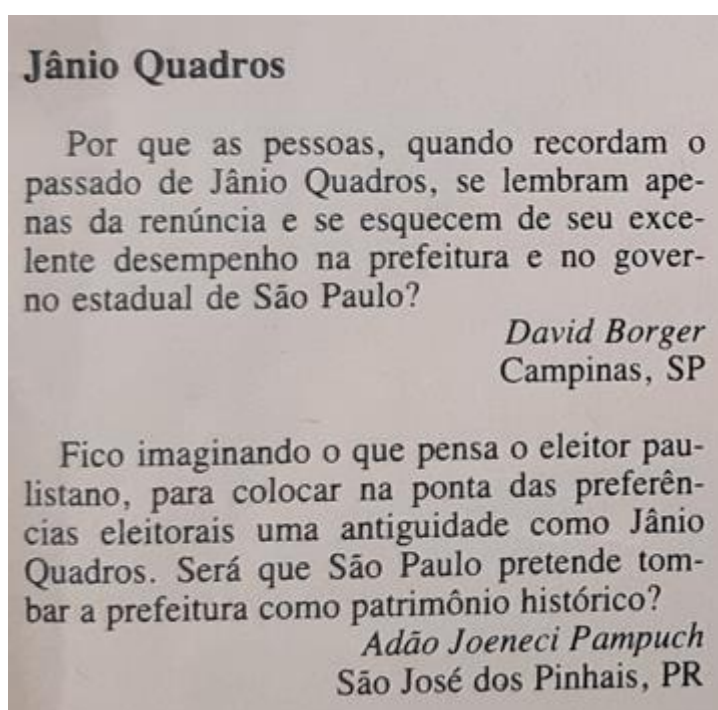
A carta derruba qualquer teoria de que existe uma massa de pessoas que recebe a mensagem de um periódico, absorve a mensagem e a repasse sem nenhum tipo de crivo. A ideia da massa facilmente manipulável não se sustenta, de forma que

ressaltamos a agência dos sujeitos históricos, sempre capazes de verificar se a informação lhe parece confiável, se faz sentido e como se comportar perante ela.

Na categoria *carta de leitores*, os dados quantitativos mostram que as cartas selecionadas para serem publicadas pela revista também são predominantemente críticas a Jânio.

Começaremos a análise desta categoria com uma carta favorável a Jânio e seguida de uma carta contrária a Jânio para que possamos fazer algumas considerações:

Figura 22 – Exemplo de Carta de leitores pró-Jânio e contrária a Jânio em *Veja*



Fonte: *Revista Veja*, edição n. 892, 09/10/1985, página 17.

Este exemplo foi trazido pois demonstra a necessidade de haver uma separação dos “conteúdos” relativos às cartas se desejamos fazer uma análise qualitativa do apoio ou não da revista a Jânio.

Como descrito anteriormente, as menções a Jânio em *Veja* que apareciam na mesma reportagem foram agrupadas como um único “conteúdo”, com exceção da seção de “carta dos leitores” que fora agrupada por edição.

Se tratássemos este “conteúdo” de maneira indivisível, não haveria como classificá-lo como pró-Jânio ou contrárias a Jânio, uma vez que apresenta uma carta favorável e uma desfavorável. Assim sendo, nestes casos, subdividimos os

“conteúdos” nas cartas individuais a fim de verificar o posicionamento em relação a Jânio de acordo com as cartas escolhidas para publicação.

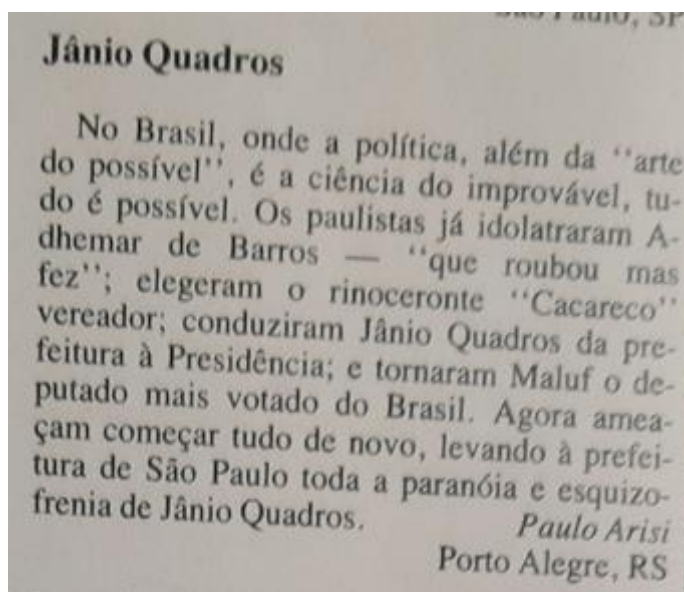
A primeira carta, de David Berger, é claramente favorável ao ex-presidente. Ele traz a questão da renúncia de Jânio, mas subtendesse que este ato é eclipsado pelo que ele considera a boa gestão de Quadros como governador e prefeito.

De forma oposta o leitor Adão Pampuch questiona o eleitor paulistano do porquê eleger alguém que para o missivista representa o passado.

Consideramos relevante o fato de que a carta elogiosa provém de um leitor paulista, que pode ter vivido no estado de São Paulo durante a gestão Quadros e por isso se lembra destes aspectos positivos. Em contrapartida à carta crítica, cujo remetente é do estado do Paraná, pode se lembrar da breve passagem de Jânio como deputado federal pelo estado e da mais breve ainda passagem como presidente, ligando a imagem de Jânio a estes períodos.

Verifiquemos agora outra carta contrária a Jânio:

Figura 23 – Exemplo de Carta de leitores contrárias a Jânio em *Veja*



Fonte: *Revista Veja*, edição n. 889, 18/09/1985, página 29.

O missivista da carta, também de uma cidade de fora do estado de São Paulo, questiona as escolhas dos paulistas nas eleições. O leitor relembra de figuras bastante populares em São Paulo à época: Adhemar de Barros e o rinoceronte Cacareco.

Adhemar de Barros foi político do Partido Social Progressista (PSP) e adversário de Jânio em diversas eleições. O caso do rinoceronte Cacareco, que na

verdade era uma abada, obteve cerca de cem mil votos em 1959. O voto de protesto foi sugerido pelo jornalista Itaboraí Martins, devido ao que considerou o baixo nível dos demais concorrentes¹⁴⁵. Mas, o que mais nos interessa em nossa pesquisa, é como o leitor enxerga que São Paulo foi responsável pelo fortalecimento político de Jânio Quadros, e como ele percebe o risco de Jânio refazer sua trajetória, começando como prefeito de São Paulo para disputar a presidência novamente.

A ideia de que Jânio disputaria outros cargos após a eleição de 1985 era bastante comum, sendo expressa por diversos atores políticos e meios de comunicação, a grande dúvida era se ele concorreria para governador em 1986 ou se tentaria a presidência em 1989. Para os analistas políticos, tudo dependia de sua vitória para a prefeitura de São Paulo e de como seria sua eventual gestão frente a capital paulistana.

A carta mencionada acima é de fácil categorização como contrária a Jânio devido aos termos “paranóia” e “esquizofrenia” atribuídos ao ex-presidente. Claramente há uma conotação negativa nestas palavras, querendo dizer que Jânio não era confiável pois seria neuro divergente. Vale ressaltar que com o passar do tempo, a utilização destes termos de forma pejorativa vem sendo bastante criticado.

A categoria *corrida de cavalos* ilustra como *Veja* cobriu as pesquisas eleitorais. Podemos nos debruçar na edição 891, na página 49, para exemplificarmos o caso:

Figura 24 – Exemplo de reportagem da categoria “corrida de cavalos” em *Veja*

¹⁴⁵ MALHEIROS, A. O Comportamento do Eleitorado Paulistano no Pleito de 1959. **Revista Brasileira Estudos Políticos**, v. 10, p. 58, 1961.

ELEIÇÕES

Na reta final

Candidatos mudam o tom para não ficar atrás

Excitados pelos números da seqüência de pesquisas eleitorais, os candidatos mais cotados às prefeituras das capitais brasileiras aquecem suas campanhas a 46 dias da eleição, fazendo todos os saques possíveis na conta da imaginação. Em São Paulo, o senador Fernando Henrique Cardoso, candidato do PMDB, ainda em segundo lugar nas pesquisas, tornou mais agressivas suas aparições no horário gratuito do Tribunal Regional Eleitoral. No Rio de Janeiro, o deputado Jorge Leite afinal conseguiu o apoio do jornalista Paulo Alberto Monteiro de Barros, o "Artur da Távola", líder de uma das alas do multividido PMDB carioca. Fora dos grandes centros, os candidatos também retiraram dos coletes trunfos armazenados para as horas difíceis.

No Recife, por exemplo, o ex-prefeito de Turim e membro do Parlamento Europeu pelo Partido Comunista Italiano (PCI), Diego Novelli, desembarcou no programa da Justiça Eleitoral para pedir votos para o deputado Roberto Freire, candidato do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Em Vitória, aconteceu o contrário. Ali, o candidato Crisógono Cruz, do PDS, não tem chance de ganhar, mas adversários anônimos de sua candidatura partiram na semana passada para um golpe baixo: puseram nas ruas um cartaz em que uma foto de Cruz aparece lado a lado com a do ex-ministro da Justiça Ibrahim Abi-Ackel, acusado de envolvimento com uma quadrilha de contrabandistas. "Unidos pela vitória", diz o cartaz. Em Belo Horizonte, outro pedessista, Orlando Vaz, escolheu a figura do "patinho feio" como símbolo de sua campanha. E, em Belém, o solitário candidato do Partido Municipalista Brasileiro, Agostinho Linhares, ofereceu aulas gratuitas de Matemática aos inscritos no concurso do Banco do Brasil.

CORPO-A-CORPO — É em São Paulo, porém, que se concentra a batalha mais tensa pela conquista de uma prefeitura no país. Na segunda-feira, depois de amargar os números da segunda pesquisa Gallup — em que aparece com 26% das preferências dos

eleitores contra 32% obtidos por seu rival, o candidato do PTB, Jânio Quadros —, o senador Fernando Henrique apressou-se em pedir socorro ao presidente nacional do PMDB, Ulysses Guimarães. "Preciso de sua ajuda", clamou o candidato, durante almoço no Palácio dos Bandeirantes. Ulysses, que viera a São Paulo como presidente da República em exercício, transformou sua permanência de 8 horas na cidade em autêntica maratona em favor do partido — e, ao final, com o auxílio do governador Franco Montoro, conseguiu estancar o pessimismo do partido.



Fernando Henrique: agressivo na TV



Jânio: "As críticas aumentam a minha popularidade"



Leite saiu em busca do voto judaico

Impressionado com o que ouviu, Ulysses comprometeu-se a jogar seu prestígio e sua experiência na campanha paulista, mas não se esquivou de fazer advertências. "Juízo", recomendou a seus companheiros, até então engalfinhados em divergências internas e às voltas com um plano de campanha aparentemente inócuo frente ao candidato petebista. Foi um apelo que deu certo. Na terça-feira, erigido o conselho político que assumiu o comando da campanha — integrado por parlamentares —, o partido operou uma mudança radical e imediata em sua estratégia eleitoral, agora centrada no corpo-a-corpo com Jânio Quadros. "O Fernando vinha assumindo um tom pedagógico, magistral na televisão", reconheceu o presidente do PMDB de São Paulo, deputado Waldemar Chubaci. "Ele rebatia ataques com luva de pelica e isso não funciona." No mesmo dia, quem assistiu à propaganda eleitoral noturna surpreendeu-se com o candidato.

De pé, dedo em riste, Fernando Henrique começou respondendo às acusações de Jânio, apontou-o como ponta-de-lança de "uma conspiração direitista que tem como sustentáculos principais Maluf e Delfim Netto" e encerrou com a promessa de rebater qualquer ataque do adversário. "Quanto mais me criticam, mais aumenta a minha popularidade", reagiu Jânio com ironia. Em entrevista, Fernando Henrique lançou a tese do voto útil, com um desafio ao candidato do PT, Eduardo Suplicy. "Prometo renunciar e apoiá-lo se, a alguns dias da eleição, ele passar à frente nas pesquisas", afirmou. "Mas espero os votos do PT se a situação continuar como está."

A propaganda eleitoral teve mais duas surpresas. Na segunda-feira, a Justiça Eleitoral acatou recurso das emissoras e ordenou que os partidos produzissem programas específicos para o rádio. Na sexta-feira, a empresa Videotagem atrasou a entrega do teipe e deixou o PMDB sem propaganda no horário nobre das 20 horas. A semana passada marcou também a entrada na cena eleitoral de uma tradicional peça religiosa: o kipap, usado pelos judeus. No Rio, os candidatos Jorge Leite, Saturnino Braga (PDT) e Rubem Medina (PFL) cobriram suas cabeças com o pequeno solidéu e passaram o Yom Kippur (Dia do Perdão), na quarta-feira, ganhando votos nas sinagogas. Em São Paulo, onde residem 70 000 judeus, os candidatos cumpriram o mesmo ritual. ●

VEJA, 2 DE OUTUBRO, 1985

49

Fonte: Revista Veja, edição n. 891, 02/10/1985, página 49.

O texto apresenta um breve panorama da situação eleitoral em algumas capitais brasileiras após a publicação do segundo resultado da pesquisa eleitoral realizado pelo Instituto Gallup. Após a rápida discussão das eleições em outras capitais, o texto se foca nas eleições em São Paulo, dizendo que o resultado não é favorável ao PMDB.

A matéria diz que Fernando Henrique Cardoso precisou pedir ajuda a Ulysses Guimarães, então presidente nacional do PMDB, e do governador Franco Montoro

para motivar os próprios militantes peemedebistas, demonstrando que não havia uma unidade dentro do PMDB em São Paulo. A revista continua e informa que Fernando Henrique agora irá ser mais agressivo nos debates e na campanha, tentando tirar votos de Jânio e apelar para que os eleitores de Eduardo Suplicy votem nele para impedir a vitória de Jânio, no que a revista chama de “voto útil”.

É difícil classificar um texto como esse de “viciado” e “benéfico ao PMDB”, como diz o leitor da revista Antonio Carlos Sotolani¹⁴⁶, já que o texto é recheado de prognósticos ruins para o partido. Mas também não podemos classificá-lo como favorável a Jânio já que o maior espaço dado na reportagem é para o PMDB e seu candidato, com apenas uma fala de Jânio e nenhuma menção ao PTB, seu partido.

Como o espaço dado ao PMDB é destaque na matéria, podemos dizer que a análise se foca nas questões ligadas a este partido, mas também podemos dizer que esta não é a matéria muito elogiosa ao PMDB.

Por fim, a única categoria em que Jânio teve mais menções favoráveis do que desfavoráveis foi “Matérias de apoio e de pré-campanha”. O resultado, por destoar das demais categorias, exigiu uma análise mais aprofundada. Ao verificar pela segunda vez todos os “conteúdos” dessa categoria, destacamos dois casos notórios e que fornecem explicações sobre esta categoria destoante.

O primeiro é que o apoio do PDS a Jânio Quadros lhe rendeu dois “conteúdos” considerados como positivos, já que pelos critérios explicados anteriormente, a menção de um apoio fora considerada como algo positivo, uma vez que fortalece a candidatura. Mesmo para os poucos casos em que o apoio era julgado como negativo, ou seja, capaz de tirar votos, o “conteúdo” fora considerado positivo pois é praticamente impossível mensurar de forma numérica o resultado destes apoios controversos. Geralmente, esses apoios eram relacionados ao “apoio comunista”¹⁴⁷ (favoráveis a Fernando Henrique Cardoso) e o apoio pessoal de Paulo Maluf (favorável a Jânio Quadros). Desta forma, a indecisão do PDS em lançar candidato próprio ou apoiar Jânio, fez com que a questão ficasse em evidência, dando a dianteira das classificações positivas para Jânio.

¹⁴⁶ Ver figura 21, página 78.

¹⁴⁷ Os partidos comunistas ainda não haviam sido legalizados em 1985, de forma que não se pode dizer que estes partidos apoiavam institucionalmente nenhuma candidatura, nem tampouco pode-se achar que todos os comunistas do país agiam de forma uniforme e apoiavam os mesmos candidatos.

Figura 25 – Exemplo de matéria categorizada como “Matérias de apoio e de pré-campanha” pró-Jânio em *Veja*

A jogada da direita

As forças conservadoras se organizam em torno de Jânio para uma disputa apertada que tem o país inteiro como palco

O duelo que se prepara entre os dois candidatos mais cotados à prefeitura de São Paulo, Fernando Henrique Cardoso e Jânio Quadros, terá como juizes os 4,8 milhões de eleitores paulistanos, mas o cenário da luta será o Brasil inteiro. Em nenhuma outra capital apresentaram-se candidatos que perturbassem tanto por seus perfis disparates, pela provisão desencontrada de apoios ideológicos que carregam na bagagem e, sobretudo, pelos reflexos que a eleição de qualquer um deles projetará sobre a organização política do país em futuro próximo. Na sexta-feira da próxima semana, quando estiverem abertas as urnas paulistanas, o país saberá se o seu futuro político dependerá mais do PMDB, com suas divisões internas, ou de Jânio Quadros, com a aliança que o ampara, tão excêntrica quanto sua personalidade.

Na semana passada o senador Fernando Henrique, 54 anos, candidato do PMDB, e o ex-presidente Jânio Quadros, 68 anos, do PTB, estavam com 35 e 32 pontos, respectivamente, nas pesquisas de intenção de voto — o que, na prática, significa um empate técnico. Ambos podem vencer e ambos garantem que vencerão. Em nenhum outro lugar a vitória de um ou de outro terá tanta diferença para todos, e essa singularidade da eleição paulistana já foi percebida em todo o país.

“Jânio é a esperança de se evitar que o PMDB tome conta do país”, diz o ex-ministro Antônio Delfim Netto, que do alto do 16.º andar de um edifício na Avenida Paulista é a mais pública das forças ocultas que apóiam Jânio Quadros. “A eleição de São Paulo é decisiva porque Jânio será uma cunha contra o avanço da esquerda no país”, afirma em Fortaleza José Afonso Sancho, suplente de senador pelo PDS e presidente da Associação dos Bancos do Ceará. “Jânio está



para ganhar e isso é um bom golpe na esquerda festiva do Fernando Henrique e no PMDB”, alegra-se em Belo Horizonte o deputado federal Bonifácio Tamim de Andrada, do PDS. “É preciso denunciar a manobra armada pela direita para eleger Jânio Quadros”, retruca o governador cearense Luiz Gonzaga Motta.

ALVO PROMISSOR — A proximidade do confronto exalta os torcedores e tira de suas análises a questão mais intrigante que se desenha à volta dos dois candidatos. Fernando Henrique não comanda um avanço das forças de esquerda nem Jânio conduz, como motomeiro, o bonde da direita num assalto direto à democracia. O que se pode retirar do panorama político paulista é a evidência de que uma boa parte das correntes conservadoras, que liberavam desde a destruição do regime de 1964 e da candidatura do deputado Paulo Maluf à Presidência da República, se recompõe rapidamente e joga suas fichas, neste momento, no ex-presidente Jânio Quadros — o alvo mais promissor que puderam encontrar. Trata-se, com a ajuda de Jânio, de quebrar a espinha dorsal do PMDB no centro urbano em que ele é mais forte e de desfazer, com uma vassourada, a garantia do partido de eleger o próximo governador e o sucessor do presidente José Sarney. Com um tiro em Fernando Henrique, aleijam-se três coelhos de uma só caçada: Ulysses Guimarães, Franco Montoro e ele próprio.

Se a manobra for bem-sucedida, o que as pesquisas eleitorais não autorizam por enquanto imaginar, ela poderia resultar numa nova distribuição de forças políticas no plano nacional e virtualmente na criação de um partido conservador que se abastecesse dos cacos do PDS, de fatias do PFL e até mesmo de alguns integrantes do PMDB, partido que conta com al-

Jânio Quadros: os mesmos recursos 25 anos depois

Fonte: *Veja*, edição n. 896 de 06/11/1985, p. 36

O segundo caso notório é da matéria intitulada “O aprendiz aprendeu”¹⁴⁸, na qual *Veja* traz uma longa matéria exaltando as qualidades de Fernando Henrique Cardoso.

¹⁴⁸ *Veja*, edição n. 878, de 03/07/1985, p. 20-24.

Figura 26 – Reportagem “O aprendiz aprendeu”, um exemplo de campanha favorável a Fernando Henrique Cardoso e classificada como “Matérias de apoio e de pré-campanha” contrária a Jânio em *Veja*



Fonte: *Veja*, edição n. 878 de 03/07/1985, p. 20

Os analistas políticos diziam que Fernando Henrique Cardoso não era muito conhecido pelos eleitores, e até mesmo Jânio disse que o candidato peemedebista só seria conhecido após o cometa Halley passar¹⁴⁹. Se dependesse de *Veja* a trajetória do cometa seria modificada para que ele passasse antes de novembro de 1985. Essa mesma matéria, de cinco páginas extremamente favoráveis a Fernando Henrique

¹⁴⁹ O cometa Halley pode ser observado no planeta Terra a cada 76 anos em média. O cometa orbitou a terra em 1910 e era esperado que fosse visível novamente em 1986.

Cardoso, ainda dedicou meia página para falar sobre aspectos negativos de Jânio Quadros, lembrando de sua renúncia na Presidência e o sentimento de frustração de seus eleitores.

A reportagem começa cobrindo a premiação de “sociólogo do ano” da União Brasileira dos Escritores, a qual premiou Fernando Henrique Cardoso com o troféu Juca Pato, e anunciou que, na prática, a cerimônia serviu como lançamento de sua candidatura a prefeito, com direito a um discurso bastante elogioso do então presidente José Sarney, mesmo este sendo reticente ao nome do senador para o pleito municipal, já que Fernando Henrique não o apoiara como vice de Tancredo Neves.

A revista continua colocando a importância da vitória do peemedebista em São Paulo para que o partido pudesse disputar como favorito as eleições de 1989. Ulysses Guimarães apoiou sua candidatura e declara que Fernando Henrique Cardoso tem uma “poderosa vocação política”¹⁵⁰. Fernando Lyra, então ministro da Justiça tenta atrelar o voto em Fernando Henrique Cardoso como um voto para a “Nova República”, no que pode ser entendido que Fernando Henrique Cardoso representa o novo e a mudança, enquanto Jânio Quadros representaria o antigo, a defasagem.

Esta posição pode ser confirmada continuando a leitura da reportagem, na página 21: “montado na mesma vassoura e exibindo o mesmo estilo apocalíptico de campanhas passadas, Jânio largou bem.”¹⁵¹, dando a entender de que não havia novos elementos na campanha de Jânio Quadros, apenas uma repetição das pautas passadas.

A contraposição dos candidatos pelo olhar da revista fica clara no trecho:

Fernando Henrique é conhecido entre os bibliotecários pelos livros que escreveu. Jânio pelos livros que o mencionam, quase sempre para criticá-lo. Mesmo os adversários do senador não incluem, entre as muitas críticas a ele feitas, a de que se trata de um político que não merece confiança. “Ele é um homem íntegro”, atesta o deputado Hebert Levy, do PFL paulista e partidário de Jânio. Já os amigos de Jânio, entre os muitos elogios que lhe fazem,

¹⁵⁰ *Veja*, edição n. 878, de 03/07/1985, p. 22.

¹⁵¹ *Veja*, edição n. 878, de 03/07/1985, p. 21.

seriam incapazes de assegurar que o ex-presidente merece inteira confiança”¹⁵²

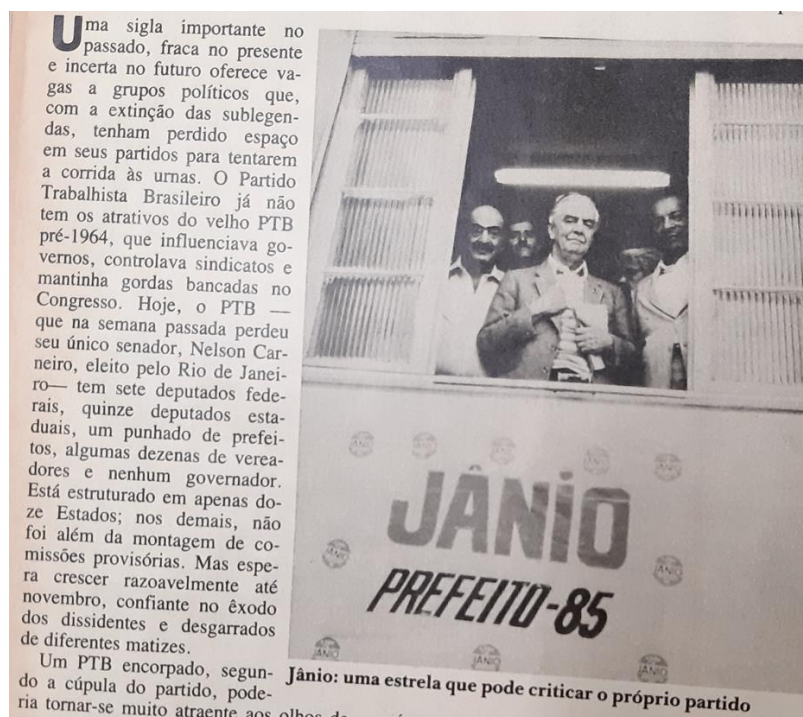
A última frase do trecho pode levar um questionamento aos eleitores paulistanos de que se nem os amigos consideram Jânio confiável, ele não seria confiável para honrar seus compromissos de campanha. Sua renúncia foi frequentemente mencionada pela revista, sempre inferindo que ele havia rompido a confiança dos brasileiros que o elegeram.

Esta reportagem destaca-se das demais reportagens analisadas por seu forte apelo ao candidato do PMDB, exaltando-o como intelectual e político.

Conclui-se que, na categoria *Matérias de apoio e de pré-campanha*, apesar das menções pró-Jânio serem numericamente superiores, isso não se reverteu em um apoio, seja tácito ou explícito a Jânio, uma vez que o espaço dado e a ênfase positiva eram bem maiores a Fernando Henrique. Se numericamente as menções de Jânio foram superiores, em termos de intensidade, as menções a Fernando Henrique Cardoso foram muito mais efusivas, não existindo, dentro do recorte temporal desta pesquisa, nenhuma outra matéria tão longa e tão favorável a um candidato quanto a “O aprendiz aprendeu” foi com Fernando Henrique Cardoso. Comparemos, por exemplo a figura 26 com a figura 27 abaixo:

Figura 27 – Reportagem “Táxi para as urnas”, um exemplo de “Matérias de apoio e de pré-campanha” favorável a Jânio em *Veja*

¹⁵² *Veja*, edição n. 878, de 03/07/1985, p. 23.



Fonte: *Veja*, edição n. 879, 10/07/1985, página 30

Na imagem 27 temos o elemento textual com elementos negativos ao PTB, mas no elemento imagético (e sua legenda) temos elementos que foram considerados favoráveis a Jânio Quadros. Comparando o tratamento dado a Fernando Henrique Cardoso na reportagem “O aprendiz aprendeu”, em que ele é retratado como um vitorioso mesmo nas derrotas, vencedor de prêmios e símbolo de um movimento de renovação com a breve legenda da imagem 27 “Jânio: uma estrela que pode criticar o próprio partido”, fica evidenciado a disposição da revista para com os dois candidatos.

Pode-se ver, portanto, que a construção do discurso da revista *Veja* foi predominantemente contra Jânio, colocando-o como um símbolo de atraso e atribuindo-lhe, com frequência, adjetivos com conotação negativa. No campo imagético, também é possível verificar o diferente tratamento entre os candidatos conforme as imagens apresentadas.

3 A IMAGEM DE JÂNIO APÓS SUA RENÚNCIA

A famosa fotografia de Erno Schneider tirada em 21 de abril de 1961, em Uruguaiana (figura 1) só foi publicada quatro meses depois, em 23 de agosto de 1961, no *Jornal do Brasil*. Tratada como “profética”, dois dias depois de sua publicação Jânio renunciou à Presidência. Hoje sabemos do esforço feito para esvaziar a imagem de Jânio, desvinculando-o de seus partidos e de suas plataformas, pois este se tornou uma espécie de “*persona non grata*”, sem que nenhum político reivindicasse seu legado. Podemos desconsiderar esse alegado papel profético da foto e analisá-la como um instrumento político utilizado pelo editor do jornal que lhe atribuiu um significado de fraqueza do presidente em um momento em que seu apoio público ruía.

Podemos considerar a fotografia como um exemplo da linha de raciocínio que permeava o senso comum: a de acreditar que a percepção da imagem de Jânio mudou quase instantaneamente após sua renúncia. De político honesto, austero, dono de uma moral rígida, Jânio passaria, como em um passe de mágica, a ser visto como um político fraco, confuso e incapaz de exercer o cargo conquistado.

A imagem de Jânio que passou a pulular de forma generalizada no imaginário popular é a de que seus antigos eleitores estavam tão frustrados com ele a ponto de sua carreira política entrar em estado terminal após 1961. Seria Jânio sempre lembrado pelos eleitores como um presidente fujão? Em sua carta renúncia, Jânio credita seu ato a “forças terríveis”,¹⁵³ porém, frequentemente a frase era substituída por “forças ocultas”. Será que essas forças teriam enterrado de vez Jânio Quadros enquanto político?

Um olhar superficial dos acontecimentos poderia nos fazer pensar que sim, que sua breve e atribulada passagem pela Presidência do Brasil, combinada com a decepção gerada pela sua renúncia, fariam com que ele não tivesse mais votações expressivas. Tal pensamento seria corroborado por uma pesquisa do Instituto de Estudos Sociais e Econômicos (Inese) encomendada pelo jornal *Folha de S. Paulo* (FSP), apenas um ano após sua renúncia: 45% dos entrevistados não desejavam a volta de Jânio à política, enquanto 37% se posicionaram favoravelmente ao seu retorno e 18% não tinham opinião formada sobre o assunto.¹⁵⁴

¹⁵³ NETO, J. M., **Jânio Quadros**: 3 estórias para 1 história. São Paulo: Renovação, 1982, p. 184.

¹⁵⁴ FSP, edição n. 11.900, de 14/01/1962, p. 8.

Jânio, entretanto, não pautou sua retomada política nessa pesquisa e anunciou, em 1962, que se candidataria ao cargo de governador do estado de São Paulo. Em 19 de fevereiro de 1962, enviou uma carta para Castilho Cabral, líder do Movimento Popular Jânio Quadros (MPJQ) e um de seus braços direitos, dizendo:

Eis-me de volta, e para a luta! A Nação saberá, agora, das razões que ditaram, à minha própria consciência, o sacrifício, único na História, da renúncia.

E prossegurei. Não tenho qualquer dúvida quanto ao julgamento final do generoso povo brasileiro. Qualquer!¹⁵⁵

Esse era o tom de seu discurso desde o dia da renúncia. A partir do momento subsequente de seu ato, Jânio sempre repetiu, ao ser indagado sobre sua renúncia, variações do seguinte discurso: que ele cometera o maior sacrifício político da história do país e que, para não abrir mão de seus valores, renunciou em prol do povo, em uma atitude heroica, inédita e como uma saída digna. Acusou diversos “inimigos” de o forçarem à renúncia: trustes estrangeiros, políticos corruptos nacionais, o Fundo Monetário Internacional (FMI), uma elite econômica brasileira detentora de privilégios, os comunistas, os sindicalistas de esquerda, funcionários públicos que não desejavam a “moralização” do país, entre outros.

Sua fala variava de acordo com sua plateia, mas sempre apresentava estes pontos em comum: renunciou por ser digno demais, havia “forças terríveis” que tentavam forçá-lo a agir contra os interesses da nação e contra sua própria moral e que era desprezado do poder e, por isso, pôde renunciar sem peso na consciência.¹⁵⁶ Um exemplo da fala sobre sua renúncia em que Jânio atribui culpa a “forças terríveis”, sem nomeá-las, pode ser visto na edição número 26.487 de 29/08/1961 do jornal *OESP*. Ao noticiar a saída de Jânio do Brasil, o jornal transcreveu parte de seu discurso antes de deixar o país a bordo do navio *Uruguay Star*, rumo à Europa:

Fui obrigado a renunciar, mas, tal como Getúlio, voltarei um dia, se Deus quiser, para revelar ao povo quem foram os canalhas neste país.

¹⁵⁵ CABRAL, C. **Tempos de Jânio e outros tempos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962, p. 251.

¹⁵⁶ Podemos citar, por exemplo, as declarações feitas aos jornais *O Estado de S. Paulo*, em 29/08/1961, e *Folha de São Paulo*, em 29/08/1961, considerando apenas os dias próximos de sua renúncia. Em matéria de *O Estado de S. Paulo* datada de 16/03/1962, há uma longa explicação de Jânio a respeito de sua renúncia.

Bem disse o Presidente Getúlio – mandam-me embora, mas eu voltarei. Consigne. Apenas derrotas parciais.¹⁵⁷

Esses discursos, obviamente, atendiam aos interesses do próprio Jânio e não devem ser aceitos em sua totalidade, pois Jânio os encarava como um ato político em que procurava apontar culpados por seu fracasso e se colocar como um político ímpar, capaz de tudo para defender os interesses do Brasil, até mesmo de renunciar ao cargo de presidente da República.

Olhando com mais atenção as suas falas, encontram-se diversos pontos que merecem alguma explicação e que desmontam a tese janista da renúncia altruísta. Em primeiro lugar, Jânio não foi o primeiro presidente a renunciar, como ele frequentemente dizia. O autoproclamado ineditismo da ação de Jânio repousa, na verdade, sobre o primeiro presidente do Brasil, Deodoro da Fonseca, que renunciou em 23 de novembro de 1891. Anos após Deodoro da Fonseca, Getúlio Vargas foi forçado a renunciar, em 1945, sendo o segundo presidente do Brasil a realizar tal ato. Jânio, em 1961, foi, portanto, o terceiro presidente a fazê-lo. O que contrasta sua renúncia em relação às de Fonseca e Vargas é que Jânio foi o primeiro presidente eleito diretamente por voto popular a abrir mão do cargo, o que fez sem ameaça iminente de rebelião das Forças Armadas.

Uma vez negado o ineditismo da ação de Jânio, pode-se destacar a intenção da renúncia. Tem-se a percepção de que Jânio Quadros esperava que “o Congresso o chamaria de volta dando-lhe poderes para governar ao estilo de um De Gaulle¹⁵⁸”¹⁵⁹. Para René Dreifuss, Jânio tinha

uma esperança de conseguir um mandato [...] ao governo ouvindo os apelos das classes médias. Ele também esperava o respaldo de empresários e o

¹⁵⁷ Neste trecho, Jânio Quadros se refere ao político Getúlio Vargas, que governou o país em duas ocasiões. Após a Revolução de 1930 Getúlio assumiu o cargo de presidente do Brasil em um governo de transição, entretanto, Getúlio adiou as eleições e em 1937 deu um autogolpe e instaurou um regime de exceção no país, sendo deposto em 1945. Em 1950 se candidatou a presidência e ganhou democraticamente o pleito, governando até 1954 quando se suicidou.

¹⁵⁸ Charles de Gaulle (1890-1970) foi um líder político e militar francês. Como general, liderou a Resistência Francesa durante a Segunda Guerra Mundial. Como presidente da Quinta República, buscou centralizar o poder nas mãos do presidente, como forma de manter a estabilidade e unidade nacional. Em 1958 propôs uma nova constituição que permitia ao chefe do Executivo nomear o primeiro-ministro, dissolver a Assembleia Nacional e convocar eleições antecipadas para buscar apoio popular direto.

¹⁵⁹ SKIDMORE, T. **Brasil**: de Castelo a Tancredo (1964-1985). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 29.

apoio resolutivo de uma coalização militar, que o capacitariam a impor soluções econômicas e políticas às demandas conflitantes.¹⁶⁰

Ele esperava que, após sua renúncia, “as Forças Armadas assumiriam o controle do país e montariam um esquema para que Jânio Quadros retornasse ao poder, após ser executada uma reforma institucional”.¹⁶¹ Dessa forma, suas falas de que a renúncia fora um ato de desapego ao poder se opunham ao que os autores acima afirmam. Para eles, Jânio renunciara visando retornar ao cargo com mais poderes ainda.

O desejo de Jânio ser presidente com poderes excepcionais não era nenhuma novidade. Sua relação com o Congresso Nacional não estava boa e seus projetos de lei encontravam bastante oposição. O governador da Guanabara, Carlos Lacerda, havia denunciado uma tentativa de colher seu apoio por parte do presidente para tentar um autogolpe. Segundo o governador, ele havia sido procurado pelo ministro da Justiça, Pedroso D’Horta, para apoiar a iniciativa do presidente Jânio de realizar uma “reforma institucional, na qual o Congresso, que já deseja um ‘recesso remunerado’, fique realmente em recesso remunerado”.¹⁶²

Pode-se argumentar que, àquela altura, Carlos Lacerda já havia passado de aliado a desafeto de Jânio e, portanto, o documento acima seria apenas uma peça política de Lacerda contra Jânio. De fato, a conspiração nunca foi provada, seja por meio de confissões ou de inquéritos policiais. Contudo, pode-se notar diversas falas autoritárias no discurso de Jânio enquanto presidente da República e é inegável que Jânio desejasse reassumir o poder após sua renúncia, sendo clamado pelo povo. Em seu plano, Jânio só aceitaria retornar ao poder se pudesse ter acesso a um Poder Executivo hipertrofiado, com poderes superiores aos do Legislativo e Judiciário. Essa afirmação não se baseia em uma fala de um desafeto político, mas do próprio Jânio que, em discurso, expressou abertamente seu desejo de ser reconduzido ao cargo durante declaração emitida no aeroporto de Cumbica (Guarulhos-SP), no dia 27/08/1961, conforme noticiado pelo jornal *OESP*:

Não farei nada para voltar, mas considero minha volta inevitável. Dentro de três meses, se tanto, estará na rua, espontaneamente, o clamor pela implantação de nosso governo. O Brasil, no momento, precisa de três coisas:

¹⁶⁰ DREIFUSS, R. A. **1964: a conquista do Estado** – ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 129.

¹⁶¹ CHAIA, V. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991, p. 241.

¹⁶² LACERDA, C. **O poder das ideias**. Rio de Janeiro: Record, 1964, p. 333.

autoridade, capacidade de trabalho e coragem e rapidez nas decisões. Atrás de mim não fica ninguém, mas ninguém, que reúna esses três requisitos.¹⁶³

Sua saída, portanto, não pode ser vista à luz apenas do discurso oficial do político, como um ato de honradez e altivez moral, mas, sim, como uma decisão estudada, que visava impor um regime autoritário no país, centrado em sua pessoa. Sua decepção foi que “o povo surpreendido [...] não se moveu. Recebeu a renúncia até com certa irritação, como se tivesse sido traído [...]. E assim o presidente renunciante teve de amargar a decepção e a derrota no exílio.”¹⁶⁴

Fracassado seu golpe, Jânio resolveu testar sua aprovação nas eleições de 1962, munido de seu tradicional discurso moralista e de seu novo discurso de herói resoluto, se candidatou à vaga de governador do estado de São Paulo. Quando se candidatou, seu principal adversário era José Bonifácio Coutinho Nogueira, o candidato apoiado pelo então governador de São Paulo, Carvalho Pinto. Era ele que Jânio se preparava para enfrentar, nas eleições, quando seu desafeto político mais conhecido, Adhemar de Barros, do Partido Social Progressista (PSP), lançou sua candidatura.

Adhemar adotou o slogan “Ordem e Tranquilidade”, qualidades que, segundo o candidato, lhe eram abundantes, ao contrário de Jânio. Além disso, Adhemar recebeu apoio do ex-presidente Juscelino Kubitschek e de Carlos Lacerda, preocupados com que a vitória de José Bonifácio fortalecesse demais Carvalho Pinto em uma futura eleição presidencial. Adhemar também recebeu apoio da Igreja Católica, de empresários e de grandes proprietários de terra com seu discurso pautado na defesa das “tradições cristãs do povo brasileiro, em oposição ao comunismo e ao sindicalismo da esquerda”¹⁶⁵.

Essa eleição revelou o primeiro problema de pensar que Jânio estava derrotado politicamente e a imagem de “fujão” e “inepto” já lhe estava atribuída. José Bonifácio Coutinho Nogueira, candidato da União Democrática Nacional (UDN), comentou sobre o sentimento acerca da renúncia de Jânio: “nós [o] elegemos para combater o poder econômico. Só lamento que ele tenha fugido da Presidência da República sem haver realizado esse combate [...]”.

¹⁶³ Jânio Quadros *apud O Estado de S. Paulo*, edição n. 26.486, de 27/08/1961, p. 4.

¹⁶⁴ BASBAUM, L. **História sincera da República**, v. 4. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977, p.17.

¹⁶⁵ SAMPAIO, R. **Adhemar de Barros e o PSP**. São Paulo: Global, 1982, p. 100-105.

Jânio recebeu uma quantidade significativa de votos que lhe deram o segundo lugar. Foi a primeira derrota eleitoral de Jânio na carreira, obtendo 1.125.941 votos (20,88%), contra 1.249.414 votos (22,83%) de Adhemar de Barros, o vencedor do pleito.¹⁶⁶

O resultado daquela eleição corrobora a hipótese defendida neste trabalho de que a imagem de Jânio sofreu um forte golpe com sua renúncia, mas, no entanto, ele ainda se manteve um político de relevância. Em contrapartida a essa hipótese, é comum encontrarmos textos que desqualificam Jânio enquanto político, como o trecho abaixo:

Mas Jânio era político de província. Conhecia mal as lideranças partidárias nacionais [...]. Tampouco estava preocupado em negociar com o campo oposicionista; foi um mestre em exacerbar o atrito. Bateu de frente com a imprensa, com o funcionalismo, com o vice-presidente da República. E acabou rompendo com a própria UDN. [...] Em alguns meses Jânio Quadros conseguiu confundir o ambiente político nacional, subestimar seus aliados e se isolar na presidência. Sem planejamento de longo prazo, com uma visão estreita do país e moralista na vida pública, um perfil autoritário e alma de burocrata, governava a república como quem chefiava uma repartição. Centralizava decisões, controlava miudezas [...]

Jânio era mesmo um intruso político à frente de um governo [...].¹⁶⁷

De fato, Jânio buscou não se envolver diretamente com a política intrapartidária, já que, frequentemente, acusava os partidos de defenderem interesses diferentes dos de seus eleitores. Jânio acreditava que sua imagem e seu carisma suplementavam a necessidade de seu envolvimento constante em negociações partidárias.

Jânio também não se preocupava em manter um bom relacionamento com a imprensa e por diversas vezes a atacou, chamando-a de mentirosa e tendenciosa, recusando entrevistas e faltando aos debates. Seu relacionamento com o Congresso Nacional, quando presidente, foi extremamente conturbado, perdendo o apoio do principal partido aliado, a UDN, em poucos meses de governo. Seus bilhetes, escritos à mão, com ordens bastante ríspidas, ficaram famosos, mas podem ser interpretados como uma centralização de poder e uma atenção demasiada a detalhes que não seriam da competência de um chefe do Executivo.

¹⁶⁶ Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Disponível em: <https://www.tre-sp.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/sistema-paulistica>. Acesso em: 27 maio 2022.

¹⁶⁷ SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 431-432.

Pode-se, e deve-se, realizar críticas em relação a Jânio e aos seus governos, mas seus resultados eleitorais provam que ele não era nenhum amador na esfera política-institucional e que, mesmo após o fracasso de seu governo e de sua derrota em 1962, seus adversários não o subestimavam. Comprova tal afirmação o fato de que, pouco após o golpe civil-militar de 1964, em 10 de abril, o denominado Comando Supremo da Revolução, cassou por dez anos os direitos políticos do ex-presidente, mesmo com este expressando um apoio com ressalvas ao golpe: “Vejo agora essa revolução vitoriosa converter-se em instrumento de rancores e conveniências de grupos e indivíduos. [...] Aceite a indicação, General. Eleito, restitua ao Brasil a ordem e a lei [...]”.¹⁶⁸

É notório que, mesmo cassado e proibido de se manifestar publicamente pelo Regime Militar, Jânio foi um de seus defensores. Talvez pela interconexão de seus ideários autoritários e anticomunistas, Jânio pode ter visto nas figuras fardadas o reflexo do que imaginava como um governo forte e moralizador. Frases de apoio como esta eram comuns: “me agrada dizer que nosso atual governo faz todo o possível para colocar em ordem a administração, as finanças e a economia no Brasil. Estou seguro que terá êxito.”¹⁶⁹ Assim como falas que evidenciavam seu desprezo pela democracia nos moldes liberais:¹⁷⁰

nenhum Estado Democrático subsiste hoje se não contar com elementos que o defendam das investidas fascistóides e comunizantes. A primeira condição para o Estado Democrático sobreviver é a autoridade do poder executivo que deve exercer marcado predomínio sobre os demais poderes. A democracia liberal, dos Três Poderes harmônicos e interdependentes, está morta. É peça de museu.¹⁷¹

E em: “só uma democracia forte, autoritária e de conteúdo humanista poderá sustentar e fortalecer a liberdade, a família, a livre empresa, a propriedade e o trabalho, sujeitando tudo aos valores cristãos que devem inspirar o Homem.”¹⁷² Da

¹⁶⁸ Jânio Quadros *apud* ARNT, R. **Jânio Quadros: o Prometeu de Vila Maria**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 216.

¹⁶⁹ CHAIA, V. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991, p. 251.

¹⁷⁰ Entende-se aqui como democracia liberal o conceito descrito por Bobbio, Matteucci e Pasquino como a forma de governo “onde forem reconhecidos alguns direitos fundamentais de liberdade que tornam possível uma participação política guiada por uma determinação da vontade autônoma de cada indivíduo”. Ver: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. (org.). **Dicionário de política**, v. 1. 11. ed. Brasília: Editora UnB, 1998, p. 324.

¹⁷¹ CHAIA, V. Um mago do marketing político. *In*: SILVA, Ana Amélia da; CHAIA, Miguel (org.). **Sociedade, cultura e política: ensaios críticos**. São Paulo: EDUC, 2004, p. 547.

¹⁷² Jânio Quadros *apud* CHAIA, V. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991, p. 252.

mesma forma, a entrevista do deputado Argemiro de Figueiredo (UDN) em que diz: “é preciso contê-lo [Jânio Quadros] nos impulsos e inclinações ditatoriais, para que sobrevivam as instituições da República”.¹⁷³

O teor dessas falas corrobora com o entendimento de que, de fato, Jânio tentou dar um golpe com sua renúncia, em 1961, já que reclamava constantemente dos membros do Legislativo e de como atrapalhavam seus planos para o Brasil. Jânio “desprezou a configuração partidária do Congresso, não negociou com partidos, ignorou as regras do jogo político e tentou governar apesar do Legislativo.”¹⁷⁴

Em 1968, Jânio passou 120 dias preso em um hotel em Corumbá (MT), detido por se manifestar publicamente sobre temas políticos, assunto que lhe fora proibido pelos militares, e mesmo neste momento, não encontramos evidências, sejam falas, entrevistas, cartas ou manifestos, de que Jânio tenha se colocado como alguém contrário ao Regime Militar, seja durante o período de vigência do regime, seja *a posteriori*. Jânio nunca enfrentou o regime, pelo contrário, foi-lhe bastante simpático.

Analisar as falas de Jânio Quadros e imaginá-lo como um defensor da democracia seria negar toda a essência de seu discurso político, em especial, toda sua carreira pós-1951, quando foi eleito deputado estadual de São Paulo. Chaia¹⁷⁵ descreve em seu livro como Jânio sempre focou seus discursos em outros fatores, sendo seus principais pilares o “trabalho eficiente”, os “valores cristãos”, o “anticomunismo”, o “antiestablishment”, o “moralismo” e a “anticorrupção”. As adoções dessas bandeiras bastante genéricas permitiam que o político pudesse alterar os significados das palavras, deslocando-as de sentido conforme a sua conveniência.

Sua postura “antiestablishment” e “moralizante”, por exemplo, servia para que Jânio pudesse se colocar como a solução contra todos os políticos que supostamente não atendiam aos anseios populares: “em seus pronunciamentos veiculados pela imprensa, afirmava que a crise na democracia brasileira era uma “crise de caráter”,¹⁷⁶ que os partidos sacrificam “os programas das legendas, as aspirações populares e a decência individual e coletiva”¹⁷⁷ e, segundo o próprio Jânio, ele estaria imune às pressões partidárias uma vez que seu eleitorado “não me sujeita a qualquer partido,

¹⁷³ OESP, edição n. 26.351, de 22/03/1961, p. 5.

¹⁷⁴ HIPOLITO, Lúcia. **PSD de raposas e reformistas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 111.

¹⁷⁵ CHAIA, V. A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990). Ibitinga: Humanidades, 1991.

¹⁷⁶ CHAIA, V. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991., p. 83.

¹⁷⁷ Idem, *ibid.*

a qualquer grupo, a qualquer indivíduo. Sujeita-me tão só e exclusivamente ao bem comum.”¹⁷⁸

Se nos debruçarmos sobre essas afirmações, veremos quão fáceis de manipulação elas são. Afinal, o que é o “bem comum” ao qual Jânio se refere? Se o Brasil está em “crise de caráter” e caráter significa valores éticos e morais simples como não roubar, por conseguinte, todos os políticos do Brasil são ladrões, ou corruptos inescrupulosos? Tendo havido eleições para colocar os políticos “sem caráter” no poder, seriam os eleitores de tais políticos tão sem escrúpulos como eles? E, por fim, ao criticar os outros políticos, apresentando-se como solução, já que Jânio se considerava dotado do “caráter” que fazia falta à nação, o que deve ser feito com os políticos não alinhados com sua definição de moral? O discurso janista é, em seu fim lógico, um discurso autoritário, centralizado na figura de Jânio como único líder capaz de resolver os problemas do país e que, por isso, não deveria se submeter a nenhum limite externo a sua “moral”, já que qualquer outro limite teria sido imposto por pessoas “sem caráter”.

Jânio, portanto, possuía em si a semente do autoritarismo e criava um terreno fértil para que ideias não democráticas florescessem. Dessa forma, negamos a hipótese de que Jânio dava declarações pró-Regime Militar de 1964 apenas por medo de reprimendas, pois acreditava verdadeiramente que um governo centralizado, autoritário, em que o Executivo prevalecesse quase sem limites institucionais seria a solução para o Brasil. Chaia finaliza a questão afirmando que:

Apesar de cassado, apoiou a repressão exercida pelo regime militar. Daí é possível compreender seu apoio ao AI nº 5 e sua posição contrária à anistia “ampla geral e irrestrita”, por considerar que mesmo crimes envolvendo motivos políticos não deveriam ser perdoados.¹⁷⁹

3.1 IMPRENSA E CENSURA

Finalmente, é importante historicizar outro ator envolvido nas eleições: a imprensa.

O fato de ter ocorrido eleições em 1982 pode dar a sensação de que o Regime Militar agonizava, inerte, esperando pelo seu fim. Porém, a situação não era essa.

¹⁷⁸ CPDOC/Forense Universitária. **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro**, 1930-1983, 1984, p. 2.848 *apud* CHAIA, V. A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990). Ibitinga: Humanidades, 1991, p. 111.

¹⁷⁹ CHAIA, V. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991, p. 252.

Mesmo com um abrandamento, principalmente após a revogação dos Atos Institucionais, por Ernesto Geisel,¹⁸⁰ em 1978, a censura a jornais e revistas só seria oficialmente extinta e proibida com a promulgação da Constituição de 1988.¹⁸¹ No findar do Regime, em seu último quinquênio, não foram poucas as vezes em que o governo utilizou seu aparato para impedir que notícias circulassem.

Não se pode, entretanto, generalizar a relação entre o governo militar e a imprensa como uma relação opressor-oprimido. Longe da idealização, é mais exato dizer que certos setores da imprensa se acomodaram e buscaram se beneficiar do regime,¹⁸² em especial, a grande imprensa liberal. Chamamos, aqui, de grande imprensa liberal os veículos de comunicação com grande circulação, alcance e capilaridade em território nacional:

Qualifica-se de grande imprensa – e aqui o termo aparece por oposição a uma imprensa de menor porte – os órgãos de divulgação cuja veiculação pode ser diária, semanal ou mesmo que atuem em outra periodicidade, mas cuja dimensão, em termos empresariais, atinja uma estrutura que implique na dependência de um alto financiamento publicitário para a sua sobrevivência.¹⁸³

No Brasil, a grande imprensa “estaria filiada à corrente liberal ou neoliberal”,¹⁸⁴ cujo cerne estaria “na suposição de que o mecanismo de preços deveria ser respeitado como a determinante principal da economia”¹⁸⁵ e no “modelo teórico de defesa das chamadas liberdades naturais do indivíduo e como a teoria política de contenção da interferência do Estado”.¹⁸⁶

É verdade que muitos órgãos de imprensa sofreram censura prévia e a acatavam a contragosto, por medo de represálias, mas havia aqueles que aceitavam as “sugestões” dos censores e, para não parecerem fracos, criavam uma narrativa de

¹⁸⁰ Emenda Constitucional nº 11 de 13 de outubro de 1978, em especial o artigo 3º.

¹⁸¹ A Constituição Federal em seu artigo 5º, inciso IX legisla: “É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença.” Grifo nosso.

¹⁸² BARBOSA, M. C. Imprensa e poder no Brasil pós-1930. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 215-234, 2006.

¹⁸³ AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa, Estado Autoritário no Brasil (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência – O Estado de S. Paulo e Movimento**, 1999, p. 37.

¹⁸⁴ MARTINS, Luís Carlos dos Passos. **A grande imprensa “liberal” da Capital Federal (RJ) e a política econômica do segundo governo Vargas (1951-1954): conflito entre projetos de desenvolvimento nacional**, 2010, 360f. Tese (doutorado em história) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010, p.33.

¹⁸⁵ SKIDMORE, T. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)**. 11ª. reimp., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 118.

¹⁸⁶ AQUINO, M. A. **Censura, imprensa, Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência – O Estado de S. Paulo e Movimento**. Bauru, SP: Edusc, 1999, p. 38.

consenso com os censores, uma disputa fictícia para que a notícia fosse publicada de uma forma que não desagradasse o governo e, ao mesmo tempo, informasse a população.

A aplicação da autocensura era comum e “a maioria dos jornais curva-se às ordens superiores, introjetando o discurso proibitivo antes mesmo que ele chegue às redações”,¹⁸⁷ aceitando e aplicando o discurso restritivo antes de qualquer ordem formal. A autocensura não se limitava apenas a jornais e revistas impressos, ou noticiários, mas afetava todas as mídias legalizadas no país, fossem apoiadoras do regime ou não, como, por exemplo, a Rede Globo “que manteve um departamento de censura para evitar as pesadas perdas econômicas que resultariam da censura de uma novela”.¹⁸⁸

Nesse ponto, pode-se contrapor a versão de Kucinski, que considera a autocensura responsável por “apenas quinze jornalistas terem sido processados por crime de imprensa, a maioria em casos ligados a denúncias de corrupção ou mandonismo”,¹⁸⁹ uma vez que as empresas jornalísticas fizeram arranjos com os militares governantes, mesclando seus interesses com os do regime, buscando se aproximar do poder para obter vantagens para si mesmas.¹⁹⁰ Entretanto, não podemos diminuir o peso da censura no país ou relativizá-lo a um número “baixo” ou “alto” de censurados. A censura é uma prática condenável devendo ser rechaçada em qualquer situação. O número de censurados, portanto, não deve ser critério para definições sobre a força da repressão no Regime Militar, pois, mesmo se tivesse sido apenas um jornalista censurado já seria um número inaceitável.

Com o iminente fim do Regime Militar e a inerente mudança do equilíbrio do poder, a imprensa brasileira buscou novos pontos de apoio no cenário político. Muitos órgãos de imprensa começaram a rechaçar a ditadura, primeiro lentamente, testando os novos limites da abertura política proposta por Geisel, para paulatinamente partir para uma oposição declarada. Conforme Marcos Napolitano, durante a vigência do Regime Militar, “os jornais nunca chegaram a romper global e totalmente com o

¹⁸⁷ BARBOSA, M. C. Imprensa e poder no Brasil pós-1930. **Em Questão**. Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 215-234, 2006, p. 229.

¹⁸⁸ SOARES, G. A. D. A censura durante o regime autoritário. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 4, n. 10, p. 21-43, 1989, p. 33.

¹⁸⁹ KUCINSKI, B. A primeira vítima: a autocensura durante o regime militar. In: CARNEIRO, M. L. T. (org.). **Minorias silenciadas**. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado; Fapesp, 2002, p. 536.

¹⁹⁰ BARBOSA, M. C. op. cit.

Regime Militar, mantendo ora uma posição de críticos pontuais de determinadas políticas setoriais do governo, ora de interlocutores confiáveis”.¹⁹¹ O historiador continua:

Nos anos finais do regime, os editoriais apontam para um balanço mais contundente do regime militar como um hiato histórico, generalizando-se o discurso da sociedade vítima e da resistência como vocação política e imperativo moral contra o regime. O curioso é que essa visão era conciliada em alguns jornais com a preservação das virtudes históricas positivas na efeméride que deu origem a este suposto hiato, o golpe de 1964, como se este não fosse o marco zero da ditadura que se seguiu, mas um elo cívico perdido na história e traído pelos militares que se encastelaram no poder.¹⁹²

Ao enxergar a nova ordem política que estava se formando, os jornais e revistas começaram a escolher quem seria seu novo sustentáculo de aproximação do poder. A revista *Veja*, por exemplo, enxergando o PMDB como a mais poderosa força política naquele momento, se pôs como grande parceira do partido. Já *OESP* seguiu seu histórico, descrito por Francisco Fonseca¹⁹³ como um “liberalismo positivista”, pois, apesar da contradição em termos, o jornal tentava amalgamar uma sólida defesa da iniciativa privada, com a defesa da ordem e hierarquia social tradicional e a convicção do papel dos militares como mantenedores e provedores da estabilidade sociopolítica. Com esses princípios, o jornal colocou seu apoio em personagens mais conservadores, como Olavo Setúbal, amigo de Júlio de Mesquita Neto, diretor do jornal à época.

3.2 JÂNIO QUADROS E O CENÁRIO POLÍTICO DA DÉCADA DE 1980

Entendemos que uma eleição não é um evento isolado que se resume ao dia da votação e em seu resultado. Também consideramos que as eleições perpassam o período de campanha oficial, de forma que é importante entendermos as relações político-institucionais da época para que possamos compreender os diversos atores envolvidos no espaço-tempo desta pesquisa. Baseados na percepção de que as eleições não se limitam nelas mesmas, iremos discutir o ambiente partidário da época e como as eleições de 1985 se encaixam no processo histórico político brasileiro.

¹⁹¹ NAPOLITANO, M. A imprensa e a construção da memória do regime militar brasileiro (1965-1985). *Estudos Ibero-americanos*, v. 43, n. 2, 2017, p. 347

¹⁹² *Ibidem*, p. 362.

¹⁹³ FONSECA, F. **O consenso forjado**: a grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2005.

Com a decadência do Regime Militar, no Brasil, e uma gradual abertura política, em 1982, foram realizadas eleições diretas para os cargos de governadores estaduais, senadores, deputados federais e deputados estaduais. Em 1979, durante o governo do general João Baptista Figueiredo, houve a volta do pluripartidarismo no Brasil e novos partidos foram organizados para a disputa das eleições de 1982: o Partido Democrático Social (PDS), antiga Aliança Renovadora Nacional (Arena), o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), antigo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o Partido Democrático Trabalhista (PDT), O Partido Popular (PP), e o Partido dos Trabalhadores (PT). Iremos nos deter mais detalhadamente no PDS, PMDB e PTB.

Em seu terceiro pleito para o cargo de governador do estado de São Paulo, Jânio enfrentou, em 1982, um cenário bem diferente do de 1962, uma vez que estava afastado da vida pública, como candidato, havia vinte anos. Nesse meio tempo, novos atores surgiram e alguns antigos perderam relevância. Assim, Jânio filiou-se ao PTB, tendo sua candidatura homologada em abril de 1981. Tentou também se aproximar do PP, de Tancredo Neves, sugerindo até uma fusão entre os dois partidos, o que não veio a se concretizar. Percebendo que o PTB não possuía muita capilaridade nas cidades do interior paulista, Jânio tentou se filiar ao PMDB, mas teve sua filiação negada pelo diretório nacional do partido, o que o faz retornar ao PTB, em 3 de novembro de 1981.

Com seu afastamento de eleições anteriores e o momento diferente que o Brasil vivia, Jânio ficou em terceiro lugar na eleição, com 12,5% dos votos (1.447.328 votos), perdendo para o segundo mais votado, Reynaldo de Barros, do PDS, que alcançou 23,5% dos votos (2.728.732 votos) e para o vencedor, André Franco Montoro, que venceu por ampla margem, com 44,9% dos votos (5.209.952 votos). Lamounier e Muszynski (1983) colocam que, devido ao cenário político do Regime Militar e às constantes disputas entre MDB e Arena, o pleito, em São Paulo, foi marcado predominantemente pelos partidos que os sucederam, com os eleitores da Arena votando predominantemente no PDS e aqueles eleitores que estavam desgostos com o Regime Militar se juntaram aos eleitores do MDB, votando predominantemente no PMDB, o qual obteve quase o dobro dos votos do segundo colocado.

Os autores continuam dizendo que, para Jânio, entretanto, a derrota mostrou um possível caminho a ser seguido, já que obteve 20,6% dos votos na capital paulista,

ficando em segundo lugar, atrás de Montoro. “Jânio venceu em bairros identificados com o janismo tais como Tatuapé, Tucuruvi e Vila Prudente”¹⁹⁴, “no reduto janista mais tradicional, a Vila Maria, Jânio Quadros chegou mesmo a vencer o candidato do PMDB, conquistando 37% dos votos contra 34% de Franco Montoro.”¹⁹⁵ Jânio possuía:

focos irradiadores do janismo, identificados com as regiões leste e norte [...], nas áreas de povoamento mais antigo da cidade e mais próximas do Centro. Quanto mais nos afastamos desse núcleo central, rumando para o extremo leste ou para o extremo norte, tanto mais constataremos uma redução da vantagem janista. O que se observa, portanto, é um fenômeno de propagação do janismo a partir de um centro irradiador, com uma gradativa diminuição de sua força à medida que nos afastamos de seu núcleo.¹⁹⁶

Com esses resultados em mãos, Jânio viu que ainda possuía força na capital e que seu discurso sobre honestidade, moralização e trabalho ainda encontrava eleitores dispostos a acreditar em suas falas e lhe recompensar com seu voto. Jânio começou então a se preparar para as próximas eleições, visando a cadeira de prefeito da capital paulista.

¹⁹⁴ SADEK, M. T. A trajetória de Jânio Quadros. *In*: LAMOUNIER, B (Org.). **1985: o voto em São Paulo**. São Paulo: Idesp, 1986, p. 75-77.

¹⁹⁵ *Ibidem.*, p.77.

¹⁹⁶ *Ibidem.*

4 AS ELEIÇÕES DE 1985 EM SÃO PAULO

Depois de 20 anos sem eleições para prefeito, no dia 15 de novembro de 1985, a cidade de São Paulo se reuniu para exercer seu direito de escolher quem conduziria a cidade mais populosa do Brasil. Após um longo período em que seu direito de escolha havia sido alienado, os próprios paulistanos puderam escolher seu prefeito.

A última eleição para a Prefeitura, na cidade, aconteceu em 1965, vencida por José Vicente Faria Lima, candidato apoiado pelo ex-presidente Jânio Quadros e por parte significativa da grande imprensa,¹⁹⁷ em especial, pelo grupo responsável pelo jornal *Folha de S. Paulo*.¹⁹⁸ Após aquela eleição, os prefeitos das capitais estaduais, áreas de segurança nacional e estâncias hidrominerais passaram a ser nomeados pelo Poder Executivo após ratificação da Assembleia Legislativa, conforme determinava o Ato Institucional número 3¹⁹⁹. Tal condição perdurou até 1985.

Além de ser o primeiro pleito na cidade, em 20 anos, a eleição de 1985 também foi a segunda eleição direta após o fim do Regime Militar e da notável derrota do Partido Democrático Social (PDS) nas eleições estaduais de 1982, em São Paulo.

4.1 PARTIDOS EM 1980

Retornando ao cenário político da época, o PDS fora criado por integrantes da Aliança Renovadora Nacional (Arena) para sucedê-la, em 1980, e arcava com todo o desprestígio que seu antigo nome carregava e já nascia em declínio. Sofreu “ao longo dos anos de 1980 e 1981 uma erosão gradual. Pesquisas realizadas pelo Serviço Nacional de Informações (SNI) mostravam que a posição do PDS nos diferentes estados enfraquecia-se progressivamente”.²⁰⁰

Enquanto durou o simulacro de democracia imposto pelo Regime Militar ao Brasil, a Arena sempre obteve maioria dos assentos no Congresso e em apenas uma

¹⁹⁷ Chamamos aqui de grande imprensa, os noticiários de grande alcance nacional, no Brasil, tipicamente de caráter liberal, segundo a perspectiva de Antônio A. C. Rubin e Fernando A. Azevedo, em RUBIM, A. A. C.; AZEVEDO, F. A. *Mídia e Política no Brasil: estudos e perspectivas*. **Lua Nova**, n. 43, p. 189-216, 1998. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/rubim-albino-midia-politica-brasil.pdf>. Acesso em julho de 2022.

¹⁹⁸ MOTA, C. G.; CAPELATO, M. H. **História da Folha de S. Paulo: 1921-1981**. São Paulo: Impres, 1980.

¹⁹⁹ Os Atos Institucionais foram uma forma de legislação durante o período do Estado Autoritário brasileiro, entre 1964 e 1985. Foram promulgados 17 Atos Institucionais durante o período, estes Atos tinham força de lei e não eram passíveis de revisão pelo Judiciário.

²⁰⁰ DINIZ, E. A transição política no Brasil: uma reavaliação da dinâmica de abertura. *In*: BOSCHI, R. R.; DINIZ, E. **Estado e Sociedade no Brasil**: a obra de Renato Boschi e Eli Diniz. Rio de Janeiro: Ideia, 2016 (Coletânea), p. 248.

eleição não teve a maioria no Senado. Em 1974, o MDB conseguiu vencer a Arena nas eleições da Câmara Alta e ter a maioria dos votos, o que levou ao contra-ataque do regime, que instituiu a Lei Falcão²⁰¹ e o chamado “Pacote de Abril”.²⁰²

A decadência da Arena fica evidente se compararmos os resultados obtidos nos pleitos de 1970 e 1978:

Tabela 5 – Deputados federais eleitos nos anos de 1970 e 1978

Ano/Partido	Deputados Arena	Deputados MDB	% Arena	% MDB
1970	223	87	72%	28%
1978	231	189	55%	45%

Fonte: Elaborada pelo autor com base em TSE.

Tabela 6 – Senadores eleitos por votos populares nos anos de 1970 e 1978

Ano/Partido	Senadores Arena	Senadores MDB	% Arena	% MDB
1970	41	5	89%	11%
1978	15	8	65%	35%

Fonte: Elaborada pelo autor com base em TSE.

Com a volta do pluripartidarismo no país,²⁰³ a Arena foi reformulada e deu origem ao Partido Democrático Social (PDS), com inspiração no partido alemão SPD (Partido Social-Democrata da Alemanha)²⁰⁴ e disputou as eleições de 1982. Apresentando sinais de declínio, mas não de esgotamento, o partido se mostrou ainda relevante no cenário político, conseguindo eleger a maior bancada de senadores, deputados e governadores:

²⁰¹ A Lei Falcão (Lei nº 6339/76) foi criada em 1976, no governo de Ernesto Geisel, e recebeu esse nome por causa do seu criador, Armando Falcão, então ministro da Justiça. Essa lei limitava a propaganda política por meio de um sistema de apresentação dos candidatos políticos na televisão e na rádio, limitando-os a basicamente falar seu nome, número eleitoral e breve currículo. Tinha como objetivo principal evitar o fortalecimento da oposição.

²⁰² Este pacote consistia em uma emenda constitucional e seis decretos-leis, que alteravam as futuras eleições. Para o pleito de 1978 foi criada uma regra que garantiria a maioria governista na Câmara Alta. Metade das vagas seriam preenchidas pelo voto indireto do Colégio Eleitoral, cuja composição comportava membros das Assembleias Legislativas dos estados e de delegados das Câmaras Municipais. Um terço dos senadores foi escolhido após uma indicação do presidente da República, estes ficaram conhecidos como senadores biônicos. (SADDI, F. C. Política e Economia no Federalismo do Governo Geisel. **Brazilian Journal of Political Economy**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 214-232, 2020.)

²⁰³ Lei n. 6.767/79.

²⁰⁴ Sozialdemokratische Partei Deutschlands, no original. Ver: GRINBERG, L. **Partido político ou bode expiatório**: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena), 1965-1979. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

Tabela 7 – Senadores, deputados e governadores eleitos em 1982

Eleições 1982	PD S	PMD B	PD T	PT B	P T	TOTA L	%PD S	%PMD B	%PD T	%PT B	%P T
Senador	15	9	1	0	0	25	60%	36%	4%	0%	0%
Deputado	235	200	23	13	8	479	49%	42%	5%	3%	2%
Governador	12	9	1	0	0	22	55%	41%	5%	0%	0%

Fonte: Elaborada pelo autor com base em TSE.

Apesar de obter a maior quantidade de representantes, o PDS não pode ser considerado o grande vitorioso, uma vez que foi derrotado na disputa do Executivo, em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. As populações dos três estados, somadas com a da Bahia representavam mais de 50%²⁰⁵ dos eleitores do país. Além disso, a participação no Legislativo confirmou a tendência de declínio herdada da Arena, caindo percentualmente.

A derrota no Rio de Janeiro foi cercada de polêmicas. O vitorioso Leonel Brizola, do Partido Democrático Trabalhista (PDT), venceu o candidato Moreira Franco (PDS) por uma margem de menos de quatro por cento²⁰⁶. Em Minas Gerais, Tancredo Neves, do PMDB, venceu Elizeu Rezende com maioria absoluta dos votos: 51,13% contra 46,47%.

Em São Paulo houve grande derrota pedessista nas eleições. Apostando em um nome forte e conhecido do eleitorado, o PDS lançou a candidatura do ex-prefeito de São Paulo, Reynaldo de Barros. Seu principal adversário foi o senador pelo PMDB, Franco Montoro. Concorrendo pela terceira vez ao cargo, Jânio Quadros se lançou na disputa pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). O Partido dos Trabalhadores (PT) lançou seu principal nome, o líder sindical Luiz Inácio 'Lula' da Silva. O último concorrente foi o ex-deputado Rogê Ferreira, que concorreu ao pleito pelo PDT. Franco Montoro obteve 49,04% dos votos contra o ex-prefeito Reynaldo de Barros, que obteve apenas 25,68%, pouco mais que a metade de Montoro. O ex-presidente Jânio Quadros (13,62% dos votos) não teve uma grande votação e foi considerado por muitos como aposentado da vida política. Luiz Inácio 'Lula' da Silva ficou em quarto lugar, com 10,77%, dos votos conseguindo firmar sua posição e do PT no

²⁰⁵ IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA) – **Anuário Estatístico do Brasil**, v. 44, 1984, p. 351.

²⁰⁶ Esta eleição ficou marcado pela tentativa de fraude eleitoral, em que votos brancos e nulos seriam transferidos para o candidato Moreira Franco. Este evento ficou conhecido como Caso Proconsult.

cenário político, enquanto Rogê Ferreira amargou apenas 0,89% dos votos, resultado bastante frustrante para si e para o PDT.

Além da derrota no estado, o PDS viu, no ano seguinte, uma de suas piores derrotas eleitorais no município de Santos, a segunda cidade mais rica do estado à época. A primeira eleição livre na cidade após o fim do Regime Militar elegeu Oswaldo Justo, do PMDB, para a Prefeitura, com 35,25% dos votos. Enquanto Oswaldo Justo recebeu pouco mais de 35% dos votos, o percentual do principal candidato pedessista, Francisco Dias de Oliva, foi de apenas 2,12% dos votos, ficando em oitavo lugar. Uma derrota de tal magnitude em uma importante cidade acendeu as luzes de alerta do PDS e o partido precisou se reorganizar para que tivesse condições de chegar ao Colégio Eleitoral com chances de eleger o próximo presidente da República, o primeiro civil no cargo desde o golpe, em 1964.

Em sentido diametralmente oposto se encontrava o PMDB. O partido apresentava significativos sinais de estar se tornando a força política mais poderosa do país, em especial nas regiões de São Paulo e Minas Gerais.

O fim das regras do bipartidarismo, em 20 de dezembro de 1979, via Lei nº 6.767, deu mais flexibilidade para a criação de partidos políticos. A lei foi encarada como uma forma de enfraquecer o MDB²⁰⁷, posto que, a partir daquele momento, não deteria mais o monopólio da oposição.

Pode-se considerar que as eleições pré-1982 tinham um caráter plebiscitário, em que o eleitor votava se aprovava o regime vigente (votando na Arena) ou contra a manutenção do regime (votando no MDB), resultando em pouca identificação partidária por parte do eleitorado.²⁰⁸ Como o foco das discussões políticas era sobre a possibilidade e os meios de redemocratização do país, outros aspectos políticos acabaram ficando em segundo plano, restringindo a amplitude das discussões.

Com o fim do regime “plebiscitário”, temia-se (ou esperava-se, dependendo do interlocutor) que o MDB se fragmentasse ou perdesse força, se diluindo nos partidos recém-criados como o PT, PDT e PTB. Aviltava-se até a ideia de legalizar os partidos

²⁰⁷ O objetivo de fragmentar a oposição através da Lei n. 6.767, de 20 de dezembro de 1979 foi abertamente declarado pelo general Golbery do Couto e Silva, um dos principais articuladores do regime e um dos estrategistas da abertura. Para maiores informações consultar SILVA, Golbery do Couto e. **Conjuntura política nacional: o Poder Executivo e geopolítica do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

²⁰⁸ LAMOUNIER, B.; MUSZYNSKI, M. J. B. **1985: o voto em São Paulo**. São Paulo: Idesp, 1986, p. 1-13.

comunistas também com o objetivo, dentre outros, de enfraquecer o partido. Para Diniz a “ideia de esvaziar o MDB teve êxito, tendo esse partido perdido a metade de seus 189 deputados eleitos em 1978”.²⁰⁹

O PMDB havia sido o grande vencedor das eleições de 1982. Tancredo Neves (MG), Franco Montoro (SP) e José Richa (PR) foram os destaques peemedebistas das eleições estaduais. Em São Paulo, o senador eleito e o segundo colocado também foram do PMDB²¹⁰ (Severo Gomes e Almino Afonso, respectivamente). Dos dez deputados federais mais votados do estado, seis eram do PMDB. Na Assembleia Legislativa Estadual, o PMDB também teve seis dos dez mais votados.

Ainda no estado de São Paulo, o senador Franco Montoro venceu as eleições com tranquilidade, obtendo 49,04% dos votos contra 25,68% do segundo colocado, o ex-prefeito Reynaldo Barros do PDS, demonstrando a força que o PMDB e seu candidato tinham em terras paulistas. O jornal *Estado de S. Paulo*, repercutiu diversas vezes que o PMDB se via imbatível no estado.²¹¹

Fortalecido, o PMDB se preparava para a redemocratização do país e sonhava com as eleições presidenciais, quando poria à prova todo seu favoritismo. O país ainda não contava com eleições diretas para a Presidência, uma vez que a campanha das Diretas Já²¹² não logrou êxito, mas o PMDB conseguiu, em 1985, através do Colégio Eleitoral e de complexas alianças políticas, eleger o governador de Minas Gerais, Tancredo Neves, para o cargo de Presidente da República. Seria o primeiro civil a governar o país em 21 anos, se não tivesse sido acometido de grave doença, internado às vésperas da posse, e falecido no dia 21 de abril de 1985.

Outro partido fundado após o fim do pluripartidarismo foi o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), partido pelo qual Jânio disputou as eleições de 1982 e 1985, que resgatava a sigla existente antes do golpe de 1964, e buscava participar do cenário político com a relevância que teve durante a Segunda República (1945-1964), quando

²⁰⁹ DINIZ, E. A transição política no Brasil: uma reavaliação da dinâmica de abertura. In: BOSCHI, R. R.; DINIZ, E. **Estado e Sociedade no Brasil**: a obra de Renato Boschi e Eli Diniz. Rio de Janeiro: Ideia, 2016 (Coletânea), p. 248.

²¹⁰ Em 1982, ainda era permitido a sublegenda partidária, ou seja, um partido poderia indicar mais de um nome para concorrer nas eleições sob sua legenda.

²¹¹ Por exemplo, a edição n. 33909 de 15/09/1985, p. 10 e na edição n. 33921 de 29/09/1985, p. 8.

²¹² Diretas Já foi um movimento político brasileiro ocorrido em 1983 e 1984, que visava a volta do voto direto no Brasil para presidente durante o Regime Militar. Foi marcado por passeatas, comícios e pela votação legislativa da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) n.º 5 do deputado federal Dante de Oliveira. A PEC precisava de 320 votos a favor na Câmara dos Deputados, mas só obteve 298 votos, sendo derrotada e não prosseguindo para apreciação dos senadores.

compunha, junto com o Partido Social Democrático (PSD) e a União Democrática Nacional (UDN), os maiores partidos do país.²¹³ A sigla, antes símbolo do trabalhismo brasileiro e do varguismo, havia caído em uma disputa jurídica entre grupos ligados a Ivete Vargas, sobrinha de Getúlio Vargas, pertencente à ala mais conservadora do partido, e grupos, mais à esquerda, ligados a Leonel Brizola, o herdeiro político de Vargas e João Goulart.

Ivete Vargas, apoiada por nomes proeminentes do Regime Militar, como o general Golbery,²¹⁴ venceu a disputa e conseguiu o aval do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) confirmando que a sigla pertencia ao seu grupo, e não ao de Brizola, que se retirou da sigla e fundou o PDT, o qual se colocava como o real sucessor do trabalhismo petebista e “fundamentava-se no tripé democracia, socialismo e nacionalismo”.²¹⁵ Sem contar com os trabalhistas de esquerda que se identificavam mais com o PDT do que com o novo PTB, o partido voltou-se para a direita, onde alguns partidários tinham bons relacionamentos com integrantes do Regime Militar, como Ivete Vargas provou ao atuar nos bastidores ao lado do general Golbery, Chefe da Casa Civil do governo Figueiredo.²¹⁶

Dessa forma, o PTB se distanciou do partido que havia sido décadas atrás e se aproximou do antigo PTB paulista, um partido “eleitoralmente fraco, politicamente desarticulado e ideologicamente inconsequente”²¹⁷, mas com bom trânsito entre empresários e políticos, focando mais no Legislativo do que no Executivo e preferindo atuar nos bastidores a expor-se diretamente nos cargos majoritários.²¹⁸ Buscando se associar a nomes fortes e reconhecidos da política, o PTB entrou em negociação com Jânio Quadros para que ingressasse na sigla e o ex-presidente aceitou o convite.

Jânio tentou “aproximar-se do PP, liderado por Tancredo Neves, e sugeriu que este se fundisse com o PTB. No entanto, suas propostas foram inviabilizadas pela

²¹³ GOMES, A. M. C.; D'ARAUJO, M. C. **Getulismo e trabalhismo**: tensões e dimensões do Partido Trabalhista Brasileiro. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, 1987.

²¹⁴ Golbery do Couto e Silva (21/08/1911-18/09/1987) foi um dos principais teóricos da Doutrina de Segurança Nacional e um dos idealizadores do Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi um dos articuladores do golpe de 1964, ocupou o cargo de Chefe da Casa Civil nos governos Geisel e Figueiredo, até 1981.

²¹⁵ BATISTELLA, A. O trabalhismo getulista-reformista do antigo PTB e o “novo trabalhismo” do PDT: continuidades e descontinuidades. **Aedós**, v. 5, jan./jul. 2013, p. 124.

²¹⁶ BATISTELLA, A. O trabalhismo getulista-reformista do antigo PTB e o “novo trabalhismo” do PDT: continuidades e descontinuidades. **Aedós**, v. 5, jan./jul. 2013, p. 122-126.

²¹⁷ BENEVIDES, M. V. O velho PTB paulista (partido, sindicato e governo em São Paulo -1945/1964). **Lua Nova**, São Paulo, n. 17, p. 133-161, 1989, p.134.

²¹⁸ *Ibid.*

mudança feita pelo governo Figueiredo nas regras eleitorais, proibindo as coligações partidárias”.²¹⁹ Além da proibição das regras eleitorais, a legislação também estabeleceu a vinculação dos votos e a obrigatoriedade de participação dos partidos em todas as disputas eleitorais. Jânio, percebendo que o PTB não teria força suficiente para vencer as eleições, se afastou do partido no dia 26 de junho de 1981.²²⁰

Buscando um partido forte que pudesse impulsionar sua candidatura, Jânio se voltou ao PMDB, e em 27 de agosto de 1981 pediu sua filiação ao partido por meio do Diretório da Vila Maria, seu conhecido reduto eleitoral. Sem afinidade política com o partido, Jânio pensava em utilizar a capilaridade e o tamanho do partido em benefício próprio, inflando sua candidatura para o pleito do ano seguinte. Escreveu uma carta endereçada para Orestes Quércia:²²¹

Acreditei no pluripartidarismo. Reconheço, não obstante, que apesar de nossos desejos e esforços já não podemos contar com esse indispensável avanço constitucional para as urnas de 82.

Conseqüentemente, filio-me ao PMDB, ampliando a frente democrática, convencido de que atendo ao dever imperioso de neutralizar os efeitos deletérios dos casuísmos.²²²

O PMDB reuniu sua Executiva Nacional e, em 20 de outubro de 1981, vetou a filiação do ex-presidente. Orestes Quércia e José Alencar Furtado foram os únicos membros que votaram pela admissão de Jânio, enquanto Franco Montoro e Ulysses Guimarães lideraram o bloco de treze peemedebistas que votaram contra.

Sem alternativa, Jânio Quadros voltou a se filiar ao PTB em 3 de novembro de 1981, alegando que iria se candidatar a deputado federal. Pouco tempo depois, lançou sua candidatura ao governo do estado pela sigla, no que resultaria na segunda derrota eleitoral da sua carreira. Amargando um terceiro lugar, atrás de Franco Montoro e Reynaldo de Barros, Jânio obteve apenas 1.447.328 votos, 12,5% do total.²²³

O resultado considerado catastrófico para muitos, por se tratar de um ex-presidente da República, foi visto como fruto da somatória de diversos fatores: a

²¹⁹ CHAIA, V. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991, p. 253.

²²⁰ Idem, *ibid.*

²²¹ Orestes Quércia (18/08/1938 – 24/12/2010) foi um político de grande expressão do MDB e do PMDB paulista. Foi, entre outros cargos, prefeito de Campinas (1969 a 1973), senador (1975 a 1983), vice-governador (1983 a 1986) e governador de SP (1987 a 1991).

²²² O Estado de S. Paulo, 01/10/1981.

²²³ TRE – Tribunal Regional Eleitoral / Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - Seade. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/moveleitoral/index.php?res=2>. Acesso em: abril de 2021.

disputa com Reynaldo de Barros pela mesma parcela de eleitorado, a ineficiente máquina petebista no interior, que foi incapaz de sustentar sua candidatura, e a mudança de regras eleitorais realizadas pelo general Figueiredo, que visava favorecer o PDS no Colégio Eleitoral.

Entretanto, para Jânio e sua equipe, o resultado das eleições foi considerado positivo, pois “apesar de sua derrota, Jânio Quadros conseguiu marcar presença e demonstrou que ainda era uma força política”.²²⁴ Apesar da derrota, Jânio foi o segundo candidato mais bem votado na capital, com 20,6% dos votos e venceu em seus redutos como Tatuapé, Tucuruvi e Vila Prudente²²⁵, “no reduto janista mais tradicional, a Vila Maria, Jânio Quadros chegou mesmo a vencer o candidato do PMDB, conquistando 37% dos votos contra 34% de Franco Montoro.”²²⁶ Jânio possuía

focos irradiadores do janismo, identificados com as regiões leste e norte [...], nas áreas de povoamento mais antigo da cidade e mais próximas do Centro. Quanto mais nos afastamos desse núcleo central, rumando para o extremo leste ou para o extremo norte, tanto mais constataremos uma redução da vantagem janista. O que se observa, portanto, é um fenômeno de propagação do janismo a partir de um centro irradiador, com uma gradativa diminuição de sua força à medida que nos afastamos de seu núcleo (SADEK, 1986, p. 77).

O resultado mostrou que o janismo ainda existia na capital paulista e que o discurso pautado na moralização da política, na honestidade e no trabalho ainda encontravam um número significativo de apoiadores. Vislumbrava-se que a carreira política de Jânio Quadros não estava tão acabada, como diziam seus opositores.

Este interlúdio na pesquisa, em que abordamos os partidos políticos, pode aparentar um afastamento de nosso objeto de análise, entretanto, é fundamental para entendermos a dinâmica política no contexto das eleições de 1985, situando o pleito dentro de um contexto amplo sem deixar de notar suas particularidades.

4.2 O PROCESSO ELEITORAL SOB OS OLHOS DE *VEJA* E DE O *ESTADO DE S. PAULO*.

Com tanto em jogo, a imprensa se debruçou sobre as eleições, e é sobre a cobertura da mídia que esta pesquisa se faz. Utilizando a revista *Veja* e o jornal *OESP*,

²²⁴ CHAIA, V. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991, p. 256.

²²⁵ SADEK, M. T. A trajetória de Jânio Quadros. In: LAMOUNIER, B (Org.). **1985: o voto em São Paulo**. São Paulo: Idesp, 1986, p. 75-77.

²²⁶ SADEK, M. T. A trajetória de Jânio Quadros. In: LAMOUNIER, B. (org.). **1985: o voto em São Paulo**. São Paulo: Idesp, 1986, p. 77.

entendemos as posições políticas defendidas por esses periódicos, e como transmitiram suas opiniões sobre Jânio Quadros para seus leitores.

Não se fala, nesta pesquisa, de tentativa de manipulação por parte desses veículos midiáticos, pois entende-se que o processo de comunicação e de formação de opinião é muito mais complexo do que algo que possa ser imposto “de cima para baixo”. A visão de que os leitores, e o povo em geral, são facilmente manipuláveis são fundadas em perspectivas bastante elitistas, nas quais os ditos “poderosos” ou “intelectuais” deteriam o conhecimento e poderiam, a seu bel prazer, ditar os rumos da vontade daqueles que não o detém. Nosso entendimento é o oposto disto, entende-se que as pessoas não são uma massa uniforme, desprovidas de vontades e visões de mundo, são todas sujeitos agentes da História, que recebem as informações e as processam de forma única.²²⁷

Neste ponto, é importante, também, retornarmos à questão do estudo de periódicos, para mitigar possíveis arestas entre o campo jornalístico e historiográfico.

Primeiramente podemos refletir sobre a natureza das edições de um periódico, pois, atualmente, é comum entre os grandes meios de comunicação que as edições já sejam arquivadas no momento de sua impressão, constituindo uma produção arquivística própria e disponibilizada para análises posteriores. Pensando que suas edições serão preservadas e analisadas *a posteriori*, os produtos da imprensa podem ser encarados como uma documentação que vai além de sua atividade-fim de informar um acontecimento sob um determinado ponto de vista, mas também pode ser visto como fonte de consulta e referência,

na medida em que sejam capazes, quando articulados aos demais documentos do fundo, de espelhar as atividades, a trajetória, os interesses ou mesmo certos traços da personalidade da entidade que os acumulou. Afinal, isto não bastaria para torná-los, [...] elos de uma cadeia que, vinculados aos documentos que o antecedem e o sucedem, compõem uma trama estrutural?²²⁸

Não tendo como atividade-fim a produção de material para arquivos, mas sendo pensada para fazer parte de um, é possível trabalhar com recortes desses periódicos, que exemplifiquem de forma geral questões levantadas sobre a produção e visão

²²⁷ BENJAMIN, Walter (1996), BURKE, Peter (1992), CHARTIER, Roger (1988), GINZBURG, Carlo (1989), HOBBSAWN, Eric (1998), JENKINS, Keith (2004), LE GOFF, Jacques (1994), LUKACS, Georg (2003), REIS, José Carlos (2005), entre outros.

²²⁸ CAMPOS, J. F. G. Uma abordagem arquivística dos recortes de jornal. **Oficina**: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo, [S. l.], v. 1, n. 1, 2022, p. 38.

deles. Tais recortes não podem ser feitos sem critérios ou desprovidos de sentido, mas devem seguir certas regras para se manterem coesos. “O sentido de cada recorte se constrói, portanto, nas relações explícitas e implícitas com os demais recortes, [...] com outros documentos que participam da mesma atividade e, no limite, com o arquivo como um todo”,²²⁹ sendo necessário categorizá-los e contextualizá-los segundo características claras, “criando sequência[s] de unidades de um mesmo tipo documental”²³⁰ que compreendam o lugar lógico que ocupam na estrutura do arquivo. Tal questão é determinante para entendermos a tipologia criada nesta pesquisa.

A questão das nomenclaturas dos textos jornalísticos também foi observada, buscando respeitar as especificidades de cada tipo de texto segundo o glossário de Campos,²³¹ mas sem buscar entrar em detalhes e controvérsias dos termos, uma vez que a discussão do tema, apesar de enriquecedora, não constitui o escopo deste trabalho. A fim de dar clareza aos termos, foi construída a seguinte tabela com base no autor e nos termos mais utilizados para esta pesquisa.

²²⁹ Ibidem., p. 40.

²³⁰ CAMARGO, A. M. A.; BELLOTTO, H. L. (coord.). **Dicionário de terminologia arquivística**. 3. ed. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2012, p. 76.

²³¹ CAMPOS, J. F. G. op. cit., p. 50-52.

Tabela 8 – Terminologia de textos jornalísticos utilizadas na pesquisa

Termo	Descrição
Coluna	Seção especializada, de caráter informativo e/ou opinativo, publicada regularmente e destinada à cobertura de assunto específico (cultura, economia, política, sociedade etc.), em que se reúne material de natureza diversa (charges, notas, notícias, fotolegendas). É geralmente assinada, dotada de título permanente e ocupa espaço fixo em determinada página do jornal.
Notícia	Relato de caráter informativo, assinado ou não, de acontecimentos ou fatos atuais que se supõe de interesse coletivo. Caracteriza-se pela objetividade, traduzida em frases e parágrafos curtos e diretos, vocabulário de fácil compreensão e ausência de qualificativos ou juízos de valor. Sua estrutura básica é geralmente composta de título, crédito, abertura (redigida sob forma de nariz de cera ou lide), desenvolvimento (explicação, contextualização e complementação do fato) e conclusão. Pode ser classificada em função do tempo e do modo como ocorre (prevista ou imprevista) e quanto à procedência (local, regional, nacional ou internacional), embora isso não altere a denominação da espécie documental
Reportagem	Relato alentado, de caráter informativo e assinado, de acontecimentos, fatos ou fenômenos atuais que se supõe de interesse coletivo. Destina-se, usualmente, à cobertura de fato de grande impacto e caracteriza-se pela pretensão de exaustividade, propondo uma sequência investigativa não apenas das origens, mas também das razões e dos efeitos do acontecimento ou fenômeno relatado. Sua estrutura é semelhante à da notícia, porém mais extensa, com abundância de material explicativo, contextual e complementar.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em: CAMPOS, J. F. G. Uma abordagem arquivística dos recortes de jornal. **Officina**: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 50-52.

Munidos da ciência da influência dos periódicos em seus leitores e dos aspectos técnicos do texto jornalístico, pudemos passar para a análise destes.

Esta pesquisa utilizou o acervo online da revista *Veja*²³² e do jornal *Estado de S. Paulo*.²³³ Devido à pandemia decorrente do vírus Sars-CoV-2, a utilização de acervos presenciais foi impossibilitada, resultando em uma consulta de fontes puramente online. Contudo, a pesquisa não foi prejudicada em decorrência disso, uma vez que ambos os veículos indicam que estão com a totalidade de seu material digitalizado.

Um dos objetivos deste trabalho é criar um banco de dados aberto, disponível para consulta, em que qualquer outro pesquisador possa verificar os resultados desta pesquisa, contribuindo assim para a construção do conhecimento sobre o período

²³² Disponível em: <https://veja.abril.com.br/acervo/#/archive/>.

²³³ Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/>.

estudado. Esse banco de dados se encontra, ao final da dissertação, nos apêndices 1 ao 12.

Ao formar um *corpus* documental com a totalidade das matérias de *Veja* e de *OESP*, buscou-se formar uma base de dados capaz de contemplar um horizonte de situações e possibilitar um entendimento amplo, cujo objetivo foi identificar possíveis exceções e classificá-las como tais, para não incorrer no erro de tratá-las como regra em análises posteriores. Essa possibilidade de erro foi mitigada ao enquadrar as notícias em categorias, dissolvendo componentes individualizantes para focar nos aspectos gerais, quando necessário, podendo retornar às matérias individualmente a depender da intenção a cada momento da pesquisa.

Santos Filho não vê problemas metodológicos em mesclar tipos diferentes de abordagens para a elaboração de uma pesquisa:

Os diferentes níveis, tipos e abordagens de problemas educacionais, e os diversos objetos de pesquisa requerem métodos que se adequem à natureza do problema pesquisado. Em última instância, porém, essas abordagens e metodologias precisam contribuir para a explicação e compreensão mais aprofundada dos fenômenos humanos que, pela sua grande complexidade necessitam, ser pesquisados sob os mais diferentes ângulos e segundo as mais variadas metodologias. A tolerância e o pluralismo epistemológico justificam a não admissão de uma única *ratio* e a aceitação do pluralismo teórico-metodológico nas ciências humanas e da educação.²³⁴

Com essa liberdade metodológica, indo de análises quantitativas das matérias divididas em categorias para a análise das matérias em seus conteúdos e vice-versa, foi possível verificar se as impressões de favorecimento das mídias para um determinado candidato de fato se confirmavam e, em caso positivo, qual foi a proporção desse apoio, variando de um apoio discreto, expresso nos espaços dados aos candidatos e em algumas poucas palavras-chave caracterizadoras, até um apoio evidente que, no limite, poderia até ser considerado como propaganda eleitoral. A hipótese inicial era a de que houve apoio de fato, mas em nenhum desses extremos.

Com a junção da leitura das matérias e a utilização das categorias, foi possível chegar a conclusões fundamentadas na bibliografia utilizada e na historicidade dos acontecimentos, e não em critérios subjetivos. São conclusões passíveis de análise por outros pesquisadores e que, acredita-se, podem contribuir com o conhecimento acerca do papel da mídia e das eleições paulistanas para a Prefeitura no ano de 1985.

²³⁴ SANTOS FILHO, J. C. Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa. *In*: SANTOS FILHO, J. C.; GAMBOA, S. S. **Pesquisa Educacional**: Quantidade-Qualidade. São Paulo: Cortez, 2000, p. 54-55.

Neste momento, portanto, nos debruçamos sobre o entendimento geral das matérias: suas construções, controvérsias, omissões e evidências, conectando-as com a cronologia dos fatos, de forma que entendemos o posicionamento tanto de *OESP* quanto de *Veja*.

Iniciando pela cobertura do período pré-eleitoral, podemos dizer que a primeira grande etapa da cobertura das eleições de 1985 focou, principalmente, na definição dos vices que comporiam as chapas e na escolha do cabeça de chapa do PMDB, único partido que, até maio, ainda não tinha deixado claro quem seria seu candidato. Tudo indicava que Mário Covas, principal nome do partido, seria impedido de concorrer devido à proibição da reeleição. Com um cenário incerto, houve uma grande contenda interna para decidir quem deveria ser o postulante ao cargo.

Jânio Quadros procurava tumultuar as discussões internas do PMDB dizendo que se o partido indicasse Freitas Nobre, Roberto Cardoso Alves ou Samir Achôa, ele não se candidataria e até poderia compor uma chapa com o PMDB.²³⁵ Dificilmente essa fala de Jânio seria concretizada, uma vez que o PTB já tratava sua candidatura como irreversível e ele próprio já havia decidido participar da eleição e se encontrava, dizemos hoje, em pré-campanha.

Mostrando a força que o político exercia até em partidos adversários, curiosamente, o PMDB não descartou a proposta de Jânio. Em um gesto que, em tese, fortaleceu o ex-presidente, a Comissão Executiva do partido se reuniu, em 25 de março, para discutir a viabilidade da proposta. Naquela reunião, os principais dirigentes defendiam que independente do candidato, o partido gozava de boa reputação, o que o tornava uma força eleitoral potencialmente vitoriosa, independentemente do candidato.

Outras alas peemedebistas defendiam o adiamento da decisão até o julgamento final e a definição sobre a possibilidade de reeleição dos prefeitos, uma vez que o líder do governo no Congresso, Fernando Henrique Cardoso, previa que a liberação seria aprovada no Congresso. Fernando Henrique Cardoso estava em uma posição contrária ao do presidente nacional da sigla, Ulysses Guimarães, que não acreditava ser possível obter dois terços dos votos em um assunto tão polêmico, e

²³⁵ *OESP*, edição n. 33.754 de 17/03/1985, p. 2.

aconselhava Covas a retirar suas intenções para que o partido pudesse se organizar melhor.²³⁶

Enquanto a questão não era decidida, aumentava o número de postulantes ao cargo, além dos nomes propostos por Jânio, Alberto Goldman disse que estava à disposição do partido, Freitas Nobre e Caio Pompeu de Toledo ameaçavam sair da sigla se não fossem escolhidos, Severo Gomes e Almir Pazzianoto foram nomes lembrados com frequência, bem como o do deputado José Serra. Todos desejavam o cargo de Mário Covas, que também desejava manter-se à frente da Prefeitura.

A primeira etapa da querela fora resolvida no dia 8 de maio, por meio da votação de partes da Emenda Constitucional n. 25,²³⁷ chamada por *Veja* de “emendão”,²³⁸ que regulamentou as eleições de 1985 e definiu a convocação de uma Assembleia Constituinte para 1986. A capa da revista exibiu, em tom otimista, as propostas aprovadas sob o título de “O Congresso enterra a Velha República” e, no interior da revista, sob o título “Um doce pacote”, explicou as principais mudanças eleitorais: as eleições diretas para Presidência, sem detalhar data ou normativas, a serem definidas pela Assembleia Constituinte; eleições diretas em capitais e em locais de interesse de segurança nacional; voto de eleitores analfabetos; fim das regras de fidelidade partidária, bem como o fim das sublegendas e o abrandamento das regras para a criação de novos partidos.

Em contraste, o *OESP* não colocou em evidência a votação do “emendão”. A capa do jornal, no dia da votação, trazia manchetes dúbias como “O país volta a eleger seu presidente em 88” e “Prefeitos das capitais podem ser reeleitos”, como se a votação já tivesse acontecido e essas propostas tivessem sido as vitoriosas. Ao ler o corpo do texto, entretanto, fica claro que se tratavam de propostas ainda a ser votadas.²³⁹ A cobertura ocupou seis páginas (todas com informes publicitários de tamanho razoável), contra sete páginas de *Veja*. No dia subsequente, já com as votações concluídas, o jornal dedicou um pequeno espaço na capa e apenas uma página para tratar do desenlace da votação, com destaques ao voto dos analfabetos e aos acordos políticos que viabilizaram a votação.²⁴⁰

²³⁶ *OESP*, edição n. 33.759 de 23/03/1985, p. 2.

²³⁷ A Emenda Constitucional só foi votada em sua totalidade em 15 de maio de 1985, data em que foi promulgada.

²³⁸ *Veja*, edição n. 871 de 15/05/1985, p. 21.

²³⁹ *OESP*, edição n. 33797, de 08/05/1985, p. 1 e 4-9.

²⁴⁰ *OESP*, edição n. 33.798, de 09/05/1985, p. 1 e 4

Levantou-se a hipótese de que o jornal não teria feito a cobertura do resultado da votação de forma ampla em virtude de o processo eleitoral ter sido encerrado de madrugada. Testando a hipótese, procurou-se, na edição seguinte, a publicação de maiores detalhes a respeito dessa importante votação, mas constatamos que, na edição do dia 10, o assunto também não esteve em evidência, na capa ou em suas principais seções do diário paulista.

A revista *Veja* já se posicionava levemente de forma opositora a Jânio, desde o começo do ano, citando sua renúncia toda vez em que fazia menção a ele ou atribuindo-lhe algum adjetivo negativo, como “desequilibrado mental”.²⁴¹ Em uma hábil manobra, a revista deu espaço para Jânio escrever uma coluna sobre como governaria o país, se fosse Tancredo Neves. O pré-candidato ressaltou que reformularia as regras partidárias, com partidos que representassem ideias doutrinárias, filosóficas e pragmáticas próprias, defendeu uma educação profissionalizante dizendo “há doutores demais”, disse ainda que colocaria o Exército para patrulhar os subúrbios das grandes cidades, mas depositava as esperanças na figura do presidente Tancredo, um político “hábil, resoluto e firme”.²⁴²

Após a publicação da coluna, na edição seguinte, foram publicadas três cartas dos leitores a respeito da coluna de Jânio, cada uma de um estado, e todas com teor negativo e com fortes palavras contra o ex-presidente como “se o senhor Jânio Quadros tivesse um mínimo de vergonha e dignidade jamais teria a pretensão de ainda querer dar conselhos”, “este senhor, que renunciou [...] não tem nenhuma autoridade [...]” e “Hipócrita e desprovido de qualquer autocrítica”.²⁴³ A escolha de publicar três cartas contra a coluna de Jânio, que o atacavam diretamente, e de não publicar nenhuma a seu favor, presumindo que a revista possivelmente deve ter recebido cartas a favor, demonstra a estratégia editorial escolhida: não poderia ser acusada de ser abertamente contra Jânio, já que havia lhe dado espaço, mas poderia manipular a publicação das cartas de forma a ressaltar os defeitos do pré-candidato e transmitir uma ideia de que o descontentamento era nacional, já que as cartas provinham do Distrito Federal, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Essa estratégia cautelosa foi abandonada no final de abril, quando a revista publicou uma coluna de Hélio Teixeira, seu editor, na qual dizia que Jânio enganou

²⁴¹ **Veja**, edição n. 856, de 30/01/1985, p. 28.

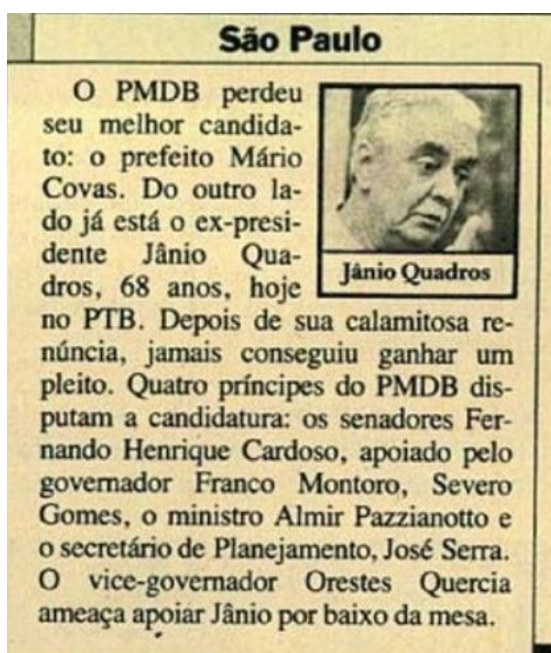
²⁴² **Veja**, edição n. 863, de 20/03/1985, p. 178.

²⁴³ **Veja**, edição n. 865, de 03/04/1985, p. 10 e 11.

seis milhões de pessoas com seu curto mandato e com sua renúncia, cuja desculpa das “forças ocultas” era um sintoma de desvario. Criando um paralelo entre a saúde mental do ex-presidente e a saúde física do então recém-falecido Tancredo Neves, o editor defendeu que os presidentes deveriam fazer *check-ups* antes de assumir o cargo, além de outros exames, semestralmente. Ao traçar esse paralelo entre os políticos, no momento em que a candidatura de Jânio se fortalecia e que, por motivos óbvios, Tancredo não poderia mais disputar nenhuma eleição, fica evidente a mensagem que o editor queria passar: votar em Jânio é escolher em um insano sem capacidade de exercer e concluir um mandato.

A ofensiva contra janista continua quando a revista fez sua análise do impacto da Emenda Constitucional n. 25 em diversas cidades do país. Ao analisar São Paulo, a revista trouxe a seguinte imagem:

Figura 28 – Análise do impacto da proibição da reeleição em São Paulo por Veja



Fonte: *Veja*, edição n. 871, p. 22.

A escolha das palavras (fator semântico) e do retrato (fator imagético) de Jânio Quadros chamam bastante a atenção pela contraposição dos termos. Jânio Quadros teve uma “calamitosa renúncia”, e é colocado como um perdedor, tendo uma foto que remete a alguém fatigado, enquanto os postulantes peemedebistas são chamados de

“príncipes”. A ideia de Quércia apoiar Jânio também invoca o imaginário da traição e de apoios escusos.²⁴⁴

A utilização dessa semântica depreciativa se estendeu por todo o ano, não apenas em notícias políticas, mas até em resenhas, como quando a revista analisou o livro escrito por José Sarney, *Brejal dos Guajás e outras histórias*. Ao mesmo tempo em que Mário Sérgio Conti classificou o livro de Sarney como uma obra “sem graça, gordurosa, repleta de penduricalhos”, faz um afago ao presidente ao dizer que “o autor de *Brejal* merece ser considerado um escritor de verdade [...]. Ocorre que Sarney é um escritor de recursos modestos”. Buscando um paralelo, Conti compara o livro ao *15 contos*, de Jânio Quadros, e, saindo da análise original, faz a seguinte comparação: “Ele [Sarney] não é uma aventureiro como o ex-presidente Jânio Quadros, que lançou o píffio e pedante livro de contos há dois anos”, não há menção de semelhanças e diferenças entre os livros, ou uma explicação de porque o livro de Jânio ser “píffio e pedante”. Do mesmo jeito que o ex-presidente surgiu nessa análise sem uma justificativa adequada, esvaeceu após o comentário. Como o PMDB ainda não havia começado sua campanha, *Veja* tomou a dianteira no discurso contra Jânio.

A indicação de Fernando Henrique Cardoso para a disputa veio de Franco Montoro, desagradando uma ala do partido que o acusou de impor seu candidato. Era a última aposta do governador para conseguir domar as dissidências internas e se consolidar como postulante a morador do Palácio da Alvorada. A candidatura de Fernando Henrique Cardoso começou a ganhar força internamente pautada em uma retórica de que o senador seria o escolhido para derrotar Jânio em uma espécie de missão para enterrar a carreira política do ex-presidente, simbolizando a vitória da “Nova República” sobre a “Velha”.²⁴⁵

Publicamente, Fernando Henrique Cardoso só admitiu a possibilidade de ser candidato em 22 de maio, uma semana após a promulgação da emenda constitucional que impedia Covas de ser reeleito. Se Tancredo se adiantara durante a campanha pelas “Diretas Já”, prevendo o fracasso da Emenda Dante Oliveira e se articulando como presidenciável, o PMDB paulista fez tudo ao contrário. Digladiando-se em

²⁴⁴ Orestes Quércia desmentiu a reportagem em carta publicada pela própria revista *Veja* na edição 872, p. 10.

²⁴⁵ **OESP**, edição n. 33.802 de 14/05/1985, p. 5.

disputas internas,²⁴⁶ o partido demorou para apresentar um candidato e, quando o fez, indicou alguém de discurso claudicante.²⁴⁷

No dia 29 de maio, o OESP²⁴⁸ demonstrou bem a situação do PMDB, dedicando aproximadamente meia página para o partido (Figura 23), os destaques vão para Freitas Nobre, que rompeu com o partido e foi sondado pelo PTB e PDT. A possibilidade de uma aliança entre Jânio e Adhemar de Barros Filho teria apoio da parcela do PMDB ligada a Quércia, o qual estava preocupado com a possibilidade de Montoro lançar Mário Covas para a sucessão estadual em detrimento dele próprio, seu vice e candidato considerado mais natural para a sucessão. O título da reportagem, "Cardoso não quer mesmo ser prefeito", expõe a resistência do senador para disputar a eleição e como ele buscava outros nomes para substituí-lo.

Figura 29 – Edição de OESP em que metade da página da seção de política é dedicada ao PMDB

QUARTA-FEIRA — 29 DE MAIO DE 1985
O ESTADO DE S. PAULO — 5

Aureliano adverte para os perigos do casuismo exacerbado

BRASILIA
AGÊNCIA ESTADO

O presidente de honra do PFL, ministro Aureliano Chaves, advertiu ontem para o perigo do "casuismo exacerbado" na busca de cargos do poder, lembrando que "por ter sido excessivamente casuístico, o nosso partido de origem — o PSD — abandonou até a raiz dos cabelos". Ele reprecendeu, ainda, de forma indireta, a posição das governadoras nordestinas contra as eleições de prefeitos das capitais ainda este ano, salientando que o restabelecimento imediato das eleições diretas em todos os níveis foi um dos principais compromissos assumidos pelo presidente da República que elas ajudaram a eleger.

As advertências foram feitas durante a reunião da Executiva do PFL, com os presidentes das Comissões Regionais Provisórias, que contou com a presença dos governadores Luiz Rocha, do Maranhão, e José Agripino Maia, do Rio Grande do Norte. O governador do Maranhão, minutos antes, havia se manifestado contra as diretas nas capitais este ano e contra os dois turnos, dizendo que "interpreta o pensamento dos governadores nordestinos".

Aureliano Chaves lembrou, ainda, que o presidente José Sarney assumiu a Presidência da República tendo de "enfrentar uma Nação traumatizada", e para manter o instrumento de ação política, "dos quais estão perdendo o controle, foi necessário transigir". Ele reconheceu as dificuldades que o PFL está enfrentando regionalmente, mas disse aos dirigentes regionais que devem ser otimistas. "Apesar de todos os problemas, de todas as incompreensões dos governadores do PMDB não conseguimos sobreviver" — disse.

Após isso, o ministro Marco Maciel, da Educação, mostrou que não gostou da entrevista que o líder do PFL no Senado, senador Carlos Chagas Filho, deu a um jornal de Brasília. "Resaltando o seu nome, junto com o do ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, para a sucessão do presidente José Sarney e defendendo a realização de prévias,

Freitas desliga-se do PMDB

BRASILIA
AGÊNCIA ESTADO

O deputado Freitas Nobre (SP) anunciou ontem no plenário da Câmara, seu desligamento do PMDB: "em razão de fatos que são públicos e que não merecem ser escondidos", e disse que passa a aguardar a oportunidade para a definição partidária a ser tomada. Os "fatos públicos" por ele mencionados referem-se à disputa no PMDB para a escolha do candidato a prefeito de São Paulo nas eleições de 15 de novembro deste ano. Freitas julgou-se prejudicado dentro do partido — cuja cúpula teria clara preferência pelo senador Fernando Henrique Cardoso — e deve ser lançado candidato por outro partido. Ele já estava desquitado por não ter lugar no Ministério.

Pouco antes de fazer o anúncio, Freitas foi até a Mesa e, por alguns minutos, conversou com o presidente da Casa e do PMDB, Ulysses Guimarães. Ulysses não ficou para ouvir, passando a presidência da sessão ao 1º vice-presidente, Humberto Souzeto (PFL-MG), e se retirou.

Freitas voltou ao plenário e a sessão ao lado de Ademar de Barros Filho (PMDB-PR), que no início do ano como dissidente apoiado pelos malufas, disputou com Ulysses a presidência da Câmara e perdeu. Depois, quando se dirigiu ao microfone de aparte, Freitas foi cercado e abraçado por vários deputados do PDT, todos muito sorridentes.

"Em geral — começou o deputado — algum parlamentar se desliga de seu partido, o faz carregando críticas à legenda que o abraçou e aos seus dirigentes. Venho, no entanto, com a humildade de simples cidadão da resistência democrática, dizer que ao deixar a legenda do PMDB, presidida pelo ilustre deputado Ulysses Guimarães, o faço relembrando a gloriosa jornada dos 20 anos de sacrifício".

Freitas também falou por cinco vezes líder do MDB e do PMDB e afirmou sair do partido sem deixar de manter sua coerência, por que sua coerência "é com as ideias". E concluiu: "Essa decisão não vem, assim, acompanhada de qualquer ressentimento".

O desligamento do deputado foi lamentado, em seguida, pelo vice-líder de plantão do PMDB, José Magalhães (MG), e em nome da bancada paulista do PMDB, por Pacheco Chaves. Freitas mereceu também palavras de solidariedade de Bruno (PDS-SP).

Freitas Nobre vai aguardar "o tempo regulamentar" antes de filiar-se a outra legenda. Sua disposição é ingressar no PDT, para disputar a Prefeitura de São Paulo.

Freitas Nobre também vem sendo assediado pelo PTB, mas já antecipou que não aceitará concorrer à vice-prefeitura. "Já fui vice-prefeito uma vez e não pretendo ab-ri-lo novamente". O líder do PTB na Câmara, Oreste Righi, procurou o para discutir o problema, mas não é provável que cheguem a um acordo, porque o partido não abre mão da candidatura do ex-presidente Jânio Quadros.

Alertado sobre as dificuldades para seu ingresso no PTB, que tem o ex-deputado Adhemar de Barros Filho seu candidato, o argumento, no entanto, não procede, pois o ex-deputado já manifestou disposição de sair do PTB. Apesar da tendência de Freitas pelo PDT, Righi ainda não desistiu de assediá-lo, argumentando que seu ingresso e candidatura na chapa de Jânio Quadros facilitariam uma coligação entre as legendas.

MAB US

O deputado Flávio Bierrenbach, do PMDB de São Paulo, começa a consultar suas bases nos feriados da próxima semana para avaliar como reacionam seu desligamento do partido e sua filiação ao PDT. Do antigo grupo SD-Diretas do PMDB, Bierrenbach sente-se ideologicamente "pouco a vontade" no partido e gostaria de ingressar numa agremiação socialista e heterodoxa — o que ele não identifica na legenda do governador Lençóis Brito. Seu afastamento do PMDB, conforme explicou, não pode ser relacionado com o desligamento do deputado Freitas Nobre. Acreção poderia ser feita, pois depende do que seu processo de avaliação. O senador Mauro Borges (PMDB-GO), porém, desmentiu que Freitas desligou-se do partido para filiar-se também ao PDT, garantindo que a informação "não passa de boatos".



- Jilka

Consulta abre horizonte novo para Covas

Embora "pessoalmente" não acredite em alianças no quadro de candidatos do PMDB, o prefeito Mário Covas considerou que foi aberto um "horizonte novo" e admitiu descomprometimento-se do cargo para concorrer às eleições de 15 de novembro, caso o Tribunal Superior Eleitoral não parecer favorável à consulta do senador Fernando Henrique Cardoso.

No encontro que ambos mantiveram na manhã de ontem, Covas explicou ao senador que ainda mantém sua convicção de que o prazo para inelegibilidade dos prefeitos nomeados era matéria de "conteúdo político", e que "obrigatoriamente o Congresso Nacional teria de votar uma emenda nessa direção". Mas, com o "tal novo, de natureza jurídica", o prefeito disse que irá "reconsiderar" sua posição, embora não faça nesta fase e encontrar um candidato

Cardoso não quer mesmo ser prefeito

AGÊNCIA ESTADO
E SERVIÇO LOCAL

O senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP) continua reafirmando as "previsões" para que aceitará candidatar-se à Prefeitura de São Paulo. Porém, em Brasília, ele disse que se está "empurrando com a barriga", pois essa disputa não faz parte dos seus planos políticos — quer concorrer ao governo do Estado, no próximo ano, e que se choca com o exercício do cargo de prefeito da Capital.

Cardoso garantiu que resistirá à sua indicação até esgotar todos os recursos processuais, como a tentativa de reverter a posição do TSE sobre o prazo de desincompatibilização dos atuais prefeitos nomeados. Sua esperança é de que até lá surja outro nome que atenda ao PMDB paulista. Segundo ele, o objetivo do partido nesta fase é encontrar um candidato

PDT assusta Montoro

BRASILIA

Jânio Quadros e Adhemar de Barros Filho voltaram a se encontrar ontem para discutir a possível coligação PFL-PDT com vistas às eleições de prefeitos. O senador Fernando Henrique Cardoso e o vice-governador Oreste Quercia,

Fonte: OESP, edição n. 33.815, de 29/05/1985, p. 5.

Em outra ocasião, Fernando Henrique Cardoso admite ser candidato a prefeito, mas responde que "não escondo que sinto cócegas" ao ser perguntado se pretendia

246 OESP, edição n. 33.807 de 19/05/1985, p. 5.

247 OESP, edição n. 33.809 de 22/05/1985, p. 9.

248 OESP, edição n. 33.815 de 29/05/1985, p. 5.

ser candidato à Presidência, em 1988.²⁴⁹ Sua declaração validou a matéria feita pelo jornal, em 15 de maio, na qual externalizava a preocupação dos paulistanos em votar em um candidato que poderia abandonar a Prefeitura, deixando-a nas mãos de um vice desconhecido para disputar outro cargo: “São Paulo precisa ser respeitada, e não ficar relegada à condição de simples laboratório eleitoral ou trampolim político. Que venha um prefeito de verdade.”²⁵⁰ A matéria citou, de maneira breve, a possibilidade de Jânio Quadros fazer o mesmo, mas a ênfase negativa recaiu sobre o candidato peemedebista.

Se *Veja* já estava em campanha para o PMDB, *OESP* estava em franca campanha contra o partido, evidenciando ou instigando dissidências internas. Em 18 de março, publicou uma pesquisa de opinião, sem citar o instituto responsável pela pesquisa, na qual apenas quatro candidatos teriam chances de derrotar Jânio nas eleições: Ulysses Guimarães, Fernando Henrique Cardoso, Severo Gomes e Almino Afonso. Segundo a reportagem, apenas Ulysses Guimarães ganharia se as eleições fossem realizadas naquele dia.²⁵¹ Capciosamente, o jornal afirma que Fernando Henrique Cardoso negava ser candidato e publicou a seguinte manchete: “Contra Jânio, o PMDB poderá lançar Ulysses Guimarães”, sendo que o nome do presidente nacional da sigla não era sequer cogitado internamente para a disputa municipal. O jornal também não se furtava em atacar Montoro, dizendo como ele havia abandonado questões cruciais no estado, como a segurança, e que possuía pouca influência no partido, a ponto de peemedebistas, liderados por Roberto Cardoso Alves, votarem em Jânio se Montoro continuasse a “tirar um candidato do bolso do colete”.²⁵² O jornal frisava o papel plebiscitário das eleições, insistindo que seriam um julgamento do governo Montoro, “que por sua vez ia muito mal”.²⁵³

“Vamos assistir ao Estadão, nas estrelinhas, fazer campanha do farsante Jânio, como ocorreu há 25 anos [...]? Agora só falta Reynaldão como vice e teremos metidos no mesmo saco PSP, UDN, PTB e Estadão”.²⁵⁴ Com essas palavras, o leitor do jornal Eduardo Mauro Contatore, de São Paulo, finalizou sua carta publicada em *OESP*. O

²⁴⁹ *OESP*, edição n. 33.822 de 06/06/1985, p. 4. À época, acreditava-se que as eleições presidenciais seriam disputadas em 1988. Devido a acordos políticos, a eleição só foi realizada em 1989.

²⁵⁰ *OESP*, edição n. 33.803 de 15/05/1985, p. 13.

²⁵¹ *OESP*, edição n. 33.806 de 18/05/1985, p. 5.

²⁵² *OESP*, edição n. 33.823 de 07/06/1985, p. 4.

²⁵³ *OESP*, edição n. 33.840 de 27/06/1985, p. 5.

²⁵⁴ *OESP*, edição n. 33.834 de 20/06/1985, p. 2.

missivista questionou também o apoio do jornal ao PFL, citando Olavo Setúbal, como mentor do acordo entre PTB e PFL.

O apoio a Jânio Quadros, entretanto, não foi incondicional, ficando bastante estremeado após os violentos ataques proferidos por Jânio contra os veículos de comunicação e após a escalada da violência promovida por grupos janistas e endossada pelo candidato, conforme pode ser visto na matéria abaixo:

Figura 30 – Matéria em que OESP defende jornalista da *Folha de São Paulo*

Gravação de incidente irrita o ex-presidente

Depois de haver expulsado de sua casa um repórter da *Folha de S. Paulo*, no dia 24, o candidato da coligação PTB-PFL, Jânio Quadros, pediu ao repórter de *O Estado*, que gravava o incidente, que "não alugasse nem vendesse a ninguém aquela fita". Enquanto o jornalista da *Folha* saía de sua casa, Jânio, aos berros, chamou-o de "canalha" e "cachorro", e o repórter disse que o processaria por injúria. O candidato petebista não gostou da notícia publicada por esse jornal de que sua esposa, dona Eloá do Vale Quadros, havia recebido a Medalha Anchieta "pelos relevantes serviços prestados à cidade", acrescentando que "seu papel como cabo eleitoral do marido era

tão ou mais relevante". Jânio entendeu que sua esposa havia sido "ridicularizada".

Divulgada a notícia do incidente, a assessoria do candidato passou a achar que o repórter de *O Estado* trairia sua confiança, por ter divulgado "um fato em off", "colhido na intimidade de Jânio". No entanto, a imprensa foi convocada à casa do ex-presidente para uma entrevista, a serviço, e não para uma conversa informal, e as ofensas ao repórter da *Folha* ocorreram durante essa entrevista.

O jornalista de *O Estado* destacado para acompanhar a campanha de Jânio Quadros desde ontem se desligou dessa cobertura.

Fonte: *OESP*, edição n. 33.921, de 29/10/1985, p. 6.

Pode-se observar nos dois últimos parágrafos que o jornalista saiu em defesa de seu colega de profissão ao explicar que a coletiva tinha sido convocada pelo próprio Jânio, e que a alegação de que parte da conversa não deveria ter sido publicada não se sustenta. Em solidariedade, o jornalista responsável pela cobertura de *OESP* também se retirou da função. Não é possível saber se a resposta de Jânio Quadros ao jornalista foi dada realmente de forma oficial e coletiva ou se foi dita em um momento posterior à coletiva de imprensa, à parte, mas é visível o apoio do jornal *OESP* à *Folha de S. Paulo*, em uma demonstração de como a relação entre o candidato petebista e *OESP* não foi totalmente harmônica.

A cobertura das eleições por parte de *OESP* foi bastante positiva para o ex-presidente, com exceções para algumas poucas matérias e certas colunas, conforme demonstrado. Verificou-se também, esforços para diminuir as aparições do PFL como parte coligada ao PTB, talvez em uma tentativa de não vincular o partido recém-fundado à imagem de Jânio Quadros.

4.3 UM BALANÇO DE 1985

O ano de 1985 foi extremamente agitado no campo político. Do Colégio Eleitoral, em janeiro, às eleições de novembro, é impossível falar da redemocratização brasileira e ignorar aquele ano.

Entende-se, neste trabalho, como período de redemocratização, um recorte temporal bastante amplo, partindo de 1979 e perdurando até um momento de ruptura democrática, conforme propõem Renato Lemos²⁵⁵ e Avritzer e Costa,²⁵⁶ uma vez que democratização é “processo permanente e nunca inteiramente acabado de concretização da soberania popular”²⁵⁷ sendo, portanto, um processo ininterrupto, de fortalecimento de instituições democráticas. Desse modo, um período de democratização só encerraria seu ciclo quando a ordem democrática fosse rompida novamente.

Para Lemos, o marco inicial da transição do Regime Militar para o regime civil começa com a Lei da Anistia,²⁵⁸ em 1979, mesmo com essa lei tendo o objetivo de “preservar as condições da dominação política de uma classe social absolutamente desprovida de vocação transformadora”.²⁵⁹ O autor considera a lei o primeiro passo concreto em direção a um governo civil, mesmo sob a tutela dos militares.

Dentro do período de redemocratização, o ano de 1985 é considerado o fim do Regime Militar por diversos autores, como Thomas Skidmore²⁶⁰ e Ricardo Mendes²⁶¹, pois foi quando ocorreu a passagem do poder político do país das mãos dos militares para os civis. Um grupo minoritário, que inclui Daniel Aarão Reis, defende que o fim do Regime Militar se deu em 1979, em posição semelhante à de Avritzer e Costa:

²⁵⁵ LEMOS, R. Ditadura, anistia e transição política no Brasil (1964-1979). Rio de Janeiro: Consequência, 2018.

²⁵⁶ AVRITZER, L.; COSTA, S. Teoria crítica, democracia e esfera pública: concepções e usos na América Latina. **Dados**: Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 47, n. 4, p. 703-728, 2004.

²⁵⁷ AVRITZER; COSTA, op. cit., p. 704.

²⁵⁸ Lei n.º 6.683/79, em que anistia aqueles que cometeram crimes políticos, eleitorais ou tiveram seus direitos políticos cassados no período de 02/09/1961 até 15/08/1979, excetuando os condenados por crimes de “terrorismo, assalto, sequestro e atentado pessoal”. A Lei é criticada por ser extremamente branda em relação a agentes do Estado que cometeram crimes graves, enquanto não anistia todos aqueles que foram contra o Regime Militar, em especial os guerrilheiros. Para maiores informações sobre as críticas, ver TELES, Janaína (org.). Mortos e desaparecidos políticos: reparação ou impunidade?. Humanitas FFLCH/USP, 2001, entre outros títulos.

²⁵⁹ LEMOS, R. Ditadura, anistia e transição política no Brasil (1964-1979). Rio de Janeiro: Consequência, 2018, p. 26.

²⁶⁰ SKIDMORE, T. **Brasil**: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

²⁶¹ MENDES, Ricardo, Ditaduras civil-militares no Cone Sul e a Doutrina de Segurança Nacional: algumas considerações sobre a historiografia. **Revista Tempo e Argumento**, v. 5, n. 10, 2013.

“para mim, a ditadura encerrou-se em 1979, com o fim dos Atos Institucionais e o restabelecimento das eleições, da alternância no poder, da livre organização sindical e partidária e da liberdade de imprensa”.²⁶²

Para esta pesquisa, usaremos a data do grupo majoritário, que considera como marco do fim do período militar o ano de 1985, com a realização do Colégio Eleitoral, elegendo um civil para a Presidência, Tancredo Neves, e a posse de José Sarney como presidente, devido ao falecimento de Tancredo. Dessa forma, consideramos que o processo de redemocratização brasileira se iniciou em 1979, teve em 1985 uma troca de regime, e perdura até os dias de hoje.

A realização do Colégio Eleitoral, em 1985, aconteceu após a derrota da emenda Dante de Oliveira, em 25 de abril de 1984, sobre a restauração das eleições diretas para a Presidência da República. Após a não aprovação da PEC²⁶³, ficou decidido que o primeiro presidente civil, em 21 anos, seria escolhido de forma indireta. Os partidos se articularam, então, para garantir que seus preferidos fossem vitoriosos no Colégio Eleitoral, composto por deputados federais, senadores e delegados indicados pelos representantes dos legislativos estaduais.

O Colégio Eleitoral foi formado por 686 votantes, sendo 361 do PDS, 273 do PMDB, 30 do PDT, 14 do PTB e 8 do PT. A composição foi claramente favorável ao PDS, que possuía a maioria absoluta e poderia vencer mesmo que todos os outros partidos se juntassem ao redor de um único candidato.²⁶⁴ Entretanto, o plano de acabar com o bipartidarismo visando à fragmentação da oposição não surtiu todos os efeitos desejados, e quem efetivamente chegou dividido às eleições indiretas foi o próprio PDS.

Paulo Maluf foi escolhido como candidato do PDS (e do Regime Militar) para a o pleito indireto²⁶⁵. Internamente, Maluf, enfrentava bastante resistência, pois não gozava de muita popularidade fora da cúpula do partido e de setores militares. “Antônio Carlos Magalhães, por exemplo, declarou em agosto de 1984 que Maluf era

²⁶² REIS FILHO, D. A. Ditadura, anistia e reconciliação. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, p. 171-186, 2010, p. 177.

²⁶³ Proposta de Emenda à Constituição (PEC) é uma proposição legislativa que visa alterar a Constituição Federal, podendo ser apresentada pelo presidente da República, por um terço dos deputados federais ou dos senadores ou por mais da metade das assembleias legislativas. Não pode alterar as “cláusulas pétreas” da Constituição e precisam ser discutidas e aprovadas por três quintos dos deputados e senadores, em dois turnos, para entrar em vigor.

²⁶⁴ SKIDMORE, T. **Brasil: de Castelo a Tancredo (1964-1985)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

²⁶⁵ SKIDMORE, T. **Brasil: de Castelo a Tancredo (1964-1985)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

o homem mais odiado do Brasil e que não podia andar um quarteirão sem arriscar sua vida”²⁶⁶ e a possibilidade da sua vitória no pleito interno provocou uma celeuma no PDS.

Inconformados com o desenrolar das ações e já prevendo a derrota na convenção, a ala antimulufista do PDS criou uma cisão interna, a Frente Liberal²⁶⁷.

Já o PMDB, aparentemente, encaminhava-se unido para o Colégio Eleitoral. O candidato peemedebista, Tancredo Neves, já articulava sua candidatura desde o movimento das Diretas Já, uma vez que não acreditava na viabilidade da emenda Dante de Oliveira.²⁶⁸

Político hábil que era, e auxiliado por nomes experientes, Tancredo e o PMDB logo viram que a tripla candidatura nas internas do PDS significava uma rachadura no partido que poderia ser explorada. Essa cisão era indispensável para os planos peemedebistas e aproveitar aquela oportunidade seria imperativo para a vitória eleitoral. Tancredo conseguiu negociar o apoio, tendo importantes ganhos políticos:

O PFL, antes mesmo de sua fundação oficial em 1985, levou consigo para a ala oposicionista ao mulufismo, importantes e tradicionais quadros da política nacional, como Marco Maciel, Aureliano Chaves, Jorge Bornhausen, Antônio Carlos Magalhães, Waldir Pires e Jarbas Vasconcelos. Tal cisão levou ao apoio da Frente Liberal, costurado principalmente pelo ex-companheiro e também dissidente José Sarney, que havia se filiado ao PMDB por exigência da lei eleitoral, junto a Marco Maciel. Além disso, [...] essas lideranças dissidentes do PDS, levaram consigo, 15 Senadores, 110 Deputados Federais e 51 Deputados Estaduais.²⁶⁹

A Frente Liberal rapidamente declarou apoio ao candidato da oposição, Tancredo Neves. Em troca de apoio e dos votos no Colégio, a Frente Liberal exigiu indicar o vice-presidente da chapa. Fechado o acordo, a Frente Liberal, indicou, para surpresa de muitos, o recém-filiado ao PMDB, José Sarney. A Frente Liberal, pouco tempo depois, se descolou do PDS e fundou seu próprio partido, o Partido da Frente Liberal (PFL), com um discurso de aproximação, e buscando ser um sustentáculo dos

²⁶⁶ SKIDMORE, T. **Brasil: de Castelo a Tancredo (1964-1985)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 477.

²⁶⁷ A Frente Liberal foi uma coalizão de partidos políticos que apoiavam o governo do presidente José Sarney (1985-1990), foi uma aliança que incluiu setores políticos variados, visando dar governabilidade para o primeiro presidente civil após o regime militar. Muitos integrantes da Frente Liberal formaram a base do Partido da Frente Liberal (PFL), em 1985.

²⁶⁸ HAGOPIAN, F. The compromised consolidation: the political class in brazilian transition. In: SCOTT MAINWARING, G. O. J. S. V. Issues in democratic consolidation: the south american democracies in comparative perspective. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1992.

²⁶⁹ CARVALHO, G. A. B. A transição e o Colégio Eleitoral: o papel da aliança democrática brasileira (1980-1985). **Boletim Historiar**, n. 13, 2016, p. 22.

novos tempos. Esses antigos políticos, em um novo partido, entraram em aliança com o PMDB, na chamada Aliança Democrática.

Com o apoio da Frente Liberal, Tancredo conseguiu o apoio de alguns militares que viam em sua figura um conservador conciliador e, em seu discurso, a garantia da não represália dos envolvidos na ditadura que se encerrava. Quando o ex-presidente Geisel, declarou apoio a Tancredo, a maioria dos militares percebeu que o candidato do PMDB não representaria um perigo e não foram hostis à sua candidatura. Alguns até passaram a apoiá-la. Ao dividir o PDS, e conseguir apoio da Frente Liberal, Tancredo também dividiu a elite autoritária do país, mostrando o perfil que o Regime Militar precisava ver para prosseguir a transição. Ao mesmo tempo, Tancredo também levantou bandeiras a favor da redemocratização, angariando a simpatia da oposição.²⁷⁰

Com essa estratégia, Tancredo assegurou o controle do Colégio Eleitoral e se sagrou vencedor com 480 votos contra 180, de Paulo Maluf.

A revista *Veja* fez uma cobertura bastante favorável a Tancredo Neves durante a votação no Colégio Eleitoral e de seu resultado. De janeiro a fevereiro, a revista lançou um total de nove edições, sendo cinco com a imagem de Tancredo na capa.

Figura 31 – Trecho da edição 854 da revista *Veja*, página 23

²⁷⁰ DIMENSTEIN, G. *et al.* **O complô que elegeu Tancredo**. Rio de Janeiro: Editora JB, 1985.

A construção da vitória de Tancredo Neves é bem mais que um simples exercício de competência política individual. Ela é sobretudo a exibição das qualidades essenciais dos políticos brasileiros. Deu-se a conciliação entre adversários que, equivocadamente, haviam consumido os últimos vinte anos num nefasto exercício de intransigências. Nele, uns cassavam e outros eram cassados. Acreditou-se que a violência configurava uma forma adequada de combate à dissidência, e que o uso da força era ingrediente eficaz e definitivo para o encaminhamento da questão social. O resultado de tudo isso foi uma dívida de 100 bilhões de dólares, a maior inflação da história, um quinquênio de escândalos financeiros sem precedentes e a sensação de que o país, como um todo, pagava o preço de uma maldição.

Essa grande crise nacional foi contornada pelo desenvolvimento, a partir de 1974, de uma política de abertura



reunião do Colégio.

que no governo Figueiredo atingiu seu ponto mais alto com a anistia. A abertura permitiu que a oposição pensasse em assumir o poder, primeiro nos Estados, depois em Brasília. A junção desse processo com o ano de 1984 e sua grande conciliação mostraram ao país que as crises históricas, quase sempre provocadas pela fraqueza ou pela megalomania, têm no simples exercício da política o seu melhor remédio.

O ex-governador de Minas Gerais, Tancredo Neves, que a partir desta semana começará a ser chamado de "presidente", foi o melhor dos personagens de um grande enredo. Assim como Honório Hermeto Carneiro Leão, o marquês de Paraná, foi na segunda metade do século pas-

sado o melhor entre seus pares na Conciliação do Império, este outro mineiro foi favorecido pela grandeza histórica de um único ano: 1984.

Seu governo surgirá em março cercado de uma expectativa só comparável à que Jânio Quadros carregava sobre a casaca amarfanhada quando recebeu a faixa presidencial, em janeiro de 1961. É provável que haja esperança demais e Tancredo de menos, mas vinte anos de onipotências ensinaram ao Brasil que é preferível acreditar menos nas pessoas e mais nos processos democráticos. Maior que o simples governo Tancredo Neves é, sem dúvida, aquilo que ele chama de Nova República.

Fonte: *Veja*, edição n. 854, de 16/01/1985, p. 23.

Na edição 854, a matéria intitulada "Um civil no Planalto", é um exemplo do tom adotado pela revista ao abordar a vitória de Tancredo:

A construção da vitória de Tancredo Neves é bem mais que um simples exercício de competência individual. Ela é sobretudo a exibição das qualidades essenciais dos políticos brasileiros. Deu-se a conciliação entre adversários que, equivocadamente, haviam consumido os últimos vinte anos num nefasto exercício de intransigência. [...] O ex-governador de Minas Gerais, Tancredo Neves [...] foi o melhor personagem de um grande enredo [...]. Seu governo surgirá em março cercado de expectativas só comparáveis

à que Jânio Quadros carregava sobre a casaca amarfanhada quando recebeu a faixa presidencial, em janeiro de 1961.²⁷¹

O trecho, além de exaltar as qualidades políticas de Tancredo, colocando-o, indubitavelmente, como o personagem central da redemocratização, também traz uma importante característica da linha jornalística da revista: o apoio às políticas conciliatórias do PMDB à época, rechaçando, principalmente, o que considerava radicalismos e extremismos, geralmente representados pela figura de Leonel Brizola ou pelo Partido dos Trabalhadores, à esquerda, e aos militares da “linha dura”, à direita.

Em vários momentos, a matéria coloca que os políticos brasileiros estavam muito divididos, “uns cassavam e outros eram cassados” e que “as crises históricas, quase sempre provocadas pela fraqueza e pela megalomania, têm no simples exercício da política o seu melhor remédio”,²⁷² reforçando, o discurso do Regime Militar segundo qual havia normalidade política no período de 1964-1985, e as cassações faziam parte de um plano de desenvolvimento da moral política e do pleno funcionamento das instituições, tudo dentro de regras democráticas.

Infere-se, segundo a matéria, que o único impedimento para a retomada total da democracia era a falta de união dos políticos e das forças políticas. A matéria quase culpa os próprios cassados pela perda dos seus mandatos, pois não colaboravam entre si. Ao não apontar claramente a inexistência da normalidade política no país, a revista procurava evitar o confronto com o Regime Militar que, mesmo em seus últimos dias, não estava totalmente desmoralizado. Pelo contrário, a revista coloca vários militares como peças centrais da redemocratização, inclusive o ex-presidente Ernesto Geisel recebe o adjetivo de “essencial”²⁷³ à transição democrática. Não há em nenhuma linha da edição um comentário negativo sobre seu tempo como governante.

No final do trecho destacado acima, a revista repercute outro discurso, comum à época, de comparação entre a vitória de Tancredo e a de Jânio Quadros, em 1961.²⁷⁴ Esse paralelo foi frequente nos veículos de imprensa e faz bastante sentido tendo em vista que a eleição de Jânio havia sido a última democrática no país, e, tal

²⁷¹ **Veja**, edição n. 854, p. 23.

²⁷² **Veja**, edição n. 854, p. 23.

²⁷³ *Ibidem*, p. 36.

²⁷⁴ Por exemplo temos a matéria de *O Estado de S. Paulo* de 01/10/1985: “Seu governo surgirá em março cercado de expectativas só comparáveis à que Jânio Quadros carregava sobre a casaca amarfanhada quando recebeu a faixa presidencial, em janeiro de 1961.”

como a de Tancredo, também esteve envolta em um sentimento de mudança e esperança. Pode-se olhar tais comparações como uma prévia do embate entre PMDB e Jânio Quadros, que viria a acontecer nas eleições paulistanas de 1985.

A ideia de Jânio se candidatar à Prefeitura já circulava desde sua derrota nas eleições de 1982, e foi ganhando força com o passar dos anos. Mesmo com Jânio negando a hipótese publicamente, seus aliados sempre teciam comentários a respeito da candidatura, ora confirmando-a, ora negando-a. Exemplo disso é que, em sua primeira edição do ano de 1985²⁷⁵, o jornal *OESP* traz uma carta do deputado Osiro Silveira (PTB/SP) endereçada ao jornal, na qual o deputado dizia que, apesar da candidatura de Jânio ser “imbatível”, ele não é candidato a prefeito, pois “nós, os amigos de Jânio, faremos dele o constituinte mais votado do País”, e completava que o candidato a prefeito que tiver o apoio de Jânio será o vencedor do pleito.

A declaração, bastante estratégica, colocava o ex-presidente como uma grande força na capital, sem, no entanto, colocá-lo à prova. Naturalmente, trata-se de uma tática para ver a reação de eleitores, forças econômicas e opositores quanto à real força de sua candidatura. A biografia sobre Jânio é bastante extensa em apontar como o político era centralizador e autoritário, de forma que, uma vez que decidisse disputar uma eleição, jamais aceitaria outra indicação do partido.

Havia muito em jogo nestas eleições, o próprio *OESP* noticiou²⁷⁶ um suposto lobby sofrido por Tancredo Neves por parte de alguns governadores que desejavam pressioná-lo a não realizar as eleições municipais nas capitais estaduais naquele ano de 1985. Segundo a matéria, o governador de São Paulo, Franco Montoro, seria um dos líderes do movimento, pois temia governar o estado tendo à frente da capital Jânio Quadros, demonstrando que, mesmo negada oficialmente, a candidatura de Jânio já era encarada como realidade.

Na mesma matéria, o janista Fauze Carlos (PDS/SP) declarou que, após conversas telefônicas com Jânio, o qual se encontrava nos Estados Unidos cuidando da saúde de sua esposa, d. Eloá, o ex-presidente garantiu sua candidatura a prefeito e afirmou que venceria qualquer candidato. A matéria foi finalizada trazendo a complicada situação do PMDB na capital paulista, pois o candidato natural, o então prefeito Mário Covas, desejava concorrer no pleito, mas sua candidatura esbarrava

²⁷⁵ *OESP*, edição n. 33.691, de 01/01/1985, p. 26.

²⁷⁶ *OESP*, edição n. 33.695, de 06/01/1985, p. 4.

na decisão legislativa que impossibilitava a reeleição dos prefeitos, mesmo que tivessem sido indicados, e não eleitos para o cargo. Além do nome de Covas, o jornal também citava vários outros candidatáveis, como o líder do partido na Câmara, Freitas Nobre, Samir Achoa, Caio Pompeu de Toledo e Alberto Goldman.

De forma esperada, Montoro declarou que não era verdadeira a matéria de OESP e que, independentemente de quem disputasse as eleições, o candidato do PMDB era favorito nas eleições municipais.²⁷⁷

Ambas as matérias trazem o nome de Jânio Quadros como certo na disputa. Essas e outras matérias, ao longo do ano, evidenciavam o plano de Jânio de se lançar candidato a prefeito, buscando refazer sua carreira política e pensando em até mesmo ocupar novamente a cadeira presidencial no Palácio do Planalto. Também vale destacar a quantidade de nomes do PMDB que se sentiam aptos a concorrer no pleito.

Como a candidatura de Mário Covas havia sido barrada, a disputa pela vaga seria acirrada e vários nomes foram cogitados, mas chama a atenção que o candidato que, de fato, disputou as eleições não estava listado nas matérias iniciais verificadas, demonstrando quão tardia foi a consolidação do nome do senador Fernando Henrique Cardoso em comparação à dos outros candidatos, só aparecendo como forte candidato em meados de maio. A escolha de Fernando Henrique Cardoso para a disputa da prefeitura paulistana não foi unânime dentro do partido. Apesar de desmentida por Franco Montoro, a matéria de 06/01/1985, demonstra bem a situação política do então governador e como a eleição em São Paulo era vital para seus planos.

Montoro não escondia suas pretensões de um dia disputar uma eleição presidencial, entretanto, seu governo, em São Paulo, foi alvo de bastantes críticas. As polêmicas começaram antes de sua posse, quando fez um comentário dizendo que não investigaria as irregularidades do governo anterior, de Paulo Maluf. A declaração rapidamente desagradou diversas alas do partido e precisou ser explicada posteriormente. Existia uma crise econômica que assolava o estado de São Paulo, colocando as finanças paulistas em uma delicada situação, com a queda de arrecadação de impostos de 24,3%²⁷⁸ e uma dívida de bilhões de dólares que não era

²⁷⁷ OESP, edição n. 33.701, de 13/01/1985, p. 6.

²⁷⁸ FRACALANZA, P. S. A gestão do ensino fundamental pelo governo do Estado de São Paulo: uma análise do financiamento e dos indicadores sociais de educação (1980-1993). **Educação & Sociedade**, v. 20, 1999, p. 101.

inteiramente contemplada pelo orçamento previsto de 1983.²⁷⁹ O desemprego estava em alta e a política fiscal era falha:

reconhece-se que, apesar do fraco desempenho das receitas tributárias estaduais, o governo não realizou qualquer esforço no sentido de se ajustar à nova realidade procurando reduzir seus gastos. Ao contrário, ao longo do período de análise observa-se um crescimento vigoroso das despesas estaduais.²⁸⁰

Durante a gestão de Franco Montoro, a arrecadação de impostos via ICMS continuou caindo, ameaçando as contas públicas perigosamente. Politicamente se enfraqueceu bastante após, em um ato de nepotismo, indicar três de seus sete filhos para cargos políticos. O caso mais emblemático foi a indicação de seu filho, Eugênio Montoro, para a chefia da Casa Civil, fato que o levou a precisar se explicar diversas vezes em entrevistas. Para piorar, internamente, seus secretários davam declarações para a imprensa, nem sempre anônimas, confrontando suas decisões. Perdia apoio do funcionalismo público ao acumular dívidas com os servidores e não as pagar, mesmo após decisão judicial.²⁸¹

Não obstante, a questão da segurança pública no estado piorava significativamente²⁸² e era o ponto mais criticado de sua gestão, acusada reiteradamente de negligenciar a área. Com todos esses entraves, a popularidade do governador despencava em cada pesquisa.

A revista *Veja* dedicou a matéria de capa de sua edição 860 para mostrar a recuperação do governo Montoro, em uma matéria claramente a favor do PMDB paulista. O título da capa, “A força de São Paulo”, com a foto do governador em seu gabinete, não deixa espaço para o leitor imaginar o teor da reportagem. A manchete da matéria e o subtítulo demonstram o apoio editorial à sua gestão: “A volta por cima

²⁷⁹ SOUSA, F. S. **A dívida pública do estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Administração Pública – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Faculdade Getúlio Vargas. São Paulo, 1994.

²⁸⁰ FRACALANZA, P. S. A gestão do ensino fundamental pelo governo do Estado de São Paulo: uma análise do financiamento e dos indicadores sociais de educação (1980-1993). **Educação & Sociedade**, v. 20, 1999, p. 102.

²⁸¹ SOUSA, F. S. **A dívida pública do estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Administração Pública – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Faculdade Getúlio Vargas. São Paulo, 1994.

²⁸² MARQUES, A. J. **Humanizar e expandir**: uma genealogia da segurança pública em São Paulo. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

de Montoro” e “Plantou São Paulo no ministério, saneou a economia e recupera popularidade”,²⁸³ respectivamente.

A matéria prossegue repassando brevemente os percalços do início do governo, passando pelas medidas do governo, e termina exaltando o estado de São Paulo, como a maior economia do país, e Franco Montoro, que “parece firme ao leme de uma máquina gloriosa”.²⁸⁴ A análise imagética da matéria também demonstra a exaltação do governo e de seu governador, como pode ser visto nas imagens que compõe a figura 26:

²⁸³ **Veja**, edição n. 860, p. 20.

²⁸⁴ **Veja**, edição n. 860, p. 25.

Figura 26 – Índice de popularidade de Franco Montoro, arrecadação de ICM no estado de São Paulo e percentual da participação das áreas de saúde, educação, assistência social, segurança, justiça e transportes no orçamento de São Paulo



Fonte: montagem realizada pelo autor com as ilustrações da revista *Veja*, edição n. 360, p. 22.

A primeira imagem demonstra bem o esforço editorial em valorizar o então governador. Enquanto a principal mensagem transmitida é positiva, a de recuperação da popularidade de Montoro, o cerne da mensagem é que o governador possui uma impopularidade de 33%. Tal impopularidade foi falseada na matéria com frases como “a curva de popularidade de Montoro, que despencou desde sua posse, conseguiu, enfim, aprumar e até recuperar terreno”.²⁸⁵ Tal formulação, junto com uma imagem em que não há respeito pela posição numérica no gráfico, tendo em vista que o -33% ocupa lugar semelhante ao -28%, demonstra a tentativa de dar contornos positivos à situação complicada em que o governador se encontrava.

O gráfico de arrecadação de ICM confirma essa visão. Enquanto o governo estima receber menos do que em 1983, é feito um esforço para mostrar quão positiva é a recuperação, sem analisar os motivos que levaram à queda de rendimentos, nem as circunstâncias dessa baixa expectativa de arrecadamento.

Sendo *Veja* uma revista de circulação nacional, e não apresentando nos anos de 1984 e 1985 nenhuma matéria de capa que exaltasse nenhum outro governador²⁸⁶,

²⁸⁵ *Veja*, edição n. 860, p.20.

²⁸⁶ A revista fez algumas capas com o governador de Minas Gerais, Tancredo Neves, mas colocando-o como uma força de projeção nacional ou futuro presidente e não exaltando-o como governador.

é possível levantar duas hipóteses. A primeira é a de que, por ter sua sede em São Paulo, os editores e jornalistas da revista se dedicaram mais aos temas do estado e, portanto, estariam interessados em noticiar os acontecimentos locais com maior ênfase, visando contemplar a grande base de leitores paulistas da revista. A outra hipótese é a de que havia um desejo consciente do conselho editorial em promover essa liderança política a um patamar nacional, rebatendo acusações e procurando demonstrar a melhora do governo, bem como suas virtudes, com o objetivo de fortalecer Montoro.

A primeira hipótese aparenta ser uma análise muito inocente dos fatos, negando a relação de forças em que os grandes meios de comunicação estão envolvidos. A revista é prodigiosa em assuntos em todo o território nacional, não faltando exemplos de matérias de alta complexidade jornalística referentes aos outros entes da Federação. Logo, pode-se descartar a primeira hipótese.

Com base no interesse de *Veja* em dar visibilidade para Montoro em um momento subsequente da escolha presidencial, pode-se inferir que essa visibilidade se destinava, em um primeiro momento, a valorizar seu capital político, favorecendo-o internamente nas contendas com seu vice-governador Orestes Quércia, e aumentar o peso de suas indicações, viabilizando uma plataforma dentro do PMDB que possibilitasse sua candidatura presidencial.

Com a proibição da reeleição dos atuais prefeitos, o PMDB ficou para trás na escolha dos candidatos, já que Covas esperou até a decisão do TSE para retirar sua candidatura das eleições internas do PMDB. Se Montoro quisesse disputar as próximas eleições presidenciais e subir a rampa do Palácio do Planalto, era imperativo que conseguisse propor nomes de sua confiança para as eleições de 1985 e de 1986, e que fossem vitoriosos, fortalecendo-o dentro de seu partido e nacionalmente.

Do lado diametralmente oposto do PMDB, o PDS encontrava-se mais enfraquecido do que nunca e, se quisesse sobreviver, deveria mudar completamente seu modo de agir. A derrota de Paulo Maluf no Colégio Eleitoral demonstrou que o partido, acostumado a estar sempre do lado governista, iria precisar aprender a ser oposição. Mais do que ser visto como um partido de oposição, o PDS ficou marcado pelo seu apoio à ditadura e, por isso, sofria muita rejeição.²⁸⁷

²⁸⁷ SOARES, A. de O.; TAUIL, R. M.; COLOMBO, L. A. O bipartidarismo no Brasil e a trajetória do MDB. *Revista Sinais*, v. 1, n. 19, 2016, p. 21.

Durante as eleições de 1985, em São Paulo, o PDS demorou para definir se iria bancar uma candidatura própria, colocando o partido em maior evidência, ou se apoiaria algum candidato que tivesse chances reais de vitória. O grande obstáculo encontrado para coligações era o apoio público de Maluf, visto como negativo pelos candidatos, pois poderia potencialmente mais afastar eleitores do que atrair. Não foram poucas as vezes em que Fernando Henrique Cardoso acusou Jânio de ter o apoio de Maluf e de representar as forças do Regime Militar, como fez no debate realizado pela TV Cultura e Rádio Eldorado na qual declarou que o apoio de Maluf era um “abraço de morte”²⁸⁸ na candidatura janista. Essa fala de Cardoso tem como base a impopularidade crescente de Maluf em diversos setores da sociedade, pois

Com o processo de redemocratização em curso, a forte ligação de Maluf com os militares começava a gerar protestos de setores da oposição por onde ele passava, provocando episódios que repercutiam negativamente para a sua imagem. [...] [em 1980] Ao ser recebido sob protestos por opositores no bairro da Freguesia do Ó, seguranças que o acompanhavam agrediram os manifestantes. A cobertura da imprensa com imagens das agressões provocou uma grande consternação pública [...].

Este foi o momento derradeiro em que Maluf exerceu um cargo de comando do Poder Executivo sem enfrentar um escrutínio eleitoral público.²⁸⁹

Jânio, de sua parte, também não queria ser associado ao político pedessista com quem negou possuir relações: “eu o vi duas vezes na minha vida”.²⁹⁰ Nem mesmo candidatos que não estavam bem nas pesquisas eleitorais, como Adhemar de Barros Filho, candidato do PDT, queriam se associar ao deputado federal mais bem votado no estado de São Paulo, em 1972. “Não quero falar com esse cidadão”,²⁹¹ declarou Adhemar, demonstrando o pouco prestígio que o político possuía naquele momento.

Entretanto, se, pessoalmente, Maluf estava enfraquecido, a máquina do PDS ainda era poderosa e seu apoio, mesmo que não oficial, era quisto por vários partidos. Cláudio Lembo, do PFL, partido que, até aquela data, ainda não havia formalmente se coligado com ninguém, defendia o apoio do PDS a uma possível candidatura própria, dizendo “Maluf representa muito pouco hoje, o apoio dele é desprezível” e que não se poderia negar apoio de malufistas e ex-malufistas, pois “há malufistas até na chapa de Fernando Henrique Cardoso, como Caio Pompeu, que trabalhou com ele

²⁸⁸ OESP, edição n. 33.880, de 13/08/1985, p. 6.

²⁸⁹ TEIXEIRA, M. A. Paulo Maluf: ascensão e declínio de uma liderança política. *Aurora*, v. 5, n. 14, p. 31-45, 2012.

²⁹⁰ OESP, edição n. 33.880, de 13/08/1985, p. 7.

²⁹¹ OESP, edição n. 33.880, de 13/08/1985, p. 7.

quando prefeito e governador”.²⁹² Jânio fez declarações no mesmo sentido, e ainda se comparou com Jesus Cristo:

eu os vejo como Cristo viu Madalena. Se bem me lembro, ela se arrependeu e chegou aos altares [...]. Conheço muito pedessista digno. E conheço muito malandro em outras siglas [...], o malufismo não existe, pois o que demora no passado, como o povo costuma dizer, já era.²⁹³

Fica claro pelas falas das lideranças dos partidos que a figura malufista estava em decadência e, por isso, o cálculo político era de que simplesmente não compensava ter o ex-presidenciável no palanque.

Já o apoio do PDS era visto com bons olhos pelos partidos ligados à direita. Enfraquecido, mas não derrotado, restava ao PDS a difícil escolha de marcar posição, lançando um candidato próprio e perdendo as eleições, ou de apoiar extraoficialmente Jânio Quadros, que tinha chances de vencer o pleito, e conquistar cargos na administração municipal. Pesava contra a segunda alternativa o histórico de Jânio não transformar apoio em cargo, não cumprindo combinados feitos em campanha.

Com menos a perder do que o PDS, outros dois partidos de espectros políticos opostos entre si, também tentavam se viabilizar como alternativa política em 1985, o PT e o PFL.

O PT havia passado no teste das eleições estaduais com um rendimento considerado bom para uma primeira disputa eleitoral, elegendo seis deputados federais em São Paulo e nove estaduais. Seu candidato ao Senado ficou em quinto lugar com cerca de um milhão e cem mil votos, e seu principal líder, Luís Inácio ‘Lula’ da Silva, teve uma votação similar, ficando em quarto lugar. Considerando a força que o PMDB teve nas eleições de 1982, o desempenho colocou o Partido dos Trabalhadores como uma potencial alternativa de esquerda,²⁹⁴ conseguindo obter votos dos descontentes com o PMDB e dos trabalhistas, que não se reconheciam no novo PTB, nem no PDT paulista. Essa fatia de votos de outros partidos, aliada com sua própria base, fazia com que o PT pudesse sonhar alto.

A estratégia petista consistia em lançar um candidato que não assustasse a elite econômica e que conseguisse aliar as preocupações sociais do partido com uma mensagem econômica de recuperação. O nome escolhido foi de Eduardo Matarazzo

²⁹² OESP, edição n. 33.880, de 13/08/1985, p. 6.

²⁹³ OESP, edição n. 33.872, de 03/08/1985, p. 5.

²⁹⁴ KECK, M. E. **PT, a lógica da diferença**: o partido dos trabalhadores na construção da democracia brasileira. São Paulo: Ática, 2010.

Suplicy. Eduardo vinha de família rica, bisneto de Francesco Matarazzo, importante industrial paulista, e era formado em Economia pela Fundação Getúlio Vargas.

O partido sabia que dificilmente venceria o pleito na capital paulista, mas uma boa votação garantiria maior visibilidade e a confirmação de que o partido não seria um fenômeno efêmero. Ao se fazer visto e ouvido na maior cidade do país, o PT buscava irradiar sua influência para além da sua base, ganhando capital político para eleições vindouras. E foi isso que aconteceu após as eleições:

o PT registrava crescentes sucessos na frente político-eleitoral. [...] No ano seguinte, nas eleições para a Constituinte, o PT dobrou sua bancada na Câmara de Deputados, elegendo 16 deputados federais, com Lula obtendo uma consagrada votação, além de 40 deputados estaduais.²⁹⁵

Durante a disputa eleitoral, talvez como estratégia para enfraquecer o PMDB, Jânio Quadros elogiava com certa frequência o Partido dos Trabalhadores, colocando-o como um dos poucos partidos a possuir uma base teórica-ideológica sólida e atitudes coerentes com sua ideologia. Também costumava dizer que as pesquisas estavam erradas e que quem estava em segundo lugar era Suplicy, e não Fernando Henrique Cardoso, sendo esse resultado melhor para São Paulo. Oscilando entre estratégia eleitoral ou um respeito pelo adversário, a questão mais relevante para este trabalho é que Jânio sabia como pautar as notícias e não citaria alguém que considerasse um adversário insignificante. Via no PT uma força capaz de atrapalhar o PMDB, logo, uma força a ser considerada em sua estratégia. O próprio Fernando Henrique, reiteradas vezes tentou dissuadir o PT de manter a candidatura de Suplicy, sugerindo a criação de uma frente contra janista, encabeçada por Fernando Henrique Cardoso. O *OESP* revelou que Cardoso chegou a convidar Suplicy para ser seu vice. O fato foi confirmado por Suplicy e rebatido por Cardoso, dizendo que havia falado em tom de brincadeira em uma conversa informal.

Após a apuração das eleições, muitos comentavam que sem a candidatura de Suplicy, Jânio jamais teria sido eleito, colocando a culpa da derrota no PT:

[...] ficará difícil de explicar, ficará, a não ser daqui a alguns séculos, como os seguidores do “Lula” contribuíram para a ressurreição de forças retrógradas, consideradas batidas, ao promover conscientemente o começo da volta do ex-presidente. No mínimo confundir-se-ão as figuras e os nomes para um estudante de História que lá para o ano 2500 vá pesquisar o passado. Ele

²⁹⁵ REIS FILHO, D. A. O Partido dos Trabalhadores: trajetória, metamorfoses, perspectivas. In: FERREIRA, J.; REIS FILHO, D. A. (org.). **Revolução e democracia (1964-.)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 10.

poderá escrever sobre Luís Ignácio Silvério dos Reis da Silva e sobre Eduardo Matarazzo Calabar Suplicy.²⁹⁶

A coluna do jornal coloca Lula e Suplicy no mesmo patamar de Joaquim Silvério dos Reis e Domingues Fernandes Calabar, dois famosos “traidores” da história brasileira. A comparação acontece simplesmente pela escolha do PT em lançar candidatura própria, sem apoiar o PMDB.

Em diversas matérias o jornal tentou explicar os motivos da vitória janista, mas em nenhuma há críticas tão contundentes quanto essa ao PMDB ou ao PFL, que apoiou Jânio. O tratamento dado ao PT pelo jornal precisa ser investigado mais a fundo, mas fica claro que os editores de *OESP* viam no PT uma ameaça maior que Jânio já que, após as eleições, o jornal passou a tratá-lo com cordialidade, enquanto continuava a culpar o PT por sua vitória na eleição.

No dia 15/11/1985, em turno único, 4.843.368 eleitores escolheram quem gostariam que governasse a cidade de São Paulo. O resultado da eleição para prefeito foi o seguinte:

²⁹⁶ *OESP*, edição n. 33.961, de 15/11/1985, p. 3.

Tabela 9 – Resultado das eleições para prefeito da cidade de São Paulo em 1985

Candidato(a)	Total	Porcentagem
Jânio Quadros (PTB)	1.572.260	39,33%
Fernando Henrique Cardoso (PMDB)	1.431.175	35,80%
Eduardo Suplicy (PT)	827.452	20,70%
Francisco Rossi (PCN)	68.305	1,71%
Ana Rosa Tenente (PH)	45.068	1,13%
Pedro Geraldo Costa (PPB)	27.887	0,70%
Antônio Carlos Fernandes (PMC)	8.107	0,20%
Ruy Codo (PL)	4.612	0,12%
José Maria Eymael (PDC)	4.578	0,11%
Armando Correia (PMB)	4.187	0,10%
Rivailde Ovídio (PSC)	4.066	0,10%
Rogê Ferreira (PSB) ²⁹⁷	0	0%
Total de votos válidos	3.998.697	95,41%
Votos em branco	37.575	0,89%
Votos nulos	154.769	3,69%
Total	4.190.041	86,51%
Abstenções	653.327	13,49%
Total de inscritos	4.843.368	100%

Fonte: Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo (TRE/SP).

Lamounier e Muszynski consideram que o vencedor da eleição foi Jânio, e não o PTB.²⁹⁸ Em termos relativos, pode-se considerar que o partido que mais ganhou nessa eleição foi o PT. Candidato e partido ganharam a notabilidade desejada, o percentual de votos ficou além do esperado pela cúpula petista. O PT conseguiu capilaridade na periferia e o partido permaneceu sem rachas significativas, ao contrário do PMDB, PDT e do PFL cujas fissuras causadas pelo pleito criaram dissidências e ocasionaram importantes mudanças estruturais internas.

Em segundo lugar, no quesito de fortalecimento do partido, podemos colocar o PFL que também se colocou à prova em 1985. Ex-dissidência do PDS e um dos sustentáculos do governo Sarney, dependia de bons resultados para continuar relevante e conseguir disputar o espaço da direita no Brasil. Com nomes fortes como o ex-vice-presidente Aureliano Chaves, o então ministro da Educação, Marco Maciel, e o então chanceler Olavo Setúbal, o partido exerceu bastante influência no governo de Sarney e pretendeu aumentar sua participação no governo.

²⁹⁷ Rogê Ferreira retirou sua candidatura declarando apoio a Fernando Henrique Cardoso, porém as cédulas de votação constavam seu nome. Seus votos foram considerados nulos.

²⁹⁸ LAMOUNIER, B.; MUSZYNSKI, M. J. B. **1985: o voto em São Paulo**. São Paulo: Idesp, 1986, p. 25-27.

Em contexto nacional, PFL e PMDB formaram a Aliança Democrática, ainda quando Tancredo era vivo, com o objetivo de dar sustentação ao seu governo. Com sua morte, a Aliança se comprometeu com a governabilidade de Sarney, que procurou manter os acordos firmados por Tancredo. Longe de ser uma aliança harmônica e com poderes divididos igualmente, o PMDB era o protagonista da Aliança Democrática, de forma que o presidente Sarney era bastante dependente dos interesses peemedebistas. A manutenção dessa situação não agradava a Sarney, e muito menos o PFL, que buscava maior participação no governo.

Olavo Setúbal, importante político do PFL, não guardava segredo de que desejava concorrer às eleições para governador de São Paulo em 1986²⁹⁹ e, para que tivesse chances reais, precisava do apoio de prefeitos do estado, em especial da capital. Sabendo que, independentemente de quem fosse o candidato do PMDB na capital, este não o apoiaria na disputa estadual, tendo em vista a quantidade de peemedebistas postulantes ao cargo, coube ao chanceler a escolha de ser o fiador de uma candidatura forte o suficiente para impulsionar a sua própria candidatura, e confiável a ponto de não tentar roubar-lhe a vaga. Se fracassasse, na escolha do candidato ou na eleição, dificilmente conseguiria atingir seu objetivo político.

Hebert Levy, deputado pelo PFL, defendia que o partido não deveria se aliar ao PMDB e que as bases do partido eram a favor de Jânio.³⁰⁰ Quando ficou claro que o PFL apoiaria Jânio Quadros, a retórica foi gradualmente sendo modificada, a ponto de que, quando o apoio foi oficializado, pareceu o caminhar natural de uma situação há muito construída,³⁰¹ e não fruto de um debate interno que quase rachou o partido.

A proximidade de Olavo Setúbal com *OESP* garantiria um significativo apoio da mídia para sua candidatura, mas os limites dessa proximidade foram postos à prova em 1985, quando Jânio Quadros praticamente declarou guerra aos veículos de imprensa. O jornal precisou lidar com um candidato que apresentava rompantes de violenta verborragia, mas era apoiado pelo político com mais ligações com o jornal. Durante nossa pesquisa, foram encontrados pouquíssimos comentários negativos a respeito de Setúbal, demonstrando o apoio do periódico a seu nome.

²⁹⁹ O *OESP* coloca em sua edição n. 33.845 de 03/07/1985, p. 6, que a campanha já havia começado no interior. A primeira menção a candidatura de Setúbal em 1985, aconteceu em 19/04/85.

³⁰⁰ *OESP*, edição n.33.833 de 19/06/1985, p. 5.

³⁰¹ A decisão do partido aconteceu em 19/07/1985, e ficou vinculada ao apoio de Jânio a Setúbal, José Maria Marin e Hebert Levy nas eleições de 1986, como noticiado em *OESP*, n. 33.860 de 20/07/1985, p. 5.

A escolha do PFL de se coligar com o PTB, em São Paulo, fez tremer a República, com uma real ameaça à coesão da Aliança Democrática.³⁰² Se Jânio fosse vitorioso, o PFL se firmaria como força estadual e nacional, podendo emergir como força política em um cenário de devastação ocasionado pela derrota do PMDB em seu principal estado. Se fosse derrotado correria o risco de ruir e perder sua influência, a ponto de deixar de ser votado nas eleições dos anos seguintes e assim ser ofuscado em um panorama nacional por outros partidos.

Se a Aliança Democrática ruísse em 1985, Sarney perderia sua governabilidade, já bastante contestada, principalmente por Leonel Brizola, que exigia constantemente eleições diretas. O presidente precisaria refazer seus acordos políticos se desejasse se manter no poder, cedendo mais do que gostaria. Sarney também se encontrava em difícil situação, pois dependia da Aliança Democrática, majoritariamente influenciada pelo PMDB, que não o aceitava integralmente. Desejoso por maior liberdade política, o presidente não acharia ruim a derrota do PMDB em São Paulo, já que isso não o enfraqueceria. Pelo contrário, ficaria mais forte uma vez que afrouxaria as correntes que o PMDB lançava sobre seu governo, garantindo-lhe mais espaço de manobra para tomar decisões. Com esse pensamento, Sarney ficou intencionalmente omissos no pleito, apoiando seu partido de forma bastante tímida e acenando para Jânio de forma velada.

Finalizando este balanço do ano de 1985 e dos principais partidos concorrentes no pleito, temos o PTB de Jânio Quadros, que ocupava um lugar diferenciado dos outros partidos às vésperas das eleições. Como visto anteriormente, o PTB carecia de capilaridade no interior e não possuía muitas lideranças capazes de vencer eleições majoritárias, tendo em Ivete Vargas e Jânio Quadros seus principais nomes. Infelizmente, para o PTB, uma das características de Jânio era a alegada desvinculação de partidos políticos. Jânio sabia que os partidos não eram bem-vistos pela população e, por isso, sempre dizia não representar um determinado partido, mas seus eleitores e a si mesmo:

Sua concepção do papel do Estado era a de que este deveria organizar a sociedade, cujos cidadãos eram vistos como incapazes, por si sós, de se proteger de abusos. Claro que ele próprio se apresentava como a encarnação

³⁰² Conforme pode ser visto em OESP n. 33.876 e n. 33.882 de, respectivamente 08/08/1985 e 15/08/1985 e em *Veja* edição n. 886 de 28/08/1985, p. 6 e na edição n. 896 de 06/11/1985, p. 36, entre outras matérias.

desse tipo de Estado, acima dos partidos e, portanto, capaz de implementar suas ações com seu esforço individual.³⁰³

Em seu breve governo como presidente, rompeu com a UDN, que o havia apoiado e dado o suporte nacional que carecia para vencer uma eleição nacional. Carlos Lacerda, grande responsável pela candidatura janista em 1959, classificou seu apoio a Jânio como um de seus maiores arrependimentos.³⁰⁴

Dessa forma, em São Paulo, o PTB foi eclipsado por Jânio que detinha o controle regional do partido graças a seu prestígio político. Não era incomum que políticos de outros partidos se declarassem janistas, ou o apoiassem, a despeito das recomendações de seus próprios partidos, fazendo com que o janismo fosse muito maior do que a militância petebista. Apenas 32% dos eleitores de Jânio sabiam especificar seu partido político contra 78% dos de Eduardo Suplicy e 77% dos eleitores de Fernando Henrique.³⁰⁵ O que demonstra a pouca influência do PTB no janismo e como Jânio soube conduzir sua retórica para mostrar-se independente do partido. A força de seu discurso “acima dos partidos” também atingiu aqueles que não votariam no ex-presidente, uma vez que foi o candidato que apresentou a menor relação de conhecimento de partido pelo eleitorado conforme pode ser verificado na tabela 10.

Lamounier e Muszynski apresentam uma pesquisa espontânea, aquela em que os nomes dos candidatos não são apresentados para os eleitores, e perguntam em quem eles votariam e se saberiam dizer o partido do seu candidato e dos outros concorrentes. Os eleitores de Eduardo Suplicy foram os que mais souberam relacionar os candidatos a seus partidos, com 78% sabendo dizer que Suplicy fazia parte do PT; Jânio, do PTB e Fernando Henrique Cardoso, do PMDB. Do outro lado, o candidato em que os eleitores menos conseguiam relacionar com sua legenda foi Jânio Quadros, com apenas 31% de entrevistados conseguindo fazer tal relação. Além disso, os eleitores de Jânio Quadros também foram os que menos conseguiram relacionar os outros candidatos com seus partidos.

Tabela 10 – Níveis de conhecimento do eleitorado sobre a associação entre candidato e partido, por intenção de voto (em %).

³⁰³ QUELER, J. J. **Entre o mito e a propaganda política: Jânio Quadros e sua imagem pública (1959-1961)**. 349p. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2008, p. 40.

³⁰⁴ LACERDA, C. **Depoimento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

³⁰⁵ LAMOUNIER, B.; MUSZYNSKI, M. J. B. **1985: o voto em São Paulo**. São Paulo: Idesp, 1986, p. 24.

Conhecimento do partido do candidato	Suplicy/PT	Jânio Quadros/PTB	Fernando Henrique Cardoso/ PMDB	Base para cálculo (n)
Eleitores de Eduardo Suplicy	78%	34%	72%	(68)
Eleitores de Jânio Quadros	45%	32%	51%	(148)
Eleitores de Fernando Henrique Cardoso	52%	28%	77%	(128)
Eleitores de outros candidatos	43%	28%	52%	(25)
Eleitores indecisos	46%	35%	65%	(66)
Média	52%	31%	66%	(489)

Fonte: LAMOUNIER, B.; MUSZYNSKI, M. J. B. **1985: o voto em São Paulo**. São Paulo: Idesp, 1986, p, 24.

Verifica-se, portanto, uma importante característica de Jânio Quadros, que marca sua trajetória política: o personalismo. Várias vezes Jânio se projetou como um representante direto de seu eleitor, sem se importar com intermediadores como partidos ou associações: “serei um prefeito duro, um prefeito áspero, porque incorporo a raiva do povo”³⁰⁶ e “o plano de governo sou eu”,³⁰⁷ foram frases repetidas por Jânio Quadros que demonstram como ele se colocava como o centro inequívoco do janiismo.

a presença do personalismo na projeção política de não deve ser desconsiderada. Isso era um fator de grande importância para dar credibilidade às suas proposições [...]. As evidências analisadas sugerem como ele foi capaz de mobilizar o imaginário e paixões coletivas com grande sucesso, aparecendo ao olhar de muitos como uma pessoa extraordinária, seja por possuir qualidades excepcionais seja por ter características de um cidadão comum. Esses elementos em torno de JQ, por sua vez, não impediram a adesão de seus apoiadores a propostas e projetos políticos. O espetáculo propiciado pela política também contava com o debate e a promoção da figura pública dele espontaneamente pela população. [...]

Os pedidos dirigidos a JQ pela população em geral indicam como, em meio a uma sociedade amplamente marcada pelo autoritarismo e por relações sociais profundamente hierarquizadas, o líder em questão era muitas vezes vislumbrado como um reformador social, alguém capaz de aumentar a presença do governo e do Estado na vida dos cidadãos, de forma a trazer-

³⁰⁶ OESP, edição n. 33.998 de 29/12/1985, p. 4.

³⁰⁷ OESP, edição n. 33.928 de 07/10/1985, p.7

lhes soluções políticas para seus problemas. Coibir a ação de atravessadores ou especuladores; distribuir favores de forma criteriosa às pessoas mais necessitadas e com maior mérito; estender o Estado de Direito aos mais remotos rincões do país ou acabar com a corrupção generalizada na administração pública; em todos esses casos, fica evidente como interesses concretos projetavam-se sobre a figura pública de JQ.³⁰⁸

O autoritarismo que marcou sua vida política³⁰⁹ também foi visto durante a campanha e em seu governo à frente da Prefeitura. Agressões verbais constantes³¹⁰ à imprensa, agressões físicas de seus apoiadores, em especial da juventude janista, contra qualquer pessoa considerada como inimiga por Jânio, foram comuns e, por diversas vezes, incentivadas por Jânio Quadros. Por exemplo, quando defendeu as agressões de seus apoiadores contra pessoas que comemoravam o aniversário de sua renúncia, no bairro do Bixiga, em São Paulo, ou quando ele mesmo empurrou uma repórter que estava em sua casa, ou ainda, como prefeito, realizou frequentes mudanças no secretariado.³¹¹ Esse personalismo extrapolou a figura de Jânio Quadros e se refletia em seu eleitorado que, como mostrou a tabela 5, era o que menos sabia relacionar as siglas políticas aos candidatos, demonstrando que, para eles, o mais importante era o candidato que encabeçava a chapa, e não o partido.

Isso não quer dizer que não havia importância nas relações partidárias para os janistas, uma vez que reiteradamente a aliança entre PMDB e os partidos comunistas foi usada como argumento, tanto por Jânio quanto por seus apoiadores, de um suposto extremismo esquerdista e da inconfiabilidade de Fernando Henrique Cardoso.

Feita essa separação, entre PTB e Jânio, pode-se dar mais luz ao momento político do ex-presidente e o que significava essa eleição para ele. Vindo de duas derrotas em pleitos estaduais seguidas, perder a eleição na cidade de São Paulo seria o fim, tão proclamado por seus críticos, de sua carreira política. A própria decisão de concorrer a um cargo político hierarquicamente inferior a outro já ocupado é bastante incomum, ainda mais saindo da esfera federal para a municipal. A derrota em São

³⁰⁸ QUELER, Jeferson. 349p. Tese (doutorado) – Universidade estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2008, p. 338-339.

³⁰⁹ Ver CHAIA, V. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991; e QUELER, op. cit.

³¹⁰ Um exemplo disso é a matéria “Canalhas! Cachorros!” de 17/11/1985 de *O Estado de S. Paulo*, página 4, “‘Canalhas!’, ‘cachorros!’, Estes foram alguns adjetivos que o prefeito Jânio Quadros utilizou ontem de madrugada para agredir os jornalistas [...] depois de quase dois meses de silêncio.”

³¹¹ Segundo CHAIA, V. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991, p. 278: “pelas 22 secretarias passaram 58 secretários” durante seu governo.

Paulo significaria a perda de influência do ex-presidente e a possibilidade de extinção do janismo, já que esse só existiria enquanto Jânio fosse politicamente relevante. Sem herdeiros políticos claros e com o Movimento Popular Jânio Quadros (MPJQ) englobado pelo PTB, não haveria mais o “legado Jânio Quadros”, de que o político tanto se gabava.

Do outro lado, a vitória na cidade considerada a “joia da coroa” do PMDB mostraria que o antigo Jânio ainda existia e que o janismo poderia continuar existindo, agora com seu líder vitorioso de novo. Jânio já havia usado a Prefeitura como trampolim para sua candidatura a governador, depois deputado federal e, enfim, para a Presidência. Será que poderia fazer isso novamente? Oficialmente Jânio sempre negou a possibilidade de disputar o governo do estado e a Presidência e “logo que ocupou seu gabinete oficial, Jânio Quadros pendurou um par de chuteiras e um cartaz com os dizeres: “O Prefeito não é candidato a qualquer cargo eletivo. Este é seu último mandato e a matéria não pode ser objeto de conversa.”³¹² Era sua forma de dizer que havia se aposentado da vida política. Assim, se o ex-presidente se candidatasse a algum cargo não seria o primeiro compromisso descumprido por ele e não surpreenderia ninguém.

No campo estadual, uma possível candidatura de Jânio para 1986 fora comunicada por outrem diversas vezes, mas, ao analisar a conjuntura política da época, essa candidatura se mostrou pouco viável. O apoio do PFL à sua candidatura estava estritamente vinculado à retribuição de seu apoio a Olavo Setúbal, no ano seguinte. Dessa forma, tal traição o colocaria em uma situação muito complicada, perdendo não apenas os importantes apoios políticos, como os de Setúbal, Lembo e Aureliano Chaves, quanto o apoio financeiro-empresarial do grupo ligado a Delfim Neto, grande operador financeiro de sua campanha municipal.

Fazendo um exercício de imaginação que utiliza conhecimento *a posteriori* dos fatos, podemos imaginar e adicionar Jânio aos candidatos de 1986 em substituição a Antônio Ermírio de Moraes, candidato do PTB. Teríamos um cenário de eleição com Jânio Quadros, Maluf, Quércia, Suplicy e Teotônio Simões. Dificilmente Jânio conseguiria se sair melhor do que na eleição de 1982, já que também dividiria o voto da direita com Maluf. Sem apoio político-financeiro do PFL, poderia carecer de

³¹² CHAIA, V. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991, p. 270.

recursos. Amargurando mais uma derrota e uma renúncia, tachado de traidor, dificilmente conseguiria se eleger novamente. Político experiente que era, sabia de suas probabilidades e não disputou as eleições em 1986 e nunca declarou seu desejo de fazê-lo.

Já, em esfera nacional, os prognósticos poderiam ser melhores. Ao se manter na Prefeitura por todo seu mandato e apoiar Olavo Setúbal nas eleições em 1986, Jânio poderia montar uma forte base para impulsionar uma nova tentativa de chegar ao Palácio do Planalto. Viabilizando-se como alternativa à direita, colocando-se como defensor da moralidade e da honestidade, e contando com o apoio de governadores, em especial o de São Paulo, poderia ser visto como um forte concorrente à sucessão de Sarney.

Essa hipótese fora levantada tanto por *Veja*, quanto por *OESP*, em diversas matérias, algumas de forma sarcástica, como esta: “20 anos depois há duas novidades no Brasil: Jânio e Brizola.”³¹³ Outras de forma enfática, como a manchete: “Jânio para Presidência, a intenção do PTB-RJ”.³¹⁴ Essas hipóteses, contudo, eram rechaçadas pelo político: “Essas pretensões existem só se forem suas. A senhora é minha eleitora à Presidência? Porque não sou candidato. Então por favor escolha outro”.³¹⁵ Entretanto, suas negativas tornaram-se incertezas com o tempo, para finalmente declarar que, se o país estivesse em perigo de ser governado por comunistas ou socialistas, ele se candidataria. O MPJQ chegou a lançar sua candidatura em 1989, mas os problemas de saúde impediram que Jânio desse prosseguimento ao intento.³¹⁶

Entre perder seu legado e uma possível candidatura à Presidência, Jânio era o candidato que mais tinha a perder, São Paulo seria sua Waterloo³¹⁷: uma derrota e estaria acabado, e a vitória lhe daria o fôlego que necessitava urgentemente.

³¹³ *Veja*, edição n. 898, de 20/11/1985, p. 36.

³¹⁴ *OESP*, edição n. 33.993, de 22/12/1985, p. 6.

³¹⁵ *OESP*, edição n. 33.999, de 31/12/1985, p. 5.

³¹⁶ CHAIA, V. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991, p. 303.

³¹⁷ A Batalha de Waterloo aconteceu em 18 de junho de 1815 e ficou famosa por ser a derrota derradeira de Napoleão Bonaparte. Napoleão precisava vencer em Waterloo para ter condições de continuar sua campanha militar, entretanto, a derrota militar enfraqueceu sua posição política, levando-o a ser deposto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As eleições municipais de 1985 marcaram um importante período da democracia brasileira. Depois de 21 anos em que os militares estiveram no poder, sem eleições democráticas, o Brasil finalmente tinha um presidente civil e seus cidadãos poderiam eleger seus representantes na esfera de poder mais próxima do seu dia a dia.

Como em todo momento de ruptura, havia diversas tensões no ar. Será que os militares aceitariam os resultados das urnas? O PMDB conseguiria se manter como força predominante? Qual seria o destino da Arena, reformada sob o novo nome de PDS? Duas novas forças políticas pareciam surgir no horizonte, PT e PFL, teriam elas condições de se tornarem forças impactantes a longo prazo? Leonel Brizola conseguiria projetar seu recém-fundado PDT em território nacional e suplantaria sua antiga sigla, PTB, agora sob comando de Ivete Vargas? O que o destino reservaria para a Aliança Democrática e para o presidente Sarney, quando o luto por Tancredo passasse e seu governo começasse a sofrer críticas multissetoriais? Essas e outras questões permeavam o imaginário político e o resultado das eleições municipais poderia indicar algumas respostas.

As eleições municipais podem ser vistas como um microcosmo da política nacional, havendo uma relação retroalimentar entre a política local, estadual e nacional em que uma influencia e é influenciada pelas demais. As estruturas sociais, o capital simbólico e financeiro é testado em um embate na esfera de poder mais próxima dos cidadãos: as prefeituras municipais.

A eleição na cidade de São Paulo, em 1985, foi escolhida como contexto deste trabalho, pois colocou em xeque o PMDB como maior força política pós-democratização, ao mesmo tempo em que envolvia um personagem que permeia o imaginário popular até hoje: Jânio Quadros. Tivemos, naquela eleição, o encontro entre forças políticas variadas que precisavam se testar nas urnas em um momento de transição do governo autoritário para o governo civil.

Com a eventual derrota em São Paulo, as estruturas de poder peemedebistas ficaram abaladas. Verificou-se, de um lado, a diminuição da influência de figuras como Franco Montoro e Ulysses Guimarães e, de outro, a ascensão de novas correntes internas do partido, como a ala liderada por Orestes Quéricia.

Os partidos dos dois principais postulantes ao cargo de prefeito paulistano, PMDB e PTB, começaram as eleições municipais de forma bastante diferente. A

decisão do TSE de proibir a reeleição dos prefeitos em 1985 causou uma celeuma no PMDB, que tinha em Mário Covas seu melhor candidato. Do outro lado, o PTB já havia decidido, apesar de relutante em divulgar com antecedência, lançar Jânio Quadros como candidato.

Jânio vinha de duas derrotas eleitorais seguidas em eleições estaduais, 1962 e 1982, e lutava para manter-se vivo politicamente. Considerado como o “herdeiro da direita”, carregava o lema do trabalho, da moral, da segurança e do tradicionalismo em sua campanha. Usando discursos anticomunistas e anticorrupção, cooptou setores mais conservadores da cidade e colocou à prova a máquina política do PMDB, que comandava, naquela ocasião, a cidade, o estado e o país.

A eleição contou com diversos outros candidatos, como Eduardo Suplicy, do PT, surgindo como alternativa que impressionou pelo seu resultado. Outros importantes políticos começaram a disputa, mas retiraram sua candidatura, como Adhemar de Barros Filho e Rogê Ferreira.

O resultado daquela eleição ficou famoso pelo renascimento político de Jânio Quadros, pela derrota do PMDB e pelas pesquisas, que indicavam uma disputa acirrada, na qual geralmente Fernando Henrique Cardoso levava certa vantagem, e foram duramente criticadas.

Pensando em como a eleição de 1985 influenciaria o cenário político nacional, já que Jânio Quadros foi aventado até mesmo como candidato a presidente da República, depois de sua vitória, buscou-se entender como parte da mídia se posicionou no pleito em relação à sua figura.

O objetivo de criar uma base de dados consistente, aberta e passível de análise por outros pesquisadores foi concluído com êxito, constando nos apêndices deste trabalho.

Após a análise, pode-se afirmar que tanto *Veja* quanto *O Estado de S. Paulo* possuem posições políticas claras e apoiaram os candidatos de sua preferência, respectivamente, Fernando Henrique Cardoso e Jânio Quadros, de forma clara e demonstrável.

O apoio identificado não foi, todavia, incondicional. As posições não eram monolíticas e, algumas vezes, mudaram de tom, ou até mesmo de lado político. Eventos nacionais, como o governo Sarney, ou a possibilidade de uma futura eleição presidencial a ser disputada entre Jânio e Brizola fizeram com que os periódicos alterassem seu modo de agir. Evidentemente, as questões locais e próprias da

campanha também influenciaram na montagem das matérias e na estruturação da notícia.

A revista *Veja* apresentou diversas matérias contrárias a Jânio e sinalizou um apoio a Fernando Henrique Cardoso e ao PMDB. Matérias que valorizavam o começo do governo Sarney, e que mostravam o então governador Franco Montoro se recuperando de seus baixos índices de aprovação foram comuns na revista, que utilizou frequentemente essas matérias para exaltar o PMDB.

Após a confirmação de Fernando Henrique Cardoso como candidato à Prefeitura, a revista faz uma grande matéria intitulada “O aprendiz aprendeu”,³¹⁸ na qual trouxe uma grande biografia do candidato, destacando suas qualidades. Na mesma matéria, apenas meia página é dedicada a Jânio, com menções bastante negativas, sempre recordando seu temperamento volátil e sua renúncia, tratada como uma traição ao povo.

Em outras edições da revista, além desses elementos, o apoio de Jânio ao Regime Militar também foi recordado, assim como o apoio dos remanescentes do governo militar a Jânio, na campanha municipal. Várias vezes o apoio de Paulo Maluf e de Antônio Delfim Netto serviram como “evidências” da ligação de Jânio com o regime recém-destituído. Essas críticas, contudo, não resvalavam em personagens do PMDB que também possuíam laços com a ditadura, como o próprio presidente José Sarney. Até os livros escritos por Sarney e Jânio foram comparados pela revista: mesmo não sendo particularmente elogiosa ao livro de Sarney, *Veja* foi bastante contundente nas críticas ao livro de Jânio.

O apoio da revista ao presidente Sarney começou a diminuir no decorrer de seu governo, provavelmente relacionado às condições econômicas do país, que se deterioravam rapidamente. Entretanto, *Veja* tomava o cuidado de, ao criticar o governo Sarney, não deixar que as críticas transbordassem para Franco Montoro e Fernando Henrique Cardoso.

A diferença de tratamento dado pela revista para Jânio, nos editoriais e na seção de cartas, chama a atenção pela desigualdade. De dez cartas publicadas que mencionavam Jânio, sete eram negativas e apenas três positivas, diferença de 40%. Já os editoriais e colunas apresentaram uma discrepância maior ainda. Dos onze

³¹⁸ *Veja*, edição n. 878, de 03/07/1985, p. 20-24.

“conteúdos”, apenas um pode ser considerado positivo, escrito pelo próprio Jânio, enquanto dez foram negativos, uma diferença de mais de 80%. Esses números evidenciam o posicionamento contra Jânio que a revista adotou até a data da divulgação do resultado das eleições.

Vale ressaltar também os resultados obtidos na categoria “Matérias circunstanciais”, uma vez que a maioria dos “conteúdos” da revista se encaixaram nessa categoria, na qual não foi encontrado nenhum “conteúdo” predominantemente pró-Jânio, evidenciando a posição da revista.

Ao analisar as matérias, é possível dizer, com uma sólida base documental, que a revista não apoiou Jânio Quadros. Não apoiar Jânio não significa um alinhamento automático ao candidato do PMDB, tendo em vista que existiram vários outros candidatos, em especial Eduardo Suplicy, que despontava como candidato viável, de uma terceira força política. Tendo em mãos apenas a análise quantitativa, não seria possível evidenciar a quem se destinou tal apoio. Entretanto, após a leitura e análise das matérias, é possível afirmar que a revista apoiava, de fato, Fernando Henrique Cardoso. Para quantificar e detalhar tal apoio seria necessário realizar um outro estudo.

Desta forma, o posicionamento da revista pode ser classificado como contra Jânio e pró-Fernando Henrique Cardoso, sendo possível afirmar que o corpo editorial agiu de forma consciente para valorizar seu candidato e tentar impor sua visão aos leitores. Essa imposição, nos moldes da teoria de Bourdieu,³¹⁹ Foucault³²⁰ e Gramsci³²¹ não acontece na forma de violência física, mas no campo simbólico e cultural, em um contexto de disputa de poder.

De forma alguma deve-se supor que o leitor aceitasse a visão da revista de forma passiva, sendo facilmente manipulável. Pelo contrário, os leitores confrontam suas próprias crenças, valores e visão de mundo com os apresentados nas matérias e as usam para fortalecer, justificar ou confrontar suas opiniões.

Nas análises das matérias do jornal *O Estado de S. Paulo* também se pôde verificar o posicionamento político do periódico. Percebendo que um jornal diário possui essencialmente uma natureza distinta da revista semanal, foi possível avaliar como essas diferenças se refletiram nas matérias e reportagens. Enquanto *Veja*

³¹⁹ BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

³²⁰ FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2007.

³²¹ GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

procurava juntar os fatos da semana buscando formar um valor-notícia, *OESP* precisava publicar suas notícias tão rápido quanto os fatos aconteciam. Isso criava uma situação de maior dinamização da apuração dos fatos, os quais precisavam rapidamente ser transformados em notícias, não havendo muito tempo para se criar controvérsias narrativas, como em *Veja*.

Podemos dizer que, uma vez identificado um fato com potencial de virar notícia, o jornalista de *OESP* já era instado a escrever uma matéria aplicando o seu “filtro”, ou seja, suas visões e percepções do mundo.

Tal alinhamento explica o porquê de vermos matérias que seguem linhas políticas muito próximas dentro do mesmo periódico. Não podemos generalizar a classe jornalística e dizer que são profissionais tendenciosos, que agem deliberadamente para favorecer um ou outro candidato.

Isso porque se, por um lado, é possível dizer que havia favorecimento proposital, por outro, também é possível dizer que os jornalistas escreviam de acordo com suas percepções e entendimento de mundo, não agindo completamente com intuito consciente e doloso. O mais provável é que existisse uma mistura de escrita baseada em visões de mundo e favorecimento proposital, em diferentes graus.

Uma vez compreendida a dinâmica entre os diferentes tipos de periódicos, revista semanal e jornal diário, pode-se verificar e comparar o resultado de *Veja* com o do jornal *OESP*.

O primeiro ponto de destaque é que, contrastando com a revista *Veja*, não se vê em *OESP* nenhum resultado tão discrepante entre as menções pró-Jânio e contra Jânio. Levando em consideração a dinâmica de um jornal diário descrita acima, era de se esperar esse resultado, pois envolveria um grande esforço para que um jornal voltado ao grande público conseguisse tomar um partido tão claramente e mantivesse sua posição de “grande mídia”, não se tornando um jornal de nicho. Dessa forma, a diferença da quantidade de “conteúdos” pró-Jânio e contra Jânio não surpreenderam.

A primeira constatação importante veio do número de “conteúdos” nas “Matérias de apoio e de pré-campanha”, que, surpreendentemente, foi a categoria com mais “conteúdos”, superando quantitativamente as “Matérias de campanha”, sendo os “conteúdos” pró-Jânio a maioria entre elas.

Esse número fica mais compreensível ao se constatar que o jornal não tinha como objetivo apoiar Jânio Quadros, mas buscava apoiar o recém-fundado PFL, em especial Olavo Setúbal e Aureliano Chaves. O apoio ao PFL perpassava apoiar Jânio

e o PTB, uma vez que esses partidos se coligaram na eleição, e a vitória de Jânio também significaria o fortalecimento do PFL, em todas as esferas políticas, municipal, estadual e federal.

Com isso em mente, entende-se a posição central que a questão do apoio a Jânio e a etapa de pré-campanha ocuparam no jornal. A indecisão sobre quem seria o vice de Jânio também ocupou um espaço razoável dos “conteúdos” dessa categoria, revelando a pouca unidade política que existia na coligação. Afinal como revelaram Lamounier e Muszynski,³²² a maioria do eleitorado de Jânio sequer sabia qual era o seu partido. Para seus eleitores Jânio bastaria por si próprio.

O jornal também criticou bastante as gestões de Montoro e Covas, relacionando constantemente Fernando Henrique Cardoso a elas. Essas matérias foram consideradas pró-Jânio, uma vez que atacava seu principal concorrente no pleito. Mais de uma vez a eleição de São Paulo foi considerada uma espécie de plebiscito sobre o governo Montoro, ocasião que o jornal frequentemente o julgava negativamente.

Outro ponto de destaque foram as “Matérias de posicionamento formal”, única categoria em que identificamos mais “conteúdos” negativos do que positivos sobre Jânio Quadros. Ao verificar que esta classificação saía do padrão do jornal, foi necessário avaliá-la mais atentamente, visando buscar respostas para essa quebra de padrão. O que se constatou é que, nos editoriais do jornal, Jânio era favorecido, enquanto, nas colunas, era criticado.

Sobre esse espaço de críticas, que não eram poucas e nem leves, pode-se especular algumas hipóteses, as quais não são absolutas e nem devem ser entendidas como independentes entre si. A primeira hipótese é a de que os mandatários do jornal queriam, de fato, abrir espaço para o contraditório, dando liberdade para que seus colunistas dissessem o que realmente pensavam, passando um “verniz” de imparcialidade sobre o jornal. Essa hipótese pode ter um fundo verdadeiro, mas não se sustenta, já que em todas as outras categorias há um claro favorecimento de Jânio Quadros. Tal favorecimento fica mais evidente nas categorias que estão diretamente ligadas às escolhas editoriais, como a seção de cartas e o próprio editorial do jornal.

³²² LAMOUNIER, B.; MUSZYNSKI, M. J. B. 1985: **o voto em São Paulo**. São Paulo: Idesp, 1986.

A segunda hipótese relaciona-se com o desejo de apoiar PFL, e não Jânio, necessariamente. Pode-se dizer que havia um encontro casuístico de interesses na eleição, em São Paulo, e que era interessante para os donos de *OESP* que Jânio ganhasse o pleito, mas que não saísse muito fortalecido, uma vez que havia a possibilidade de ele não honrar sua palavra e disputar as eleições estaduais (à época o cenário mais provável era que, se isso acontecesse, Jânio disputaria e dividiria o eleitorado com Olavo Setúbal, enfraquecendo-o) ou que disputasse as eleições presidenciais vindouras. Assim sendo, não era politicamente interessante uma vitória total de Jânio, mas sim que tivesse sua imagem bastante comprometida, necessitando depender de apoios para governar.

A terceira e última hipótese é a que coloca uma maior agência dos colunistas, que poderiam ter exigido receber espaço de voz no jornal. Esse tipo de exigência não é incomum, e não é difícil de imaginar colunistas como Mauro Chaves exigindo liberdade para poder criticar Jânio Quadros. Essa hipótese pode mesclar-se com a primeira, de forma que a exigência de liberdade dos colunistas foi aceita visando dar credibilidade e aparência de imparcialidade ao jornal.

Seria necessário outro estudo para confirmar estas possibilidades, focado nas querelas internas do jornal, o que foge do âmbito desta pesquisa. De forma geral, o mais provável é que as hipóteses sejam verdadeiras em diferentes graus, mesclando-se entre si e criando o pano de fundo revelado pela análise das matérias.

O posicionamento do jornal também não era de apoio incondicional a Jânio, apesar de haver um favorecimento a ele nas notícias ou de ter sido notado notórios silenciamentos acerca de importantes temas sensíveis a candidatura janista. A omissão de um posicionamento duro quando Jânio legitimava o uso da violência pode ser vista como uma tentativa de não criar atrito com o candidato, mas que tornava o jornal cúmplice da violência. Podemos ver um tratamento bastante diferente ao comparar as reações o *OESP* na cobertura de episódios violentos, como a briga no bairro do Bixiga, ou quando um homem quase foi linchado em um comício,³²³ com a reação do jornal quando Jânio faltava aos debates ou quando hostilizou jornalistas. Enquanto a violência contra adversários era tolerada pelo jornal, a violência contra a imprensa era reprovada veementemente. Nos momentos de ataque à imprensa,

³²³ Enquanto seus apoiadores tentavam agredir o homem, Jânio dizia que este “merecia mesmo uma surra”.

percebemos que as menções negativas de Jânio aumentavam significativamente, tanto em números quanto em teor.

Entende-se que os encarregados de *OESP* também buscaram se apoderar de seu lugar de poder e tentaram impor sua visão de mundo aos seus leitores, visando favorecer o candidato mais ligado aos seus interesses, por meio de técnicas discursivas, semânticas, estruturais e imagéticas.

Por meio de evidenciações e ofuscações, relevando e diminuindo a importância de diversas questões problemáticas da campanha de Jânio, o jornal legitimou o discurso do candidato, reproduzindo de maneira aberta ou não, os motes da campanha janista.

É comum ler que Jânio soube usar a imprensa, criando polêmicas para estar em evidência. Entretanto, é mais provável que o *OESP* tenha escolhido deliberadamente agir do modo observado. Podemos, portanto, diminuir o uso do termo “manipulação” de Jânio sobre o jornal para pensar em uma consonância da estratégia eleitoral dele com os interesses dos detentores da marca *OESP*.

Conclui-se, após estas análises, que ambos os periódicos atuaram para tentar influenciar a eleição a favor de seu candidato preferido, exercendo seu poder simbólico. Ressalta-se, novamente, que, ao exercer sua influência sobre os eleitores, não afirmamos que estes receberam passivamente as informações e transformaram-se em apoiadores ou detratores dos candidatos à revelia de suas convicções pessoais.

O processo de comunicação e influência é muito mais complexo do que isso, e acreditar nisso exige colocar todos os leitores como figuras que não são dotadas de raciocínio, incapazes de refletir sobre o mundo que os cerca, sendo passíveis de uma manipulação grosseira. Essa visão, comum em alguns textos de análise de discurso,³²⁴ e que já foi bastante adotada na historiografia, não se sustenta com o conhecimento que temos hoje. Obras como as de Burke,³²⁵ Jenkins³²⁶ e Reis³²⁷ refutam esse tipo de conclusão e abrem espaço para a agência das pessoas, que, dotadas de capacidade de reflexão, não aceitam acriticamente nenhuma informação e não são facilmente manipuláveis.

³²⁴ VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

³²⁵ BURKE, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

³²⁶ JENKINS, K. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2004.

³²⁷ REIS, José Carlos. **História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

Sabe-se que a comunicação, incluindo a de periódicos, é uma via de mão dupla em que os leitores recebem as informações da mídia, as processam e emitem seu julgamento. Os jornais, por sua vez, conseguem captar esses julgamentos e se reposicionam visando agradar seus leitores e anunciantes.

Não podemos afirmar que houve uma ação deliberada dos jornalistas pertencentes às redações em favorecer ou desfavorecer determinado candidato. Há uma diferenciação sobre o papel dos jornalistas, neste caso. Enquanto pode-se dizer em graus de alinhamento entre os ideais dos profissionais com os da empresa em que trabalham, não se pode falar em alinhamento automático e incondicional, devendo sempre ser consideradas as relações de poder dentro das empresas.

Além disso, a relação de poder existente entre a mídia e o receptor não advém do jornalista enquanto pessoa, mas sim da empresa (com seu poder econômico, cultural e social) com o receptor. As posições políticas, na eleição de 1985, para prefeito de São Paulo, dos periódicos *Veja* e *O Estado de S. Paulo*, ficaram muito claras e podem ser consideradas bastante parciais. Entretanto, não se pode afirmar que as pessoas que participavam dessas empresas apoiavam as atitudes de seus empregadores e nem que os eleitores eram completamente influenciados ao ler os periódicos.

Levando em consideração a grande diversidade de pensamento que existe entre as pessoas, não se pode considerar jornalistas e leitores como uma massa disforme, moldada a critério de quem paga seus salários ou de quem lhe proporciona informação ou entretenimento.

A pesquisa também evidenciou o papel da imprensa no jogo político-eleitoral, colocando-a como uma importante peça no sempre complicado tabuleiro das eleições. Tanto por seu alcance, quanto pelo seu poder simbólico, a imprensa é uma força considerável, capaz de pautar determinados assuntos ou silenciar sobre outros. Ambos os periódicos analisados, *Veja* e *OESP*, se esforçaram para atingir seus objetivos e tentaram influenciar seus leitores para votar em seus candidatos preferidos em detrimento de seus desafetos.

Ao fim desta pesquisa podemos afirmar que os periódicos foram relevantes na construção da imagem de Jânio Quadros para os eleitores paulistanos. Mesmo com uma imagem já formada no imaginário popular, tanto *Veja* quanto *O Estado de São Paulo* buscaram trazer as suas perspectivas sobre o candidato e, de alguma forma, influenciar o resultado das eleições. Por isso, os periódicos fizeram parte do processo

eleitoral e não devem ser ignorados como importantes forças políticas e focos de poder.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência – O Estado de S. Paulo e Movimento**. Bauru: Edusc, 1999.
- ARNT, Ricardo. Jânio Quadros: **O Prometeu de Vila Maria**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- AUGUSTI, A. R. **Jornalismo e comportamento: os valores presentes no discurso da revista *Veja***. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.
- AVRITZER, Leonardo; COSTA, Sérgio. Teoria crítica, democracia e esfera pública: concepções e usos na América Latina. **Dados**: – Revista de ciências sociais. Rio de Janeiro, v. 47, n. 4, p. 703-728, 2004.
- AZEVEDO, F. A. Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. **Opinião pública**, v. 12, n. 1, p. 88-113, 2006.
- BASBAUM, L. **História sincera da República**, v.4. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.
- BARBOSA, M. C. Imprensa e poder no Brasil pós-1930. **Em Questão**. Porto Alegre, v. 12, n. 2, 2006. p. 215-234. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=465645955002>. Acesso em: 26 mar. 2021.
- BATISTELLA, Alessandro. O trabalhismo getulista-reformista do antigo PTB e o “novo trabalhismo” do PDT: continuidades e descontinuidades. **Aedos**, v. 5, p. 122-126, jan./jul. 2013.
- BENEVIDES, Maria Victoria. O velho PTB paulista (partido, sindicato e governo em São Paulo – 1945/1964). **Lua Nova**, São Paulo, n. 17, p. 133-161, jun. 1989.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. *In*: **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BERSTEIN, Serge. A cultura política. *In*: Rioux, Jean-Pierre; Sirinelli, Jean-François. (org.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1988.
- BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos**. São Paulo: Companhia. das Letras, 1993.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. (org.). **Dicionário de política**, v. 1, 11. ed. Brasília: Editora UnB, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRITTO, Antônio. **Assim morreu Tancredo Neves**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

BURKE, Peter. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do Renascimento na Itália**. Brasília: Editora UnB, 1991.

CABRAL, Castilho. **Tempos de Jânio e outros tempos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

CAMARGO, Ana. Maria. A.; BELLOTTO, Heloísa. Liberalli. (coord.). **Dicionário de terminologia arquivística**. 3. ed. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2012.

CAMPOS, José. Francisco. Guelfi. Uma abordagem arquivística dos recortes de jornal. **Officina**: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo, [S. l.], v. 1, n. 1, 2022. DOI: <https://doi.org/10.29327/263416.1.1-4>. Disponível em: <https://revista.arqsp.org.br/index.php/revista-da-associação-de-arquivi/article/view/10>. Acesso em: 8 nov. 2023.

CAPELATO, Maria. Helena.; PRADO, Maria. Lígia. Coelho. **O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CARDOSO, Fernando. Henrique. A democracia na América Latina. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 10, p. 45-56, 1984.

CARVALHO, G. A. B. A transição e o Colégio Eleitoral: o papel da Aliança Democrática Brasileira (1980-1985). **Boletim Historiar**, n. 13, 2016.

CHAIA, Vera. A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990). Ibitinga: Humanidades, 1991.

CHAIA, Vera. Um mago do marketing político. In: SILVA, Ana Amélia da; CHAIA, Miguel. (org.). **Sociedade, cultura e política: ensaios críticos**. São Paulo: Educ., 2004.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

CHARTIER, Roger. O passado composto: relações entre filosofia e história. In: _____. **A História Cultural entre práticas e representações sociais**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CRUZ, Heloísa de F.; PEIXOTO, Maria do Rosário da C. Na oficina do historiador: conversar sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, v. 35, n. 2, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221>. Acesso em: 13 nov. 2023.

DIMENSTEIN, G. *et al.* **O complô que elegeu Tancredo**. Rio de Janeiro: Editora JB, 1985.

DINIZ, E. A transição política no Brasil: uma reavaliação da dinâmica de abertura. *In*: BOSCHI, R. R; DINIZ, E. **Estado e sociedade no Brasil**: a obra de Renato Boschi e Eli Diniz. Rio de Janeiro: Ideia, 2016. (Coletânea)

DREIFUSS, René. A. **1964: a conquista do Estado** – ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**. Lisboa: Estampa, 1995.

ENTMAN, Robert M. Framing: toward a clarification of a fractured paradigm. **Journal of communication**, v. 43, n. 4, 1993.

FÉLIX, Loiva O. A história política hoje: novas abordagens. **Revista catarinense de história**, n. 5, p. 49-66, 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova “velha história”: o retorno da história política. **Estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 265-271, 1992.

FIGUEIREDO, Rubens; CERVELLINI, Sílvia. Contribuições para o conceito de opinião pública. **Opinião pública**, v. 3, n. 3, p. 171-185, 1995.

FRACALANZA, P. S. A gestão do ensino fundamental pelo governo do estado de São Paulo: uma análise do financiamento e dos indicadores sociais de educação (1980-1993). **Educação & Sociedade**, v. 20, p. 92-118, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73301999000400005>.

FONSECA, F. **O consenso forjado**: a grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2007.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GITLIN, T. **The whole world is watching**. Berkeley: University of California Press, 1980.

GOMES, Ângela M. C.; D'ARAUJO, Maria Celina. **Getulismo e trabalhismo**: tensões e dimensões do Partido Trabalhista Brasileiro. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, 1987.

GOMES, I. M; HOLZBACH, A. D. O discurso sobre saúde na revista *Veja*. In: II ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. Salvador, **Anais**, 2004.

GOUVÊA, M. DE F. S. A história política no campo da história cultural. **Revista de história regional**, [S. l.], v. 3, n. 1, 2007, p. 25-36. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2051>. Acesso em: 7 mar. 2023.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GRINBERG, Lúcia. **Partido político ou bode expiatório**: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena), 1965-1979. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

GUTEMBERG, A; LEAL, Z. S. O jogo político na arena midiática: uma análise do enquadramento noticioso na cobertura das manifestações de março de 2015. **Revista temática**, v. 11, n. 5, p. 103-115, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/24354>. Acesso em: 13 nov. 2023

HAGOPIAN, F. The compromised consolidation: the political class in brazilian transition. In: SCOTT MAINWARING, G. O. J. S. V. **Issues in democratic consolidation**: the south american democracies in comparative perspective. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1992.

HERNANDES, Nilton. **A revista *Veja* e o discurso do emprego na globalização**: uma análise semiótica. Salvador: EDUFBA; Maceió: EDUFAL, 2004.

HIPPOLITO, Lúcia. **PSD de raposas e reformistas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HOBSBAWM, E. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. ANUÁRIO ESTATÍSTICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro: IBGE, 1984.

KANTOROVICZ, E. H. **Os dois corpos do rei**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JENKINS, Keith. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2004.

JULLIARD, J. A. Política. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (org.). **História**: novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

KECK, M. E. **PT, a lógica da diferença**: o partido dos trabalhadores na construção da democracia brasileira. São Paulo: Ática, 2010.

KOENIG, T. **On frame and framing**: anti-semitism as free speech, a case study. *In*: Encontro anual do IAMCR, 2004.

KUCINSKI, Bernardo. **A síndrome da antena parabólica**: ética no jornalismo brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

KUCINSKI, Bernardo. A primeira vítima: a autocensura durante o regime militar. *In*: CARNEIRO M. L. T. (org.). **Minorias silenciadas**. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado; Fapesp, 2002.

LACERDA, Carlos. **O poder das ideias**. Rio de Janeiro: Record, 1964.

LACERDA, Carlos. **Depoimento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LAMOUNIER, B.; MUSZYNSKI, M. J. B. **1985: o voto em São Paulo**. São Paulo: Idesp, 1986.

LEMOS, Renato Luís do Couto Neto e. **Ditadura, anistia e transição política no Brasil (1964-1979)**. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.

LUCA, Tânia R. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

LUKACS, G. **História e consciência de classe**. Lisboa: Martins Fontes, 2003.

MADEIRA, R. M.; TAROUCO, G. da S. Esquerda e direita no Brasil: uma análise conceitual. **Revista Pós- Ciências Sociais**, v. 8, n. 15, jan./jun., 2011.

MALHEIROS, A. O Comportamento do Eleitorado Paulistano no Pleito de 1959. **Revista Brasileira Estudos Políticos**, v. 10, p. 58, 1961. Disponível em <https://heinonline.org/HOL/LandingPage?handle=hein.journals/rbep10&div=9&id=&page=>. Acesso em set. 2023.

MARQUES, A. J. **Humanizar e expandir**: uma genealogia da segurança pública em São Paulo. 2017. Tese (Doutorado em antropologia social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8916>. Acesso em jun. 2022.

MARQUES, T. C. S.; GONÇALVES, L. P. A fundação do Partido Democrático Trabalhista (PDT) no exílio. **Civitas**: revista de ciências sociais, v. 16, p. 399-416, 2016.

MARTINS, Luís Carlos de Passos. **A grande imprensa “liberal” da capital federal (RJ) e a política econômica do Segundo Governo Vargas (1951-1954):** conflito entre projetos de desenvolvimento nacional. 2010. 360f. Tese (doutorado em história) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MARTINS FILHO, J. R. Estado e regime no pós-64: autoritarismo burocrático ou ditadura militar? **Revista de sociologia e política**, [S. l.], n. 2, p. 7-23, jun. 1994. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/39404/24219>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MAUAD, A. M. Os tempos da narrativa: fontes orais e visuais na produção dos sentidos da história. *In*: SEMINÁRIO MEMÓRIA, CIÊNCIA E ARTE: RAZÃO E SENSIBILIDADE NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO, 19 out. 2007, Campinas. trabalho apresentado. Campinas: Unicamp, 2007, p. 4.

MENDES, Ricardo. Ditaduras civil-militares no Cone Sul e a Doutrina de Segurança Nacional: algumas considerações sobre a historiografia. **Revista Tempo e argumento**, v. 5, n. 10, 2013.

MOREIRA, F. B. **Os valores-notícia no jornalismo impresso:** análise das ‘características substantivas’ das notícias nos jornais *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e *O Globo*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

MOTA, C. G.; CAPELATO, M. H. **História da Folha de S. Paulo:** 1921-1981. São Paulo: Impres, 1980.

MOTTA, M. S. O relato biográfico como fonte para a história. **Vidya**, Santa Maria (RS), n. 34, p.101-122, jul./dez. 2000.

MOTTA, Rodrigo P. S. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. *In*: MOTTA, Rodrigo P. S. (org.). **Culturas políticas na história:** novos estudos. Belo Horizonte: Argvmentvm, p. 13-37, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. A imprensa e a construção da memória do Regime Militar brasileiro (1965-1985). **Estudos Ibero-americanos**, v. 43, n. 2, p. 346-366, 2017.

NASCIMENTO, P. C. **Jornalismo em revistas no Brasil:** um estudo das construções discursivas em *Veja* e *Manchete*. São Paulo: Annablume, 2002.

NETO, J. M., **Jânio Quadros:** 3 estórias para 1 história. São Paulo: Renovação, 1982.

NORONHA, C. U. A. Teologia da libertação: origem e desenvolvimento. **Fragments de cultura:** revista interdisciplinar de ciências humanas, v. 22, n. 2, p. 185-191, 2012.

O'BRIEN, P. Michael Foucault's history of culture. *In*: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. pp. 25-46.

O'DONNELL, G. **Modernization and bureaucratic authoritarianism**: studies in South American politics. Berkeley, Institute of international studies – University of California, 1973.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PEREIRA, M; PEREIRA, A. Entre loucos e fracos: Jânio Quadros e João Goulart em livros didáticos de história (1973-2006). **Cadernos de história**, Uberlândia, v. 15, n. 1, p. 47-66, set. 2006/set. 2007.

PONTES, J. A. V. **Histórico**. Disponível em: www.estadao.com.br. Acesso em: 10 jun. 2022.

PORTO, M. P. A mídia brasileira e a eleição presidencial de 2000 nos EUA: a cobertura do jornal *Folha de S. Paulo*. **Cadernos do CEAM**, ano 2, n. 6, p. 11-32, 2001.

PORTO, M. P. Enquadramentos da mídia e política. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS. Caxambu. **Anais**. Caxambu: Anpocs. 2002.

PORTO, M. P. Enquadramentos de mídia e notícia. *In*: RUBIM, Antonio Albino (org.). **Comunicação e política**: conceitos e abordagens. Salvador: Edufba, 2004.

POULANTZAS, N. **A crise das ditaduras**: Espanha, Portugal, Grécia. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PRADO, José Luiz Aidar. O perfil dos vencedores em Veja. **Revista Fronteiras**: estudos midiáticos – Unisinos. São Leopoldo, v. 5, n. 2, 2003.

QUELER, J. J. **Entre o mito e a propaganda política**: Jânio Quadros e sua imagem pública (1959-1961). 349p. Tese (doutorado) – Universidade estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2008.

REIS FILHO, D. A. O Partido dos Trabalhadores: trajetória, metamorfoses, perspectivas. *In*: FERREIRA, J.; REIS FILHO, D. A. (org.). **Revolução e democracia (1964-.)**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007. p. 503-540.

REIS FILHO, D. A. Ditadura, anistia e reconciliação. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, p. 171-186, 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/j/eh/a/gcspstyrxfzymb6mzxnd3d/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em jun. 2022.

REIS, José Carlos. **História e teoria**: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

RÉMOND, R. Por que uma história política? **Estudos históricos**, v. 7, n. 13, p. 7-20, 1994.

RÉMOND, R. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RIBEIRO, J. C. **Sempre alerta**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROSANVALLON, P. Por uma história conceitual do político. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 15, n. 30, 1995.

RUBIM, A. A. C.; AZEVEDO, F. A. Mídia e política no Brasil: estudos e perspectivas. **Lua Nova**, n. 43, p. 189-216, 1998. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/rubim-albino-midia-politica-brasil.pdf>. Acesso em: jul. 2022.

SADDI, F. C. Política e economia no federalismo do governo Geisel. **Brazilian journal of political economy**. São Paulo, v. 23, n. 2, p. 214-232, 2020.

SADEK, M. T. A trajetória de Jânio Quadros. In: LAMOUNIER, B. (org.). **1985: o voto em São Paulo**. São Paulo: Idesp, 1986.

SANTOS FILHO, J. C. Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa. In: SANTOS FILHO, J. C.; GAMBOA, S. S. **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. São Paulo: Cortez, 2000.

SAMPAIO, R. **Adhemar de Barros e o PSP**. São Paulo: Global, 1982.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SKIDMORE, T. Brasil: de Castelo a Tancredo (1964-1985). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SKIDMORE, T. Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SOARES, Alessandro de O.; TAUIL, Rafael M.; COLOMBO, Lucélia A. O bipartidarismo no Brasil e a trajetória do MDB. **Revista Sinais**, v. 1, n. 19, 2016. DOI: <https://doi.org/10.25067/s.v1i19.13215>.

SOARES, G. A. D. A censura durante o regime autoritário. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 4, n. 10, p. 21-43, 1989.

SOUSA, F. S. **A dívida pública do estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Administração Pública – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Faculdade Getúlio Vargas. São Paulo, 1994.

TEIXEIRA, M. A. Paulo Maluf: ascensão e declínio de uma liderança política. **Aurora**, v. 5, n. 14, p. 31-45, 2012.

TELES, Janaína (org.). **Mortos e desaparecidos políticos**: reparação ou impunidade? Humanitas FFLCH/USP, 2001.

TSE. **Dados Estatísticos**: eleições federais, estaduais e municipais realizadas no Brasil em 1970. Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Brasília, p. 175. 1973.

TSE. **Dados Estatísticos**: 11º volume eleições federais e estaduais realizadas no Brasil em 1974. Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Brasília, p. 197. 1977.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

VEYNE, P. Foucault revoluciona a história. *In*: **Como se escreve a história**. 2. ed. Brasília, UnB, 1992. p. 149-181.

VILLALTA, Daniella. O surgimento da revista *Veja* no contexto da modernização brasileira. *In*: XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. **Anais**: [...] Salvador, 2002.

WEBER, M. **Ciência e política: duas vocações**. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – O Estado de S. Paulo: matérias de posicionamento formal

Nesta categoria foram classificados os conteúdos do jornal *O Estado de S. Paulo* de acordo com o teor de suas matérias e sua posição em relação a Jânio Quadros.

O Estado de S. Paulo				
Data e pg.	Matérias de posicionamento formal	Pró-Jânio	Contra Jânio	Foco em outros atores
27/07/85 pg.3	Em editorial, o jornal diz que buscar por eleições em dois turnos nesta altura do campeonato como o PMDB-SP está tentando fazer é casuismo eleitoral, e uma tendência autoritária do partido que lutava contra isso. Segundo pesquisas, independente do candidato o PDS seria o último colocado.	1		
08/08/85 pg.2	Carta escrita por Jânio para se defender das alegações de que vive em um padrão superior a sua renda, diz que enviou sua declaração de bens e que autoriza o jornalista Mauro Chaves a ir na Receita verificar a autenticidade de suas declarações. O jornalista responde que os papéis enviados estão desorganizados e que não é função dele organizar os papéis e nem ser inquisidor. O jornal dá como encerrada a polêmica.		1	
17/08/85 pg.3	Em nota, o jornal diz que o PMDB quer vincular sua vitória à vitória da democracia e sua eventual derrota em um risco para a democracia, fortes críticas do jornal.			1
18/08/85 pg.4	Em coluna, Geraldo Forbes elogia Fernando Henrique Cardoso e critica Jânio por seus apoiadores, Maluf, Delfim Netto etc.		1	
22/08/85 pg.7	Valores da campanha em discussão, Jânio diz que quem paga é o povo e ataca Fernando Henrique Cardoso e o PMDB dizendo que estão usando a máquina contra ele e que Montoro emprega parentes. ATC em coluna diz que tanto Fernando Henrique Cardoso quanto Jânio estão tirando proveito do apoio de Maluf a Jânio, mas o editorial faz uma distinção de que Jânio aceita o apoio do PDS e não de Maluf	1		

O Estado de S. Paulo				
Data e pg.	Matérias de posicionamento formal	Pró-Jânio	Contra Jânio	Foco em outros atores
28/08/85 pg.3	Em nota, o jornal condena a violência da juventude janista dizendo que Jânio sabia sim o que iria acontecer e que os paulistanos não iam se calar diante de tal truculência.		1	
20/09/85 pg.5	Na coluna "Palanque", diz que os adversários só falam de Jânio e que logo ele nem precisará mais fazer horário eleitoral	1		
21/09/85 pg.3	Em coluna de ATC, campanha de PMDB é chamada de confusa e que aumenta a popularidade de Jânio.	1		
29/09/85 pg.9	Matéria de Carlos Chaga com título "Há 25 anos, o país confiava em Jânio" diz sobre o clima das eleições de 196, não fala nada sobre a renúncia e a quebra da confiança.	1		
29/09/85 pg.55	Entrevista com Delfim Netto em que ele critica o PMDB e diz que seus economistas são ruins.	1		
06/10/85 pg.12	Na coluna "Palanque", é dito que Eduardo Bittencourt, ex-PTB que abandonou o partido já havia enviado uma carta para o papa pedindo apoio à candidatura de Fernando Henrique Cardoso contra o mal que Jânio representava, no que a coluna sai em defesa de Jânio e diz que quem pensava estar combatendo o mal e desejava que todos pensassem de forma igual eram Stálin e Hitler.	1		
13/10/85 pg.3	Em editorial, o jornal pede mais compostura aos candidatos e critica Jânio por chamar um jornalista de canalha e cachorro, também critica Fernando Henrique Cardoso por dizer que Jânio vai matar criancinhas e Maluf que xingou o governador de assassino, covarde e mentiroso. O editorial diz que Montoro, Suplicy e Adhemar Filho não fazem isso.			1
17/10/85 pg.2	Em coluna, Mauro Chaves defende o voto útil contra o 'Janlufismo' e critica o PT (claramente favorável ao Fernando Henrique Cardoso).		1	
17/10/85 pg.7	Em cartas dos leitores, temos 2 a favor de Jânio e uma contra. Na coluna Palanque, claro favorecimento a Jânio com uma crítica de que Fernando Henrique Cardoso é um substituto contra Jânio, um profissional e uma coluna falando sobre a playboy da Luciane Quadros.	1		

O Estado de S. Paulo				
Data e pg.	Matérias de posicionamento formal	Pró-Jânio	Contra Jânio	Foco em outros atores
20/10/85 pg.2	Em sua coluna, Fernando Pedreira diz que Jânio, quando presidente, planejava invadir as Guianas e o Paraguai, dá um viva a Médici (coluna extremamente crítica a Jânio e que tem elogios ao general ditador).		1	
22/10/85 pg.6	Cartas dos leitores temos 3 pró-Jânio, uma "neutra", e uma contra. Na coluna Palanque diz que os jornais são assolados por cartas pró-Jânio, todas datilografadas com a mesma máquina, e postadas nas mesmas agências dos Correios, as vezes muda o nome do remetente, as vezes a assinatura e as vezes o endereço, mas tudo leva a crer que os comitês janistas estão escrevendo cartas de apoio.		1	
24/10/85 pg.2	Em coluna crítica, Mauro Chaves diz que Jânio ainda não cumpriu sua promessa de revelar quem seria seus eventuais secretários e que ele desconhece a geografia da cidade		1	
27/10/85 pg.5	Coluna escrita por Irene Vucovix diz que para janistas, Jânio é suficiente em todas as questões (um pouco de extremismo, talvez?)		1	
29/10/85 pg.3	Em coluna o jornal critica o PT por querer a volta de Jânio afim de enfraquecer o PMDB e desejar a convulsão e assim chegar no poder.		1	
30/10/85 pg.8	Em cartas dos leitores, temos 3 x 1 a favor de Jânio. Na coluna palanque um discreto apoio a Fernando Henrique Cardoso e ressalta a intelectualidade dele.		1	
31/10/85 pg.2	Em coluna Mauro Chaves diz que o PMDB erra demais ao não atacar o PT e que a vitória de Jânio vai acontecer por culpa do PT, que aposta sempre no confronto para crescer e nunca por meio de composições. (Bastante crítico ao PT e à estratégia do PMDB, quer ver Jânio derrotado, mas parece estar jogando a toalha).	1		
03/11/85 pg.2	Coluna de Arnaldo Lacombe pró-Jânio.	1		
03/11/85 pg.14	Coluna de Geraldo Forbes, chama os eleitores de Jânio de ignorantes, diz que são conduzidos e manobrados e claramente está a favor de Fernando Henrique Cardoso.		1	

O Estado de S. Paulo				
Data e pg.	Matérias de posicionamento formal	Pró-Jânio	Contra Jânio	Foco em outros atores
06/11/85 pg.7	Página com duas manchetes de destaque para Jânio e uma para Fernando Henrique Cardoso (diz que ele já não pensa na Presidência), Sobral Pinto diz que se Jânio a eleição, ele se convence que brasileiro não sabe votar.		1	
07/11/85 pg.2	Em coluna, Mauro Chaves comenta sobre o debate televisivo entre os candidatos, chama Jânio de covarde, fujão, ex-presidente renunciante e diz que se ele tivesse aparecido no debate teria sido destroçado		1	
12/11/85 pg.6	Tem uma propaganda da cobertura de OESP, bastante favorável à Jânio e uma pequena coluna de A.T.C que ele fala sobre Fernando Henrique Cardoso não responder se acredita em Deus ou não. Jânio recebe apoio de pedetistas insatisfeitos com a desistência de Adhemar de Barro Filho.	1		
13/11/85 pg.7	Em coluna de M.C.S, diz que o comício de Jânio teve confusão, seguranças armados, um quase linchamento quando um segurança gritou "pega essa comunista", roubo de sorvetes e ameaças à imprensa.		1	
14/11/85 pg.8	Em coluna de C.C. relata que a maioria dos eleitores jovens de SP desconhecem a renúncia de Jânio e a "ilusão nacional" que foi seu governo. Eleitora diz que vota em Jânio, mas considerou votar em Suplicy.	1		
15/11/85 pg.3	Em coluna sem assinatura diz que o PT será lembrado como Calabar ou Joaquim Silvério dos Reis depois dessas eleições, já que caso Fernando Henrique Cardoso perca a culpa será deles.	1		
03/10/85 pg.8	Polícia começa a aprender material de campanha ilegal, como cartazes e afins e diz que PMDB e PTB estão empatados em infrações eleitorais (a charge junta da matéria dá ênfase para os cartazes de Fernando Henrique Cardoso). Na coluna "Palanque" há deboche da proposta da volta dos bondes que Jânio fez.		1	

APÊNDICE 2 – O Estado de S. Paulo: matérias de apoio e de pré-campanha

Nesta categoria, os conteúdos do jornal *O Estado de S. Paulo* foram classificados de acordo com o teor de suas matérias e sua posição em relação a Jânio Quadros.

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
01/01/85 pg.26	Deputado Osiro Silveira diz que Jânio não será candidato a nenhuma eleição majoritária e sim a Constituinte. Diz que quem Jânio apoiar será eleito	1			
06/01/85 pg.6	Governadores pressionam Tancredo para que não haja eleições no ano. Montoro é um dos mais interessados pois teme como ficará o governo estado tendo Jânio como prefeito na capital.	1			
12/01/85 pg.2	Deputado Augusto Nery, do PDT acusa Brizola de agir como um ditador e de querer fundir o PDT com o PTB, convidando Jânio Quadros e Pelé para o partido.			1	
13/01/85 pg.6	Montoro desmente a matéria de OESP e diz que aprova eleições para prefeitos e que tem certeza de que o PMDB vence Jânio.		1		

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
16/02/85 pg.5	Relata a possível coligação entre PTB, PFL e PDS. O deputado Luis Carlos Santos negou que o PFL fará coligação com PTB e diz que onde o PFL não tiver candidato próprio, a coligação será com o PMDB. PMDB diz que lançará Covas e PT dá como certa a candidatura de Suplicy.			1	
19/02/85 pg.25	Em matéria sobre a USP, diz que a universidade passou por maus bocados no governo de Jânio Quadros e que a política econômica complicou os quadros da Universidade		1		
28/02/85 pg.1	Matéria de menor destaque na capa, dizendo que Jânio vai se candidatar a prefeito e que a segurança pública será prioridade	1			
28/02/85 pg.2	Quadros anuncia sua intenção de concorrer à prefeitura e diz que a segurança pública será a prioridade. Diz que irá criar a guarda municipal e colocá-la na rua. Critica o governo de Covas, diz que terá uma relação cordial com Montoro, que é amigo de longa data de Tancredo e acredita que este o apoiará quando ele for prefeito.	1			

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
05/03/85 pg.2	Jânio defende a pena de morte para crimes hediondos e a criação de uma guarda municipal, além da independência em relação ao FMI. Critica os direitos humanos, dizendo que estes precisam valer para todos e as mordomias das prisões. Se precisar disse que pediria para as Forças Armadas patrulharem o subúrbio. Critica Mário Covas por ser um prefeito biônico e reafirma sua posição de independente, "nunca tive nem terei amo". Critica Montoro por fazer acordos escusos, diz que na Líbia, Gadafi amputa as mãos dos que são pegos roubando e diz que se fizessem isso aqui, a maioria dos políticos seriam manetas.	1			
07/03/85 pg.9	Jânio defende que o PTB não deve pedir cargos a Tancredo	1			
08/03/85 pg.2	Matéria diz que dificilmente os prefeitos poderão se reeleger, o que dará maior força para Jânio.	1			
16/03/85 pg.19	Ex-ministro da Aeronáutica, brigadeiro Délio Jardim de Mattos compara a frustração da doença de Tancredo apenas com a renúncia de Jânio.		1		
17/03/85 pg.2	Jânio diz que se o PMDB indicar um desses nomes ele não sai candidato e apoia, são eles: Freitas Nobre, Roberto Cardoso Alves e Samir Achôa			1	

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
23/03/85 pg.2	PMDB irá estudar a proposta de Jânio de não se candidatar se o candidato do PMDB for um dos indicados por ele. Maioria peemedebista acredita que tem chances de vencer a eleição independente do candidato.		1		
17/03/85 pg.2	Jânio diz que se o PMDB indicar um desses nomes ele não sai candidato e apoia, são eles: Freitas Nobre, Roberto Cardoso Alves e Samir Achôa			1	
04/04/85 pg.2	O líder do PTB, Augusto Toscano, diz que Jânio vai sair candidato pelo partido. (em outros jornais, Jânio segue negando, mas dizendo que tem vontade)	1			
19/04/85 pg.2	O economista Miguel Colassuono diz que Olavo Setúbal precisa concorrer em 86 para o governo de SP, ou o PFL ficará muito fraco. Diz que Jânio pode ser um adversário, mas que o PTB não tem uma máquina grande em SP.			1	

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
10/05/85 pg.5	Diz que SP tem mais de 27 possíveis candidatos, e que Jânio é o mais forte deles, mas não é confirmado. PFL vai lançar candidato próprio. Jânio diz que sua maior contribuição será com a segurança, que Montoro abandonou e que se for necessário vai exigir a presença do exército. Diz que não sairá da prefeitura de forma alguma e que vai governar por meio de bilhetes e quem não gostar está convidado a sair.	1			
14/05/85 pg.5	PMDB deve lançar Fernando Henrique Cardoso para enfrentar Jânio. A estratégia é criar uma missão para Fernando Henrique Cardoso e colocá-lo como único que pode enfrentar Jânio.			1	
15/05/85 pg.2	PDS diz que deve apoiar Jânio, pensando em derrotar o PMDB e ter uma base na capital para conseguir ir forte para a disputa do governo em 86.			1	
15/05/85 pg.13	Jornal expõe o temor de algumas pessoas que caso Fernando Henrique Cardoso ganhe a eleição se candidate a governador e abandone a prefeitura. Diz que há temor que Jânio faça o mesmo, mas com menor ênfase.			1	
18/05/85 pg.5	Pesquisas indicam que o único candidato do PMDB que venceria Jânio seria Ulysses Guimarães.	1			

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
19/05/85 pg.8	Montoro não está confiante e expõe a público sua relação conturbada com Quéricia. Diz que setores da esquerda (PCB, PC do B etc.) vão vaiar e criar um clima de hostilidade nos comícios de Jânio, como fizeram com Maluf. Diz que Jânio está preparado para isso. O único nome praticamente confirmado para a eleição é Jânio que se mudou para seu apartamento em SP para começar a campanha. Suplicy está quase certo, PDS, PDT e PMDB estão incertos ainda.	1			
21/05/85 pg.5	Olavo Setúbal estuda apoiar Jânio se esse o apoiar para o pleito seguinte, entretanto precisa de maiores garantias que Jânio não renunciará e concorrerá em 86.	1			
22/05/85 pg.5	Fernando Henrique Cardoso admite que pode ser candidato do PMDB e considera Jânio uma chapa forte. Diz que Jânio não se dava com Adhemar de Barros, mas tem boas relações com Adhemar de Barros Filho, do PDT.			1	
23/05/85 pg.7	Setúbal diz que não está acompanhando a política em SP e não comentou sobre se está falando com Jânio sobre sua candidatura ou não			1	
28/05/85 pg.5	Olavo Setúbal diz que o PFL não vai necessariamente apoiar Jânio em SP. Que não negociou apoio.			1	

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
28/05/85 pg.5	<p>Conversas entre PDT e PTB, especula-se que o preço seja que o vice de Jânio seja Freitas Nobre, que estava rompendo com o PMDB e possivelmente vá para o PDT. PFL ainda não decidiu se lança candidato próprio ou se apoia Jânio, mas deve escolher o que potencialmente alavanque a candidatura de Olavo Setúbal em 86. PDS também não definiu apoio, alguns setores querem que Guilherme Afif se candidate e outros setores preferem que ele seja candidato a constituinte.</p>			1	

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
29/05/85 pg.5	Freitas Nobre sai do PMDB e é sondado pelo PDT e PTB, mas ambos partidos já têm candidato próprio e Nobre só aceita sair como prefeito. Há a possibilidade de Jânio e Adhemar Filho renunciarem por uma coligação com Nobre, mas o mais provável é que Adhemar Filho saia como vice de Jânio em uma forte aliança que também teria apoio de setores do PMDB que estão descontentes com a sucessão municipal (Quércia extremamente incomodado por achar que Montoro quer lançar Covas para governador). Fernando Henrique Cardoso não quer ser candidato a prefeito (manchete) e fica tentando achar outro nome forte.			1	
30/05/85 pg.8	Em seção livre, matéria diz que Montoro deve para funcionários públicos e não paga, ao contrário de outros governadores que deviam e após intimação do judiciário pagavam.			1	
31/05/85 pg.5	Freitas Nobre diz que não sairá vice de ninguém, mesmo de algum candidato à eleições estaduais no ano seguinte (caso de Jânio). Jânio critica a manobra do PMDB de tentar fazer as votações serem em dois turnos, "uma imposição nazista".			1	

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
04/06/85 pg.5	Líder do PTB diz que a candidatura de Jânio é irreversível e que não vão aceitar coligação com o PDS, apenas com o PDT e PFL. Jânio se encontrou com Sarney e pediu que este não use a máquina pública a favor de Fernando Henrique Cardoso. Fernando Henrique Cardoso diz que Jânio parece uma britadeira de tanto que treme. PFL ainda não define apoio.			1	
06/06/85 pg.4	O PTB e Jânio vem com simpatia o nome de Claudio Lembo como vice, em uma aliança com o PFL. Jânio diz que Fauze Carlos será seu secretário da Higiene e que não disputara as eleições estaduais. Fernando Henrique Cardoso diz que sonha em se candidatar a presidente.			1	
08/06/85 pg.3	Indefinição de Fernando Henrique Cardoso favorece Jânio.	1			

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
15/06/85 pg.5	PFL próximo de apoiar Jânio e diz que indicará o vice. O deputado Augusto Toscano, líder do PTB na Assembleia, rompeu com o PTB dizendo não concordar com as decisões da cúpula e a "hipocrisia de Jânio Quadros", diz que Jânio recebe mesada do PDS e que não é humilde como diz. Toscano é rebatido por membros do PTB que dizem que ele está ressentido por não ter virado líder do partido e não ser chamado para ser vice de Jânio. Montoro tenta conseguir os votos petistas em Fernando Henrique Cardoso.		1		
14/06/85 pg.5	Jânio responde o ministro Fernando Lyra da Justiça que diz que sua candidatura é um retrocesso. Diz que está preparado para tudo e ameaça veladamente qualquer infiltrado que apareça em seus comícios. Jânio diz que está se aproximando do PFL, mas que não vai ter um vice do PFL. Staff comemorou a eleição em turno único.	1			

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
16/06/85 pg.8	Os partidos começam a desenhar suas estratégias: Fernando Henrique Cardoso se apresentará como um candidato "revolucionário" contra ao atraso representado por Jânio, uma aglutinação da direita. Jânio se prepara para rebater isso. PMDB quer melar acordo entre PFL e PTB a todo custo, acordo este que pode dividir o PFL entre os que querem apoiar Jânio e os que querem lançar José Maria Marin.			1	
19/06/85 pg.5	Olavo Setúbal diz que o PFL vai fazer uma convenção para escolher seu candidato, que o partido não tem dono, mas uma aproximação com Jânio está ganhando força.			1	
18/06/85 pg.7	Convenção do PFL tem discussão e brigas e adia a decisão se apoia Jânio ou não. Jânio acredita na coligação e diz que ainda não é candidato, mas que quando o for será mais que candidato, só faltará a posse.			1	
20/06/85 pg.6	Maioria do PDS é contra candidatura própria e dizem que vão apoiar aquele que tiver chance de derrotar Montoro e seus aliados, segundo o deputado Renato Cordeiro, "ninguém melhor que Jânio Quadros" para isso.	1			

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
20/06/85 pg.7	Secretário geral do PMDB Roberto Cardoso Alves se sente desprestigiado por Montoro e ameaça apoiar oficialmente a candidatura de Jânio.	1			
21/06/85 pg.3	80% dos integrantes do PFL/SP são a favor da aliança com Jânio e possivelmente irão escolher o vice da chapa. Cláudio Lembo é o nome mais forte mas por ocupar a chefia de gabinete do Ministério da Educação, sua saída para disputar em pleito contra o PMDB pode azedar as relações PMDB-PFL nacional (Aliança Democrática), Artur Alves Pinto, ligado a Marin ou escolher alguma liderança estão sendo avaliados.			1	
21/06/85 pg.5	PMDB perto de se unificar em torno da candidatura de Fernando Henrique Cardoso, para o partido é importante ter unidade para enfrentar Jânio que tem por volta de 800 mil votos cativos (eleições de 82) e calcula que quem tiver 1,8 milhões de voto será o vencedor. O apoio do PFL ao PTB continua incerto e diz que 8 dos onze membros da Executiva Interna são contra a aliança dizendo que se Jânio perder haverá consequências piores do que se o PMDB perder.			1	

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
22/06/85 pg.3	A candidatura de Jânio divide os partidos, que atacam a figura e não suas propostas, colocando-o em evidência e fazendo com que ele consiga invadir outros universos (bolhas). Diz que fatias do PMDB contrárias a Montoro tendem a apoiar Jânio escondidos e que o candidato não quer o apoio explícito de Maluf por não saber se isso seria vantajoso ou não.	1			
22/06/85 pg.2	Jânio garante que PFL fechou acordo com ele, que vai apoiar Olavo Setúbal em 86 e que não é inimigo de Montoro, por mais que esse o ataque.			1	
25/06/85 pg.2	PFL diz que só vai decidir apoio em sua convenção que será realizada entre os dias 15/07 e 15/08			1	
25/06/85 pg.6	Deputado Farabulini Jr, diz que Jânio não precisa do apoio do PFL por suas ideias serem suprapartidárias e que está saindo em primeiro nas pesquisas.	1			
29/06/85 pg.5	Gasthorne Rhigi diz que Jânio vai vencer com 40% dos votos. Manifesto da base do PFL diz que apoia Jânio, um "símbolo de dignidade, honestidade, austeridade e sobretudo honradez".	1			

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
02/07/85 pg.2	Maluf diz que o PDS não vai apoiar Jânio e que tem candidato próprio. PMDB marca para dia 28 a escolha oficial do candidato.			1	
03/07/85 pg.6	PFL ainda em cima do muro, maioria da base do partido parece ser a favor da coligação. Setúbal cresce no interior, fortalecendo sua ideia de disputar o Estado.			1	
09/07/85 pg.5	Jânio diz que tem apoio até de pessoas do PMDB e diz que Covas copiou sua ideia da Guarda municipal, mas que não sabe como fazê-la pois não acredita nela, diz que vai apresentar seu secretariado antes do dia 15 para que o povo vote na equipe.	1			

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
11/07/85 pg.5	<p>PFL praticamente decidido a apoiar Jânio, provável vice será Artur Alves Pinto, Jânio se compromete a apoiar Olavo Setúbal em 86. PMDB encara como uma derrota essa aliança e tenta reverter, caso não consiga fará uma chapa pura. Parte do PFL não acha certo apoiar Jânio, e acreditam que Olavo Setúbal será discreto nas eleições. Jânio processará uma pessoa que o acusou de contratar trombadinhas e outra que espalha panfletos "caluniosos" sobre ele (não fala o conteúdo do panfleto". Orlando Vilas Boas acompanha o ex-presidente e diz que ele foi o presidente que mais se importou com as causas indígenas. Suplicy se vê escanteado pelas emissoras de TV.</p>	1			
13/07/85 pg.3	<p>O jornal diz que o PFL está descaracterizado sem a liderança de Setúbal e que está cada vez mais difícil entender o partido que está cada vez mais a cara de Marin. Setúbal continua sem apoiar ou negar Jânio ou a escolha de vice da chapa.</p>			1	

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
13/07/85 pg.5	Jânio se encontra com Marin e já acertam detalhes da coligação, assunto será votado em dois dias no PFL, mas é entendido que o PFL apoiará Jânio em troca de apoio em 86 para Olavo Setúbal e Marin como senador e que o vice será Artur Alves Pinto, mesmo com dissidências importantes dentro do PFL. Jânio diz que irá ao TRE contra a contratação de servidores por Covas e que vai abolir o IBOPE da cidade após resultado de pesquisa dar ele com 33% dos votos e Fernando Henrique Cardoso com 33,8%, Jânio diz que o PMDB começa a desmoronar após a saída de Freitas Nobre e Jarbas Vasconcelos.	1			* aparece na corrida de cavalos também

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
17/07/85 pg.2	Jânio acredita que os dissidentes do PFL vão aceitar a coligação e o partido irá unido, defendeu Brasil Vito fazendo que ele exerce um direito ao não querer subir no palanque com Artur Alves Pinto, mas que o vice ainda não foi definido já que isso é competência do PFL, ameaça demitir os funcionários contratados por Covas que forem "cabos eleitorais" no dia 2 de janeiro. Em pesquisas do PMDB, Fernando Henrique Cardoso tem 34,8% das intenções contra 34% de Jânio. IBOPE se defende das acusações de Jânio dizendo que acertou as eleições de 82.	1			* aparece na corrida de cavalos também

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
18/07/85 pg.7	Jânio está otimista e diz que não assume se não tiver a maioria absoluta de votos, em pesquisa sem validade realizada por uma rádio com 400 ouvintes, 300 disseram que votariam em Jânio, o jornal diz que quanto mais pobre maior a chance de votar em Jânio e como existem muitos mais pobres, Jânio vencerá. Jânio concentra suas críticas em Montoro, dando a entender que um voto nele é um voto contra Montoro, Jânio também explora o medo do comunismo agora que os partidos de esquerda estão liberados no país e poderão participar da Constituinte. Olavo Setúbal diz que respeitará a decisão do PFL.	1			* aparece na corrida de cavalos também
20/07/85 pg.1	Manchete que traz que o PFL apoiará Jânio em troca de apoio a Olavo Setúbal (governador) e José Maria Marin e Hebert Levy (Senado).	1			

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
20/07/85 pg.5	PFL se decide em reunião da Comissão Executiva e por 7 votos a 3 aprovou a coligação com Jânio, o líder da bancada na Assembleia Nabi Abi Chedid diz que o PFL em SP está rachado, o apoio está vinculado a Jânio apoiar Setúbal, Marin e Levy nas próximas eleições. Jânio diz que as pesquisas de Fernando Henrique Cardoso são fictícias e que Cardoso não raciocina direito. Fernando Henrique Cardoso deve ser candidato oficial do PMDB hoje, vice ainda não está determinado.	1			
23/07/85 pg.12	PT define Suplicy e Erundina de vice. Apesar do apoio do PFL, ainda não há consenso para quem será o vice de Jânio e o deputado Augusto Toscano, que era do PTB e voltou para o PMDB, diz que as convenções do PTB podem melar o acordo e surgir com um nome inesperado.			1	
21/07/85 pg.1	Fernando Henrique Cardoso se oficializa candidato, o vice só será decidido dia 11 de agosto. PT deve definir hoje, Suplicy já era certeza, mas disputa por vice agita as bases.			1	

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
30/07/85 pg.2	Jânio acredita que o PMDB está rachado e que irá desaparecer de algumas cidades depois das eleições. Grupo do ex-prefeito Brigadeiro Faria Lima declara apoio a Jânio e diz que são janistas de formação. Em longa carta, Tito Lívio Fleury Martins ataca Fernando Henrique Cardoso e diz que ele baixa o nível da campanha porque está desesperado.	1			
31/07/85 pg.2	Em matéria curta, diz que o PFL nacional irá interferir na decisão do diretoria estadual e não validar a coligação PFL-PTB.			1	
31/07/85 pg.5	Jânio diz que não haverá fissuras no PTB e no PFL por causa de sua candidatura e que ganhará facilmente com maioria dos votos, fala contra as eleições em dois turnos. Em pesquisa realizada pelo PFL, Jânio está na frente. PFL com disputas internas para ver quem será o vice de Jânio (Marin apoia Artur Alves Pinto e uma parte do partido apoia Fausto Rocha).	1			* aparece na corrida de cavalos também

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
01/08/85 pg.6	PFL nacional não vai interferir nas decisões dos diretórios regionais. Jânio diz que não teme coligação nenhuma, que pode ter se equivocado no apoio do PMDB Itaquera porque recebe tanto apoio do PMDB que pode confundir o bairro, diz não ter um plano de campanha que vai continuar visitando os bairros. Esquerda tenta uma frente anti PTB	1			
02/08/85 pg.5	Frente contra Jânio não sai do papel. Jânio não se preocupa com a frente pois acha que os antagonicos não podem se unir, vereador do PTB, Gabriel Ortega se desliga do partido para montar uma frente popular de apoio a Jânio e em protestos aos malufistas que possivelmente o PFL vai indicar de vice.	1			
06/08/85 pg.6	Jânio diz que o cargo de vice é inexpressivo, Reynaldo Barros (PFL, ex-prefeito de SP) diz não ter sido procurado por Jânio e que talvez apoie o primo Adhemar de Barros Jr. PMDB teme que se reviva a rivalidade Jânio x Adhemar e que isso enfraqueça Fernando Henrique Cardoso, Jânio, Fernando Henrique Cardoso, Adhemar Jr, Suplicy e Ana Rosa Tenente Gomes (PH) oficializam a candidatura, PFL apoia oficialmente Jânio.			1	

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
07/08/85 pg.6	Racha no PMDB para escolha do vice, alguns partidários dizem que vão apoiar outro candidato porque a decisão estava sendo ditatorial. Jornal explica a importância das eleições de 85 no contexto estadual e nacional			1	
09/08/85 pg.6	Samir Achoa, possível vice de Fernando Henrique Cardoso é acusado por Marco Antonio Castelo Branco de passar informações para Jânio. Montoro diz que dará "retaguarda financeira" para Fernando Henrique Cardoso e Jânio diz que vai visitar Reynaldo Barros para conseguir o apoio. Jânio diz que sabe de tudo que acontece no PMDB mas não revela sua fonte, que ela pode contar as coisas pra ele mas não necessariamente irá fazer campanha.			1	
11/08/85 pg.12	Maluf desiste de ser candidato, há o boato que não quer ser responsável por dividir votos da direita e levar Fernando Henrique Cardoso para a vitória. Jornal, delicadamente diz que falta coragem para Maluf.			1	

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
14/08/85 pg.7	PDT diz que pode retirar a candidatura a depender da situação de Adhemar Filho em novembro, especula-se apoio a Jânio para enfraquecer o PMDB. Adhemar critica Jânio e chama sua eventual vitória de ônus da democracia. Artur Alves Pinto diz que mesmo se o PDS apoiar Jânio não terá cargos. PDS diz que oficialmente não apoia nenhum candidato e que seus eleitores estão livres para votar em quem quiserem		1		
15/08/85 pg.9	Aureliano Chaves e Olavo Setúbal confirmam apoio a Jânio. PMDB faz votação para romper a Aliança Democrática, mas não tem quórum. Maluf ataca o ministro Fernando Lyra e diz que o PDS provavelmente apoiará Jânio. Jânio diz que o apoio do PDS vai trazer votos, mas que ganharia a eleição sem o apoio porque os pedessistas já votariam nele de qualquer forma.	1			
16/08/85 pg.7	Aureliano Chaves e Olavo Setúbal declaram apoio à Jânio, mas que não vão penetrar profundamente nas campanhas.	1			
25/08/85 pg.12	Israel Pinheiro Filho, um dos fundadores do PFL diz que apoiar Jânio é um erro que irá destruir o partido.		1		
27/08/85 pg.5	Deputado José Yunes diz que o PDS não lançou candidato porque Maluf apoia Jânio secretamente.		1		

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
29/08/85 pg.9	Delfim Netto apoia oficialmente Jânio, janistas comemoram.	1			
05/10/85 pg.5	Setúbal confirma apoio a Jânio durante Bienal que premia livro de Fernando Henrique Cardoso, Sarney abre a Bienal, mas não fala de política.	1			
07/10/85 pg.7	Olavo Setúbal apoia oficialmente Jânio. Suplicy não vê um janismo na classe dos policiais. Jânio diz que "o plano de governo sou eu".	1			
01/11/85 pg.6	Aureliano Chaves apoia Jânio na TV. Jânio diz que só volta a falar com jornalistas depois das eleições porque aí eles vão "criar vergonha na cara". Jânio diz que caso de estupro foi uma farsa criada pelo deputado José Yunes para prejudicá-lo e que vai a fundo contra o deputado. Em carta dos eleitores 3 das 4 são favoráveis a Jânio.	1			
02/11/85 pg.7	Sindicato dos taxistas apoia Jânio em uma carreata de cerca de 200 táxis. Nas cartas dos eleitores, 6 das 7 apresentam conteúdo pró-Jânio/contra Fernando Henrique Cardoso ou elogios à cobertura que o OESP tem feito.	1			
08/11/85 pg.7	Sob título de "um aliado polêmico", OESP passa a trajetória do Coronel Antônio Erasmo Dias, em um tom nada crítico.	1			

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
09/11/85 pg.6	Adhemar de Barros Filho desiste da candidatura em favorecimento a Fernando Henrique Cardoso, em decisão que deve ser anunciada hoje ou amanhã, Fernando Henrique Cardoso diz que isso não significa alinhamento com Brizola.		1		
10/11/85 pg.9	Após Adhemar Filho falar que vai renunciar em favor de Fernando Henrique Cardoso, grupo intitulado trabalhistas disse que vai apoiar Jânio, já que a decisão foi tomada sem consultar os diretórios. Brizola disse que preferiria que apoiassem o PT.			1	
12/11/85 pg.6	Tem uma propaganda da cobertura de OESP, bastante favorável à Jânio e uma pequena coluna de A.T.C que ele fala sobre Fernando Henrique Cardoso não responder se acredita em Deus ou não. Jânio recebe apoio de pedetistas insatisfeitos com a desistência de Adhemar de Barro Filho.	1			Também aparece em campanha e editorial
07/06/85 pg.4	PMDB corre risco de rachar e uma parte ameaça votar em Jânio se o candidato do PMDB "for tirado do bolso" por Montoro.	1			
11/06/85 pg.6	Ministro da Justiça, Fernando Lyra diz que a candidatura de Jânio é um desserviço à Nova República pois representa o triste passado. Jânio abre seu comitê principal na avenida Angélica.		1		

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
05/07/85 pg.12	Segundo o jornal, Covas não deseja criar a guarda municipal e não há projeto para isso, Temer diz que será criada e estará subordinada ou ao município ou ao estado.			1	
30/03/85 pg.50	Polícia irá prender pichadores. Os maiores alvos dos pichadores são Jânio Quadros, Jair Andreoni e Gastone Rhigi		1		
07/04/19 5 pg.22	Em festa de malhar Judas, um boneco caricato de Jânio é espancado e avacalhado por populares.		1		
23/05/85 pg.16	Pichações de "Jânio 85" aparecem no bairro do Cambuci. Populares vão reclamar e um deles é agredido em um comício de Jânio, que diz não ter nada a ver com isso. O morador agredido é Wagner Sugamelli e diz que vai fazer um chiqueiro e batizar os porcos com os nomes dos políticos "pichadores".		1		
05/07/85 pg.5	Jânio elogia Sarney e diz que se deve respeitar ao máximo o presidente, mesmo não concordando com algumas decisões. Montoro diz que não se incomodou com o convite dos delegados da polícia civil a Jânio e que enquanto outros falam o governo dele trabalha.			1	

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
16/08/85 pg.6	O jornal diz que a situação das candidaturas está praticamente definida e que o PMDB conta com diretórios municipais porque seu candidato não está habituado a "amassar o barro" como Jânio. PDT diz que Adhemar não vai renunciar e Brizola critica tanto Fernando Henrique Cardoso quanto Jânio	1			
29/08/85 pg.7	Jânio não recusa o apoio de Delfim Netto, dizendo que discorda deste nas teses monetárias mas que é um homem inteligente e honrado. Deputado José Yunes diz que há um acordo secreto entre Maluf e Jânio e que vai provar na justiça se Jânio o processar. Suplicy acusa a Juventude Janista de ser fascista e manda carta à Olavo Setúbal perguntando como que este não se incomoda com isso no que é respondido que vai votar em quem o partido definir. Fernando Henrique Cardoso comenta o apoio de Delfim Netto e Maluf à Jânio ironizando e diz que não dará cargos de primeiro escalão para comunistas.		1		

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
03/08/85 pg.5	Jânio oferece ao jornal após matéria de ontem perguntando como que ele vive com alto padrão se não trabalha, uma declaração de 1981 em que consta a compra e venda de imóveis, algumas aplicações financeiras, ele diz que recebe ajuda de amigos, que a Varig não cobra por sua passagem e que os outros candidatos deveriam fazer o mesmo. Diz que sua missão é acabar com Montoro e Covas e que ele incorpora a ira popular, diz que gosta de falar sobre a renúncia pois isso o distingue como o único que largou o pote de ouro, criticou o ministro da Justiça Fernando Lyra, dizendo que este está cercado de comunistas, diz que se o PFL indicar um malufista para sua chapa ele o verá como Jesus viu Madalena, uma arrependida		1		
01/08/85 pg.2	Jânio diz que explicará seus rendimentos, a matéria é bem favorável a ele ou bastante irônica, a descobrir. Em carta do leitor Raof Kardous, esse indica que votará em Fernando Henrique Cardoso e Olavo Setúbal no ano seguinte porque não considera Jânio confiável.	1			

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
08/08/85 pg.2	Carta escrita por Jânio para se defender das alegações de que vive em um padrão superior a sua renda, diz que enviou sua declaração de bens e que autoriza o jornalista Mauro Chaves a ir na Receita verificar a autenticidade de suas declarações. O jornalista responde que os papéis enviados estão desorganizados e que não é função dele organizar os papéis e nem ser inquisidor. O jornal dá como encerrada a polêmica.	1			* aparece na seção de editoriais
27/08/85 pg.6	Jânio autoriza o uso de violência de seus apoiadores após um grupo de janistas liderados por Gasthone Righi impedir uma comemoração pelos 24 anos da renúncia de Jânio, diz que a defesa da liberdade permite o uso de violência, mas diz que não conhecia os envolvidos jovens. Tem uma matéria que parece passar um pano ao mesmo tempo que mostra que quem começou a briga foram os janistas e que a comemoração era só uma brincadeira sem apoio do PMDB. A juventude janista nega participação e diz que foram os comunistas que fizeram uma armação para prejudicar Jânio, diz que a juventude janista não luta por partidos.	1			

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias de pré-campanha	Menção positiva para Jânio	Menção negativa a Jânio	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
29/10/85 pg.6	Em carta, Paulo Roberto Nunes Correia diz que sempre votou no PRP, nunca pensou em votar em Jânio, mas que ia votar e nele por ele representa o centro político contra a "união das esquerdas. A guerra entre ordem e caos". José Yunes encaminha o antigo inquérito contra Jânio ao judiciário	1			
01/11/85 pg.6	Aureliano Chaves apoia Jânio na TV. Jânio diz que só volta a falar com jornalistas depois das eleições porque aí eles vão "criar vergonha na cara". Jânio diz que caso de estupro foi uma farsa criada pelo deputado José Yunes para prejudicá-lo e que vai a fundo contra o deputado. Em carta dos eleitores 3 das 4 são favoráveis a Jânio.	1			

APÊNDICE 3 – O Estado de S. Paulo: matérias de campanha.

Nesta categoria, os conteúdos do jornal *O Estado de S. Paulo* foram classificados de acordo com o teor de suas matérias e sua posição em relação a Jânio Quadros.

O Estado de S. Paulo				
Data e pg.	Matérias de campanha	Positivo	Negativo	Foco em outros atores
03/04/85 pg.19	Em informe da SECOVI-SP (SINDICATO DAS EMPRESAS DE COMPRA, VENDA, LOCAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DE IMÓVEIS RESIDENCIAIS E COMERCIAIS de SP) informa que Jânio visitou as instalações do sindicato acompanhado do deputado Fauze Carlos e de empresários do setor imobiliário para discutir o problema da habitação.	1		
10/04/85 pg.2	Jânio vai visitar Tancredo no hospital e diz que é necessário seguir as diretrizes de Tancredo e de Sarney para salvar o Brasil. Diz que o Brasil é amigo dos EUA e não tem razão para ser inimigo da URSS. Fala bem de Tancredo, critica a corrupção e diz que não recebe aposentadoria por ser ex-presidente e dispensa uma guarda se o Congresso resolver dá-la para os ex-presidentes.	1		
13/04/85 pg.3	Jânio tem crise de labirintite e vai ao médico. Meia reportagem falando que a crise foi ocasionada porque Jânio se inclina para responder cartas e leva horas fazendo isso (tom elogioso). Jânio diz que se Covas não concorrer, a eleição está ganha.	1		
26/04/85 pg.28	O SCIESP (Sindicato dos corretores de imóveis do estado de SP) convida Jânio para uma palestra aberta sobre "Sindicalismo na conjuntura da Nova República.	1		
08/05/85 pg.42	Jânio sai às ruas de SP em campanha. Diz que encontrou os mesmos problemas, que SP é uma cidade monumental, se diz a favor do metrô se o governo federal ajudar a construir e defende a criação de uma guarda municipal. Diz que onde a polícia não chegar, deve-se usar as Forças Armadas. Diz que não fará milagres e que o funcionalismo público precisa melhorar e que pode minar os problemas das enchentes, mas não resolver completamente. A favor da recriação das audiências públicas. Para seus aliados, a porta da rua é serventia da casa se não gostarem de sua administração. Nas eleições pretende conseguir votos e apoio de integrantes de outras legendas, diz que os partidos não representam nada. "Quem não estiver comigo estará contra mim. E pagará o preço a partir de 16 de novembro". Diz que apoiará Olavo Setúbal nas eleições seguintes. Critica a política externa brasileira voltada à exportação. Diz que a moralidade e a autoridade estão desaparecendo do país. Critica Franco Montoro.	1		
10/05/85 pg.10	Jânio promete cassar alvará de shopping na região dos Jardins porque é uma área residencial. Se diz contra o tombamento da região.	1		
19/05/85 pg.10	Suplcy diz que Jânio não comenta as eleições em dois turnos porque sabe que é o processo mais democrático.		1	

O Estado de S. Paulo				
Data e pg.	Matérias de campanha	Positivo	Negativo	Foco em outros atores
08/06/85 pg.5	Jânio sai de Guarujá e vai para seu apartamento em SP. Começa a percorrer bairros e fazer campanha, seu estado de saúde parece bem melhor.	1		
13/06/85 pg.5	Jânio se encontra com possíveis eleitores e líderes de bairros e o PTB diz que ele está livre para apontar o vice. O deputado Farabuli Jr. diz que Jânio se eleito prefeito vai tentar a Presidência depois do fim do mandato. Jânio lidera todas as pesquisas encomendadas por seus adversários. Jânio diz que não autorizou ou pediu que pichassem seu nome nos muros e que todos que sejam pegos fazendo isso sejam presos.	1		
20/06/85 pg.5	Jânio criou uma "guarda pessoal" para patrulhar as ruas em busca de outdoors e panfletos ofensivos a ele e para proteger seus comícios, ficou irritado quando sua guarda foi chamada de milícia pessoal e diz que isso é necessário já que o PMDB não fornece segurança na cidade. Diz que não concorrerá a nenhum outro cargo.	1		
27/06/85 pg.5	Fernando Henrique Cardoso diz que a campanha girará em torno das diferenças entre ele e Jânio e que Jânio significa a volta ao passado. O jornal diz que as eleições serão um julgamento do governo Montoro e que esse vai mal.	1		
27/06/85 pg.6	Jânio diz que vai fortalecer o trabalhismo e que em algum momento o PTB vai precisar escolher se quer ser fortalecido ou ficar na antessala de bancos e palácios. Faz a famosa afirmação que Fernando Henrique Cardoso só vai ser conhecido na Vila Sabrina quando o cometa Halley passar e que vai vencê-lo facilmente. Diz que é de centro-esquerda e um democrata cristão e que é direto em suas respostas e tem propostas claras (clara alusão ao hesitante Fernando Henrique Cardoso).	1		
29/06/85 pg.12	Guarda municipal proposta por Jânio poderá ter 6 mil homens e orçamento de 450 bilhões de cruzeiros e a prefeitura já começa a estudar o caso. Diz bastante sobre a parte técnica da polícia	1		

O Estado de S. Paulo				
Data e pg.	Matérias de campanha	Positivo	Negativo	Foco em outros atores
30/06/85 pg.22	Entrevista com Jânio, nessa entrevista ele diz que vai compor um secretariado de fazer inveja em Sarney e que a prioridade é a segurança. Acha que a chance de uma coligação com PFL é grande e que Caludio Lembo seria um bom vice, diz que Fernando Henrique Cardoso é um bom homem, mas que nunca leu nenhum livro dele e que não está preparado para dirigir SP. É contra a institucionalização das favelas, quer construir casas de baixo custo e acabar com a indústria das favelas, diz que as favelas são decorrência da situação nacional e da migração. Diz que não vai concorrer a cargo nenhum e que a solução para os problemas financeiros da cidade é diminuir o custo do funcionalismo, criaria frente de trabalhos para empregar as pessoas e fazer obras necessárias a cidade. Diz que vai melhorar a eficiência dos funcionalismo público por meio de sindicâncias, advertências e demissões, tem um bom relacionamento com o presidente e parte do PMDB, já o PMDB quer enganar a opinião pública, esse ele quer fazer desaparecer. Diz não ser de extrema direita e que o jogam para todos os lados, até para a extrema esquerda. Jânio havia dito que se Freitas Nobre saísse candidato ele não sairia e o apoiaria, mas que agora que Nobre foi para o PDT, isso não vai acontecer. Diz que pretende fortalecer a CMTC e se achar justo daria aumento desde que não houvesse prática de caixinha (cobrador ficar com o troco) e que subsidiaria empresas para não repassar o aumento para a população. Diz que graças aos direitos humanos e a Teologia da Libertação os presidiários têm mais vantagens que as pessoas livres e que vai criar a Guarda Municipal e devolver ao governador os maus delegados e maus investigadores. Coloca que o exemplo de honestidade deve vir de cima. Coloca que a educação precisa de uma reformulação total, começando com o aumento dos salários. Diz que ele representa a "ordem, tranquilidade, honradez, estabilidade" que o poder econômico procura e por isso será apoiado por ele. Diz que o eleitorado dele não é partidário e vai muito além do PTB. Diz que não é parecido com Maluf e por isso não terá conversas com ele. Não se diz ultrapassado, mas a frente do tempo. Diz que não tem um projeto de governo porque não está do lado de dentro, apenas um ensaio.	1		
30/06/85 pg.24	Jânio diz que Montoro roubou sua ideia ao anunciar a criação de uma guarda municipal e que o governador está desesperado.	1		

O Estado de S. Paulo				
Data e pg.	Matérias de campanha	Positivo	Negativo	Foco em outros atores
04/07/85 pg.6	Os delegados de polícia de SP convidam Jânio para sua Assembleia e não convidam Covas, Montoro ou Temer. Querem ser ouvidos por Jânio e entender a proposta da guarda municipal, não estão satisfeitos que Covas roubou a ideia e a Guarda será subordinada à PM. Em inauguração de novo comitê Jânio diz que Fernando Henrique Cardoso nunca disputou nenhuma eleição e não está preparado apesar de ser um bom homem, diz que vai transferir as linhas particulares de transportes urbanos para o Estado e transformar os ônibus a diesel em trólebus, defendeu a autonomia de algumas regiões mas que não vai partir dele as ações e sim do povo e que pretende concentrar as industrias em algumas partes da cidade, visando diminuir a poluição e que se a guarda municipal tiver caráter político irá demitir todos.	1		
06/07/85 pg.5	Jânio diz que quer extinguir empresas municipais começando pela Emurb e pela Prodam, mas vai realocar os funcionários em secretarias, se diz contra as estatais e que só as empresas privadas podem enriquecer a população e que não haverá ninguém encostado durante sua gestão. Criticou os outros candidatos, poupando só Freitas Nobre, diz que sua saúde está boa e que pretende criar um conselho com os ex-prefeitos da cidade. Todos os candidatos agendaram visitas às periferias. EM pesquisa do PFL, Jânio aparece na frente com mais de 10% de vantagem e Claudio Lembo diz que as eleições serão um julgamento do governo Montoro.	1		
10/07/85 pg.5	Jânio diz que o PTB atual se redimiou do antigo PTB, que está mais culto e inspira confiança nos trabalhadores. Afirma que pretende criar a guarda municipal nos moldes da antiga guarda civil e que esta pode ser solicitada pelo governador se este precisar. Elogia Fernando Henrique Cardoso, mas diz que ele não conhece SP e SP não o conhece, é um intelectual, mas nunca administrou nada. Suplicy diz que o PDS trabalha para Jânio e que ele é a última esperança da Velha República. Claudio Lembo do PFL (um dos nomes cotados a vice de Jânio) diz que PFL deveria ter candidatura própria.	1		
26/07/85 pg.5	Jânio critica duramente a tentativa de se fazer as eleições em dois turnos, Fernando Henrique Cardoso desafia Jânio em um debate na periferia, mas Jânio diz que não dará auditório para ele.	1		
03/08/85 pg.6	Jornal noticia a famosa troca de sapatos de Jânio, após criticar os extremistas radicais de esquerda e direita. Jânio diz que como esquerda e direita são muito parecidos, ele se confundiu.	1		
04/08/85 pg.9	Matéria diz que o populismo está de volta, em outra diz que o discurso de Jânio continua igual, contundente e com chances de convencer o eleitorado. Hoje convenções do PTB e PFL para decidirem seus candidatos.	1		

O Estado de S. Paulo				
Data e pg.	Matérias de campanha	Positivo	Negativo	Foco em outros atores
08/08/85 pg.7	Campanha eleitoral com insultos e acusações, jornal coloca que Montoro critica PFL no que é respondido, Aliança Democrática corre risco? Jânio diz que não irá disputar mais nenhuma eleição depois desta, que Montoro vai para s covas e não se elege nem senador, que não vai fazer comícios pois suas visitas aos bairros estão sendo extremamente frutíferas e que baseia essa estratégia nos comunistas que atuam com base em células, diz que só vai em debates que achar proveitoso e que ocupará todo o tempo de televisão que tem direito apesar de achar que a TV não será decisiva.	1		
10/08/85 pg.7	Jânio diz que vai investigar os gastos do PMDB na campanha, elogia o PT como um partido que tem conteúdo ideológico e filosófico, criticou os governos federais anteriores que tomaram empréstimo em dólar. O PDS dá certeza de que Maluf será seu candidato, Jânio ironiza a possível candidatura e Fernando Henrique Cardoso diz que ele vai disputar votos de Jânio	1		
11/08/85 pg.26	Todos os candidatos elegem a segurança como tópico mais importante e os 4 principais defendem a criação de uma guarda municipal, Jânio pensa em algo similar à guarda Civil e os outros candidatos não especificam, todos também defendem fortalecer a CMTC. Jânio é o único a defender a utilização do exército em patrulhamento da periferia. Além da segurança Jânio diz que a habitação será prioridade, mas sem institucionalizar as favelas, diz que irá construir casas rústicas para os favelados. Ele também defende a reforma da educação, começando por aumentar o salário dos professores e guinchar os carros oficiais usados indevidamente.	1		
13/08/85 pg.6	Cobertura de dois debates, um projetado para ser com os candidatos que estão à frente na pesquisa e outro com todos os candidatos. Jânio não foi em nenhum alegando ter sido chamado em cima da hora e que só iria a partir de novembro. Fernando Henrique Cardoso foi o mais procurado e se irritou ao ser chamado de candidato do governo.		1	
13/08/85 pg.7	Jânio não vai ao primeiro debate pois diz que debater com "esses cavalheiros é debater com o vazio", e processa a TV Cultura por deixar uma cadeira vazia, mesmo ausente, os outros candidatos o citaram e falaram de sua relação com os militares, e com Maluf e Delfim Netto.		1	
13/08/85 pg.8	Fernando Henrique Cardoso diz que Maluf dá o beijo da morte em Jânio ao apoiá-lo.		1	
15/08/85 pg.8	PMDB diz que infiltrou agentes na campanha de Jânio e que ele vai ir em um debate atrasado e ocupar a cadeira que deixam vaga.			1
15/08/85 pg.10	Adhemar Filho nega que pode desistir da candidatura e diz que não apoiará Jânio de forma alguma. Suplicy visita um presídio e pergunta para os presos o que eles acham da declaração de Jânio de que eles têm muitas regalias, no que é respondido que as condições são ruins e que mal possuem direito a banho de sol.			1
17/08/85 pg.4	PMDB acena uma mudança de estratégia pois deputados e senadores "bons de votos" estão sendo colocados de lado, dizem que Fernando Henrique Cardoso negou apoio de Quércia.			1

O Estado de S. Paulo				
Data e pg.	Matérias de campanha	Positivo	Negativo	Foco em outros atores
18/08/85 pg.25	Jânio ameaça o jornalista Florestan Fernandes Filho dizendo que jornalistas que fazem perguntas "impertinentes" podem ser linchados em comícios.		1	
20/08/85 pg.7	Jânio disse que foi hostilizado por militantes do PMDB e de militantes do PT e do PDT, mas que acredita que eram pemedebistas disfarçados, que isso só demonstra o desespero do PMDB, diz que Fauze Carlos será seu secretário da Higiene e José Meiches será o de Obras ou Administração Regional. Jornal diz que as campanhas estão se radicalizando e partindo para ofensas pessoais, dos dois lados. Jânio escreve uma coluna da sua versão das agressões que sofreu e que a polícia disse que nada poderia fazer porque eram pessoas do governo.	1		
21/08/85 pg.7	Jânio manda bilhetinhos para os administradores das regionais da prefeitura dizendo que qualquer excesso, abuso ou mau uso do equipamento da prefeitura irá ser responsabilizado por ele. Criticou as empresas privadas de transporte, o preço das passagens e a quantidade de servidores públicos da prefeitura. Disse que se os sindicalistas o procurarem com uma demanda justa vai ouvi-los, diz que vai governar via bilhetes com prazo e que quem não seguir será substituído. Critica Montoro por sua falta de autoridade, dizendo que o povo atribuiu a ele essa autoridade e criticou o apoio dos comunistas a Fernando Henrique Cardoso. Institutos de pesquisa revelam que a candidatura de Adhemar Filho pega votos de Jânio, O PT tem cerca de 20% de simpatizantes, mas não converte tudo em voto, Jânio vai visitar Reynaldo de Barros, a campanha de Jânio e Fernando Henrique Cardoso deve custar por volta de 8 milhões de dólares, 50 a 60 bilhões de cruzeiros (aproximadamente 139 milhões de reais). Fernando Henrique Cardoso acusa Jânio de estar cercado por pessoas ligados ao escândalo da Copal e que Jânio vive de forma incompatível com sua renda. Adhemar se irrita com a fala de Jânio de que ele deveria desistir da candidatura.	1		
25/08/85 pg.10	Fernando Henrique Cardoso chama Jânio de maníaco, nazista e diz que não quer exterminar ninguém e não vê problema no apoio comunista, disse que a candidatura de Jânio é um Cavalo de Tróia da ditadura e que Jânio vai renunciar se eleito. Jânio em relato explica o motivo de sua renúncia e diz que ou fazia isso ou fechava o Congresso, o que seria fácil, mas resultaria em eventos imprevisíveis, diz que não há forças ocultas e que esse foi um momento glorioso e épico de sua carreira e que faz questão de falar disso nos comícios onde sempre é aplaudido. Critica Fernando Henrique Cardoso pela campanha "bilionária" e diz que ele obtém recursos do Governo e que ele vai limpar a prefeitura com a vassoura ou com o cabo dela. Jânio discute com jornalistas que precisam se retirar para evitar uma briga com os jornalistas. Matéria sobre o aniversário de 24 anos da renúncia de Jânio, em tom não acusador.			1

O Estado de S. Paulo				
Data e pg.	Matérias de campanha	Positivo	Negativo	Foco em outros atores
27/08/85 pg.7	Suplicy acusa a juventude Janista de ter atitudes nazifascistas e que Jânio estimulou a violência quando disse que Suplicy inflava a multidão contra ele e que não se responsabilizava se os militantes petistas fossem linchados, Suplicy tenta convencer Olavo Setúbal a não apoiar Jânio porque seria prejudicado em 86. Fernando Henrique Cardoso diz que vai continuar o tom agressivo contra Jânio e este diz que continuará batendo na tecla do comunismo. Segundo debate da Cultura, Rádio Eldorado, OESP e Folha da Tarde, Jânio não compareceu no primeiro debate.		1	
30/08/85 pg.6	Jânio diz ser contra os comunistas, mas que vai manter os funcionários públicos que forem bons, apesar de comunistas, diz que ri de Fernando Henrique Cardoso e da pesquisa IBOPE, uma nova frente contra Jânio tenta surgir. Jânio diz que Fernando Henrique Cardoso está ligado aos comunistas e que faz acordo com o PCB, Jânio apresenta um atestado médico que está curado da labirintite e diz que os outros candidatos miram nele porque são vazios. Fernando Henrique Cardoso condena Jânio por justificar o uso da violência e o compara a Hitler, diz que sua curva está ascendente e que vai ultrapassar Jânio mais cedo do que se esperava (setembro) e que Jânio está cercado de malufistas e apoiadores da ditadura.	1		
31/08/85 pg.5	Moradores do Cambuci revoltados com as pichações, dizem que Jânio é um dos que mais emporcalham o bairro e que se os janistas aparecerem para pichar muros lá, vão ser expulsos a socos, já que Jânio validou o uso da violência, deve estar preparado para receber violência		1	
31/08/85 pg.7	PT questiona quem paga a campanha de Fernando Henrique Cardoso e diz que Delfim Netto está financiando a de Jânio. Jânio diz que vai processar Fernando Henrique Cardoso por este dizer que ele estava ligado a esquemas de corrupção, e diz que não quer o voto de Maluf. Deputado José Yunes diz que está sendo ameaçado pela Juventude Janista. Jânio prometeu o "fogo do inferno" para os comunistas e ameaçou usar da violência para com quem vaiar seus discursos, criticou os travestis e os maconheiros.		1	
04/09/85 pg.6	Prefeito de Osasco acusado de usar a máquina para fazer campanha para Fernando Henrique Cardoso que diz que se for verdade ele precisa arcar com a Justiça.			1
05/09/85 pg.7	PF irá investigar o prefeito de Osasco acusado de usar verba pública para a campanha de Fernando Henrique Cardoso, José Yunes foi processado por foto de Jânio com Maluf. Jânio diz que após eleito vai abrir a caixa preta dos gastos das eleições, que o PMDB joga sujo, que o Apoio de Maluf e Delfim Netto trazem votos ao contrário do apoio dos comunistas e que não acredita em pesquisa da Folha de SP em que Fernando Henrique Cardoso já o havia ultrapassado, ameaçando o jornal de processo e de que não vai fazer publicidade no jornal e vai "ir de bairro em bairro" pedindo o boicote do jornal.	1		
06/09/85 pg.7	Cerca de 30 empresários doam 100 milhões de cruzeiros (277 mil reais mais ou menos) para Jânio e Delfim Netto diz que pede doações a empresários amigos, mas que a campanha é "paupérrima"		1	

O Estado de S. Paulo				
Data e pg.	Matérias de campanha	Positivo	Negativo	Foco em outros atores
08/09/85 pg.15	Maluf sobe em palanque e diz que Montoro não faz campanha junto com seu candidato porque sabe o governo que fez e diz que depois que o PDS resolveu não lançar candidato, Jânio subiu de 27% para 32%, mas que ainda não se decidiu em quem votar		1	
08/09/85 pg.16	Jânio diz que irá criar a Guarda Municipal em seus primeiros dias de governo e que ela será subordinada à Polícia Militar, diz que um dia da semana será dedicado a ouvir a população e discute com jornalista da Folha de SP dizendo que o jornal está "distorcendo os fatos vergonhosamente e fabricando lbopes"	1		
15/09/85 pg.8	Primeiro dia da campanha na televisão, Jânio é apresentado por D. Eloá, Jânio diz que seu casamento vai muito bem porque é abençoado por Deus ao contrário do outro candidato que é comunista e ateu, diz que não tem contas na Suíça e que pode vender saúde de tão perfeita que está.	1		
18/09/85 pg.6	Jânio se veste de samurai na Liberdade e diz que não vai dar muita ênfase para o turismo porque não há segurança, mas que um de seus secretários vai ser um nissei. Criticou Fernando Henrique Cardoso e as "pesquisas falsas" e diz estar esperando Augusto Toscano provar suas contas na Suíça.	1		
19/09/85 pg.7	Matéria de meia página com o título "Crise é grave. PMDB pode implodir". Jânio presta depoimento sobre os incidentes no Bixiga e diz que o próprio Fernando Henrique Cardoso concordou com as críticas a Franco Montoro.	1		
19/09/85 pg.16	Jânio processa a professora Janice Perssoum por um livro que "atenta contra a moral e bons costumes, o sentimento religioso e o próprio sentimento patriótico dos brasileiros".	1		
21/09/85 pg.7	Matéria dá a entender que Fernando Henrique Cardoso não queria ser candidato "Cardoso diz que não disse o que disse". Instituto Gallup diz que a Folha de SP e a Gazeto roubaram as análises que haviam sido encomendadas por outros veículos e a divulgaram incompletas, o Estado de SP diz que vai revelar com exclusividade a pesquisa final em que Jânio está na frente. Jânio diz que não teve participação direta ou indireta do incidente no Bixiga e que deturparam suas falas para parecer que ele apoiou a violência sendo que ele disse que a violência é um recurso para manter a lei e a ordem.	1		
24/09/85 pg.9	Jânio diz que já está eleito e que Deus está com ele pois não é comunista, nem marxista. Diz que vai remover os moradores de favelas que ocupam terrenos privados, mas que construirá casas para eles, sua Guarda Metropolitana terá 9 mil homens e mil mulheres	1		
26/09/85 pg.6	Página inteira falando da crise do PMDB e de sua estratégia para pegar votos do PT.	1		
27/09/85 pg.7	Jânio se considera vitorioso e diz que não será um prefeito bonzinho, pois incorpora a raiva do povo. Suplicy e Cardoso dizem um ao outro para renunciar. Deputado Horácio Ortiz diz que vai pedir a expulsão de Roberto Cardoso Alves	1		
29/09/85 pg.5	Jânio diz que a eleição é ideológica e de democratas contra ateus.	1		

O Estado de S. Paulo				
Data e pg.	Matérias de campanha	Positivo	Negativo	Foco em outros atores
29/09/85 pg.6	Jânio convocou uma coletiva em sua casa, mas expulsou o jornalista da Folha de SP por achar que ele ridicularizou D. Eloá em uma matéria do jornal e pediu para que o repórter de OESP não divulgasse o caso, como o OESP divulgou, Jânio disse que foi "traído em sua confiança" por terem divulgado um "fato em off". O repórter de OESP não está mais cobrindo a campanha (jornal não recrimina nem Jânio nem o jornalista).		1	
01/10/85 pg.6	Jânio em almoço promovido pela Associação Comercial, Clube dos Lojistas de Pinheiros, Rotary e Lions Club pergunta que democracia é possível com Montoro como governador?	1		
03/10/85 pg.7	Jânio diz que não quer que ministros participem de sua campanha, que não dará cargos de acordo com apoio e que se isso acontecer será uma coincidência, diz que quem indicou seu vice foi o PFL e que se ele é malufista ou não, o problema é do PFL, diz que não vai perseguir nenhum funcionário público desde que não use suas orientações partidárias para guiar seu trabalho, que na sua administração não vai ter comunistas monarquistas e malufistas, diz que vai revelar seu secretariado ou postos chaves antes das eleições. Jânio diz que fará uma revolução nos transportes da cidade, com a volta dos bondes e a utilização de monotrilhos japoneses, quanto ao programa diz não ter porque "eu sou o programa" e que já conhece a cidade e por isso sabe o que fazer para resolver os problemas dela.	1		
06/10/85 pg.8	Em matéria sobre os jingles, dá destaque para o de Jânio, Oswaldo Bettio e Ivan Prado não cobraram para fazer a música e se dizem janistas, prática que outros compositores dos outros jingles também fizeram	1		
07/10/85 pg.6	Câmara fez no dia uma sessão de desagravo contra Jânio e seus ataques contra jornalistas. Jânio diz que a manifestação é partidária e que vai ficar de olho em quem participar, diz que ele vai credenciar os jornalistas quando for prefeito, chama alguns jornalistas de quadrúpedes, diz que pela pergunta dá para ver a ideologia de extrema esquerda, chamou a Folha de "safada"		1	
07/10/85 pg.9	Manchete principal "SP não tem governo", Jânio é retratado com bom humor, e diz que "não permitirei que a foice e o martelo apareçam em nossa bandeira".	1		
09/10/85 pg.6	Vereador Lauro Ferraz diz que Jânio irá tentar conseguir votos emocionais pois planeja internar D. Eloá dias antes da eleição para tratar de um "suposto câncer", mas que não vai renunciar à candidatura, também foi realizado uma sessão de protesto contra os ataques à imprensa feitos por Jânio e após sua declaração que ele irá credenciar quem ele quiser.		1	
09/10/85 pg.7	Meia página sobre o PMDB, nenhuma menção nas manchetes da página à Jânio. Título da manchete principal: "Cardoso: Jânio quer matar criancinha".		1	
11/10/85 pg.7	Jânio não revela mais sua agenda, pois diz que vai encontrar funcionários públicos que se descobertos vão perder o apoio porque os comunistas não brincam em serviço, ele adianta o resultado do Instituto Gallup (acertou).	1		
12/10/85 pg.6	Página inteira pró-Jânio, diz que Jânio almoçou com ministros e ex-ministros	1		

O Estado de S. Paulo				
Data e pg.	Matérias de campanha	Positivo	Negativo	Foco em outros atores
17/10/85 pg.6	Jânio atende populares na sua casa e dá dinheiro para alguns, duas mulheres acharam que ele deu pouco e que ele foi grosso. Candidatos elogiam cobertura de OESP, com exceção de Quadros. Suplicy diz que o jornal era mais favorável a Jânio por ser apoiado por Olavo Setúbal, mas que vem se distanciando, passando a dar maior ênfase para Fernando Henrique Cardoso, Jânio fica em segundo lugar e ele em terceiro, mas ele acha ok. Jânio criticou o jornal porque segundo ele as pesquisas do Instituto Gallup foram compradas e divulgadas para desestabilizá-lo. Adhemar Filho diz que o rompimento de Jânio com a imprensa é só "tipo".		1	
17/10/85 pg.6	Jânio atende populares na sua casa e dá dinheiro para alguns, duas mulheres acharam que ele deu pouco e que ele foi grosso. Candidatos elogiam cobertura de OESP, com exceção de Quadros. Suplicy diz que o jornal era mais favorável a Jânio por ser apoiado por Olavo Setúbal, mas que vem se distanciando, passando a dar maior ênfase para Fernando Henrique Cardoso, Jânio fica em segundo lugar e ele em terceiro, mas ele acha ok. Jânio criticou o jornal porque segundo ele as pesquisas do Instituto Gallup foram compradas e divulgadas para desestabilizá-lo. Adhemar Filho diz que o rompimento de Jânio com a imprensa é só "tipo".			1
20/10/85 pg.10	Página inteira sobre Jânio, manchetes negativas. Jânio ameaça expulsar os jornalistas que cobriam um de seus comícios e chegou a esbarrar em repórter da Rede Manchete. Coluna de Geraldo Forbes detona Jânio.		1	
20/10/85 pg.12	Página inteira com críticas ao uso da máquina pública pelo PMDB, manchete menor diz que Montoro e Cardoso podem ser indiciados.	1		
20/10/85 pg.13	Página inteira crítica ao PMDB, comparando-o com a Arena com os gastos pessoais e utilização da máquina pública.	1		
22/10/85 pg.8	Jânio não fala nada com a imprensa e expulsou jornalistas de sua casa, dizendo que iria chamar a polícia por invasão domiciliar. Deputado Manoel Moreira (PMDB) propôs um ato de desagravo contra Jânio na Assembleia por causa de suas declarações dizendo que a imprensa é "nojenta" e "asquerosa", além de ter empurrado a repórter Sandra Bruno, além disso o deputado propôs um boicote a Jânio.		1	
23/10/85 pg.7	Página com manchetes contra Jânio, apresenta uma entrevista com D. Eloá com título de "Eloá 'rainha submissa'", em outra matéria diz que Jânio não respeita as leis de trânsito e outra em o ex-prefeito Toledo Piza quer requestrar os processos contra Jânio.		1	
25/10/85 pg.8	Jânio queria e esperava em um golpe em 84 segundo Eduardo Bittencourt, que continuou dizendo que Jânio dava sinais de malufismo e explodiu com eles quando pediram para assinar uma declaração pró Tancredo pois investia no golpe. Cartas empatam em apoio a Fernando Henrique Cardoso e Jânio.		1	

O Estado de S. Paulo				
Data e pg.	Matérias de campanha	Positivo	Negativo	Foco em outros atores
26/10/85 pg.7	José Yunes apresenta uma denúncia contra Jânio por tentativa de estupro da camareira Terezinha Moura Soares, em 1968, quando Jânio estava detido no Hotel Santa Mônica, segundo Yunes, o inquérito havia desaparecido após um acordo entre Jânio e os militares, Terezinha diz que conseguiu fugir porque os papéis do quarto de Jânio voaram e ele achou que havia alguém lá, diz ela que nunca retirou a queixa e que não foi atrás da conclusão porque rico não vai preso no Brasil. Righi diz que tudo foi uma farsa montada pelo SNI contra Jânio, que a própria autora da denúncia dizia que não lembrava disso, que só fez uma denúncia. Jânio não fala mais com jornalistas e seus seguranças bloqueiam os carros dos jornalistas, colocando-os em risco, diz que os principais alvos são a Folha e o OESP		1	
27/10/85 pg.9	Jânio fala na rua para correligionários e tiros são escutados, Jânio diz que os "trombadinhas" do PMDB não sabem perder a eleição, mas quem começou a confusão foram seus seguranças que pegaram a bandeira do PMDB de 5 pessoas que passavam na rua e os agrediram, um policial deu um tiro para cima para acabar com a confusão, Jânio criticou Fernando Henrique Cardoso, Montoro e disse que o Brasil estava ameaçado pelo marxismo leninismo.		1	
30/10/85 pg.5	Jânio critica a ditadura "por ter calado os jovens" em um almoço, e critica a cobertura da imprensa. Yunes pede que o ministro da Justiça Fernando Lyra restaure o inquérito contra Jânio no caso da camareira, segundo o delegado que recebeu a denúncia, o antigo inquérito desapareceu.		1	
30/10/85 pg.7	Fauze Carlos diz que usa o veículo oficial para fazer propaganda política porque este pertence a ele e que não transportava material de campanha, eram visitas relacionadas ao seu trabalho na Assembleia Legislativa.		1	
02/11/85 pg.5	Manchete tendenciosa contra Fernando Henrique Cardoso, diz que "Fraude é questão menor, diz Cardoso", em alusão a uma lista falsa que o PMDB estava usando em campanha eleitoral com assinaturas de supostos petistas pedindo o apoio a Fernando Henrique Cardoso. Na reportagem logo abaixo diz que a lista é falsa e o culpado já confessou. Em outra reportagem um juiz deferiu pedido do PTB para a apreensão de fitas do Canal Viva que supostamente teriam críticas a Jânio, aparentemente o delegado que cumpriu o ofício foi truculento e não apresentou o ofício para ninguém.	1		
03/11/85 pg.1	Capa, a manchete, diz que Jânio fugiu de novo, agora até da sua assinatura		1	
03/11/85 pg.4	Manchete diz que Jânio foge até de sua assinatura, pois o candidato se recusou a receber o envelope com o convite para o debate a ser realizado no dia 4 pelo OESP, junto com o convite havia uma carta anterior que o candidato dizia que iria sim participar.		1	
03/11/85 pg.5	Manchete é "os tropeços verbais que tiram votos" e é bem mais pesada contra Fernando Henrique Cardoso do que contra Jânio, sub manchete de Fernando Henrique Cardoso é "as aventuras de um aprendiz".	1		

O Estado de S. Paulo				
Data e pg.	Matérias de campanha	Positivo	Negativo	Foco em outros atores
05/11/85 pg.4	Jânio exige direito de resposta após o jornal dizer que ele fugiu do debate e o jornal apresenta uma carta de Jânio e logo abaixo uma de Fernando Henrique Cardoso. Jânio de fato faltou ao debate.		1	
06/11/85 pg.7	Página com duas manchetes de destaque para Jânio e uma para Fernando Henrique Cardoso (diz que ele já não pensa na Presidência), Sobral Pinto diz que se Jânio a eleição, ele se convence que brasileiro não sabe votar.	1		
06/11/85 pg.8	Manchete diz que passeata pró Fernando Henrique Cardoso teve muitos prefeitos do interior com carros oficiais, na notícia, diz que a atitude foi condenada pelo presidente estadual do PMDB. Em matéria sobre o PT, o jornal chama Fernando Henrique Cardoso de candidato oficial (Jânio fala de Fernando Henrique Cardoso assim).	1		
07/11/85 pg.77	Chamada do debate que o OESP promoveu dia 04, a primeira linha da matéria é que Jânio novamente fugiu do debate.		1	
08/11/85 pg.6	Reportagem da Globo mostra a relação entre o "jornal" A Voz e a campanha do PTB, o jornal foi declarado ilegal por não ser periódico e apresentar apenas manchetes contra Fernando Henrique Cardoso, algumas claramente mentirosas. PTB, Maluf e Delfim Neto pedem ao TRE que os outdoors do PMDB sejam recolhidos pois são ofensivos e fazem alusão a uma "aliança que não existe".		1	
12/11/85 pg.6	Tem uma propaganda da cobertura de OESP, bastante favorável à Jânio e uma pequena coluna de A.T.C que ele fala sobre Fernando Henrique Cardoso não responder se acredita em Deus ou não. Jânio recebe apoio de pedetistas insatisfeitos com a desistência de Adhemar de Barro Filho.	1		
13/11/85 pg.5	Nova confusão envolvendo os seguranças de Jânio e jornalistas, quase acaba em briga de fato.		1	
14/11/85 pg.5	Repercussão da matéria do dia anterior de OESP sobre o escândalo da Eletropaulo Copami, que atinge diretamente o governo Franco Montoro e o coordenador da campanha de Fernando Henrique Cardoso. Página inteira sobre isso. Jânio diz que estuda entrar na Justiça para denunciar o fato e reclama que deveriam ter exposto o fato antes, para que ele pudesse usar isso na campanha eleitoral.	1		
19/10/85 pg.5	Página inteira contra PMDB, mostrando que de fato ele está usando a máquina a seu favor nas eleições	1		

APÊNDICE 4 – O Estado de S. Paulo: matérias de pesquisa eleitoral

Nesta categoria, os conteúdos do jornal *O Estado de S. Paulo* foram classificados de acordo com o teor de suas matérias e sua posição em relação a Jânio Quadros.

	O Estado de S. Paulo
Data e pg.	Matérias de pesquisa eleitoral
30/03/8 5 pg.2	Em pesquisa encomendada pelo palácio dos Bandeirantes, Jânio é preferido pelos paulistanos para suceder a Montoro. 3 pesquisas foram feitas e todas tiveram o mesmo resultado.
28/06/8 5 pg.5	Pesquisa IBOPE aponta Jânio com vantagem 29,8% contra Fernando Henrique Cardoso 22,3%
07/07/8 5 pg.5	Cada candidato afirma que segundo alguma pesquisa está na frente, PT e PDT não ameaçam o páreo. PDS não decola e PFL ainda está em uma incubadora e provavelmente deverá apoiar algum partido. Explica-se a importância das eleições na capital para o cenário político em 86 e para as eleições presidenciais, de forma que os partidos tentam evitar que lideranças municipais migrem de partido. PMDB vê como um jogo que ele precisa vencer.
12/07/8 5 pg.5	PMDB irá tentar aliança com PFL a todo custo e revela pesquisa IBOPE em que Fernando Henrique Cardoso tem 33,8% dos votos contra 33% de Jânio. Em pesquisa da TV Record Jânio aparece na frente com 38% das intenções contra 17% de Fernando Henrique Cardoso.
13/07/8 5 pg.5	Jânio se encontra com Marin e já acertam detalhes da coligação, assunto será votado em dois dias no PFL, mas é entendido que o PFL apoiará Jânio em troca de apoio em 86 para Olavo Setúbal e Marin como senador e que o vice será Artur Alves Pinto, mesmo com dissidências importantes dentro do PFL. Jânio diz que irá ao TRE contra a contratação de servidores por Covas e que vai abolir o IBOPE da cidade após resultado de pesquisa dar ele com 33% dos votos e Fernando Henrique Cardoso com 33,8%, Jânio diz que o PMDB começa a desmoronar após a saída de Freitas Nobre e Jarbas Vasconcelos.
17/07/8 5 pg.2	Jânio acredita que os dissidentes do PFL vão aceitar a coligação e o partido irá unido, defendeu Brasil Vito fazendo que ele exerce um direito ao não querer subir no palanque com Artur Alves Pinto, mas que o vice ainda não foi definido já que isso é competência do PFL, ameaça demitir os funcionários contratados por Covas que forem "cabos eleitorais" no dia 2 de janeiro. Em pesquisas do PMDB, Fernando Henrique Cardoso tem 34,8% das intenções contra 34% de Jânio. IBOPE se defende das acusações de Jânio dizendo que acertou as eleições de 82.
18/07/8 5 pg.7	Jânio está otimista e diz que não assume se não tiver a maioria absoluta de votos, em pesquisa sem validade realizada por uma rádio com 400 ouvintes, 300 disseram que votariam em Jânio, o jornal diz que quanto mais pobre maior a chance de votar em Jânio e como existem muitos mais pobres, Jânio vencerá. Jânio concentra suas críticas em Montoro, dando a entender que um voto nele é um voto contra Montoro, Jânio também explora o medo do comunismo agora que os partidos de esquerda estão liberados no país e poderão participar da Constituinte. Olavo Setúbal diz que respeitará a decisão do PFL.

	O Estado de S. Paulo
Data e pg.	Matérias de pesquisa eleitoral
31/07/8 5 pg.5	Jânio diz que não haverá fissuras no PTB e no PFL por causa de sua candidatura e que ganhará facilmente com maioria dos votos, fala contra as eleições em dois turnos. Em pesquisa realizada pelo PFL, Jânio está na frente. PFL com disputas internas para ver quem será o vice de Jânio (Marin apoia Artur Alves Pinto e uma parte do partido apoia Fausto Rocha).
06/08/8 5 pg.7	Pesquisa do Inese diz que faltando 3 meses para as eleições, 37% dos paulistanos não sabem quem são os candidatos, ao olhar lista, o mais lembrado é Jânio com 30,4% contra 26,7% de Fernando Henrique Cardoso, dos lembrados, Jânio foi o que mais apareceu com 57% contra 30% de Fernando Henrique Cardoso, perguntados se as eleições fossem hoje em que votariam Jânio fez 30,4% contra 26,7% de Fernando Henrique Cardoso, Jânio tem vantagem maior entre os eleitores de 35 a 40 anos e acima de 50, dos indecisos 20% dizem ter mais simpatia por Jânio. Fernando Henrique Cardoso chama Jânio de desleal por não se definir quanto a posição de Artur Alves Pinto que o PFL em convenção votou para ser seu vice, mas foi secretário de Maluf. A candidatura de Jânio é homologada, mas ele aparece atrasado na convenção e ataca a imprensa. Em entrevista a Mino Carta, Jânio diz que IBOPE e Folha são mentirosos e acredita que o Estado deve apoiar-lo devido a proximidade de Olavo Setúbal com o jornal, diz ser contrário a formação e legalização de partidos comunistas, disse que Castello Branco fez uma grande obra mas que a "Revolução" cometeu erros terríveis no campo econômico e social".
10/08/8 5 pg.6	Fernando Henrique Cardoso admite estar atrás nas pesquisas, mas que está crescendo enquanto Jânio tem uma resistência de mais de 50%. Jânio pede cigarro de um mendigo. Achoa ganha a disputa para vice mas deve renunciar.
28/08/8 5 pg.7	Jânio e Maluf negam acordo. Jânio diz que Fernando Henrique Cardoso emprega o genro em seu gabinete e que os janistas estavam corretos na quebraadeira na Bixiga e que era previsível que isso iria ocorrer dada a "folgança" dos comunistas e peemedebistas. Jânio mostrou uma pesquisa em que apresenta 30, 2% das intenções de voto contra 15,9% de Fernando Henrique Cardoso. Lula diz que se os janistas provocarem o PT, os petistas não chamarão a polícia e resolverão eles mesmos as provocações.
01/09/8 5 pg.14	Em pesquisa do Instituto Gallup, Jânio está na frente, sua principal força são os homens da classe B com mais de 50 anos, já Fernando Henrique Cardoso tem sua força nas mulheres jovens de classe A.
08/09/8 5 pg.15	Maluf sobe em palanque e diz que Montoro não faz campanha junto com seu candidato porque sabe o governo que fez e diz que depois que o PDS resolveu não lançar candidato, Jânio subiu de 27% para 32%, mas que ainda não se decidiu em quem votar
18/09/8 5 pg.5	Em matéria paga pelo Movimento Jovem Jânio Quadros, há uma explicação dos números da pesquisa da Folha darem Fernando Henrique Cardoso na frente, segundo o movimento, isso acontece porque a folha não ponderou corretamente, que na realidade Jânio está com 28% e Fernando Henrique Cardoso com 21% e não 27,5% Fernando Henrique Cardoso e 24,7% Jânio como o jornal publicou.

O Estado de S. Paulo	
Data e pg.	Matérias de pesquisa eleitoral
22/09/8 5 pg.4	Em pesquisa feita pelo Instituto Gallup, Fernando Henrique Cardoso derrapa. 80% dos entrevistados não sabem se os comunistas apoiam alguém, 56% disseram que não votariam em alguém apoiado pelos comunistas, 9% disseram que sim e 35% disseram que não faz diferença, a mesma pergunta foi feita sobre Maluf e 62% desconhecem se ele apoia alguém, 18% votariam no candidato de Maluf, 57% não votariam e 25% não fazia diferença. Janismo se consolida como força e estaciona. O Diretor do Instituto Gallup acredita que a votação é sobre Jânio primordialmente.
22/09/8 5 pg.5	Em nova pesquisa do Instituto Gallup, o eleitor janista é homem, com mais de 40 anos e integrante da camada mais baixa, em entrevista com um eleitor janista esse diz que Jânio só renunciou porque o espremeram demais e que quando ele se fortalecer de novo vai poder explicar o que aconteceu realmente. Quércia entra na campanha de Fernando Henrique Cardoso. Jânio diz que o PMDB paga o lbope para colocá-lo na frente nas pesquisas e ataca o deputado Augusto Toscano que disse que Jânio tem contas na Suíça, Jânio faz uma procuração que autoriza ele, a Folha de SP ou o jornal Braziliense a sacar toda quantia que acharem em bancos na Europa, Antilhas ou EUA.
26/09/8 5 pg.9	Candidatos dizem que os outros fazem campanha suja contra a sua. Em pesquisa de rua, Jovem Pan dá vitória folgada de Jânio, a analista do Estado de SP diz que a pesquisa não segue critérios científicos como os do Instituto Gallup mas podem ajudar os candidatos a ver como foi a penetração da campanha eleitoral televisiva.
28/09/8 5 pg.14	Em publicidade da Rádio Record, Jânio aparece com 28,8 e Fernando Henrique Cardoso 24,7
13/10/8 5 pg.4	Em pesquisa do Instituto Gallup, Fernando Henrique Cardoso passa Jânio pela primeira vez, com 35% contra 32%, votos vieram de Adhemar Filho, brancos e indecisos. Manchete diz "Ninguém ganha ainda em São Paulo". Em coluna, Carlos Matheus, diretor do Gallup, diz que estão em empate técnico por causa da margem de erro e que Jânio tem maioria de apoio masculino e alta rejeição feminina, enquanto Fernando Henrique Cardoso é o contrário.
13/10/8 5 pg.7	Em publicidade paga, Comitê de Jânio tenta desacreditar as pesquisas eleitorais e diz que só as pesquisas de rádio são confiáveis, e estas dão a vitória de Jânio por uma ampla margem.
13/10/8 5 pg.8	Em manchete "Associação contesta critério de pesquisa" onde traz Eugênia Pessani criticando a metodologia da pesquisa da Folha de S. Paulo.
13/10/8 5 pg.9	Pesquisa da rádio Jovem Pan coloca Jânio na frente com 40% e Fernando Henrique Cardoso com 28%.
17/10/8 5 pg.24	Em publicidade paga, Rádio Record põe Fernando Henrique Cardoso na frente 31,5 contra 23,3.
24/10/8 5 pg.6	Pesquisa do Instituto Nacional de Estudos Sociais e Econômicos dá um cenário de empate nas eleições com Fernando Henrique Cardoso ligeiramente na frente (1,5%). Matéria diz que Fernando Henrique Cardoso vai dar cargos para quem o apoiar, mas "não vai lotear a prefeitura".

	O Estado de S. Paulo
Data e pg.	Matérias de pesquisa eleitoral
27/10/8 5 pg.1 e 4	Nova pesquisa Gallup, mostra que Fernando Henrique Cardoso continua liderando, tecnicamente empatado com Jânio e que Suplicy foi o que mais subiu. Diz que Jânio perdeu votos nas classes D e, e de eleitores jovens, que mudaram seu voto para Suplicy (não eram janistas ou de direita? O que os fez mudar radicalmente?), Suplicy ganhou votos femininos, nestes Fernando Henrique Cardoso teve um leve aumento e Jânio que já tinha baixo apoio estabilizou, Jânio segue liderando entre os homens com mais de 50 anos e aumentou de 37% para 40% e manteve igual na faixa de 39 a 40. 65% dos eleitores já haviam se decidido. Jornal diz que nada está decidido ainda.

APÊNDICE 5 – O Estado de S. Paulo: cartas dos leitores

Nesta categoria, os conteúdos do jornal *O Estado de S. Paulo* foram classificados de acordo com o teor de suas matérias e sua posição em relação a Jânio Quadros.

O Estado de S. Paulo				
ID #	Carta de leitores	Pró-Jânio	Contra Jânio	Obs.
14/03/85 pg.2	Carta do leitor Felix Cotaet em que diz que é contra Jânio se candidatar por ser velho e já ter vícios políticos, mas que concorda com as suas falas.	1	0	
19/03/85 pg.2	Carta do leitor Luiz Nogueira dizendo que Jânio tem chance de ganhar por ser habilidoso no palanque e que se o PMDB não se unir vai perder. Só elogios a cobertura do jornal.	1	0	
19/06/85 pg.2	Carta de Raul Siqueira, de Amparo, falando mal do governo Montoro e dizendo que votou em Jânio.	1	0	
20/06/85 pg.2	Em carta crítica ao jornal, o leitor Eduardo Contatore diz que o OESP fez campanha para Jânio 25 anos atrás e que, pelo visto, vai fazer de novo.	0	1	
04/07/85 pg.2	Carta do leitor Tito Felury, em que elogia Jânio e critica Montoro pela falta de segurança, diz que Covas copiou e apoiou a ideia de Jânio e que este será vencedor da eleição.	1	0	
07/07/85 pg.2	Em longa carta, o leitor Gilberto Marques de Freitas Guimarães, que se diz amigo de Jânio, critica Covas por ter roubado a ideia de Jânio de criar a Guarda municipal e acha que essa atitude é puramente demagógica, que só com Jânio a Guarda servirá de verdade aos interesses da população.	1	0	
26/07/85 pg.2	Em duas cartas publicadas, uma a favor de Jânio outra contra. O jornal escolheu publicar a maior carta a favor e a menor, contra.	1	1	
01/08/85 pg.2	Jânio diz que explicará seus rendimentos, a matéria é bem favorável a ele ou bastante irônica, a descobrir. Em carta, o leitor Raof Kardous indica que votará em Fernando Henrique Cardoso e Olavo Setúbal no ano seguinte porque não considera Jânio confiável.	0	1	Também aparece em episódico
07/08/85 pg.2	Em carta do leitor Gabriel Mendes, diz que Jânio incomoda e que o PMDB quer mudar a regra do jogo (tom favorável).	1	0	

O Estado de S. Paulo				
ID #	Carta de leitores	Pró-Jânio	Contra Jânio	Obs.
14/08/85 pg.2	Em carta, o leitor, Felix de Araujo Cintra Netto diz que sentiu a falta de Jânio no debate e questiona o motivo dele não ir (tom negativo).	0	1	
28/09/85 pg.37	Em carta do leitor, João Elizeo Cardeano, este reclama que viu um outdoor de Jânio desfigurado e diz que não se deve ofender a democracia destruindo cartazes de outros candidatos.	1	0	
04/10/85 pg.2	Carta de leitor favorável a Jânio dá os motivos de sua renúncia como um ato nobre.	1	0	
05/10/85 pg.2	Uma carta de leitor que reclama do estado do teatro municipal e diz que tem esperança de que Jânio mude a situação.	1	0	
07/10/85 pg.2	Em cartas dos leitores: 3 contra Jânio.	0	3	
16/10/85 pg.7	Primeira edição da carta dos eleitores, que publica cartas a respeito da eleição, nesta edição temos 2 cartas favoráveis a Jânio ou críticas a Fernando Henrique Cardoso e duas favoráveis a Fernando Henrique Cardoso ou críticas a Jânio.	2	2	
17/10/85 pg.7	Em cartas dos leitores: 2 a favor de Jânio e uma contra. Na coluna Palanque, claro favorecimento a Jânio com uma crítica de que Fernando Henrique Cardoso é um substituto contra Jânio, um profissional e uma coluna falando sobre a playboy da Luciane Quadros.	2	1	Também aparece em editorial
18/10/85 pg.6	Cartas dos leitores, uma criticando Fernando Henrique Cardoso, outra criticando o jornal que sempre foi anticomunista por dar tanto apoio ao Fernando Henrique Cardoso, uma xingando o PT, outra criticando Jânio e outra a favor. Justiça eleitoral acha difícil provar que o dinheiro dado por Jânio a eleitores está relacionado a um voto para ele ou para a abstenção do voto em outro candidato.	2	2	
22/10/85 pg.6	Cartas dos leitores: 3 pró-Jânio, uma "neutra", e uma contra. Na coluna Palanque diz que os jornais são assolados por cartas pró-Jânio, todas datilografadas com a mesma máquina, e postadas nas mesmas agências dos Correios, as vezes muda o nome do remetente, as vezes a assinatura e as vezes o endereço, mas tudo leva a crer que os comitês janistas estão escrevendo cartas de apoio.	3	1	Também aparece em editorial

O Estado de S. Paulo				
ID #	Carta de leitores	Pró-Jânio	Contra Jânio	Obs.
24/10/85 pg.8	Rompendo seu silêncio, Jânio diz que o Tribunal de Contas aprovou todas as suas gestões e por isso não leva a sério denúncias de irregularidades. Em cartas de leitoras 3 favoráveis a Jânio e 2 a Fernando Henrique Cardoso	3	2	Também aparece em episódicas
26/10/85 pg.8	Em cinco cartas dos leitores, vemos 5 posições ou favoráveis à Jânio, ou contrário à Fernando Henrique Cardoso.	5	0	
27/10/85 pg.10	Em cartas aos leitores: 2 a favor de Fernando Henrique Cardoso e 1 a favor de Jânio.	1	2	
29/10/85 pg.6	Em carta, Paulo Roberto Nunes Correia diz que sempre votou no PRP, nunca pensou em votar em Jânio, mas que ia votar e nele por ele representa o centro político contra a "união das esquerdas. A guerra entre ordem e caos". José Yunes encaminha o antigo inquérito contra Jânio ao judiciário.	1	0	Também aparece em controvérsias
30/10/85 pg.8	Em cartas dos leitores: temos 3 x 1 a favor de Jânio. Na coluna "Palanque" um discreto apoio a Fernando Henrique Cardoso ressaltando a sua intelectualidade.	3	1	Também aparece em editorial
31/10/85 pg.7	Em cartas dos leitores: maioria pró PMDB, 2 x1. Manchete da página é que Montoro é acusado de comprar um terreno em um valor altíssimo em um recém-aberto lote no Guarujá.	1	2	
01/11/85 pg.6	Aureliano Chaves apoia Jânio na TV. Jânio diz que só volta a falar com jornalistas depois das eleições porque aí eles vão "criar vergonha na cara". Jânio diz que caso de estupro foi uma farsa criada pelo deputado José Yunes para prejudicá-lo e que vai a fundo contra o deputado. Em carta dos eleitores 3 das 4 são favoráveis a Jânio.	3	1	Também aparece em apoio e controvérsias
02/11/85 pg.7	Sindicato dos taxistas apoia Jânio em uma carreata de cerca de 200 táxis. Nas cartas dos eleitores, 6 das 7 apresentam conteúdo pró-Jânio/contra Fernando Henrique Cardoso ou elogios à cobertura que OESP tem feito.	6	1	Também aparece em apoio
03/11/85 pg.7	Seção carta dos eleitores, maioria das mensagens favoráveis à Jânio ou contra Fernando Henrique Cardoso.	3	1	
08/11/85 pg.38	Jornal apresenta diversas cartas dos leitores, as de maior destaque são pró-Jânio, com manchetes e charges mais favoráveis a Jânio do que a Fernando Henrique Cardoso.	1	0	

O Estado de S. Paulo				
ID #	Carta de leitores	Pró-Jânio	Contra Jânio	Obs.
10/11/85 pg.11	Em carta dos eleitores 5x4 para Fernando Henrique Cardoso.	4	5	
12/11/85 pg.54	O jornal dedica a última página do jornal para a carta dos eleitores, a principal carta dessa edição compara Jânio a Hitler e é bem longa, mas, no geral, Jânio tem mais apoio.	7	3	
13/11/85 pg.54	Página completa de cartas dos eleitores. Maioria pró-Jânio.	7	5	
14/11/85 pg.68	Em página completa da carta dos eleitores, Fernando Henrique Cardoso tem mais menções positivas do que Jânio.	5	7	

APÊNDICE 6 – O Estado de S. Paulo: matérias circunstanciais

Nesta categoria, os conteúdos do jornal *O Estado de S. Paulo* foram classificados de acordo com o teor de suas matérias e sua posição em relação a Jânio Quadros.

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias circunstanciais	Positivo/contr a PMDB	Negativo/a favor do PMDB/P T	foco em outros	Observações
12/04/85 pg.3	Em um canto da página, a notícia é que Jânio escolheu seu vice, Dorival de Abreu, um dos fundadores do MDB. (na verdade o vice foi Artur Alves Pinto, do próprio PTB).	1			
05/06/85 pg.5	TSE define que atuais prefeitos não poderão concorrer (decisão do dia anterior)			1	
12/06/85 pg.5	As esquerdas se preocupam com a candidatura de Jânio e planejam ataques frontais, uma das ideias é colocar um clip na televisão de Jânio andando torto, como se estivesse bêbado e não por causa da labirintite, Jânio diz que está preparado para a campanha. Fauze Carlos do PDS elogia Jânio, enquanto o ministro da Justiça, Fernando Lyra diz que Jânio é um retrocesso. Ainda não há consenso em quem será o vice de Jânio ou o candidato do PMDB e do PDT, Claudio Lembo do PFL se diz candidato a vice de Jânio.			1	
06/06/85 pg.14	Propaganda de um jantar beneficente em homenagem a D. Eloá, em letras maiores "Jânio vem aí - Segurança para o povo"	1			

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias circunstanciais	Positivo/contraria PMDB	Negativo/a favor do PMDB/PT	foco em outros	Observações
14/06/85 pg.4	Prefeitos serão eleitos em turno único. Jânio comemora e Fernando Henrique Cardoso diz que não é o que ele queria, mas que o PMDB é um partido majoritário e, portanto, vai ser favorecido.			1	
26/05/85 pg.4	Gastone Rhigi diz que com a vitória de Jânio e do PTB em Manaus e Fortaleza a bancada petebista poderá dar sustentação ao governo Sarney sem o PMDB.			1	
14/07/85 pg.9	Jânio e Covas batem boca a respeito da contratação de funcionários públicos. Brasil Vita, vereador mais bem votado do PTB diz que não aceita Artur Alves Pinto como vice. PFL diz em lançar Marin como candidato próprio.			1	
08/08/85 pg.6	Membros do PMDB acham que Jânio tem informantes dentro da executiva do partido, alguns acham que Samir Achoa pode ser o informante já que Jânio falou bem dele antes das eleições e Samir foi visto falando bem de Jânio.		1		
14/08/85 pg.6	TER autoriza a polícia estadual, federal e fiscais da prefeitura a prenderem os pichadores. Moacir Franco apoia Jânio.			1	

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias circunstanciais	Positivo/contr a PMDB	Negativo/a favor do PMDB/P T	foco em outros	Observações
17/08/85 pg.5	Jânio diz que da capital paulista irá surgir a "terceira força que libertará o presidente Sarney". TSE define as regras das eleições. Aureliano defende a Aliança, membros do PMDB temem que a vitória de Jânio e de Saturnino Braga no Rio (apoiado por Brizola) polarizem as eleições presidenciais e que Aureliano e candidatos de centro percam espaço. 13 partidos registram candidatos a prefeito e seus vices.			1	
18/08/85 pg.7	Aliança democrática cada vez mais em perigo, Fernando Henrique Cardoso diz que PFL está tendo uma recaída malufista.			1	
18/08/85 pg.9	Fim das inscrições para a eleição, serão 13 candidatos e os vices de Jânio será Arthur Alves Pinto e de Fernando Henrique Cardoso, Caio Pompeu de Toledo. Jânio se irrita com os insultos contra sua mulher. Suplicy diz que Jânio é a última esperança daqueles que estavam no poder.		1		
22/08/85 pg.7	Valores da campanha em discussão, Jânio diz que quem paga é o povo e ataca Fernando Henrique Cardoso e o PMDB dizendo que estão usando a máquina contra ele e que Montoro emprega parentes. ATC em coluna diz que tanto Fernando Henrique Cardoso quanto Jânio estão tirando proveito do apoio de Maluf a Jânio, mas o editorial faz uma distinção de que Jânio aceita o apoio do PDS e não de Maluf			1	Aparece em editorial

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias circunstanciais	Positivo/contr a PMDB	Negativo/a favor do PMDB/PT	foco em outros	Observações
24/08/85 pg.6	PTB e PMDB se acusam de gastar muito nas campanhas e de usar outdoors e panfletagem irregular, PTB estima o valor de sua campanha em 550milhões de cruzeiros, PMDB se compromete a gastar no máximo 10 bilhões e diz que PTB está gastando 400 milhões ilegais.			1	
28/08/85 pg.7	Jânio e Maluf negam acordo. Jânio diz que Fernando Henrique Cardoso emprega o genro em seu gabinete e que os janistas estavam corretos na quebradeira na Bixiga e que era previsível que isso iria ocorrer dada a "folgança" dos comunistas e peemedebistas. Jânio mostrou uma pesquisa em que apresenta 30, 2% das intenções de voto contra 15,9% de Fernando Henrique Cardoso. Lula diz que se os janistas provocarem o PT, os petistas não chamarão a polícia e resolverão eles mesmos as provocações.			1	Aparece em corrida de cavalo
05/09/85 pg.68	Aniversário de 20 anos da última vez que os paulistanos votaram para prefeito, na ocasião o Brigadeiro Faria Lima venceu as eleições com bastante apoio de Jânio.	1			
10/09/85 pg.6	Preparativos para a campanha de rádio e TV, Jânio diz que o PTB não tem nada preparado, mas que ninguém vai bocejar, PT mantém segredo e diz que vai gastar cerca de 250 milhões de Cruzeiros com 30 programas de 30 segundos, mas que isso não é nada perto dos 1,2 bilhões que o PMDB vai gastar.			1	

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias circunstanciais	Positivo/contr a PMDB	Negativo/a favor do PMDB/PT	foco em outros	Observações
11/09/85 pg.6	Jânio diz que vai processar Fernando Henrique Cardoso, Pisa (ex-prefeito) diz que Jânio é um urso de circo que quebrou SP e Suplicy diz que estranha Jânio ser a favor de romper com o FMI, dizendo que se for verdade ele incorpora uma das pautas petistas. Delfim Netto diz que conseguiu 100 milhões de Cruzeiros e que a campanha gastou até agora 400 milhões.			1	
14/09/85 pg.7	Jânio pode ser advertido pelo TER por incitar a violência no episódio da batalha da Bixiga. Movimento de Renovação Política vai apoiar Jânio contra a "crescente ameaça do totalitarismo".		1		
17/09/85 pg.6	Deputado Augusto Toscano, ex-líder do PTB e atualmente no PMDB diz que tem provas que Jânio tem contas na Suíça e que ele deveria autorizar os jornais a retirar qualquer dinheiro que acharem, Fernando Silveira, atual líder do PTB, diz que Toscano está bravo porque queria ser vice de Jânio e não conseguiu.		1		
17/09/85 pg.7	Telespectadores não ligaram a TV para ouvir o horário eleitoral, mas também não desligaram. Fernando Henrique Cardoso nega ter criticado Montoro.			1	
18/09/85 pg.8	Pichações e cartazes ilegais aumentam e sujam a cidade, candidatos vão responder na Justiça.			1	

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias circunstanciais	Positivo/contr a PMDB	Negativo/a favor do PMDB/PT	foco em outros	Observações
25/09/85 pg.6	Deputado Roberto Cardoso Alves do PMDB já dá como certa a derrota de Fernando Henrique Cardoso. Ulysses Guimarães disse que vai intervir nas campanhas, Fernando Henrique Cardoso parte para ofensiva dizendo que Jânio tentou um golpe, Jânio diz que o PMDB está fadado a acabar por ser um amontoado de interesses.			1	
28/09/85 pg.9	Fernando Henrique Cardoso muda de tática e faz comentários duros visando polarizar a eleição. Fernando Henrique Cardoso diz que se Suplicy estiver na frente nas pesquisas ele vai apoiá-lo, mas que até lá espera apoio do PT. Jânio diz para Fernando Henrique Cardoso renunciar logo.			1	
03/10/85 pg.8	Polícia começa a apreender material de campanha ilegal, como cartazes e afins e diz que PMDB e PTB estão empatados em infrações eleitorais (a charge junta da matéria dá ênfase para os cartazes de Fernando Henrique Cardoso). Na coluna "Palanque" há deboche da proposta da volta dos bondes que Jânio fez.	1			Aparece em opinião
13/10/85 pg.10	Partidos adotam novas estratégias após divulgação da pesquisa do Gallup.			1	
13/10/85 pg.12	Em matéria sobre os ex-presidentes o jornal fala bem de quase todos, com exceção de Jânio que é bastante atacado, o jornal enaltece bastante Kubitscheck e Geisel. (é uma matéria longa, fora dos padrões).		1		

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias circunstanciais	Positivo/contr a PMDB	Negativo/a favor do PMDB/P T	foco em outros	Observações
19/10/85 pg.6	Jânio mantém seu silêncio contra a imprensa, Jânio pode ser denunciado por dar dinheiro para os eleitores		1		
18/10/85 pg.5	TSE proíbe propaganda paga em jornais, tvs, rádios e revistas.			1	
24/10/85 pg.8	Rompendo seu silêncio, Jânio diz que o Tribunal de Contas aprovou todas as suas gestões e por isso não leva a sério denúncias de irregularidades. Em cartas de leitoras 3 favoráveis a Jânio e 2 a Fernando Henrique Cardoso	1			
26/10/85 pg.5	Em toda a página, nenhuma matéria diretamente sobre Jânio.			1	
31/10/85 pg.7	Em cartas temos uma maioria pró PMDB 2 x1. Manchete da página é que Montoro é acusado de comprar um terreno em um valor altíssimo em um recém-aberto lote no Guarujá.	1			
06/11/85 pg.1	Crescem as greves no Estado que são reprimidas com violência (enfraquecem Fernando Henrique Cardoso?)			1	
07/11/85 pg.1	Na capa, anuncia o fim da greve dos metalúrgicos, manchete que Fernando Henrique Cardoso vai pegar votos na unha e com pouco destaque que Jânio não apareceu no debate.			1	
07/11/85 pg.79	Transcrição do debate em que Jânio faltou			1	
09/11/85 pg.4	Jânio diz que comunismo não aceita religiões e que por isso é pior que o nazismo e o fascismo	1			

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias circunstanciais	Positivo/contr a PMDB	Negativo/a favor do PMDB/P T	foco em outros	Observações
12/11/85 pg.7	Em um comício atiram dois ovos em Jânio, um acerta a caixa de som e o outro o segurança que se colocou na frente de D. Eloá, Jânio disse que "seria preciso pegar um safado desses e dar uma surra".	1			
13/11/85 pg.8	Jânio fez um comício e participou de um jantar na comunidade libanesa, com presença do xeque diretor do Centro Islâmico de SP. Janistas se organizam contra o que consideram a última ofensiva do PMDB contra o candidato.	1			
18/10/85 pg.5	Militantes do PMDB vão fazer atos de aniversário da renúncia de Jânio (esse evento levará a uma luta campal no bairro Bixiga)		1		

O Estado de S. Paulo					
Data e pg.	Matérias circunstanciais	Positivo/contr a PMDB	Negativo/a favor do PMDB/P T	foco em outros	Observações
30/08/85 pg.6	Jânio diz ser contra os comunistas, mas que vai manter os funcionários públicos que forem bons, apesar de comunistas, diz que ri de Fernando Henrique Cardoso e da pesquisa IBOPE, uma nova frente contra Jânio tenta surgir. Jânio diz que Fernando Henrique Cardoso está ligado aos comunistas e que faz acordo com o PCB, Jânio apresenta um atestado médico que está curado da labirintite e diz que os outros candidatos miram nele porque são vazios. Fernando Henrique Cardoso condena Jânio por justificar o uso da violência e o compara a Hitler, diz que sua curva está ascendente e que vai ultrapassar Jânio mais cedo do que se esperava (setembro) e que Jânio está cercado de malufistas e apoiadores da ditadura.	1			
02/10/85 pg.7	Jânio começa a criticar Maluf, pesadamente, mas diz que Montoro foi o pior governador, disse também que quando encontra jornalistas educados, ele os trata bem e que vai erradicar o Ibope do estado por ser um poluente de mentes	1			

APÊNDICE 7 – *Veja*: matérias de posicionamento formal

Nesta categoria, os conteúdos da revista *Veja* foram classificados de acordo com o teor de suas matérias e sua posição em relação a Jânio Quadros.

Veja			
Edição e pg.	Matérias de posicionamento formal	Pró-Jânio	Contra Jânio
863 pg.178	Ponto de vista: A minha República	1	
868 pg.112	Ponto de vista: Um check-up em Sarney		1
872 pg.112	Livros: Derrota Literária		1
876 pg.130	Ponto de vista: O governo está desgovernado		1
878 pg.110	Livros: O poder do português		1
880 pg.106	Livros: Aula de História		1
884 pg.21	Fantástico – Coluna de L. F. Veríssimo		1
885 pg.6	Entrevista: José Arthur Giannotti: Contra a demagogia		1
886 pg.5	Entrevista: Marcos Freire – Os riscos do equívoco		1
896 pg.35	Carta ao leitor		1
897 pg.51	Radar: Asa branca sem eleição na prefeitura		1

APÊNDICE 8 – Veja: matérias de apoio e de pré-campanha

Nesta categoria, os conteúdos da revista *Veja* foram classificados de acordo com o teor de suas matérias e sua posição em relação a Jânio Quadros.

Veja					
Edição e pg.	Matérias de pré-campanha e apoio	Menção positiva	Menção negativa	Foco em outros atores/troca de acusações	Observações
860 pg.20	A volta por cima de Montoro (reportagem de capa - A força de São Paulo)			1	
860 pg.28	Enfim, diretas já	1			
871 pg.22	Um doce pacote		1		
877 pg.31	Radar: Deputados do PDS vão apoiar Jânio	1			
878 pg.21	O aprendiz aprendeu		1		*Também aparece em corrida de cavalos
879 pg.30	Táxi para as urnas	1			
880 pg.29	Um bom ensaio geral	1			*Também aparece em corrida de cavalos
884 pg.43	Radar: PDS de São Paulo pensa em Santos	1			

APÊNDICE 9 – Veja: matérias de campanha

Nesta categoria, os conteúdos da revista *Veja* foram classificados de acordo com o teor de suas matérias e sua posição em relação a Jânio Quadros.

Veja			
Edição e pg.	Matérias de campanha	Positivo	Negativo/ críticas
880 pg.37	Radar: Fernando Henrique estuda dois comícios	1	
880 pg.55	Ideia estreita	1	
897 pg.36	O país acorda melhor		1
897 pg.43	Tensão máxima		1
896 pg.1	CAPA: o que há por trás de Jânio: a aposta da direita contra o PMDB		1

APÊNDICE 10 – Veja: matérias de pesquisa eleitoral

Nesta categoria, os conteúdos da revista *Veja* foram classificados de acordo com o teor de suas matérias e sua posição em relação a Jânio Quadros.

Veja	
Edição e pg.	Matérias de pesquisa eleitoral
878 pg.21	O aprendiz aprendeu
880 pg.29	Um bom ensaio geral
883 pg.38	A dura disputa pelos votos em SP
887 pg.22	A vez das capitais
890 pg.26	Cidadelas sitiadas
895 pg.28	Entraram na reta final

APÊNDICE 11 – Veja: cartas dos leitores

Nesta categoria, os conteúdos da revista *Veja* foram classificados de acordo com o teor de suas matérias e sua posição em relação a Jânio Quadros.

Veja			
Edição e pg.	Carta de leitores	Pró-Jânio	Contra Jânio
865 pg.10	Cartas (ed. 865)	0	3
872 pg.10	Cartas (ed. 872)	0	1
881 pg.11	Cartas (ed. 881)	0	1
888 pg.12	Cartas (ed. 888)	0	0
889 pg.29	Cartas (ed. 889)	0	1
892 pg.17	Cartas (ed. 892)	1	1
896 pg.11	Cartas (ed. 896)	2	0

APÊNDICE 12 – Veja: matérias circunstanciais

Nesta categoria, os conteúdos da revista *Veja* foram classificados de acordo com o teor de suas matérias e sua posição em relação a Jânio Quadros.

Veja					
Edição e pg.	Matérias circunstanciais	positivo/contra PMDB	negativo/a favor do PMDB/PT	foco em outros	Observações
854 pg.23	Um civil no Planalto			1	
854 pg.112	O confronto da verdade		1		
856 pg.28	"Me esqueçam"		1		
862 pg.37	Reta de chegada			1	
863 pg.44	José Sarney dá seu maior salto			1	
863 pg.134	A ameaça aos piratas		1		
869A pg.14	A arte da conciliação			1	
869A pg.34	Estofos de conservador		1		
869 pg.57	O poema do poder			1	
870 pg.120	Livros: Centro político			1	
871 pg.28	A quinta estrela			1	
873 pg.21	O bombeiro do SNI			1	
873 pg.103	Datas			1	
875 pg.32	Eleições em dois turnos			1	
877 pg.54	O homem que disse "não"			1	
878 pg.30	Retrato oficial			1	
885 pg.24	O poder perplexo			1	
887 pg.22	A vez das capitais		1		*Aparece em corrida de cavalos
887 pg.42	Virada de 180 graus			1	
888 pg.46	Voto no escuro			1	
888 pg.113	Amigo íntimo de Sarney revolve o passado			1	
889 pg.51	Radar: Deputado procura quem pecou na Cobal			1	
891 pg.49	Na reta final			1	
892 pg.39	O país em voo cego			1	
895 pg.50	Caso exumado		1		
896 pg.36	A jogada da Direita		1		
897 pg.45	Golpes de mestre		1		
897 pg.104	Avanço na pista		1		
897 pg.113	Discurso novo			1	
873 pg.103	Datas			1	
882 pg.24	Sarney arma seu jogo			1	